

DO AUTOR DE PEQUENA ABELHA

Quero

de

de

CHRIS CLEAVE

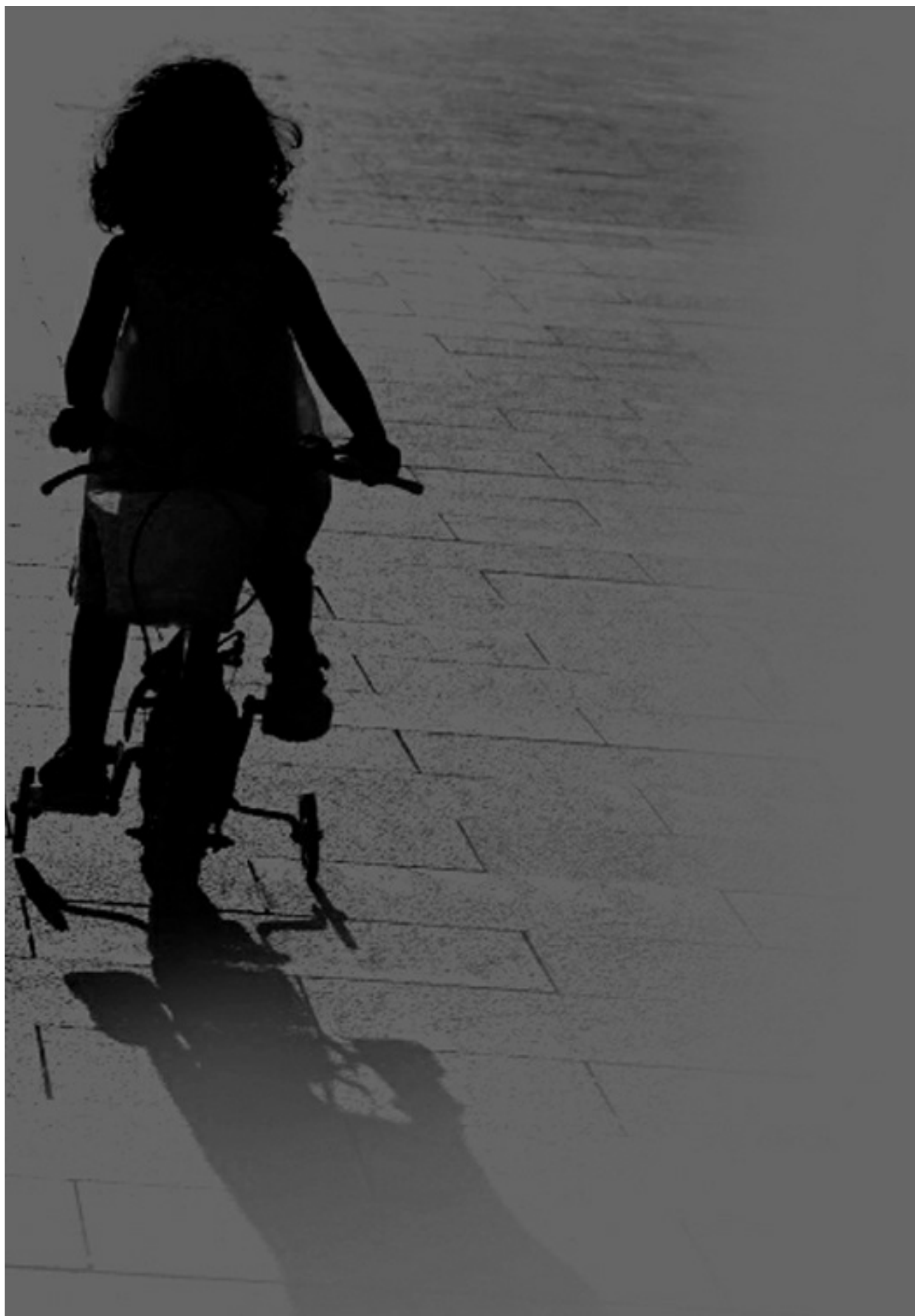


DO AUTOR DE PEQUENA ABELHA

Quero



CHRIS CLEAVE



CHRIS CLEAVE

Quero

TRADUÇÃO DE CLAUDIO CARINA



Copyright © Chris Cleave, 2012

'I'm Gonna Be (500 miles)' © (Reid/Reid) Warner/Chappell Publishing Ltd

Proibida a venda em Portugal

TÍTULO ORIGINAL
Gold

TRADUÇÃO
Claudio Carina

PREPARAÇÃO
Clarissa Peixoto

REVISÃO
Cristhiane Ruiz

CAPA E ILUSTRAÇÃO
Roberto De Vicq De Cumptich

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Raphael Pacanowski

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-357-2

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Terça- feira, 24 de agosto de 2004

Vestiário, Velódromo Olímpico, Atenas
Disputa da medalha de ouro de ciclismo feminino

Do outro lado da porta de metal sem pintura, cinco mil homens, mulheres e crianças entoavam seu nome. Zoe Castle não gostou tanto da sensação quanto esperava que fosse gostar. Ela tinha vinte e quatro anos e sentou-se onde o treinador mandou, a seu lado, num banco branco e estreito que ainda possuía o plástico azul de proteção.

— Não toque na porta — avisou o treinador. — Tem alarme.

Só havia os dois no pequeno vestiário subterrâneo. As paredes tinham sido engessadas há pouco tempo, e pequenos pedaços de gesso que caíram das espátulas dos pedreiros estavam espalhados pelo chão de cimento. Zoe chutou um, que se soltou e deslizou até bater na parede de metal.

— O que foi? — perguntou o treinador.

Zoe encolheu os ombros.

— Nada.

Nas ocasiões em que ela tinha visualizado o sucesso — quando ousou imaginar que chegaria tão longe — o chão e as paredes de todos os prédios em Atenas eram compostos de superfícies perfeitamente encaixadas, talhadas de um material olímpico que reluzia com brilho próprio. Não tinha imaginado o cheiro de cimento fresco no ar. Nem o pequeno plástico no chão com o manual do ar-condicionado que permanecia no canto da sala, pois a instalação não tinha sido concluída.

O treinador viu a expressão de Zoe e sorriu:

— *Você* está pronta. É isso que importa.

Ela tentou sorrir de volta. O sorriso saiu como um potro recém-nascido — as pernas cederam logo de cara.

Do lado de fora, o público batia os pés ritmadamente. Começaria com atraso. Buzinas soaram. A sala tremeu — o som era tão alto que os dentes de trás de Zoe rangeram. O barulho da multidão parecia derreter suas entranhas. Ela pensou em abandonar o velódromo pela porta de trás, pegar um táxi até o aeroporto e embarcar no primeiro voo de volta para casa. Chegou a se perguntar se seria a primeira atleta a fazer essa coisa simples, tão compreensível: sair de fininho das Olimpíadas. Devia haver algo que pudesse fazer de si mesma na vida civil. As revistas a amavam. Ela vestia bem as roupas. Era linda, com o cabelo preto lustroso cortado curto, grandes olhos verdes e um rosto pálido e assombrado que lembrava uma antiga santa europeia. Possuía um traço mínimo de crueldade na linha dos lábios: uma sugestão de que haveria aço na estrutura facial, o que prendia a atenção. Talvez devesse se aproveitar disso. Poderia dar entrevistas, rindo nos bastidores, depois do show, quando os jornalistas perguntassem se ela sabia que era muito parecida com aquela garota britânica que tinha fugido das Olimpíadas — qual era o nome dela mesmo? *Ah!* responderia, *sempre me perguntam isso! Aliás, que fim levou aquela garota?*

A respiração do treinador estava calma e regular.

— Bom, *você* parece bem — observou Zoe.

— Por que eu não estaria bem?

— Só mais um dia no escritório, certo?

— Correto — disse Tom. — Só estamos batendo o ponto. Quero dizer, o que você esperava?

Uma medalha?

Quando ele viu o olhar dela, ergueu as mãos se desculpando.

— Desculpe-me, é uma velha piada de treinadores.

Zoe torceu a cara. Estava puta com Tom. Sua indiferença não ajudava em nada, essa simulação de que a situação não era séria. Ele normalmente era um treinador muito melhor, mas os nervos o estavam afetando justamente quando ela mais precisava de sua força. Talvez devesse mudar de treinador assim que voltasse para a Inglaterra. Pensou em avisá-lo dessa decisão naquele momento, só para apagar o sorriso pretensioso dele.

A pior parte era que tremia incontrolavelmente, apesar do calor por causa da falta de ar-condicionado. Era humilhante, mas não conseguia parar. Já estava vestida e aquecida. Forneceu uma amostra de urina e oito mililitros de sangue que deviam ser pura adrenalina. Gravou um vídeo curto e ansioso para os patrocinadores, assinou os formulários oficiais de inscrição na corrida e prendeu o número de identificação na parte de trás do traje de ciclismo. Em seguida tirou-o e prendeu-o novamente, dessa vez com o lado certo para cima. Não sobrou mais nada para ocupar esses terríveis minutos de espera.

A multidão voltou a fazer barulho, frenética.

Zoe bateu a palma das mãos no banco.

— Quero ir logo! Por que não abrem a porta?

Tom bocejou e acenou com desdém.

— É para sua segurança. Vão nos deixar subir assim que os seguranças terminarem de checar os corredores.

Zoe apoiou a cabeça nas mãos e balançou para a frente e para trás no banco. Era torturante ficar trancada naquela sala minúscula, esperando a liberação dos funcionários do velódromo. Não conseguia impedir o corpo de tremer nem conseguia tirar os olhos da porta de metal, que vibrava com o barulho da multidão. Era uma porta resistente, feita para suportar caçadores de autógrafa por quanto tempo fosse necessário, ou então fogo por trinta minutos; mas o medo parecia passar direto por ela.

— Meu Deus... — sussurrou.

— Está com medo?

— Estou me cagando, para ser honesta, Tom. Você não? — Ergueu os olhos para ele.

Tom balançou a cabeça e se inclinou para trás.

— Na minha idade não é o tamanho do evento que assusta.

— Então o que é?

Ele deu de ombros.

— Ah, você sabe. A sensação constante de que, enquanto corria atrás das minhas próprias metas e objetivos, talvez não tenha tido um espírito tão generoso quanto podia em relação às necessidades e aos sonhos das pessoas com as quais eu mais me importei, ou por quem fui emocionalmente responsável.

Ele cuspiu o chiclete que estava mascando e inspecionou as unhas. Zoe fervilhava.

Vindo das arquibancadas acima deles, uma nova erupção de entusiasmo fez o prédio estremecer. O locutor estava animando a multidão. Eles gritavam o nome de Zoe. Batiam os pés com mais força. No vestiário, a luz tênue se apagou, voltando à vida aos poucos. Um rio de poeira caiu de repente, de uma parte não finalizada do teto de gesso.

— Você acha que o prédio vai aguentar? — perguntou Tom.

Zoe explodiu.

— Cale a boca, ok? Cale a boca, cale a boca, cale a boca!

Tom sorriu.

— Ah, relaxe, é só mais uma corrida de bicicleta. É moleza.

— Não é o seu nome que cinco mil pessoas estão gritando.

Ele se aproximou e pegou no braço de Zoe.

— Sabe o que você deveria temer? O dia em que não estiverem gritando seu nome. Aí você vai ser como eu. Você vai ser a poeira acumulada nas brechas entre as tábuas da pista. O cuspe secando no chiclete grudado sob as cadeiras. O som das vassouras, depois da multidão ter dado o fora. Você preferia ser tudo isso? Hein?

Ela balançou a cabeça, mal-humorada.

Tom colocou uma das mãos em volta da orelha.

— O quê? Não consigo escutar com o barulho de todo esse amor! Você preferia ser a garota de quem ninguém se lembra?

— Não, pelo amor de Deus, não!

Ele sorriu.

— Então tudo bem. Agora levante essa bunda daí e vá lá ganhar.

Os dois olharam para a porta de metal fechada, depois para o chão, e, por fim, de volta um para o outro. Um instante se passou.

Tom suspirou.

— Mas foi uma boa motivação, não foi? Talvez tenha me adiantado um pouco.

Zoe o encarou. Estava pronta para cuspir.

Sobre eles a multidão não parava de bater os pés. A poeira começou a cair sem parar.

Ela fixou os olhos na porta.

— Por que eles não vêm? Estamos esperando aqui há *anos*.

— Talvez este seja nosso inferno particular. Talvez eles nunca venham, e a multidão só fique cada vez mais barulhenta, e a gente esteja condenado a passar toda a eternidade com nossos pensamentos.

— Nem brinque, ok? Já me sinto culpada o suficiente.

Tom a encarou com atenção.

— Por causa de Kate?

Zoe ficou surpresa com o alívio que sentiu quando Tom disse o nome de Kate. Sob a pressão de todos os detalhes de última hora da preparação— apertar os sapatos, polir o visor—, ela não tinha se dado conta do quanto isso a estava consumindo.

— Ela deveria estar aqui — disse. — Deveríamos ser eu e ela nessa final.

O treinador apertou seu joelho.

— Boa garota. Mas você não forçou Kate a ficar em casa. Ela fez as próprias escolhas.

— Ainda assim...

— Quero que repita isso, Zoe. Quero escutar você dizendo: *Kate fez as próprias escolhas*.

Zoe encarou o chão por um bom tempo. O rugido da multidão acelerava cada molécula de ar na pequena sala sem móveis. A vibração dos pés batendo no chão se erguia pela armação de aço do banco, fazendo o plástico no assento balançar.

Lentamente, ela ergueu os olhos para encarar o treinador.

— Kate fez as próprias escolhas — afirmou, com a voz suave. — Assim como eu.

Tom sustentou seu olhar.

— Ótimo — respondeu, finalmente. — Agora tire isso da cabeça, ok? Aquilo lá é vida, e isso aqui é esporte. Você só precisa pensar nos próximos dez minutos.

Ela engoliu.

— Tudo bem.

Tom riu.

— Então pare de parecer tão apavorada.

— Escute todo esse barulho. Eu *estou* apavorada.

— Escute, Zoe, você trabalhou duro. Você chegou na final. Portanto, na pior das hipóteses, você será a segunda ciclista mais rápida de todo o planeta. A pior coisa que pode lhe acontecer nos próximos dez minutos é ganhar uma medalha olímpica de prata.

— Exatamente.

— Você está com medo de ganhar a prata?

Ela pensou a respeito, então assentiu.

— Porra, eu preferiria morrer.

— Mesmo?

— Mesmo.

Zoe respirou fundo, e a tremedeira diminuiu.

Quando voltou a olhar para Tom, viu que ele estava sorrindo.

— O que foi?

— Minha jovem, acredito que finalmente você esteja pronta para a sua primeira final olímpica. Agora faça um favor para nós dois: vá lá e vença.

— Mas a porta...

Tom sorriu.

— Ela só estava na sua cabeça.

Zoe se levantou e empurrou a porta de metal com dois dedos, hesitante. Ela se abriu com facilidade, as dobradiças lubrificadas, e o rugido da multidão aumentou. A porta se abriu até o fim, com uma batida que lembrava o som de um sino.

Ela olhou para Tom, com os olhos arregalados.

— O quê? — perguntou Tom, enxotando ela para fora. — Vá logo. Você está atrasada para caralho, como sempre.

Zoe olhou para a porta aberta, e depois para ele.

— Você é bom mesmo nisso.

— Na minha idade é preciso ser.

A escadaria alta e branca que conduzia até a pista estava reluzindo com a luz do sol que batia no telhado do velódromo. No último degrau, estampado em letras azuis quase retas, constava o lema olímpico: *Citius, Altius, Fortius*.

Zoe respirou fundo bem devagar, inalando o ar quente e vibrante. Os pelos na sua nuca se eriçaram. Tudo o que se passara parecia perdoado, desaparecido e esquecido. A multidão gritava seu nome. Ela sorriu, respirou e deu o primeiro passo na direção da luz.

Barrington Street, 203, Clayton, Região Leste de Manchester

Numa TV minúscula na sala de estar bagunçada de uma casa geminada com dois quartos, Kate Meadows viu a melhor amiga sair do túnel e entrar na arena central do velódromo. O barulho da multidão redobrou, forçando os alto-falantes da TV. Seu coração disparou. A mamadeira estava equilibrada em cima da televisão, e o som da torcida fez o leite balançar. Quando Zoe ergueu os braços em reconhecimento ao apoio da torcida, o bramido dos aplausos e gritos fez a mamadeira escorregar. Ela oscilou na borda do aparelho e caiu de lado no chão, derramando o conteúdo branco pelo bico translúcido no tecido sedento do carpete. Kate ignorou a mamadeira. Estava fascinada pela imagem de Zoe.

Kate tinha vinte e quatro anos, e desde os seis seu sonho era ganhar o ouro nas Olimpíadas. Os dezoito anos de preparação foram impecáveis. Alcançou o nível mais alto no esporte. Compartilhou o treinador com Zoe, treinou com ela e a venceu nos Campeonatos Nacionais e nos Mundiais. Então, no último ano de preparação para Atenas, a pequena Sophie chegou.

Aquela era uma TV velha, e a qualidade da imagem era terrível, mas ficou bem claro para Kate que Zoe estava sentada num protótipo americano de bicicleta de corrida que valia doze mil dólares, com a estrutura preta fosca de uma peça só feita em fibra de carbono unidirecional de alto módulo, enquanto ela própria estava sentada em um sofá Klippan da Ikea, com pés de aço revestido e uma capa vermelha removível e lavável. Kate estava ciente de que havia vitórias às quais um assento desses poderia conduzir, mas eram triunfos pequenos e domésticos, medidos em campanhas de desmame e tentativas de passar das fraldas para o vaso. Afundou os nós dos dedos nas têmporas, forçando-se a se lembrar de quanto amava Sophie e Jack, que estava em Atenas se preparando para sua própria corrida, no dia seguinte. Tentou exorcizar todos os pensamentos invejosos da mente, pressionando as têmporas até doer, mas, Deus a perdoe, seu coração ainda cobiçava o ouro.

Embaixo da mesa de centro, Sophie brincava com a bagunça do café da manhã que caíra no chão, fazendo sons alegres e colocando cereais e alguma coisa amassada na boca. O médico disse que ela estava muito mal para viajar até Atenas, mas agora a criança parecia esbanjar saúde. Era importante lembrar que bebês não fazem essas coisas de propósito. Eles não usam o calendário da cozinha para delinear, com aqueles dedos gordinhos, o roteiro preciso dos seus sonhos, e então planejar o ataque de asma e as alergias de forma a coincidirem com a data.

A sala de estar estava sufocante. A janela aberta não deixava qualquer brisa refrescante entrar, só o calor opressivo de agosto vinha do concreto aquecido do quintal. Kate sentiu o suor escorrendo pelas costas. Da casa ao lado, através da parede compartilhada, escutou o som do vizinho passando o aspirador de pó. A máquina resmungava e batia a cabeça careca de plástico nos rodapés repetidamente, uma prisioneira perpétua sem chance de condicional. Ondas de interferência elétrica passaram pela TV, ocultando o rosto de Zoe enquanto ela se alinhava para o início da corrida.

Os dois ciclistas estavam esperando a contagem regressiva, emitida por uma voz neutra. Na linha de partida atrás da barreira, Kate viu Tom Voss em meio ao grupo de representantes do Comitê Olímpico Internacional e aos VIPs. Ao ver o treinador, sua pulsação acelerou, preparando o corpo para a atividade intensa que sua chegada sempre anunciava. Estava transbordando adrenalina. Quando a contagem chegou na metade, viu as mãos de Zoe apertarem o guidão com força. Involuntariamente, suas mãos também ficaram tensas, agarrando barras inexistentes no ar abafado da sala. Os músculos da perna estremeceram e sua mente ficou mais focada, tornando cada segundo mais longo. Kate detestava o jeito como seu corpo ainda se preparava para uma corrida impossível, da mesma forma que o coração exausto de uma viúva deve saltar ao ver uma foto do amado marido morto.

Sentiu um movimento nos pés e um grito animado sair. Alcançou o pequeno ventilador no chão e o ergueu até a mesa de centro, fora do alcance dos dedos exploradores de Sophie. O vento foi um alívio. Na TV, a contagem regressiva chegou ao três. Kate viu Zoe passar a língua pelos lábios, nervosa. *Dois*, disse o locutor. *Um*. A testa de Kate pingava suor. Estendeu o braço e aumentou a velocidade do ventilador.

A imagem se contraiu até formar um ponto branco no meio da TV, e em seguida desapareceu completamente. Da casa ao lado, o barulho do aspirador diminuiu lentamente, até sumir. Pelo outro lado da parede ela ouviu o vizinho dizer *merda*. Kate viu as hélices do ventilador abandonarem a invisibilidade, diminuindo de velocidade até parar. Ficou olhando para as hélices, estupidamente, sentindo o vento no rosto se esvaír e se perguntando por que uma brisa faria isso exatamente ao mesmo tempo em que a TV apagou. Depois de um instante entendeu que algum fusível devia ter queimado. Como sempre, levava metade da eletricidade da rua junto.

Sentiu uma rara pontada de autopiedade. Só essas pequenas coisas a perturbavam. Perder as Olimpíadas era algo muito grande e muito brusco para gerar qualquer coisa além de uma sensação entorpecida e pesada. Era como inalar uma dose de éter e apagar. Mas quando as passagens de avião de Jack chegaram, a sensação estava afiada o suficiente para machucá-la. Vê-lo fazer a mala tinha doído, e deixado um vazio no guarda-roupa que compartilhavam. E agora a queda da eletricidade fizera com que ela também apagasse.

Um segundo depois, riu de si mesma. Afinal, tudo podia ser consertado. Vasculhou a gaveta da cozinha até encontrar um fusível e levou uma lanterna até o banheiro embaixo da escada, onde ficava o quadro de força. Sophie gritou quando ela deixou o cômodo. Por isso, voltou e a pegou no colo, segurando-a sob um braço enquanto dava um jeito de equilibrar a lanterna e o fusível na outra mão. Subiu em cima do vaso sanitário para alcançar o quadro. Sophie se mexeu e se contorceu, tentando agarrar os fios. Depois de passar um minuto tentando, Kate decidiu que não eletrocutar a filha era mais importante do que ver a corrida de Zoe.

Colocou Sophie de volta no chão da sala de estar. O bebê se alegrou imediatamente e retomou a interminável busca por objetos perigosos para colocar na boca. A pouco mais de dois mil quilômetros de distância, a primeira volta da melhor de três tinha terminado, e Zoe podia ter ganhado ou perdido. Era estranho não saber. Kate ficou clicando no botão para ligar e desligar a TV, como se algum elemento restaurador na fiação da casa — alguma espécie de glóbulo branco eletrônico — pudesse reparar o dano. A imagem não voltou. Em vez disso, viu o próprio reflexo, dez quilos mais gorda do que seu peso de atleta, ainda vestindo camisola às três da tarde.

Suspirou. Era possível consertar os problemas que via no próprio reflexo. Uns quilômetros de treino forte deixariam seu rosto mais delineado, e o cabelo loiro não precisaria ficar o tempo todo preso num coque apertado para se manter fora do alcance das mãos curiosas de Sophie. Seus olhos azuis só estavam escondidos por trás dos óculos feios porque ela não ainda não tinha encontrado forças para se vestir e sair para comprar o produto que limpava as lentes de contato. Tudo isso podia ser resolvido.

Mesmo assim, ver a própria imagem na TV fez com que Kate entrasse em pânico, pensando que não era possível Jack ainda achá-la atraente. Mas, já que não convém se demorar em pensamentos desse tipo, recostou-se de volta no sofá e ligou para ele. Quando Jack atendeu, cinco mil pessoas faziam barulho atrás da sua voz.

— Você viu isso? — gritou. — Ela arrasou! Ganhou como se não tivesse nem se esforçado!
— Zoe ganhou?

— Sim! Esse lugar é inacreditável! Não me diga que você não estava assistindo!

— Não consegui.

Ela o ouviu hesitar.

— Vamos, Kate, não seja amarga. Será você quem vai correr da próxima vez, em Pequim.

— Não, quero dizer que eu realmente não consegui assistir. Fiquei sem luz.

— Você checkou os fusíveis?

— Nossa, Ken, meu cérebro de Barbie não considerou essa opção.

— Desculpe.

Kate suspirou.

— Não, tudo bem. Eu tentei consertar o fusível, mas Sophie não me deixa... — Ela percebeu logo de cara como estava sendo mal-humorada.

— Nossa filha é bem forte para a idade que tem — disse Jack—,mas acho que você ainda consegue derrotá-la em uma briga justa.

Ela riu.

— Olhe, me desculpe. É que está sendo difícil aqui.

— Eu sei. Obrigado por ficar cuidando dela. Eu estou com saudades.

Os olhos de Kate se encheram de lágrimas.

— Mesmo?

— Meu Deus — disse ele—,você está brincando? Se eu tivesse que escolher entre pegar um voo para casa agora e disputar o ouro aqui amanhã, você sabe que iria direto para o avião, não sabe?

Kate fungou, e esfregou os olhos.

— Não estou pedindo para você escolher, seu idiota. Estou pedindo para você ganhar.

Ela percebeu o sorriso dele pelo telefone.

— Se eu ganhar é só porque estou com medo do que você vai fazer comigo caso eu perca.

— Volte para casa quando você ganhar o ouro, ok? Prometa que não vai ficar aí com ela.

— Ah, Cristo, você sabe que não precisa nem me pedir isso.

— Eu sei — respondeu baixinho. — Desculpe.

O barulho da multidão aumentou de novo.

— A segunda corrida vai começar — gritou Jack. — Ligo de volta depois, tudo bem?

— Você acha que ela ganha?

— Sim, com certeza. Ela fez a primeira volta parecer um passeio.

— Jack?

— Sim?

— Eu amo você — disse ela. — Mais do que sorvete depois do treino.

— Eu também amo você. Mais do que ganhar.

Ela sorriu. Era um momento perfeito, que Kate se viu estragando ao dizer:

— Ligue quando a corrida terminar, ok?

Estremeceu de desgosto por ser tão carente, por colocar mais esse peso nos ombros dele. O amor não devia exigir reafirmações constantes. Mas, por outro lado, o amor também não devia ficar sentado vendo o próprio reflexo na TV, enquanto a tentação embarcava numa jornada resplandecente em direção à glória.

O que quer que Jack tenha respondido foi abafado pela multidão que gritava o nome de Zoe.

Ela desligou e deixou o telefone cair suavemente na capa lavável das almofadas. Não só tinha deixado de acreditar que um dia chegaria às Olimpíadas. Agora, se fosse realmente honesta consigo

mesma, nem tinha mais certeza de que podia vencer o tipo de corrida feita nos sofás e cadeiras de cozinha.

Olhou pela janela, com os olhos vidrados. No calor cintilante do pequeno jardim, um esquilo encontrou alguma coisa no fundo de um pacote de batatas fritas.

Essa é minha vida agora?, pensou.

Colocou as mãos nas têmporas, agora com mais gentileza, e mediu os batimentos usando o relógio da sala. Fazia meses desde a última vez que tinha treinado, mas mesmo agora — e mesmo com todo o estresse — seus batimentos estavam abaixo dos sessenta por minuto. O ponteiro dos segundos voltou para a posição inicial, e ela só tinha contado até cinquenta e dois. Às vezes essa era a única vitória do seu dia: saber que estava mais em forma que o tempo.

Ergueu os olhos e viu que Sophie a estava imitando, tentando apertar as mãozinhas nos dois lados da cabeça. Kate riu, e, pela primeira vez, Sophie riu de volta.

Kate vibrou, eufórica.

— Meu Deus, querida, você *riu*!

Ficou de joelhos, pegou Sophie no colo e a abraçou. Sophie sorriu — um protótipo de sorriso, cheio de gengiva, que vacilou e estremeceu, desequilibrado, e então se firmou de novo. Em seguida balbuciou algo, toda feliz.

— Ah, sua coisinha esperta!

Espere até eu contar ao Jack, pensou, e o pensamento foi tão leve e simples que de repente soube que tudo ficaria bem. Que diferença faria se Zoe ganhasse o ouro hoje, ou se Jack ganhasse o ouro amanhã? Ajoelhada na bagunça da sala de estar, segurando sua filha e inalando seu cheiro quentinho, era impossível pensar que havia qualquer coisa mais importante do que aquilo. Quem se importava que, até pouco tempo atrás, ela tinha sido capaz de atingir sessenta quilômetros por hora com uma bicicleta no velódromo? Parecia absurdo, agora que a vida real tinha começado — com o avanço desses marcos encantadores da maternidade—, que alguém se desse o trabalho de andar de bicicletas por pistas ovais intermináveis, ou que uma pessoa tivesse tido a estranha ideia de dar ouro para quem fizesse isso mais rápido. Que sentido havia em pedalar até voltar ao ponto de partida?

Deus, pensou, *aonde é que isso leva uma pessoa?*

Após um minuto, durante o qual seu coração bateu quarenta e nove vezes, ela sorriu, cansada.

— Ah, a quem estou tentando enganar? — disse em voz alta, e Sophie ergueu os olhos ao escutar sua voz, emitindo um som que só ela conseguia fazer, perfeitamente a meio caminho entre uma risada e um lamento.

Oito anos depois, segunda-feira, 2 de abril de 2012

Deque de detenção 9 da Estação de Batalha Imperial, mais conhecida como Estrela da Morte

A Rebelde — a criança — resistiu, então a prenderam numa cela metálica que cheirava a óleo de máquina. Isso foi demais para ela, que riu e se contorceu com entusiasmo. Agarrou-se ao pai, que prendeu o pescoço magrelo dela na dobra do seu braço e apertou com força suficiente apenas para contê-la, ou para transmitir uma afeição silenciosa, da maneira como pais aplicam força. A criança tentou escapar, dando um aspecto de violência ao abraço. A paternidade não parecia mudar muito, independentemente de onde você estivesse no universo.

Dois Stormtroopers alinhavam-se em frente à dupla. Trocaram um olhar e decidiram que os detidos estavam bem presos. Ao deixar a cela de detenção da Estrela da Morte, saíram discretamente por uma porta lateral e emergiram no estacionamento iluminado pela clara luz de abril. Tiraram os capacetes, balançaram o cabelo e compraram dois chás para viagem em uma van. As duas eram atletas na vida real. Tinham patrocínios, problemas de privacidade com a imprensa e gordura corporal abaixo dos quatro por cento. No ranking mundial de ciclismo, eram as números um e dois.

— As coisas que eu faço por você — disse Zoe. — É quente demais dentro dessas fantasias. — Ela tinha fios de cabelo preto grudados na testa, por causa do suor.

— Eu precisava fazer xixi — disse Kate. — Como é que a gente vai usar o banheiro vestindo isso?

— Não foram projetadas por mulheres.

— A Estrela da Morte não foi projetada por uma mulher. Teria cortinas. E uma creche.

Zoe agitou o punho na direção dos superiores imaginários.

— É! Será que vocês, chefões, não conseguem dar um jeito de conciliar a maternidade com a repressão dessa maldita Aliança Rebelde?

Kate balançou a cabeça, desapontada.

— Com esse tipo de insubordinação, você vai ser uma Stormtrooper para sempre.

— Você está enganada — afirmou Zoe. — Vão reconhecer meu zelo e minha paixão, e me promover ao comando da Estação de Batalha.

— Não seja metida. Vão bater os olhos no perfil da sua personalidade e transformá-la num droid. Altamente especializada, mas essencialmente sozinha.

— Ah, vai se ferrar — disse Zoe, sorrindo. — Eu não trocaria minha vida pela sua.

Um vento frio agitou as poças de lama do estacionamento do estúdio de cinema. Do outro lado, num carro azul coberto de lama, o próximo grupo na fila para a Experiência *Guerra nas estrelas* já estava procurando uma vaga. Kate olhou para o relógio. A Estrela da Morte seria delas por mais vinte minutos.

— É melhor voltarmos para Sophie.

As mulheres terminaram depressa o chá. Zoe observou Kate sobre o copo.

— Seja sincera. Sophie está morrendo?

— Não — respondeu Kate, sem hesitar. — A químio vai funcionar. Estou cem por cento certa de que ela vai ficar bem.

— Está mesmo?

— Já provamos isso antes. Quando ela ficou doente pela primeira vez, a químio funcionou e ela entrou em remissão. Essa é só uma pequena recaída, e a químio vai funcionar de novo.

Devia haver alguma dúvida no rosto de Zoe, pois Kate começou a pressionar os lábios e assentir com a cabeça, determinada. Zoe viu a certeza se consolidando, subindo pelo medidor até chegar no vermelho. Cento e cinco por cento. Cento e dez.

— Ok — disse. — Ok. Mas você acha mesmo que essas excursões ajudam? Será que não deixam ela muito cansada?

Kate sorriu.

— Deixe que eu me preocupo com isso.

— Deixe-me perguntar, pelo menos. Como amiga.

O sorriso de Kate endureceu.

— Você acha que eu faria ela passar por tudo isso se não estivesse ajudando?

Zoe tocou o braço da amiga.

— Claro que não. Mas tem certeza de que você não organiza essas excursões um pouco em nome da sua própria paz de espírito? Quer dizer, para garantir que está fazendo tudo o que pode como mãe?

— E agora você é uma especialista em maternidade?

Zoe se encolheu como se tivesse levado um tapa. Conseguiu se recompor aos poucos e baixou os olhos, juntando as mãos.

Kate hesitou, então deu um passo para a frente e segurou a mão da amiga.

— Merda, Zo. Desculpe.

Zoe virou a cabeça de lado.

— Não, não, você está certa. Ultrapassei o limite. Eu sei pelo que você tem que passar.

Kate se moveu para ficar na linha de visão de Zoe e sustentou seu olhar.

— Eu também sei pelo que você passa. Isso deve fazê-la pensar em Adam.

— Está tudo bem — disse Zoe. — E sabe o que mais? Seu cabelo está todo fodido.

Kate riu.

— Ah, eu estou com cabelo de capacete?

— Você acha que isso é ruim? Eu estou com tetas de Stormtrooper. Juro por Deus, essas fantasias são tão apertadas...

Por trás do alívio, o coração de Zoe ainda estava preso no arame da cerca que a amiga havia posto entre elas. Desejou nunca ter trazido a questão à tona. Tinha que aprender quando devia ficar quieta, o que era quase sempre.

Zoe baixou os olhos para o copo de isopor, onde dois centímetros de chá — do mesmo tom marrom das poças de lama — estavam chegando à temperatura em que o calor deixa de disfarçar o amargor. Estava cansada de ser desapegada, de não ter um parceiro para assumir com paciência a tarefa de distinguir os dias dos demônios, mostrando qual era qual. Começava a ansiar por companhia — sim, mesmo a de uma criança — apesar das evidências esmagadoras de que as crianças também eram poços sem fundo, ecoando com necessidades, nos quais mulheres como sua amiga Kate derrubavam pedaços corajosos de certeza e confiança e ficavam escutando, ansiosas, esperando um respingo que nunca vinha.

— A gente devia mesmo voltar para a Estrela da Morte — disse Kate, trazendo Zoe de quilômetros de distância.

— Hum?

Kate colocou o capacete de Stormtrooper de volta, e sua voz foi modificada para um ruído metálico pelo modulador embutido na proteção facial.

— A Estrela da Morte? Aquela nave espacial grande, redonda e malcriada? A que teve uma estreia promissora, chamou atenção, mas nunca chegou a aparecer em outro filme depois da série *Guerra nas estrelas*?

Zoe revirou os olhos.

— Ah — disse Kate —, que sensível.

Zoe jogou o cabelo para trás, subitamente irritada.

— Ouça — disse Kate —, estou naqueles dias e está sendo difícil, então não comece.

Zoe a observou com atenção, avaliando o quanto as coisas tinham voltado ao normal entre elas. Era difícil discernir. Kate podia estar sorrindo, ou não. Esse era o problema dos Stormtroopers: só mostravam a expressão inerte, moldada para todo e qualquer propósito, na máscara do capacete — desgastada, pouco expressiva, lembrando um pouco o luto, apropriada a alguém que acabara de ficar sabendo que seu suflê, ou seu império, tinha sido arruinado.

Módulo de Comando da Estrela da Morte

A estação de batalha pendia no gélido vácuo negro do espaço. Sophie Argall sentia a vasta massa de metal sob os pés. Era imensa. Tinha uma gravidade própria, embora parecesse mais fraca que a gravidade terrestre. Sophie percebeu que tinha mais força nas pernas. Ficar de pé na estação da Estrela da Morte era como ficar de pé em casa, depois do doutor Hewitt dizer que sua leucemia tinha entrado em remissão.

Sophie considerou os fatos. Ela tinha oito anos. A Estrela da Morte tinha menos, mas ela não sabia quanto. A Estrela da Morte era protegida por 10 mil baterias turbolaser e 768 projetores de raios tratores. Uma tripulação de 265.675 pessoas a mantinha em funcionamento e limpa, além de cozinhar e lavar a roupa de 52.276 artilheiros, 607.360 tropas, 25.984 Stormtroopers, 42.782 membros da equipe de apoio e 167.216 pilotos e técnicos. Apesar dessas precauções, as Estrelas da Morte construídas antes desta tinham sido destruídas. Estatisticamente, a chance de uma Estrela da Morte sobreviver ao combate era zero. As chances de Sophie sobreviver à leucemia linfóide eram maiores que noventa por cento. Considerando essas probabilidades, era muita presunção da Estação de Batalha exercer uma força gravitacional sobre ela.

Sophie sabia os números de cor. Tinha desenhado a Estrela da Morte mil vezes, com canetinhas e giz de cera, mas nada a tinha preparado para estar lá, na Estação de Batalha, observando as estrelas através das escotilhas. Escutou o leve zumbido elétrico dos circuitos de controle e o chiado suave do ar-condicionado.

Tinham vindo no carro da família Argall — um Renault Scénic prata — até a base espacial no estúdio de cinema: Sophie, seus pais e Zoe. A viagem de carro levou três horas e trinta e seis minutos, cronometrados por Sophie em seu iPod. Ela ouvira a trilha sonora original da série *Guerra nas estrelas*, de John Williams e da Orquestra Sinfônica de Londres. Fez uma mira com os dedos e apontou para os outros carros na estrada. Os Nissans e Fords eram naves rebeldes aliadas. As Mercedes e BMWs eram naves TIE inimigas.

Usaram um transportador para se locomover do estacionamento à Estrela da Morte. Levou quarenta e nove segundos. O aparelho parecia um elevador comum, mas não era. Sophie e o pai

tinham sido capturados assim que saíram. Até onde Sophie sabia, sua mãe e Zoe ainda gozavam de liberdade, em algum lugar dentro da Estrela da Morte.

Sophie ainda estava maravilhada por estar ali. Ficava olhando para o próprio corpo, para conferir se todos os átomos de suas pernas e braços haviam sido transportados corretamente pelo raio de teletransporte.

Dois Stormtroopers patrulhavam a estação com suas armaduras brancas originais. Tinham verificado os ajustes de cada painel de controle. Conversaram entre si com vozes metálicas, de maneira sucinta. Os capacetes tinham visores completos, de forma que não dava para ver seus rostos, mas era claro que estavam nervosos. Havia um rumor de que a nave particular de Darth Vader estava chegando. A boca de Sophie estava seca, e o coração batia acelerado. Segurou a mão do pai e apertou-a com força.

Sabia que nada disso era real, mas não significava que não estivesse acontecendo. Atualmente, nos poucos dias em que se sentia bem o suficiente para ir à escola, lá também não parecia real. As outras garotas continuavam suas vidas normalmente. Passavam muito tempo no YouTube, e achavam que ela era estranha por ainda gostar de coisas de criança. Sophie tentou gostar das mesmas coisas que elas, mas a verdade era que não queria aprender os passos de dança dos vídeos populares — queria ser um cavaleiro Jedi.

A leucemia também não parecia real. Eles colocam tubos em você e a enchem de substâncias químicas que fazem os ouvidos zumbirem e a pele ficar tão transparente que dá para ver por dentro. É possível tocar nos tubos com os dedos, e enxergar os próprios tendões. Talvez não fosse um sonho — mas não parecia muito provável.

Depois de um tempo você para de se preocupar com o que é real. Os poucos dias de escola duravam seis horas e meia, e então chegavam ao fim. A vida durava até você ficar muito velho — com noventa por cento de probabilidade — ou por mais alguns meses, que eram os outros dez por cento. Estar aqui na Estrela da Morte duraria o tempo que durasse. Era assim que tinha que ver as coisas.

O pai se ajoelhou e colocou um dos braços ao redor dela.

— Não está assustada, né, garotona?

Sophie balançou a cabeça.

— Não.

Ela respondeu de forma a parecer que tinha achado a pergunta estúpida, mas Vader estava vindo e a verdade era que ela estava com mais medo do que já sentira na vida toda — mais medo do que quando o doutor Hewitt, em janeiro, disse que a leucemia havia voltado. É importante não deixar papai preocupado, pensou. Era mais difícil para ele.

— Vocês, prisioneiros, parem de conversar! — ordenou um dos Stormtroopers. Então acrescentou, num tom mais suave: — Estão com sede ou algo assim? Querem um suco ou um biscoito?

— Tem Ribena? — perguntou Sophie.

— Qual é a palavra mágica? — retrucou o Stormtrooper.

— Tem Ribena, por favor?

— Claro — respondeu o Stormtrooper e pegou a caixa de uma bolsa térmica azul.

— A gente tem uma bolsa dessas em casa — comentou Sophie.

— Uau — disse o outro Stormtrooper. — Que universo pequeno!

O primeiro Stormtrooper se voltou e encarou o segundo, e então virou-se rapidamente de volta

para Sophie.

— Prisoneira! Nosso mestre é aguardado a qualquer instante. Quando ele chegar, você deve tomar posição de sentido. Se for convidada a falar, deve se dirigir a ele como “Lorde Vader”. Como você deve se dirigir a ele?

— Lorde Vader — respondeu Sophie, baixinho.

— O que disse? Não consegui ouvir — disse o Stormtrooper, colocando a mão em concha ao redor da parte do capacete onde devia haver uma orelha.

— Lorde Vader! — respondeu Sophie, o mais alto que pôde. Sentia-se cansada da longa viagem de carro. Tinha um leve sopro na voz, e estava um pouco rouca.

— Isso vai servir — disse o Stormtrooper, e então seguiu para sussurrar algo com o outro.

Um silêncio tomou conta da estação. Os Stormtroopers se enrijeceram na posição de sentido. As pernas de Sophie tremeram. A música da “Marcha Imperial” soou pelos alto-falantes ocultos. Um gemido involuntário saiu da garganta de Sophie. Uma porta de isolamento se abriu. Nuvens ondulantes de gelo seco se formaram. Darth Vader emergiu dos vapores, uma silhueta poderosa, e entrou na estação. Seu respirador soltou silvos e cliques.

Ele encarou Sophie e seu pai, e fez um leve aceno com a cabeça.

— Muito bem — disse —, rebeldes capturados.

Sophie sentiu a urina quente escorrendo por suas pernas. Salpicou no chão de aço. O barulho era claro.

Ela olhou para a poça de urina no chão e sentiu as lágrimas brotando. Isso, sem dúvidas, ia deixar seu pai preocupado.

Ergueu os olhos para ele.

— Estou bem — afirmou —, estou bem.

Houve um momento surpreendente de silêncio na estação. O respirador de Vader chiou.

— Humm... Você está bem? — perguntou ele.

— Acho que ela fez um pouco de pipi — sussurrou seu pai.

— O quê? — perguntou Vader.

— Ah, onde estão meus modos? Quis dizer que acho que ela fez um pouco de pipi, *Lorde Vader*. Vader ergueu as mãos, com as palmas das luvas pretas viradas para a frente.

— Ei — respondeu —, nada de fazer parecer que eu sou o vilão aqui.

O gentil Stormtrooper se aproximou, ajoelhou-se ao lado de Sophie e colocou um braço ao seu redor.

— Está tudo bem — sussurrou —, isso acontece.

Sophie olhou para o rosto do pai, claramente preocupado. Ela não conseguiu suportar o que tinha feito com ele. E começou a chorar.

Darth Vader se inclinou para a frente e deu uns tapinhas no ombro de Sophie.

— O que é esse tubo furando a sua pele? — perguntou.

— É... é um... cateter de Hickman — soluçou Sophie.

O pai a abraçou.

— É para a química entrar.

— Rá! — disse Vader. — Você chama isso de cateter? Devia me ver sem esse capacete. Eu tenho tantos tubos retorcidos furando minha pele que pareço um prato de espaguete.

Sophie soltou uma risada entre os soluços. Uma bolha verde perfeita de muco saiu do seu nariz, se estendeu a certa grossura molecular e voltou para dentro, como a membrana inflada de um sapo.

— Você é uma jovem muito corajosa — disse Vader.

Depois que as lágrimas secaram, Sophie sentiu uma dor de cabeça terrível, e uma dor lancinante nas entranhas e na lateral da barriga, que a fizeram sentir vontade de se encolher em posição fetal.

— Estou bem — disse, olhando para o pai. — Na verdade, me sinto ótima.

Ele sorriu. Sophie sorriu de volta. Isso era bom.

Depois, quando já tinham limpado Sophie, Darth Vader a ergueu e ela sentou-se em seus ombros. Observaram juntos os monitores imensos no painel de controle, que mostravam a galáxia brilhando à sua frente.

— Gostaria de escolher um mundo para destruir? — ofereceu Vader.

— Por quê? — perguntou Sophie.

Vader deu de ombros.

— É só algo que ofereço aos meus convidados.

— Precisa ser um mundo? Você pode destruir as células ruins no meu sangue?

Um suspiro saiu pela grade na frente do capacete de Vader. Ele acenou com a mão enluvada para o campo estrelado.

— Eu posso destruir qualquer coisa naquele mapa.

Sophie apontou para uma estrela brilhante em Órion.

— Vamos dizer que essas estrelas são as células brancas no meu sangue, e que aquela é uma das ruins.

— Certo — consentiu Vader. — Iniciar a sequência de ativação do raio da morte.

Sophie ergueu a mão.

— Desculpe, mas não pode ser um raio da morte se está salvando a minha vida.

Vader apontou para o grande botão vermelho com o rótulo RAIO DA MORTE.

— É o único raio que temos.

— Ah. Ok.

Vader se agachou e deixou Sophie apertar o botão. Um rumor baixo surgiu e aos poucos foi aumentando. As luzes piscaram. Todos observaram os monitores conforme os oito feixes verdes do raio da morte se converteram num feixe único, que disparou pelo espaço e aqueceu o núcleo da célula ruim no sangue de Sophie até que esse explodisse numa chuva de faíscas brilhantes, atravessando a escuridão do espaço.

Viram as faíscas crepitarem e se extinguirem, retornando à escuridão sem fim.

Estacionamento, Estúdios Pinewood, Iver Heath, Buckinghamshire

Jack carregou Sophie no colo até o carro, enquanto Kate e Zoe tiravam as fantasias de Stormtroopers. Ela estava arrasada. Passou os braços pelo pescoço do pai e afundou o rosto em seu peito.

Ele passou o peso para um dos braços, e a cabeça de Sophie pendeu com o movimento. Tirou a chave do carro do bolso de trás da calça jeans, abriu a porta e acomodou Sophie na cadeirinha para crianças. A cena lembrava um policial paciente lidando com um infrator bêbado, colocando uma das mãos no topo de sua cabeça para evitar que batesse na porta. Uma das últimas mechas do cabelo da menina se soltou. Foi levada pelo vento, flutuou por um instante pelo céu nublado, antes de cair na

lama. Jack seguiu seu percurso com os olhos, e então se voltou para a filha. Não disse nada.

Sophie manteve os olhos semifechados, sem cooperar, enquanto Jack cuidou de prendê-la no assento. Ela estava mole, como um réptil esperando pelo calor do sol. Do outro lado do estacionamento, crianças usando galochas vermelhas e gorros riam e espirravam a água marrom das poças umas nas outras.

O cinto de segurança apertava o cateter de Sophie na altura da clavícula, e eles sempre tinham que colocar uma toalha de mão dobrada sob o cinto. Jack verificou se o cateter estava protegido e se o cinto estava bem colocado.

Ele apertou o joelho de Sophie.

— Que tal o Vader? — perguntou.

Ela abriu os olhos.

— Ele era *tão* legal — respondeu. — Lembra que na verdade ele é o pai de Luke Skywalker?

Jack sorriu.

— É mesmo?

Sophie assentiu.

— Lembra daquela cena em que ele *conta* para o Luke? Em *O império contra-ataca*? Bem no final?

Jack fez uma careta, como se estivesse digerindo a informação.

— Não é uma boa acreditar em tudo o que alguém que usa botas pretas de couro até os joelhos fala.

Toda a animação deixou o rosto de Sophie, sendo substituída por um olhar de preocupação súbita.

— O quê?

Jack sentiu um peso no estômago. Fora estupidez dele furar a bolha.

— Desculpe, garotona. Deixe para lá.

Ele tentou acariciar sua bochecha, mas Sophie virou o rosto e cruzou os braços. Jack se sentiu péssimo pela provocação. Era com isso que ela sonhava — era nisso que acreditava — enquanto as outras garotas da rua andavam de bicicleta e davam festas do pijama com tema de Hannah Montana.

Até que o ator que interpretou Darth Vader lidou bem com a situação. Provavelmente melhor do que Jack teria feito em seu lugar. As pessoas até que são boas. Aquele homem devia ganhar — quanto? — umas dez libras por hora, oitenta por dia? Naquela fantasia preta grossa, pacientemente ajudando pré-adolescentes a escolherem mundos para destruir.

Jack pensou se devia ter dado uma gorjeta para Vader.

Sentou-se no banco do motorista e conferiu se o kit de emergência do cateter de Hickman ainda estava no porta-luvas do carro, ao lado do gel esterilizante, caso Sophie começasse a sangrar pelo tubo e ele tivesse que ser pinçado.

— Você pode parar de chutar o meu banco, por favor?

— Desculpe, pai.

Jack colocou o celular para carregar no carro, para o caso de algo acontecer no trajeto e eles precisarem fazer uma chamada de emergência. Puxou o mapa de debaixo do banco do carona e memorizou a rota de volta a Manchester. Em seguida verificou a localização dos hospitais próximos à rota, e tentou lembrar quais tinham departamentos de acidentes e emergências. Isso caso Sophie começasse a ter convulsões, ou perdesse a consciência, ou fosse picada por uma vespa ou abelha e precisasse de uma injeção preventiva de adrenalina para impedir que seu pequeno corpo entrasse em estado de choque.

— Pode *parar* de chutar o meu banco?

— Desculpe.

Ele piscou para a filha pelo retrovisor. Na verdade não se importava com os chutes. Até gostava — achava reconfortante vê-la provocando-o como uma criança saudável faria.

Um movimento no retrovisor chamou sua atenção. Jack se virou no banco e viu Kate e Zoe atravessando o estacionamento. Zoe estava cabisbaixa. Kate caminhava devagar, para que Zoe andasse a seu lado se quisesse, mas Zoe se mantinha alguns passos atrás. Jack se perguntou se a esposa se arrependera de tê-la trazido.

Deu uma olhada no compartimento da porta do carona, conferindo se o cilindro de oxigênio de emergência de Sophie estava acessível. Viu se o tubo tinha alguma dobra ou obstrução. Abriu um pouco o controle na tampa do cilindro e colocou a máscara de oxigênio no ouvido, para garantir que estava funcionando. Depois fechou a passagem de ar e guardou o cilindro de volta.

Ergueu os olhos de novo e ajustou o retrovisor para ver Zoe e Kate se aproximando do carro. Elas pararam para dizer algo e deram um abraço breve. Jack sabia que não era um grande observador, mas nessa manhã os sinais estavam bem claros: as investidas das mulheres para o confronto, seguidas pela pausa, e o recuo cauteloso. Passaram toda a viagem de ida assim. Sempre fora uma amizade complexa, essa agri-doce afeição entre rivais, mas hoje as emoções pareciam mais urgentes.

Kate sentou-se no banco de trás ao lado de Sophie, pegou as bochechas da filha nas mãos e tentou beijá-la na testa. Sophie se contorceu e se desviou, como qualquer criança de oito anos. Jack sorriu. Queria poder coletar esses indícios de normalidade. Levá-los ao banco, para que, se conseguisse juntar o suficiente, os juro compostos acabariam transformando seus depósitos em uma criança em remissão.

Zoe sentou-se no banco do carona, ao lado dele.

— Está tudo bem? — perguntou Jack, olhando para ela.

Ela inclinou a cabeça.

— Por que não estaria?

Não houve resposta.

— O que foi? — insistiu Zoe.

— Vamos indo, pelo amor de Deus — pediu Kate, do banco de trás.

Ele deu de ombros, soltou o freio de mão e começou a dar ré. Sophie anunciou que precisava fazer xixi. Jack sorriu. Era por causa de todo aquele suco. Os Stormtroopers tinham sido bastante generosos com a quantidade de suco. Estacionou de novo na vaga, puxou o freio de mão e ficou ali sentado, olhando para a frente.

Kate abriu o cinto de segurança de Sophie e desceu para ajudá-la a se aliviar no canto do estacionamento, atrás de uma van. Jack e Zoe ficaram olhando para as duas.

— Você parece mais pai que humano agora — comentou ela.

Jack ignorou o sarcasmo.

— E você parece exausta hoje.

Zoe fungou.

— Você sabe fazer uma garota se sentir especial.

— Treinando demais?

— Pensando demais, talvez.

— Foi legal da sua parte ter vindo. Significa muito para Kate.

Ele se deixou olhar através dela.

— Às vezes tudo fica pesado, sabe? — disse ela.

Jack agarrou o volante com um pouco mais de força.

— Você está dando conta?

Zoe tocou o peito, bem em cima do coração.

— Tem me afetado mais do que antes... Sophie está tão doente...

— Mas você está bem?

Zoe hesitou.

— Bem... — disse, como se estivesse usando a palavra pela primeira vez em muito tempo, como *dona de casa*, ou *Rodésia*. — Bem — repetiu. — É. Porra, como eu poderia não estar bem?

Jack voltou os olhos para o para-brisa e ambos ficaram em silêncio enquanto Kate puxava a calça jeans de Sophie para cima e a trazia de volta para o carro.

— Sobre o que vocês estavam falando? — perguntou Kate, abrindo a porta do carro.

— Sobre o Tour de France — respondeu Zoe.

— Ah, já ouvi falar disso — disse Kate.

Ela colocou Sophie de volta no banco e prendeu o cinto. Jack a observou pelo retrovisor e soube em que a esposa estava pensando: no quão magra a filha deles estava ficando. Em três meses de recaída ela tinha perdido metade do peso que ganhara em três anos de remissão. Ele estendeu a mão por cima do banco, e Kate a apertou. O contato criava um ponto fixo no tempo no qual era possível ancorar os eventos, que passavam cada vez mais rápido.

Com Sophie bem presa no banco, Jack deu a partida.

— Sophie?

— O quê?

— Da próxima vez que você chutar meu banco, eu a levarei de volta para a Estrela da Morte para ser criada pelos Sith.

— Desculpe, pai.

Ele desacelerou até quase parar o carro quando passou pelas lombadas na saída do estúdio de filmagens, conferindo pelo retrovisor se Sophie não estava balançando demais. Quando entrou na via principal, dirigiu defensivamente. Tinha feito um curso, visto que era pouco provável que qualquer tipo de acidente de trânsito melhorasse o prognóstico de sua filha. Pensou em qual seria a melhor direção para desviar caso a Mercedes verde esperando no próximo cruzamento entrasse de repente. Como isso não aconteceu, voltou a atenção para o próximo carro, e daí para o pequeno retorno logo à frente.

— Sophie...

— Hein?

— Chutes.

— Desculpe, pai.

Jack estava com trinta e dois anos. Tinha ganhado o ouro olímpico e era um dos cinco ciclistas masculinos mais rápidos do mundo.

— Sophie? Se estiver indo muito rápido me avise, ok?

Na estrada ficaram na pista da direita, entre os caminhões. Sophie sabia que era para sua segurança. Esse era o efeito que tinha nas pessoas. Fazia com que dirigissem vinte por cento mais devagar, segurassem as painéis com água fervendo com vinte por cento a mais de força e escolhessem as palavras com vinte por cento a mais de cuidado. Ninguém iria estourar um pneu e

bater o carro em que ela estava, ou derrubar uma panela e queimá-la, ou dizer as palavras *preocupação* ou *morte*.

Sophie queria explicar que isso só servia para deixar a pessoa vinte por cento mais assustada, mas não conseguia fazê-lo. Os outros tomavam esses cuidados para que ficasse mais fácil lidar com seus próprios sentimentos. E ela ficava mal por fazê-los se sentirem assim.

Pela janela, viu as famílias normais passando de carro. Em geral eram famílias que não estavam no lado do bem, como os Argall, ou no lado negro da força, como os Vader. Não estavam fazendo nada de extraordinário, apenas indo ao zoológico ou ao shopping. Com alguma frequência dava para vê-los brigando enquanto passavam. Suas bocas se moviam por trás do vidro. Era como um museu de famílias humanas sem legendas nas exposições. Sophie criava as legendas na cabeça: *Mamãe trouxe as batatinhas erradas* ou *Papai não coloca no canal de TV que eu e Chloe gostamos*.

Quando ela cansava de vigiar as outras famílias, repassava *Guerra nas estrelas* em sua cabeça. Já tinha visto os filmes tantas vezes que não precisava mais de DVDs. Conseguia imaginar os Andadores AT-AT atacando a base Rebelde no planeta de gelo Hoth, para parar de pensar em como estava se sentindo mal. Hoje estava tão mal que chegava a ser assustador. Tudo doía. A cabeça latejava, a visão estava embaçada e os ossos doíam como se estivesse no meio de uma longa caminhada com o tempo gelado, e a chuva caindo cada vez mais forte. Ondas de enjoo passavam pelo seu corpo, causando arrepios de frio.

Era inacreditável como Skywalker pilotava sua nave. Isso porque ele era um Jedi. Havia células especiais em seu corpo, chamadas midi-chlorians, que fazem de alguém um Jedi. Sophie sabia que as mudanças em seu sangue, que o doutor Hewitt pensava ser leucemia, na verdade eram a primeira manifestação da formação de midi-chlorians. Não dá para esperar que médicos do planeta Terra acertem esse diagnóstico — qualquer médico terrestre seria sortudo se visse pelo menos um desses casos numa vida inteira praticando a medicina.

Mesmo assim, quando ela se sentia tão mal quanto agora, às vezes achava que nunca chegaria a se tornar uma Jedi. Estava desconfortável, mesmo que o carro estivesse a apenas noventa quilômetros por hora. O tremor da superfície da estrada balançava seu corpo e fazia tudo doer. Como ela seria capaz de pilotar uma nave a centenas de quilômetros por hora, passando entre os pés de um AT-AT Imperial?

Sophie engoliu.

— Pode ir mais rápido, se quiser.

O pai balançou a cabeça.

— Estamos bem assim.

Ela olhou para os braços fortes do pai segurando o volante, e depois para os próprios. Apertou os punhos para fazer os músculos se retesarem.

— Está tudo bem? — perguntou sua mãe. — O que você está fazendo?

— Nada.

As veias em seus braços eram azul-escuras e finas e não levavam a lugar algum, como se alguém tivesse pegado uma caneta esferográfica e desenhado o diagrama de fiação de um droid inútil em seu corpo, e depois esticado pele humana por cima do desenho. As veias do pai saltavam como cabos por baixo da pele, e seus traços tinham propósito, impulsionando o sangue de volta ao coração. Seu pai era, provavelmente, o homem mais forte do mundo. Sophie não entendia como ele podia olhar para ela — ver seu semblante frágil e doentio — sem ficar assustado. Ela tinha que tentar parecer forte e valente.

— Tudo bem se você virar um pouco o volante — disse. — Não me incomoda.

O pai a observou pelo retrovisor.

— E por que eu faria isso?

— Tem um Caça TIE seguindo a gente.

No banco do carona, Zoe ficou séria.

— Certo. Redirecione toda a energia disponível para os escudos defletores traseiros, Sophie.

Sophie sorriu e pressionou o botão ao lado do assento infantil que executava a ordem de Zoe.

— Dispare os turbolasers! — comandou Zoe, e Sophie o fez.

— Confirme a trava nas coordenadas!

Sophie ficou encantada com as habilidades de Zoe. Quando o Caça TIE foi destruído e todos estavam em segurança, relaxou em seu assento.

— Obrigada, Han!

Zoe se virou, e seus olhos estavam cheios d'água, o que deixou Sophie confusa. Ela não tinha reclamado, e estava se esforçando tanto para não parecer doente, e dava um pouco de raiva e tristeza quando as outras pessoas tinham pena dela.

Manteve o sorriso firme.

— Tudo bem — disse para Zoe —, estou me sentindo ótima!

Beetham Tower, Deansgate, 301, Manchester

Zoe desceu do carro. Acenou para o veículo da família Argall e observou o rosto de lua nova de Sophie através do vidro traseiro. Os olhos da garota se fixaram nos seus, como os olhos de Adam, seu irmão, costumavam fazer, e o fato de não haver nenhuma reprovação neles só fez com que ela se sentisse pior.

Zoe percebeu que estava tremendo. Ela tinha dormido mal, a Estrela da Morte a deixara afetada, e a viagem de volta fora ainda pior. Sophie parecia mesmo estar de partida, Kate estava em estado de negação, e Jack... bom, ela não sabia o que Jack estava pensando.

Um único dia com aquela família tinha parecido uma vida inteira. Não sabia como eles conseguiam aguentar. A intensidade emocional era uma loucura, mas nunca parecia atingir uma concentração forte o suficiente para levar alguém às lágrimas em qualquer instante específico. Era impossível.

Decidiu subir para o seu apartamento e tomar um café. Parecia algo razoável de se fazer. Seria possível imaginar uma mulher mais calma pensando: *Sabe de uma coisa? Acho que vou tomar um espresso*. Essa era a melhor expectativa para o dia: fazer coisas que as pessoas comuns faziam, e esperar que, por alguma mágica simpatia, isso conduzisse ao senso comum de bem-estar dessas pessoas.

Era começo de abril e chovia. A calçada em frente à entrada da Beetham Tower estava coberta com cones laranjas altos e barreiras de segurança vermelhas e brancas. Um guindaste amarelo içava oliveiras, uma a uma. Zoe parou para observar. Havia uma dúzia de árvores esperando para subir. Tinham três metros de altura, os troncos envoltos por plástico bolha e as raízes cobertas por sacos laranja. As folhas reluziam com o vento, todas de uma vez, como cardumes de peixes obedecendo a algum sinal invisível.

Zoe semicerrou os olhos para protegê-los da chuva e, pelo reflexo nas janelas da torre,

acompanhou as voltas que uma árvore pendurada pelo cabo dava em torno de si ao ser erguida para o céu cinzento. Esse trabalho já vinha sendo feito há dois dias. As árvores estavam sendo levadas para a cobertura, um andar acima do seu apartamento. A administração estava montando um “espaço verde”, com árvores, plantas e uma fonte de água. Lá em cima ficaria agradável — uma lembrancinha da Terra.

Zoe queria continuar vendo as árvores subindo, mas nunca conseguia ficar muito tempo na rua sem ser reconhecida. Do outro lado da rua havia um outdoor luminoso de sete metros de altura com seu rosto, seus grandes olhos verdes emoldurados por cabelos e batom verdes. Sua mão, com as unhas pintadas também de verde, segurava uma garrafa de Perrier pingando de gelada. *Sirva gelada*, dizia o texto da propaganda. Ocupando um terço do outdoor, do lado direito e da mesma altura que seu rosto, estavam os anéis olímpicos cobertos por uma camada de gelo.

Ela olhou para cima, onde a forma laranja de uma árvore embrulhada desaparecia nas nuvens. O resquício de cor se manteve por um instante no limiar da visão, antes de se render ao cinza. Zoe teve uma sensação de pânico que não conseguiu entender.

Continuou andando, antes que fosse reconhecida por algum passante, e entrou no saguão da torre com a cabeça baixa. Apertou o passo ao atravessar o chão de mármore e pegou o elevador até seu apartamento, no quadragésimo sexto andar.

Em casa, duzentos metros acima do rugido da cidade, jogou sua única chave num prato largo de estanho que cumpria apenas esse propósito. O barulho da chave caindo no prato foi o único som no ambiente. Uma garrafa térmica de alumínio velha e amassada era o único objeto que compartilhava o móvel preto com as chaves. Zoe tirou os tênis, enrolou pedaços de jornal nos dedos e calçou os chinelos cinza de feltro, que estavam exatamente onde os tinha deixado.

Tentou se lembrar do nome do homem que ficou dormindo na sua cama quando saiu. Ele era gentil. Alto, italiano e alguns anos mais novo que ela. Carlo, pensou, ou então Marco. Algo terminando em “o”, o que dava a impressão daquilo não ter chance de se tornar algo sério. Ainda assim, sempre dá para ter esperanças.

— Olá?

Ninguém respondeu.

Não havia nenhum bilhete na geladeira, nenhuma mensagem no balcão da cozinha. Foi verificar na sala de estar — nada.

No quarto, encontrou a cama toda bagunçada — um esforço conjunto da noite anterior — e as cuecas boxer do italiano estavam no canto em que ela as jogara. O restante das roupas tinha sumido. As quatro medalhas de ouro não estavam na prateleira onde guardava, e por um segundo seu coração parou. Até que viu o brilho delas embaixo da beirada de um travesseiro. Segurou o metal gelado no peito e suspirou. Ele era um filho da puta por não ter deixado o telefone, mas pelo menos não era um ladrão. Zoe supôs que teve sorte de novo — se é que dava para chamar isso de sorte.

O apartamento estava silencioso demais, e ainda continha o fantasma do cheiro do italiano.

Ela fez um *espresso* na máquina de café e sentou-se no sofá cinza sem braços e com encosto baixo da sala de estar. O apartamento tinha janelas que iam do chão ao teto, mas a vista estava obscurecida pelas nuvens.

Havia apenas uma semana que Zoe estava morando lá. Nos dois dias de tempo bom deu para ver o Centro Nacional de Ciclismo, onde ela treinava e competia, quase cinco quilômetros a leste. Parecia a parte de cima de um besouro, prestes a se arrastar para longe pelos complexos industriais e centros logísticos na periferia da cidade. Olhando para o horizonte pelos binóculos que o corretor

imobiliário tinha deixado, Zoe também pôde ver as montanhas de Snowdonia, a catedral anglicana em Liverpool, além da Blackpool Tower e da praia. Na terceira noite ela viu tempestades de raios, e o vento soprando pelas planícies de Cheshire.

Agora não tinha nada para ver, só o cinza. Era difícil não se sentir um fantasma. Zoe ergueu a mão em frente ao rosto e ficou surpresa ao notar que não era transparente. Levantou-se e foi para a cozinha, comer uma fatia pura de pão multicereais. Achou a textura do lanche reconfortante. Bebeu um copo d'água e sentou-se de novo na sala de estar.

Pensou se essa seria sua vida de agora em diante, movendo-se sozinha entre esses espaços designados, habitando-os de acordo com padrões de uso previstos pelo arquiteto.

Paolo — este era o nome dele. Zoe ligou o laptop e o encontrou no Facebook. Era mais bonito do que lembrava. A noite tinha sido boa. O sexo fora bom, mas também houve algo a mais. Uma ternura — algo que a deixou tocada. Ficou meio surpresa por ele não ter deixado bilhete algum.

Fechou os olhos e se deixou imaginar que o italiano estava vindo naquele instante, subindo pelo elevador, com flores. Sorriu. Uma bobagem, mas é importante acreditar que essas coisas são possíveis. Além do seu campo de visão, a vida pode estar tomando formas prestes a serem reveladas. É um engano tomar as decepções como certas. Você está sempre a uma batida na porta e a uma dúzia de flores de distância da felicidade.

Zoe abriu os olhos e clicou no perfil dele. Seu sorriso desapareceu. Leu tudo o que Paolo tinha escrito sobre ela e viu as fotos que postou de seu apartamento, seminu, com as medalhas de ouro olímpicas penduradas no pescoço. Em seguida releu o que ele tinha escrito. Ela era *louca na cama*. Era *agressiva*. *Tinha que ficar por cima*.

Ligou para sua agente.

— Talvez eu esteja com um pequeno problema — avisou, com cautela.

Depois de desligar o telefone, Zoe se apoiou no encosto do sofá e olhou em volta, analisando o apartamento que comprou com um depósito de trinta por cento do valor integral, oferecido pelo patrocínio da Perrier, mais uma hipoteca de um milhão de libras que ela não tinha qualquer esperança de conseguir continuar pagando a não ser que ganhasse o ouro em Londres, dentro de quatro meses, e conseguisse outro patrocínio.

A pressão extra ajudava a superar o limiar da dor no treinamento. Era importante manter certo desespero — ser tão selvagem quanto na época em que não tinha nada. A aposta tinha que ser dobrada toda vez. A única alternativa era ver uma pessoa mais assustada que você ultrapassando-a no dia da corrida.

Zoe ainda se surpreendia com esse apartamento, que, comprado com a intenção de mantê-la assustada, parecia se esforçar tanto para ser tranquilizador. As paredes foram pintadas pela Farrow & Ball. Tinham a propriedade de não refletirem a luz, nem a absorverem. O tom era chamado *Arquivo*. As janelas altas regulavam a intensidade da luz que deixavam passar, poupando as pupilas do morador de qualquer desconforto.

Ao lado do sofá, na pequena mesinha de madeira, estava a nova edição de *Marie Claire* com o rosto de Zoe na capa, sorridente. Ela folheou a revista. Zoe tinha uma *determinação feroz*. Era *implacável e não tinha freios*. Era movida *pelos próprios demônios*. Foi o que escreveram na revista.

Nenhuma dessas descrições lhe parecia familiar. Ela fechou os olhos e tentou acalmar o pânico crescente em seu estômago controlando a respiração. Não havia barulho algum de trânsito, som algum vindo da TV de vizinhos, nada. Essa altura imensa, o que a corretora tinha vendido como privacidade se parecia mais com solidão. Nessa enorme distância vertical da cidade, o silêncio

parecia irrevogável.

Zoe não sabia o que estava buscando. Talvez uma forma de deixar os problemas na Terra, quarenta e seis andares abaixo.

Tentou se concentrar na respiração. Desejou que Tom estivesse lá. Ele saberia o que dizer para ajudá-la a compreender o que estava sentindo. Desde quando o conhecera, aos dezenove anos, sempre contou com seu apoio nos dias difíceis. Mas as corridas deixaram de ser os dias difíceis. Competir nas Olimpíadas não era mais assustador. Pensar na recepção da multidão aos gritos, em Londres, parecia algo simples, algo natural e bom. O que a assustava agora eram os dias normais — as intermináveis manhãs de terça-feira ou as tardes de quarta, os dias em que era necessário conduzir a própria vida sem o auxílio de um guidão. Fora da bicicleta Zoe se sentia como um fumante sem cigarros, nunca muito certa do que fazer com as mãos. Assim que descia da bicicleta, seu coração era tomado pela necessidade de cumprir todas essas funções secundárias desconcertantes — como amar alguém, sentir algo, pertencer a algum lugar — quando só era treinado para bombear sangue.

Zoe estremeceu e pegou o telefone, pensando em ligar para Tom. O número dele apareceu na tela, mas ela não apertou o botão para fazer a ligação. Sabia que teria que formular o problema, e tentou pensar no que dizer dessa vez. Achou que seria sensato começar com uma dúvida sobre sua dieta, ou o treino de Pilates, e deixar Tom perceber o que de fato estava errado. Era isso que costumava fazer nessas ocasiões. Ela era uma campeã, afinal de contas, e seria humilhante dizer: *Por favor, eu não estou aguentando.*

Hesitou, olhando pela névoa cinzenta que encobria a cidade. Uma oliveira italiana subia sem fazer barulho pelo lado de fora da janela, girando devagar.

Barrington Street, Clayton, Região Leste de Manchester

Jack entrou na rua da casa dos Argall e desacelerou, passando pelos buracos na velocidade de alguém caminhando. Olhou pelo retrovisor para conferir se não estava fazendo Sophie chacoalhar demais. A chuva tinha diminuído e meia dúzia de crianças seguiam de bicicleta, sem pressa, pela comprida rua que passava entre as casas vitorianas geminadas, todas idênticas, com tijolos vermelhos, um único degrau e um muro baixo separando a porta da frente da calçada. As crianças pararam as bicicletas para mascarem chiclete e verem os Argall estacionando o carro.

Jack abriu a porta, saiu do carro e franziu a testa, olhando para as crianças:

— Vocês nunca ficam dentro de casa?

A criança mais alta do grupo era uma garota de oito anos, com calça cor-de-rosa, tênis brancos e um casaco impermeável verde com o capuz cobrindo a cabeça. Ela avançou um pouco com a bicicleta, parou na frente do grupo e inclinou a cabeça. Torceu o nariz, e encarou Jack como se ele fosse levemente retardado.

— Não tem nada na TV, não é? — perguntou. — Só merda.

Jack ficou sério.

— O que foi? — perguntou a garota. — Eu só disse *merda*. Não é considerada uma palavra lá na porra da Lapônia, ou seja lá de onde você venha, Sr. Argall?

Inclinou-se na bicicleta e cuspiu no chão. Um filete de baba ficou pendurado, e foi sugado de volta como um espagete pelo espaço entre os dentes da frente, tudo isso enquanto ela mantinha um olhar amigável voltado para Jack.

— Eu venho da Escócia — respondeu ele. — Você conheceria o lugar se aparecesse na TV. Sabe, com as gaitas de foles? Kilts? Heroína?

— Tanto faz — disse a garota. — Sua Sophie está bem?

— Pergunte para ela, Ruby. Ela sabe falar.

Kate tinha saído do carro e estava inclinada no banco de trás, desprendendo o cinto do assento de Sophie. A garota conduziu a bicicleta ao seu lado.

— Minha mãe deixou um bolo para vocês, Sra. A. No seu degrau.

Kate ergueu os olhos e viu um pote de Tupperware e uma lata metálica de biscoito no degrau em frente à porta.

— Dois bolos — comentou. — É muita gentileza.

— Não, a lata é da mãe da Kelly. São biscoitos, mas eu não comeria se fosse você, porque a mãe da Kelly é suja.

— Ruby, querida, isso não é muito gentil — comentou Kate.

Jack lançou um olhar para Kate, por detrás de Ruby, que dizia “é, não é muito gentil, mas...”, e ela teve que se esforçar para continuar séria.

— Vamos tirar você daí, Sophie — disse, sustentando a cabeça da filha ao tirá-la do carro.

Sophie olhou por cima dos ombros de Kate para a outra garota. Piscou porque estava chuviscando.

— Beleza, Sophie? — perguntou Ruby.

— *Tudo incrível!* A gente foi na Estrela da Morte, e conheceu o Darth Vader, e era ele mesmo, porque, se não fosse, *como eu teria essas lembranças?*

Ruby revirou os olhos.

— Quando você vai voltar para escola?

— Eu não sei, né?

— Logo, Ruby — interveio Kate. — Quando ela estiver melhor.

— Você já perdeu dois meses — continuou Ruby—, se perder mais vai acabar tendo aula com o Barney e ele vai mostrar o negócio dele para você.

Sophie deu de ombros, indiferente.

— Eu já vi.

Ruby sorriu e pegou a mão de Sophie. Olhou em seus olhos por um segundo e inclinou a cabeça para a frente, como se estivesse tentando projetar energia do seu braço para dentro do corpo dela. Em seguida soltou a mão, fez uma bola com o chiclete e se juntou às outras crianças, que pedalavam em círculos pela rua.

Sophie deixou a mãe carregá-la para dentro. A casa cheirava a torrada e óleo de bicicleta. As bicicletas de passeio dos seus pais ficavam penduradas em ganchos no corredor. Kate a colocou no chão e ela saiu andando, chutando a bagunça de sapatos, luvas sem par e casacos largados no chão do corredor, em direção ao banheiro debaixo da escada.

Sophie se trancou no banheiro e desabou no chão, no escuro. Apoiou as costas na parede e fechou os olhos. Aquele meio minuto que passou conversando com Ruby tinha sugado suas energias. Mas foi legal que os pais tivessem visto. Isso garantia uma hora com os dois despreocupados. Depois desse tempo as rugas de preocupação voltariam aos seus rostos, a ansiedade retornaria às suas vozes e eles começariam a dar olhadas rápidas em sua direção, tomando cuidado para fingir que não a estavam observando. Iam começar a brigar por causa de bobagens como tempo de treinamento e o tipo de arroz comprado, sem nem saber por que estavam agindo assim. Mas

Sophie sabia. Era porque estavam preocupados com ela, mais uma vez. E quando isso acontecesse teria que fazer algo para tranquilizá-los de novo.

No carro, dava para chutar o banco da frente. Isso os deixava incomodados, que era diferente de assustados. Dentro de casa havia mais possibilidades. Podia ser respondona ou ficar emburrada, coisas que a faziam parecer menos doente. Podia fazer um desenho, subir as escadas apressada, fazendo bastante barulho para que percebessem, mesmo se depois disso precisasse ficar deitada na cama por uns dez minutos para se recuperar. Dava para fingir que tinha comido todas as torradas, escondendo algumas dentro da camiseta, jogando-as no vaso e dando descarga, mais tarde. Também dava para brincar de coisas de garoto, como *Guerra nas estrelas*, que tinha lutas e naves espaciais e fazia ela parecer forte, mesmo quando não tinha forças nem para andar de bicicleta.

À noite era mais difícil. Era quando vinham os pesadelos, e se a mãe e o pai de Sophie viessem correndo, ela tinha que dizer que havia sonhado com um lobo, ou um ladrão — pesadelos que as crianças normais têm —, nunca com a morte, que a deixava com tanto medo que não conseguia nem projetar a voz para chamar os pais. Quando tinha pesadelos com a morte, era preciso ficar quieta. Nas outras noites, podia fingir que estava dormindo quando a mãe aparecia para ver como ela estava, sempre às dez da noite, de novo uma da manhã e depois às quatro. Era só colocar o alarme do iPod para tocar cinco minutos antes, e aí Sophie conseguia fingir que estava dormindo profundamente, mesmo que tivesse passado metade da noite lendo quadrinhos de *Guerra nas estrelas*.

Havia centenas de coisas que podia fazer para deixar seus pais despreocupados. Polir os próprios sapatos, escovar os dentes, vestir-se bem, mesmo se estivesse tão cansada a ponto de só querer saber de deitar e fechar os olhos. Podia falar sobre o futuro — eles gostavam quando Sophie falava sobre o futuro, desde que fosse o futuro próximo. Se dissesse “amanhã posso fazer compras com vocês?”, eles ficavam felizes, porque significava otimismo. O doutor Hewitt chamava isso de *engajamento positivo*, era um sinal que Sophie não estava sofrendo daquilo que todos temiam, que era *não conseguir prosperar*. Então se ela perguntasse se podia fazer compras no dia seguinte, seus pais responderiam “claro, ótimo!”. Mas se perguntasse “No ano que vem podemos ir para a França nas férias?” os pais ficariam com um semblante vazio, trocariam um daqueles olhares e diriam algo como “Vamos viver um dia de cada vez, pode ser?”.

Também havia centenas de coisas que Sophie podia não fazer para evitar a preocupação dos pais. Não tossir, não ficar doente, e nunca dizer que estava cansada ou triste. Se ficasse doente, sempre dava para esconder, e se ficasse triste também.

Havia tantas formas de não deixar seus pais preocupados que era fácil pensar em uma para cada hora. A única parte difícil era que isso a deixava muito cansada, uma das principais coisas que ela nunca podia ficar. Era por isso que Sophie tinha que descansar assim às vezes, no banheiro, no escuro.

Depois de descansar um pouco, Sophie levantou o braço e puxou o cordão que acendia a luz. A ponta de madeira tinha caído e sumido, e a mãe tinha amarrado uma de suas medalhas de ouro no lugar. Ficava pendurada sob a luz da lâmpada, brilhando enquanto girava.

Uma música veio da cozinha. Sophie sorriu: seu pai estava de bom humor. Era “Never Understand”, de Jesus & Mary Chain.

As músicas do pai eram uma merda.

Conseguia ouvi-lo cantando pela parede do banheiro. Cantava da forma como qualquer pai faria. Sophie amava os momentos em que seus pais estavam felizes. Ela se esforçava para guardá-los na memória, como uma coleção de moedas antigas ou de cristais.

Apoiando-se na pia para se levantar, Sophie sentou-se no vaso e urinou. Dessa vez a urina saiu com uma cor verde, bem clara. Ficou feliz que seus pais não vissem, porque isso os deixaria pirados. Deu a descarga e lavou as mãos com cuidado na pequena pia, com o sanduíche de sabonete formado pela união dos pedaços dos últimos dois usados. Secou as mãos na calça jeans. Ouviu os pais rindo no corredor. A mãe estava mandando o pai parar de cantar.

Sophie ficou de pé em cima do vaso sanitário para se olhar no espelho em cima da pia. Todos os dias ela tinha que verificar como estava. Fazia isso no banheiro embaixo da escada para ninguém ver. Tirou o boné de *Guerra nas estrelas* e examinou o couro cabeludo. Tinha sobrado só uma mecha de cabelo, pendurada no lado esquerdo da testa. O espelho mostrou círculos escuros embaixo dos olhos. Era só o efeito da luz próxima. Mas o rosto parecia mais magro. Colocou as mãos nas bochechas, passou os dedos pelos ossos malares e sentiu seus contornos agudos. Ficou com medo por um instante, mas aí se deu conta que não era a leucemia. Era só efeito da microgravidade da Estrela da Morte. Deixava as pessoas mais fracas. Os Stormtroopers deviam ser assim, por baixo dos capacetes.

Colocou o boné de volta e observou seu reflexo. Esfregou as bochechas para o sangue subir e ficar com um pouco de cor no rosto. Planejou os próximos passos: iria até a cozinha, passaria a impressão de estar saudável por cerca de um minuto, diria a seu pai que as músicas dele eram ruins, subiria as escadas até seu quarto e deitaria na cama. Não, ela ia dizer “suas músicas são uma *merda*”, que nem Ruby diria. E seu pai abriria um sorriso, ficaria de joelhos e brincaria de luta com ela, e sua mãe riria ao vê-los, e isso resultaria em mais uma hora de pais despreocupados.

— *Merda* — disse Sophie, baixinho, praticando a palavra.

Banheiro, Apartamento 12, The Waterfront, Sport City, Manchester

Tom Voss ainda se lembrava da sensação que teve naquele dia no México, em 1968, quando perdeu o bronze olímpico por um décimo de segundo. Ainda conseguia sentir a angústia no peito, crua e nunca vingada. Quarenta e quatro anos depois continuava capaz de perceber a passagem aguda de todo o décimo de segundo. As inflexões do tempo eram como os dentes de uma serra, cortando-o ao meio. Não era assim que as outras pessoas sentiam a passagem do tempo. Percebiam os dentes da serra de maneira indistinta, num borrão de movimentos, e ficavam surpresas quando acordavam um dia e se viam cortadas pela metade, como os assistentes de um mágico negligente. Mas Tom sabia como o corte era feito.

Recebeu a ligação da agente de Zoe na banheira, enquanto tentava destravar os joelhos.

— Ela transou com um cara de novo — disse a agente. — E dessa vez foi parar no Facebook.

— Facebook? — indagou Tom.

— É uma rede social, Tom, um site. As pessoas usam para entrar em contato com os amigos.

Um *amigo* é alguém que...

— Ha-ha — disse Tom, sarcástico. — Eu sei o que é o Facebook. Várias pessoas curtem a Zoe, né?

— Noventa mil, da última vez que olhei.

Tom prendeu o telefone entre o ouvido e o ombro para massagear os joelhos. Seus ligamentos inflamados não estavam reagindo à aplicação da pomada de ibuprofeno. No fundo, sabia que eles só responderiam à aplicação de seus conhecimentos de muitas décadas sobre treinamento de alto nível

à sua própria vida. Talvez fosse hora de admitir que não era uma boa para um homem com sessenta e seis anos pegar tão pesado nos exercícios. Mas, que inferno. Um monte de contadores mentem na própria declaração de impostos, os médicos fumam Marlboro. Por que ele devia ser o primeiro velho a ouvir os próprios conselhos? Era um técnico, não um maldito pioneiro.

— Mas então, voltando ao problema — continuou a agente —, ela dorme com esse cara e, pelo visto, ele acorda e percebe quem é ela, daí vai e coloca tudo na internet. Onde, nesse instante, detalhes impróprios estão sendo lidos por todo ser humano no planeta, com exceção dos chineses, porque o Facebook é bloqueado lá, e de você, porque você é um velho reacionário que não se interessa por coisas divertidas. Quer que eu leia a sujeira que esse cara postou?

— Na verdade, não.

— Vou ler — disse a agente, ignorando-o.

Tom escutou, mas não sabia muito bem o que fazer com a informação.

— Eu sou o treinador dela na pista — respondeu, enfim. — Quem Zoe decide levar para a cama é da conta dela.

— Concordo — disse a agente —, mas isso foi só para deixá-lo informado, e para sugerir que...

Tom grunhiu. O que ficar informado tinha a ver com isso? Por que as pessoas não podiam simplesmente dizer: *Eu queria lhe contar esse negócio?*

— Está tudo bem? — perguntou a agente.

— Meu Deus, essa é uma grande questão filosófica.

— Você fez uma espécie de... barulho.

— É, na verdade eu dei um grunhido. Coisa de australiano. E parece que funcionou, porque você parou de falar.

— Olha, eu só estou tentando ajudar, ok?

— O que você está tentando fazer, querida, é proteger os seus quinze por cento.

— Ela é o rosto da *Perrier*, Tom. É algo que merece proteção.

— Olha. Se a água com gás quer um rosto, isso é problema da água com gás. Meu trabalho é ajudar Zoe a ganhar o ouro nas Olimpíadas de Londres, daqui a cento e vinte e sete dias.

— Sim, e o que *eu* estou dizendo é que estamos do mesmo lado. Tenho certeza de que essa história não vai ajudá-la a se concentrar, com tudo aquilo no Facebook.

— Não discordo, mas o que você quer que eu faça? Tire o Facebook do ar? Vou verificar com o meu corretor, mas tenho quase certeza de que não sou o dono desse troço.

— Você podia pelo menos ter uma conversa com Zoe? Ela o respeita.

Tom sorriu, e sua voz ficou mais suave.

— Elogios abrem portas, querida, mas não se engane. Eu tenho me esforçado para acalmar Zoe desde que ela tinha dezenove anos. Se pudesse, faria com que ela passasse todo o tempo que não está treinando ou competindo dormindo. Assopraria um daqueles dardos tranquilizantes nela com uma zarabatana, como fazem com os tigres na selva. Mas o que eu posso fazer? Sou um técnico. A gente só ganha um apito e um cronômetro.

— Bem, espero que você possa fazer algo, porque isso vai sair em todos os jornais amanhã e essas coisas costumam sair do controle. Você devia pelo menos encorajá-la a não dar mais munição para esse sujeito.

Tom suspirou.

— Vou falar com ela e ver o que dá para fazer. Não prometo mais nada.

— Valeu, Tom. Fico devendo uma a você.

— É, bem, talvez você possa me transformar no rosto de alguma coisa.

A agente riu. Do outro lado da linha o som lembrou um ganso grunhindo, com a cabeça enfiada numa lata de sopa.

— E você quer ser o rosto de quê?

— Não sei, um analgésico? Uso bastante analgésicos.

— Acho que eles iam preferir alguém jovem e sem dores.

— Seria irônico.

— Ah, mas isso é o show business.

Tom desligou o telefone. Pensou no assunto por um minuto, e mandou uma mensagem de texto pedindo para que Zoe o encontrasse em seu apartamento, dentro de uma hora. Se pretendia afirmar alguma autoridade sobre ela, melhor que fosse lá. Regra número um no treino de tigres: a criatura deve saber que está entrando no seu território.

Zoe respondeu no mesmo instante: *Ok, chefe.*

Boa garota — sabia do que se tratava. Ela viria, Tom lhe daria uma bronca, daí prepararia uma xícara de chá Earl Grey para tomarem juntos e lhe diria para ir embora.

Sentiu uma pontada de preocupação por Zoe. Ele se esforçava tanto para acertar com ela. Tinha sido um péssimo pai, mas Zoe e Kate às vezes pareciam sua segunda chance. Sabia que se importava mais do que deveria, considerando seu salário, com essas duas mulheres que ele treinava desde que tinham dezenove anos.

Permitiu-se divagar um pouco sobre o que gostaria de fazer com o cara que difamou Zoe pela internet. Eram boas essas fantasias vingativas. Com joelhos funcionais, era possível dar um chute na bunda de alguém de várias maneiras. Essa era uma das muitas vantagens que o pensamento positivo tinha sobre a realidade.

Mas ele se importava de verdade com Zoe. Ela era difícil de entender, e talvez fosse isso que o levara a afeiçoar-se tanto. Até onde sabia, ela realmente acreditava naqueles bonitões fracassados com quem se envolvia. Tentou falar com ela sobre isso várias vezes, mas Zoe sempre escapava fazendo alguma piada, como se chegar ao treino no começo da manhã com o coração partido fosse um mal do cotidiano a ser enfrentado, como perder um brinco ou não ter lugar para sentar no ônibus. Ela ficava na defensiva, e às vezes sua resposta saía na forma de sarcasmo. E estava certa — o que ele sabia sobre uma jovem mulher em busca do amor? Mas se Tom tivesse que fazer um diagnóstico, diria que Zoe estava mais para vulnerável do que para imprudente.

Abriu mais a torneira de água quente da banheira. O problema era que ele via coisas nos homens que Zoe nunca conseguiria enxergar. Sabia que terríveis filhos da puta eles eram.

— Com exceção de quem vos fala — disse, em voz alta.

O vapor subiu. Tom não podia culpar Zoe por estar desesperada. A probabilidade de ela encontrar um amor diminuía a cada dia que passava. Ela só ficava mais e mais famosa, e os homens se tornavam cada vez piores. O planeta estava repleto de rapazes boa-pinta, mas com personalidades construídas por elementos tão opostos, a ponto de se anularem, que não sobrava ninguém com quem valesse a pena sair para tomar um drinque. Essa nova espécie de homem combina sapatos urbanos com barbas de lenhador. Eles tocam em bandas mas trabalham em escritórios. Odeiam os ricos mas compram bilhetes de loteria, riem de comédias que deboçam da merda do estilo de vida que eles próprios levam, e, pior de tudo, são todos cretinamente fofoqueiros. Cada coisinha que fazem, desde comprar um telefone novo até dormir com a atleta de Tom, torna-se alvo dessa compulsão de publicar na internet e ver o que as outras pessoas acham. Suas existências são

dominadas por um imenso vácuo sugador de atenção. Tom não fazia ideia de como Zoe conseguiria encontrar o amor nessa nova geração de homens com almas ciclônicas que sugam e sugam como um aspirador que nunca precisa trocar o saco.

Tom xingou a si mesmo e deixou o pensamento de lado. A agente estava certa: ele era um homem velho. E além disso estava pensando demais em Zoe.

Ele não devia ter uma favorita, e na verdade não tinha. Kate era uma ciclista nata, mas Zoe alcançava o mesmo nível dela com pura determinação, e Tom gostava igualmente das duas.

Deu uma olhada no relógio — quarenta minutos até Zoe chegar. O relógio era um Casio à prova d'água, e fazia uma única coisa, que era mostrar a porra das horas. Essa era outra diferença entre ele e os homens de hoje em dia. Todos usavam relógios estilo James Bond com mostradores separados para cronômetro, resistentes a uma profundidade de mil metros. Que grande aventura achavam que iam viver? Esperavam ser jogados direto das lojas onde trabalhavam até o fundo da fossa das Ilhas Marianas, de onde conseguiriam nadar até algum lugar seguro apenas por causa de sua capacidade de cronometrar os eventos a uma precisão de um milésimo de segundo? Aqueles caras não saberiam o que é uma fração de segundo nem se vissem uma pulando na sua frente e impedindo a conquista da medalha olímpica. Não tinham noção alguma do que podia ser conquistado ou perdido nesse espaço de tempo. O tempo era desperdiçado nessa nova raça de homens, capazes de passar a noite inteira com uma mulher e publicar tudo na internet logo depois.

Suspirou. Sabia que não estava sendo justo. O que quer que houvesse de errado com Zoe, envolvia mais do que só esse cara. Fora da pista ela tinha um julgamento de merda. Aquele apartamento novo, por exemplo. Um lance de sorte com aquele negócio de publicidade — os anúncios da Perrier, que conseguiu por ser bonita — e ela assume uma hipoteca que uma carreira inteira no ciclismo não seria capaz de cobrir. Como treinador, ele devia puxá-la de volta para a Terra. Tirá-la do apartamento e trazê-la de volta ao chão, onde os atletas caçam o ouro pela glória de conquistá-lo. Era de enlouquecer, para ser honesto, o jeito como aquela agente tinha mexido com a cabeça de Zoe. Mas ele sabia como era. Você perde toda a perspectiva ao viver sozinho. Não tem ninguém para lhe dizer: ei, você está sendo um babaca em relação a isso.

Tom se esforçou para dobrar os joelhos, um prelúdio para ficar de pé e se enxugar. Massageou as juntas de novo para aliviar os ligamentos, praguejando em voz baixa. Finalmente, por pura frustração, bateu com os punhos atrás dos joelhos. A dor queimou e os joelhos se recusaram a obedecer. Ficaram zombando dele, inúteis e imóveis.

A água na banheira já estava fria. Tom ergueu uma perna dura e estendida, tentando alcançar a torneira de água quente com o dedão. Seu dedo raspou na corrente do ralo. As argolas de metal cromado tocaram sua pele molhada por um trigésimo de segundo. Conseguiu girar a torneira, mas não havia mais água quente. Percebeu que estava ficando com frio. Os joelhos estavam tomando a configuração de caixão. “Não fiquem muito acostumados, seus merdinhas. Vou providenciar para que vocês sejam cremados.”

A situação foi piorando a cada minuto que passava preso na banheira. Há cerca de um batimento cardíaco atrás, quando ainda tinha vinte e dois anos de idade, ele fora o campeão nacional australiano em provas de velocidade e o número dois no ranking. Depois disso, ganhou duas medalhas de prata, o que parecia tão recente que ainda era possível ouvir os ecos do Hino Nacional. Tom tinha vivido intensamente cada fração de segundo nas quatro décadas seguintes, mas estava agora deitado naquela banheira, surpreso ao se ver velho e aleijado de repente. Pelo visto a corda não se importa se você repara em cada flor no caminho até o cadafalso.

Tentou apoiar as mãos nas laterais da banheira e erguer o corpo até passar as nádegas por cima da borda, pensando em jogar as pernas para fora e cair de maneira razoavelmente controlada no tapete azul do banheiro, onde recuperaria o fôlego e se arrastaria pelo chão até o toalheiro, que usaria como apoio para se erguer. Cacete, pensou. Esse é atualmente o melhor cenário para mim, cair da banheira e aterrissar no chão desse banheiro moderno, nesse apartamento de dois quartos com janelas de vidros duplos e uma varanda com vista parcial para o canal, que faz parte de um projeto de bloco residencial, a dezoito mil quilômetros de onde eu nasci.

O frio começou a afetá-lo, e Tom ficou sem força nos braços para erguer o corpo. Pensou por um bom tempo no que fazer, mas não conseguiu formular nenhum plano. Agora o problema não era ficar a um décimo de segundo de distância do pódio. Era não conseguir sair da banheira. Lutou contra as lágrimas de frustração. Não chorava desde 1968, e não pretendia dar essa satisfação ao século XXI.

**Casa dos Lars, Deserto de sal Chott, Planeta Tatooine,
Território Outer Rim, Setor Arkanis, 43 mil anos-luz do Centro
Galáctico, Andar superior**

Sophie só não se sentia exausta quando era um cavaleiro Jedi. Deitava-se de barriga para baixo na cama em seu planeta natal, usando as roupas negras de Skywalker. Tinha o sabre de luz sempre à mão, e estava revendo uma filmagem de si mesma no iPad, esclarecendo algumas questões para C-3PO, um droid de protocolo.

— Bem — dizia—, se existe um centro luminoso no universo, você está no planeta mais distante dele.

Sophie movia os lábios enquanto se via falando na tela. Pela parede do quarto podia ouvir o pai cantando no banho. Pela janela ouvia crianças rindo e chamando umas às outras enquanto pedalavam pela rua. Abafou os barulhos pressionando os fones no ouvido com mais força. Esse fenômeno curioso, pelo qual os sons da Terra podiam ser ouvidos lá em Tatooine, distraíam muito. Devia ser algum tipo de efeito espaço-temporal causado pela gravidade dos dois sóis. Sophie usou seu treinamento Jedi para desviar o foco desses barulhos. O tempo e o espaço eram como aquelas rodinhas para aprender a andar de bicicleta — você fica bem limitado até ser capaz de seguir sem elas.

As paredes do quarto de Sophie estavam cobertas de pôsteres de *Guerra nas estrelas*. A luminária do teto tinha a forma da Estrela da Morte em construção. No chão, ao lado da cama, estava seu bem mais valioso, um modelo perfeito da nave de Han Solo, a *Millennium Falcon*. Tinha quase um metro de comprimento e era aberta, com o interior à mostra. Dava para ver os motores duplos Girodyne SRB42, o gerador de hiperdrive Isu-Sim SSP05 e o gerador de escudo defletor Novaldex. Algo que a preocupava era o fato de a nave não ter um banheiro. Tinha os canhões laser AG-2G da Corporação Corelliana de Engenharia, montados nos sentidos dorsal e ventral, além de uma rede complexa de compartimentos secretos para contrabando, mas não tinha onde ir para fazer xixi. Mesmo quando o tempo e espaço não significam nada, uma viagem através do universo dura tempo demais para segurar.

Da rua, dava para ouvir as crianças gritando cada vez mais. Do outro lado da parede, no banheiro, em outra galáxia, o pai de Sophie cantava “Over the Rainbow”.

Ela decidiu rever a trilogia, para investigar a questão mais a fundo. Viu *Uma nova esperança* e *O império contra-ataca*, adiantando os filmes na velocidade mais rápida e reduzindo sempre que aparecesse uma cena com a *Millennium Falcon*. Nada de banheiro.

Sophie já estava se sentindo mal, e ver as cenas em alta velocidade piorou seu estado. Sentiu cólicas estomacais e a saliva adquiriu um gosto metálico e doce. Ignorou esses incômodos e colocou *O retorno de Jedi*. Nesse a *Falcon* aparecia pouco, e logo veio a cena na Estrela da Morte em que Skywalker finalmente confronta Vader.

Diminuiu a velocidade, sentindo a energia que irradiava dos dedos do imperador.

— Sinta o poder do lado negro — dizia o imperador.

Sophie só se sentia doente.

— Luke — disse Vader —, eu sou seu pai.

No banheiro, seu pai cantava: “*Lemon drops, in some kind of lullaby with chimney pots...*”

Sua concentração oscilou. Estava ficando difícil manter distância da vida na Terra. Os gritos e as risadas das crianças vinham lá de fora. Ainda com os fones de ouvido, Sophie ficou de pé na cama para ver o que estava acontecendo. Pela janela viu Zoe chegando de bicicleta. As crianças a estavam seguindo em fila pela rua. Zoe ria, entrando na brincadeira, fazendo zigue-zague com a bicicleta e conduzindo as crianças para um lado e para outro.

Do outro lado da parede, vinha a voz de seu pai: “*If jolly little rainbows fly above the bluebirds, why precisely, can't I do that kind of stuff too?*”

— Observe suas emoções — dizia Vader. — Você sabe que é verdade.

Sophie viu Zoe parar na frente de sua casa. Agora que estava de pé, o enjoo tinha piorado. Sentiu a bile subindo e respirou com força, tentando resistir.

— Nããão! — gritou Luke nos fones de ouvido.

No andar de baixo, a campainha tocou e a porta da frente se abriu.

O vômito tentou subir de novo. Sua concentração tinha sido quebrada. Ela tirou os fones de ouvido e voltou a ser Sophie, sem força alguma, em seu quarto no segundo andar, na Terra. Correu até a porta e parou, suando e passando o peso de um pé para o outro. Seu pai estava no banheiro — não podia vomitar lá. E sua mãe e Zoe estavam no andar de baixo, então não dava para correr e usar o banheiro sob as escadas. Cobriu a boca com as mãos, enquanto o enjoo vinha em ondas cada vez mais fortes. Olhou em volta, em pânico, atrás de algo no qual pudesse vomitar. A cesta de lixo era de vime. O porta-lápis era pequeno demais. Subiu na cama e tentou desatarraxar a luminária da Estrela da Morte, mas ela era muito pequena para conseguir alcançá-la, e o vômito estava muito próximo agora, e não podia fazer nada para segurar.

Desceu da cama, ajoelhou-se no chão e vomitou na *Millennium Falcon*. O vômito quente inundou os compartimentos de contrabando. Causou um curto-circuito no conversor de energia Koensayr TLB, e subiu até a cintura dos bonecos de Skywalker, Kenobi, Solo e Chewbacca. Eles não disseram nada, só encararam Sophie com nojo. Quando terminou, estava tão cansada que mal conseguiu limpar o comprido filete de muco pendurado em sua boca.

Sua cabeça latejava. Não sabia o que fazer. Zoe e a mãe dela conversavam no andar de baixo. Ouviu as vozes ficando cada vez mais altas.

— Só vou ver se ela está bem para sair — disse a mãe.

O coração de Sophie pesou. Agarrou a parte de cima da *Millennium Falcon*, prendeu na base e enfiou o modelo embaixo da cama. O vômito balançou dentro da nave, mas ficou contido. Pulou de volta na cama, se cobriu e colocou os fones de ouvido outra vez.

— Não vou lutar com você, pai — dizia Luke.

Sua mãe abriu a porta. Sorrindo, olhou para Sophie.

— Como você está se sentindo, querida?

Sophie ergueu os olhos da tela. Deu de ombros.

— Estou bem.

— Precisa de um abraço?

Sophie balançou a cabeça. Não podia deixar sua mãe entrar no quarto e sentir o cheiro do vômito. Ela percebeu que a mãe ficou magoada. O que era um bom sinal. Mágoa era melhor que preocupação.

Apontou para a tela.

— Essa parte é importante.

A mãe assentiu.

— Está certo. Eu só vim para ver se você estava bem. Zoe quer que eu vá até a casa de Tom com ela.

Sophie deu de ombros e continuou olhando para a tela.

— Olha — disse sua mãe —, posso não ir com Zoe, se você precisar de mim.

Sophie balançou a cabeça de novo.

— Estou bem. Vou ficar vendo o filme.

A mãe suspirou.

— Então tudo bem. Seu pai está no banheiro, se precisar dele.

A ânsia de vômito estava voltando. Cerrou os punhos por baixo da coberta, e disse:

— Vá *logo*, está bom? Você está me fazendo perder a melhor parte.

Kate a encarou por um instante, antes de sair do quarto e fechar a porta. Sophie desceu da cama, tirou a parte de cima da *Millennium Falcon* e vomitou de novo. O vômito subiu até o peito de Skywalker. Sophie se ajoelhou no chão, arfando.

Lembrar da expressão da mãe a deixou com vontade de chorar. Colocou os fones de ouvido de volta.

— Se você não vai se unir ao lado negro, será destruído! — disse o Imperador Galáctico.

Sophie desligou o DVD.

A porta da frente da casa bateu, e ela ouviu Zoe e Kate na rua prendendo os pés nos pedais das bicicletas.

— Ela está bem? — perguntou Zoe.

— Ela tem passado os últimos dias num mundo à parte — respondeu a mãe. — Parece que não quer ter contato comigo.

As vozes diminuíram conforme as duas seguiram pedalando pela rua.

Sophie ficou de joelhos, com os braços cruzados sobre o estômago. Olhou para Chewbacca, que estava com vômito até a altura das axilas, e a encarava de maneira acusadora.

Se não estivesse tão mal, teria rido. Podia até ouvir o grunhido lamentoso do Wookiee.

Banheiro, Apartamento 12, The Waterfront, Sport City, Manchester

Tom tentou de novo, mas não conseguiu sair da banheira. Precisava de calor para conseguir fazer força, e precisava de força para sair e conseguir calor. Era como uma versão cretina do *Ardil-22*, em

que você ficava preso numa banheira em vez de um esquadrão de bombardeio. Era terrivelmente realista, e além disso Zoe ia aparecer em cinco minutos. Podiam falar o que quisessem sobre essa garota, mas ela nunca se atrasava. Por ser uma mulher que ganha a vida chegando frações de segundos à frente das pessoas mais rápidas do mundo, Zoe parecia ver a pontualidade como algo menos desafiante do que a maior parte das pessoas comuns.

Ergueu-se de novo na banheira, usando toda a sua força. Um músculo gelado rompeu em seu ombro, e Tom caiu de volta na água.

— Ah, seus pequenos filhos da puta traiçoeiros — praguejou contra o grupo muscular deltoide do lado esquerdo.

Tom estremeceu, massageou o ombro e pensou na situação. Uma análise rápida o levou à conclusão de que a melhor das hipóteses seria uma morte por hipotermia, rápida e indolor, antes de Zoe chegar.

A campainha tocou. Tom suspirou, pegou o telefone e ligou para Zoe. Ela atendeu no segundo toque.

— Escute — disse—,é melhor eu ser franco a respeito da minha situação. Estou preso na banheira. Meus joelhos travaram.

— Merda. Quer dizer, tudo bem. Alguém tem a chave?

— Meu Deus, Zo, não. Para quem eu daria a chave?

— Não sei.

— Não, não sabe, e isso é porque você não tem nenhuma curiosidade sobre a vida das outras pessoas. Já Kate, por outro lado...

— Ela está aqui comigo.

— O quê?

— Pensei que trazendo ela junto, você não me daria uma bronca tão grande. Quer que a gente derrube a porta?

— Merda, não sei. Vocês conseguem?

— Espere um pouco...

Ele ouviu um ruído, seguido pelo som da porta da frente batendo com força na parede.

— ...sim — disse Zoe. — E esse vai ser o único exercício que você vai mandar a gente fazer hoje.

— Esperem aí — disse Tom. — Não entrem ainda.

A única coisa que conseguia alcançar era o frasco de espuma para banho. Jogou um terço do conteúdo na banheira e misturou na água até espumar, para elas não verem seu corpo ossudo com a pele solta pendendo dos músculos esgotados, nem seu pau se escondendo do frio.

Em seguida forçou-se a relaxar. Aquela era apenas uma situação ruim, nada mais. Podia pedir para elas entregarem uma toalha, ou algo do tipo. Iriam encontrar uma forma de preservar a dignidade de todos os envolvidos enquanto as garotas o ajudavam a sair da banheira. Era só um daqueles momentos infelizes na vida, não muito diferente de ter que ir a um jantar social. Não era necessário gostar da experiência para sobreviver a ela.

Conseguiriam superar a situação toda, ele e as garotas, e depois, ao se lembrarem da cena enquanto tomavam café, acabariam rindo. Não era como se ele estivesse pedindo para limparem seu cu nem nada. Aliás, era exatamente isso que diria para resolver a situação.

— É melhor vocês entrarem! — gritou.

Escutou passos no corredor e ficou olhando para a porta do banheiro, preparando o sorriso

torto que iria usar quando elas entrassem. Mas, nesse momento, do outro lado do banheiro, viu sua dentadura parcial mergulhada em sete centímetros de Listerine, no copo ao lado da pia; os seis dentes superiores da frente, moldados com acrílico e manchados progressivamente no decorrer dos anos para combinarem com os dentes reais. Seu estômago embrulhou. Passou a língua pela boca até encontrar a concavidade, com os pinos duplos de aço cirúrgico que prendiam a peça. Não sabia no que estava pensando — talvez que seus dentes pudessem estar em dois lugares ao mesmo tempo, simultaneamente no copo e dentro de sua boca. Conjurou uma imagem mental dos dentes da frente espalhados como sementes brancas nas tábuas de uma pista de velódromo. Mas, céus, não queria se lembrar daquilo.

A visão dos dentes falsos no vidro lhe proporcionou uma força desesperada, e ele tentou se erguer de novo apoiado nas laterais da banheira. Dessa vez conseguiu passar da borda. Caiu no chão como um pedaço de carne fresca e se arrastou até a pia, correndo contra os passos das garotas que vinham pelo corredor. O buraco entre os dentes era uma nudez pior que a falta de roupas. Acelerou o ritmo, arrastando as pernas inúteis pelos azulejos, e sentiu cada décimo de segundo cortando seu corpo.

Ouviu a porta do banheiro se abrir justo no instante em que sua mão alcançou a dentadura. Agarrou a peça e tentou enfiá-la na boca, mas as mãos congeladas se atrapalharam e a dentadura caiu. Quicou na beira da pia e girou pelo ar. Afundou, com o barulho discreto de um mergulho quase perfeito, no vaso sanitário.

— Ah, vai se *foder*, vida.

Kate e Zoe o encontraram caído no chão, com um rastro de água da banheira até os pés, a pele enrugada pela longa imersão e arrepiada por causa do frio, virando seu pescoço para encará-las sem nada além de um sorriso desdentado.

— Vocês deviam ver o estado do outro cara — brincou. Foi o melhor que pôde fazer, dadas as circunstâncias.

Zoe cobriu a mão com a boca, numa reação entre choque e riso. Kate piscou os olhos, observando-o por cima do ombro de Zoe.

Tom suspirou.

— Bem, não fiquem aí paradas, cacete, admirando o meu traje de nascimento.

Zoe pegou o roupão no gancho de trás da porta para cobrir Tom. Ajoelhou-se ao lado do treinador e segurou sua mão. Passou os olhos pelo cômodo, procurando uma explicação para o que tinha acontecido.

— Joelhos completamente travados — disse ele —, dificuldades para sair do túmulo aquático.

— Quer que eu chame uma ambulância?

Ele fez uma careta.

— Chame o veterinário. Peça para ele me sacrificar.

Deu para ver que as garotas estavam abaladas. Ele era um ponto fixo em suas vidas, e Deus sabia o quanto elas precisavam de pontos fixos. Era melhor voltar a ser um, mas estava tremendo tanto que suas pernas batiam nos azulejos. Ele estava se debatendo como um peixe fora d'água.

— Vamos relaxar — disse. Sua boca era John Wayne, mas seu corpo era o golfinho Flipper.

— Posso pegar uns cobertores, ou algo assim? — perguntou Kate.

Ele acenou com desdém. A partir de certa idade as gentilezas viram uma espécie de moscas invisíveis, que precisam ser afastadas.

— O que podemos fazer? — perguntou Zoe.

— Você, querida, pode vender o seu apartamento de luxo. Não lhe faz bem. Mude-se para o meu quarto de hóspedes. Vou preparar três refeições por dia e impedi-la de aprontar.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Foi para dizer isso que você me chamou aqui?

— É, foi. Agora pode ir.

— A gente consegue levantar você? — perguntou Kate.

— Catherine, minha querida, eu peso sessenta e cinco quilos. Vocês poderiam fazer supino comigo.

Kate riu.

— Quer vestir umas roupas antes?

— Talvez. Se você treinar duro.

Ela deu um soco de brincadeira nele.

— Você é um imbecil, sabia? Eu achei que você tinha sofrido um ataque cardíaco ou algo pior. Fiquei preocupada.

— Vocês, crianças, se preocupam demais. Quando eu tinha a idade de vocês, ainda não tinham inventado a preocupação.

Zoe apertou a mão dele.

— Você está *congelado* — disse, observando-o. Tom retribuiu o olhar, e ficou espantado ao ver que a garota realmente se importava com ele. Sentiu os olhos se encherem de lágrimas, mas repeliu-as.

Tossiu, e olhou para o lado.

— Vamos me por de pé então, que tal?

As duas o ajudaram a se levantar e a chegar até a cadeira na sala, ao lado da lareira elétrica. Zoe pegou o edredom da cama, cobriu Tom e ligou a lareira.

— Ah, maldito glamour — disse ele.

Os tremores ficaram mais intensos. O frio o tinha afetado mais do que pensava. Segurou com a palma das mãos a xícara de chá que Kate trouxera, tentando não tremer e derrubar tudo.

Tentou dominar a situação.

— Ok, garotas — começou. — Farei um discurso diferente do que eu estava planejando. Nós temos dezoito semanas e um dia até as primeiras provas em Londres. Cada minuto conta, e olhem para mim. Eu sou o treinador mais experiente no negócio, e essa é a última vez que vocês irão para as Olimpíadas. Preciso aconselhar, como técnico de vocês, que talvez seja uma boa pensarem em trabalhar com um cara que tenha joelhos.

Observou seus rostos para ver as reações. Mas elas não olharam para Tom, e sim trocaram um olhar entre si. Algo se passou entre Zoe e Kate antes de voltarem a atenção para ele, com a decisão tomada.

— Não — disse Kate. — Você é o nosso treinador. Quem mais aguentaria a gente?

Zoe assentiu. Tinha a expressão tranquila.

— Não fale mais nisso. Por favor.

Tom engoliu.

— Vocês são duas idiotas.

Andou com dor até a cozinha e fez algo que não fazia desde 1968, no México. Permitiu que exatamente duas lágrimas escorressem por suas bochechas. Em seguida tossiu, limpou o rosto e voltou para a sala de estar.

— Vou levar vocês duas para as Olimpíadas — afirmou. — Isso é uma promessa.
— Sim, ok — disse Zoe —, mas o que aconteceu com os seus *dentes*?
— Pergunte de novo e vai ter que recolher os seus do chão.
Kate riu.
— Não, falando sério.
— É sério — respondeu Tom—, uma boa garota como você não quer saber como perdi os meus dentes.

* * *

Quando saíram do apartamento, Kate arriscou um palpite:

— Ele deve ter batido em algum lugar.
Zoe balançou a cabeça.
— Eu acho que ele deve ter tirado os dentes para conseguir pagar boquetes melhores.
Kate se encolheu.
— Você precisa de ajuda.
Zoe ergueu o dedo do meio.
— *Você* precisa de mais velocidade na reta final.
— Sou mais rápida que você.
— Não é.
— Sou muito mais rápida — disse Kate. — Quando a deixo ganhar, às vezes, no treino, estou só confundindo a sua cabeça.
Zoe respondeu com um olhar sombrio.
— Quando deixo você mexer com a minha cabeça, às vezes, no treino, estou só ganhando.
As bicicletas estavam acorrentadas numa grade do lado de fora do prédio de Tom. Tinha escurecido, e a garoa estava um pouco mais fria. Elas soltaram as correntes, limparam a chuva do selim e acenderam as luzes da frente e de trás. Kate colocou um capacete e um colete amarelo reflexivo. Zoe não se dava o trabalho de usar esse tipo de equipamento.
Kate ergueu os olhos, e Zoe abriu um sorriso.
— O que foi? — perguntou Kate.
— Aposto que ganho uma corrida até o meu apartamento novo.
— Aquele palácio no céu? Seu Xanadu nas alturas?
— Vai, pode tirar sarro. Se você tivesse esse rostinho também estaria morando lá.
— Não sou como você. Não preciso de autoafirmação.
— Meu Deus! — exclamou Zoe. — Se você não fosse uma ciclista profissional seria uma daquelas colunistas gordinhas, que ficam julgando as outras pessoas.
— Se você não fosse uma ciclista profissional, estaria tentando resolver seus problemas de autoestima fazendo filmes pornográficos, sendo comida por caras que têm tatuagens nas panturrilhas.
Zoe jogou a cabeça para trás e deu aquela risada alegre e despreocupada que só usava quando uma piada a assustava, mas quando olhou de volta para Kate sua expressão estava calma.
— Pois é, mas somos ciclistas, então vamos competir.
Kate não podia dizer não. Tinha se excedido e agora precisava dar algo em troca.

— Ok — concordou —, se você quer tanto.

— Ah! — exclamou Zoe, torcendo os dedões de entusiasmo e balançando as mãos ao lado do corpo como uma galinha tentando voar.

Kate sentiu a tensão liberada e teve que rir — Zoe realmente amava competir. As coisas sobre as quais elas não conseguiam falar a respeito ficavam mais intoleráveis durante o dia. Pelo menos podiam resolvê-las com as bicicletas. Era mais perigoso que brigar, porém mais seguro que conversar.

— Vamos lá — disse Kate.

— Você sabe o caminho, não é?

— Sei, sei. Dê logo a chave do seu apartamento.

— Por quê?

— Bem, vou chegar antes, não vou? Assim posso subir e pôr a água para ferver, e você vai ter uma bela xícara de chá esperando-a.

— Poupe suas energias para a bicicleta.

As duas cliparam os pés nos pedais e saíram pedalando pela garoa fria, com faixas de luz vermelha saindo dos faróis traseiros. Por acordo implícito, pegaram leve nos primeiros dois minutos, mantendo uma distância pequena entre si enquanto desviavam do trânsito lento que ia em direção ao centro da cidade. Então, quando passaram pelo City of Manchester Stadium, trocaram um olhar, assentiram e aumentaram o ritmo. Tinham o estilo suave e ondulante de ciclistas que não fazem distinção entre a estrutura dos seus esqueletos e a da sua bicicleta. Aceleraram até alcançar a velocidade de corrida.

Percorreram cerca de um quilômetro e meio em corrida livre, indo no sentido oeste pela Ashton New Road em direção ao centro da cidade, e, embora a rua tivesse só duas pistas, a linha entre ambas era bastante grossa. Elas correram em cima da linha, lado a lado, uma diminuindo um pouco para pegar o vácuo da outra antes de acelerar em uma ultrapassagem. Tiveram que desviar para o canto da pista duas vezes, evitando motocicletas vindo no sentido contrário. Zoe acertou um espelho retrovisor, ouviram uma buzina forte e ela gritou de entusiasmo.

Correr na rua era o que deixava Zoe mais feliz. Era sujo e rápido, e tudo o que aparecia na sua frente queria matar você. Os motoristas eram distraídos e lentos, ou então alertas e irritadiços, e os dois tipos podiam fazer uma manobra repentina e acertá-la. As linhas brancas sobre as quais corriam ficavam escorregadias na chuva, mais ainda quando algum combustível tinha vazado, e havia os pedaços de vidro de para-brisas quebrados que podiam estourar um pneu e jogar o ciclista no meio do trânsito. Caso caísse, a única chance era rolar como uma ginasta e torcer para acertar o meio-fio antes de ser atingida por um carro. A chuva caía em seus olhos e transformava os faróis dos carros mais próximos num borrão brilhante, e em meio a esse caos ainda havia a corrida contra outro ser humano em sua melhor forma, e tudo isso acelerava os batimentos cardíacos ao máximo e os sentidos eram tomados por adrenalina.

Foram mais rápido. Zoe sorria contra o vento. Era pura corrida. Não era uma disputa por prêmio nem glória, e não haveria reconhecimento nem fama. Ela podia pedalar para um lugar além de si mesma. Era isso que amava. Quando corria assim, não conseguia pensar na própria vida. Estava com toda a atenção voltada para não cometer o menor erro sequer. Dava para pedalar tão rápido que a velocidade alimentava mais velocidade, as rodas começavam a rugir no escuro e o coração batia tão rápido que dava a impressão que uma batida a mais por minuto seria fatal... e de repente ouviu o som próximo de uma moto, e ao olhar por cima do ombro viu a claridade forte da

luz do farol do veículo logo atrás, e de alguma forma conseguiu acelerar ainda mais. Os faróis passavam como raios laser. Ela se inclinava, costurava e acelerava. Pedalar rápido assim na rua era a única coisa na vida de Zoe que a fazia se sentir no controle. Era o único momento em que podia passar por um outdoor com sete metros de altura do seu próprio rosto e perceber apenas a luminosidade que o painel fornecia à rua.

Kate e Zoe alteravam a liderança na faixa central, que ia se estreitando. Uma conquistava a primeira posição e era logo ultrapassada pela outra. Corriam na mesma velocidade. Depois de quase um quilômetro, com os pulmões queimando, nenhuma das duas conseguiu ganhar distância. A faixa central estava ficando estreita demais para pedalarem lado a lado em segurança, e chegaram a bater os ombros duas vezes, tornando-se necessário segurar o guidão com força para não entrarem na frente dos carros.

Duzentos metros à frente um sinal demarcava o cruzamento onde deviam pegar a esquerda e seguir na direção da Great Ancoats Street. A luz estava verde.

Kate olhou para o trecho da rua na sua frente e avaliou o ponto em que o sinal poderia ficar amarelo e ainda daria para seguir em frente, em vez de parar. Sem sinalizar nada com o corpo, deu um impulso rápido de repente e abriu uma distância de cinco bicicletas em relação a Zoe. Essa era uma jogada de poder numa corrida de rua: ir além da sua capacidade por alguns segundos, muito além do seu limite aeróbico, conquistando uma boa distância em relação ao rival para apostar na chance que havia de o sinal fechar para ele depois de deixar você passar. O risco era o sinal não mudar, pois nesse caso o rival o ultrapassaria enquanto você sufocava no déficit de oxigênio que resultou da tática.

Kate assumiu o risco, contorcendo o rosto quando a dor no corpo começou a aumentar. Queria muito ganhar. Vencer Zoe agora, mesmo numa corrida de brincadeira como essa, plantaria uma associação negativa na cabeça de Zoe da próxima vez que se vissem lado a lado numa corrida séria. Deu mais impulso. Nessa intensidade, um único segundo parecia insuportável, e vinte, inimagináveis. Num esforço, Kate se obrigou a visualizar Sophie. Era assim que conseguia lidar com o sofrimento. Pensava: *Se eu ganhar essa corrida, Sophie vai melhorar*. Não tinha lógica alguma na coisa, mas um cérebro a mais de cento e sessenta batimentos cardíacos por minuto não dispunha de muita lógica. Manteve o esforço pela rua escura e visualizou Sophie à sua frente, e aumentou ainda mais a velocidade.

Zoe conhecia bem a armadilha do sinal, e tinha imaginado que Kate tentaria usá-la. Aumentou seu foco e pedalou com mais força, sem permitir que a oponente aumentasse a vantagem. Olhou para a rua, e agora estava avaliando até que ponto uma luz amarela a faria parar. Seus músculos estavam em agonia, mas não admitiu a dor. Os pneus derraparam e escorregaram com a aplicação da força lateral quando ela impulsionou tão forte a bicicleta para a frente que a estrutura começou a fazer barulho.

Kate estava operando no limite. Assim que a dor nos seus músculos e pulmões alcançaram um nível insuportável, o sinal ficou amarelo. Ainda estava a quinze metros do lugar que tinha delimitado como ponto limite de retorno. Foi tomada pelo alívio: podia frear. Arriscou uma olhada rápida para trás, tentando ver se Zoe também tinha tomado essa decisão. Não tinha. Zoe estava a toda velocidade, os olhos vidrados, balançando de um lado para o outro num transe de esforço, e Kate teve a impressão de que ela nem a viu olhando para trás.

Kate hesitou. Estava sendo cautelosa demais? Estava a apenas cinco metros do ponto de onde não podia retornar, a luz ainda estava amarela, e ela tinha uma boa chance de conseguir fazer a curva

à esquerda assim que o sinal acabasse de ficar vermelho. Deu uma olhada rápida para a direita, do outro lado do cruzamento, onde o trânsito esperava o último segundo de sinal vermelho chegar ao fim. Havia duas pistas. Um Volvo preto ao lado de uma BMW azul lideravam a fila. Viu uma motocicleta ao lado da fila de carros. Kate observou os carros refletindo a luz amarelada vinda do sinal. Pareciam normais. Nenhum dava a impressão de conter um motorista psicótico. Era pouco provável que partissem cantando pneu quando o sinal se tornasse verde.

Kate deu duas pedaladas firmes, mas hesitou de novo. Pensou em Sophie. De repente sua situação pareceu tão bem-demarcada quanto a faixa de *pare* na pista. Ela era mãe de uma criança pequena. Estaria mesmo considerando os riscos envolvidos em passar a toda velocidade por um cruzamento prestes a ser tomado pelo trânsito? Pensou no rosto de Sophie, e os olhos de sua filha fizeram uma ligação tão forte com seus tendões e a musculatura do antebraço que, sem nem pensar no que fazia, freou com tanta força que as rodas quase travaram.

Quando o sinal ficou amarelo, Zoe percebeu a hesitação de Kate e aumentou o ritmo instintivamente. Estava a trinta metros do próprio ponto limite de retorno, mas não era nisso que estava pensando. Pensava em Adam. Aqui, em seu limite físico, sentiu o falecido irmão observando-a com o mesmo olhar que tinha visto mais cedo, no rosto de Sophie. Aquela fenda no tempo apareceu de novo, partindo do ponto de origem dos irmãos e crescendo cada vez mais, acompanhando Zoe independente do quanto ela tentasse ultrapassá-la.

Quando Kate diminuiu a velocidade, Zoe desviou e passou direto por ela. Passou como um raio pela faixa de *pare* e furou o sinal vermelho a quase trinta e oito quilômetros por hora, inclinando-se muito para fazer a curva à esquerda. As rodas estavam guinchando no chão molhado, bem no limite da aderência.

Área isolada de trinta metros ao lado da pista de Great Ancoats Street, no cruzamento com a Ashton New Road, em Manchester

O motorista da BMW azul disse ao policial encarregado do caso que não teve espaço para desviar. Estava atravessando o cruzamento a uns vinte e poucos quilômetros por hora quando Zoe apareceu, poucos centímetros à frente do seu para-choque. Teve menos de um segundo para reagir. À sua esquerda havia um Volvo preto, e uma motocicleta à direita. Conseguiu pisar no pedal de freio, mas mesmo assim atingiu a roda traseira de Zoe. Sentiu algo passar por baixo dos pneus e ficou muito abalado, pensando que só podia ter sido a ciclista.

— Não sei o que dizer — explicou para o policial.

O policial responsável tinha um formulário de acidentes na prancheta, com uma caneta esferográfica presa por um fio.

— Você pode dizer que ela entrou na sua zona de freio — respondeu. — Assim vai ficar claro para sua seguradora.

Avaliando a cena, e a julgar pelas marcas no asfalto e pelo detrito de placas e lanternas quebradas, o policial ficou inclinado a endossar o relato do motorista. A ciclista tinha saído voando da bicicleta e rolado pela pista, provavelmente passando a poucos centímetros de distância da moto, antes de ser parada por um poste iluminado no pequeno círculo de asfalto no meio do cruzamento. A mulher teve sorte de sair andando, com pouco mais do que alguns cortes e hematomas.

A bicicleta — como constava no formulário — não tivera tanta sorte. O policial colocou seus

destroços no porta-malas da viatura, com a estrutura quebrada e os aros retorcidos. Tinha sido atropelada por pelo menos três veículos. A ciclista, no momento, estava sentada, enrolada num cobertor térmico prateado e tremendo bastante na traseira da ambulância que atendeu ao chamado, enquanto sua amiga a confortava.

O policial descreveu os fatos do acidente no formulário da sua prancheta e, quando chegou no campo final, RESUMO, não achou que seria necessário elaborar muito. Bastava relatar que a pessoa ferida tinha entrado na frente dos veículos em trânsito, enquanto sua amiga usara os freios. É assim que o mundo funciona. Há dois tipos de pessoas quando o sinal fica vermelho. Uma que acelera, outra que freia. Era Adão e Eva, Abel e Caim. Não havia sentido em pensar muito no assunto. Não com esse salário, em todo caso.

A caneta ficou parada algum tempo em cima do campo OUTROS COMENTÁRIOS, mas nenhuma palavra foi escrita. O policial apertou o botão que retraía a caneta, deu de ombros e encolheu o corpo quando uma gota fria de chuva pingou do quepe policial entre seu pescoço e a jaqueta reflexiva. Ficou pensando no que havia de errado na vida dessa mulher que não a fazia frear como qualquer pessoa normal.

Interior da ambulância modelo Iveco Daily 40C15, unidade 72, Serviço ambulatorial de North West

A chuva batia na janela de trás quando o paramédico ergueu o encosto da maca para deixar Zoe mais confortável. A padiola tinha um painel de informações indicando que suportava pacientes com até quatrocentos quilos.

— É o peso de uma búfalo fêmea adulta — comentou o paramédico, tentando tirar o foco da conversa do fato de que a vítima tinha entrado de propósito na frente de um carro em movimento.

Kate sorriu e olhou para Zoe, mas ela virou o rosto e fez cara feia para a chuva.

Kate preencheu o silêncio.

— Vocês costumam atender muitos búfalos?

— A gente atende senhoras que gostam muito de donuts. Temos até um guindaste para colocá-las na maca. Nós o chamamos de Transportador de Glicose.

Kate riu, mas Zoe continuou distante. Kate segurou as mãos dela enquanto o paramédico usou pinças para tirar os detritos de um corte fundo no antebraço. Ela não esperava que Zoe reagisse à dor, e estava certa. Se prestasse muita atenção, podia sentir um movimento muito leve nos dedos da amiga cada vez que as pinças entravam em sua pele.

— Quer olhar para mim? — perguntou Kate, suavemente.

Zoe continuou olhando pela janela de trás.

— Olhe para mim!

Zoe se voltou e a encarou, exasperada. O paramédico interrompeu o trabalho até que ela ficasse parada. Em seguida continuou, os pedaços de detrito que tirava do braço de Zoe faziam barulho quando caíam no disco cirúrgico metálico. A ambulância seguiu na velocidade do trânsito, as sirenes apenas piscando.

— Por que você fez isso? — perguntou Kate.

— Eu queria ganhar.

— Você podia ter morrido.

— Eu não estava pensando.

— Bem, não. Isso é óbvio.

Zoe contorceu o rosto de irritação.

— Você por acaso é minha mãe?

— Convivi com você mais tempo que ela.

Zoe voltou a olhar pela janela.

— É, mas se eu tivesse acabado debaixo daquele carro, teria facilitado as coisas para você.

Kate estendeu a mão e puxou o rosto de Zoe.

— Olhe para mim. Se você tivesse acabado debaixo daquele carro, eu também teria morrido.

O paramédico fez outra pausa e o leve som de detritos caindo no metal parou.

— Não vejo por quê. Você tem coisas pelas quais viver. Você tem tudo — disse Zoe.

— Nem tudo.

Zoe ficou irritada.

— Pelo amor de deus, Kate, é um pedaço de metal amarelo pendurado numa corda vermelha brilhante.

— É fácil falar assim quando você tem um.

— Você acha?

— Quer saber? — respondeu Kate. — Eu nem me importo. Desde que a gente chegue naquela final em Londres e suba juntas ao pódio, não ligo para qual de nós duas vai ganhar o ouro.

— Eu também não — concordou Zoe. — Desde que seja eu.

Kate sorriu e balançou a cabeça.

— Honestamente, Zo, o que é que a gente vai fazer com você?

— Eu estou bem.

— Mesmo? Estou preocupada. Você parece um pouco fora de controle.

— A pista estava molhada, Kate. Às vezes a gente bate e acaba sangrando. As garotas que não conseguiam lidar com os estragos saíram do jogo há anos.

Kate suspirou.

— Não estou falando de batidas. Estou falando de estrago de verdade.

Zoe desviou o olhar, e Kate apertou as mãos dela.

— A gente não precisa ficar o tempo todo se desafiando, não é? Vamos dar uma trégua. Podemos falar sobre o que a está incomodando.

— Não há nada *me incomodando*. — Zoe puxou as mãos para fazer aspas no ar quando repetiu as palavras.

Kate hesitou, e segurou de novo as mãos da amiga.

— É o Adam, não é?

Zoe lançou um olhar agudo.

— Não.

— É sim, não é? Eu conheço você. Quando fica assim, é porque está pensando nele.

Zoe a encarou com firmeza.

— Eu estou pensando em homens e compras.

O paramédico retomou o trabalho em silêncio, e a ambulância seguiu pelo trânsito lento nas ruas molhadas.

Kate não sabia lidar com a amiga quando ela ficava assim. Se fechasse os olhos conseguia imaginar que estava conversando com uma bêbada num ponto de ônibus — uma daquelas mulheres

com os olhos inchados que alternam entre o estado moroso e o amargo, estreitando os olhos para se proteger da fumaça do próprio cigarro enquanto os dedos fiam uma corda de opressões imaginárias vindas do ar, como se construíssem uma mortalha. Mas quando Zoe estava nesse estado de espírito o fazia por trás daqueles olhos verdes alertas, no rosto perfeito de pele impecável, marcado pelo brilho da saúde olímpica. A incongruência era chocante, como levar um soco na cara de um Ursinho Carinhoso.

— Quer ir para a minha casa depois do hospital? — perguntou Kate. — Comer alguma coisa com a gente?

— Não estou com fome — disse Zoe, como se isso respondesse à pergunta.

Kate precisou fazer um esforço para se lembrar que Zoe não era sempre assim, e que quando ficava desse jeito ela pedia desculpas depois. Ao menos se importava o suficiente para tentar explicar. Foi assim que Kate ficou sabendo sobre Adam. Anos atrás, muito antes de Atenas, Zoe estava num desses estados de humor e tinha feito algo tão cruelmente pessoal que fez até com que Kate perdesse uma corrida do Campeonato Nacional. Nas semanas seguintes, Zoe foi dominada pelo remorso. Foi essa a impressão que Kate teve — que a amiga tinha acendido uma luz pálida e ansiosa para tentar expurgar as sombras lançadas por seu comportamento. Ela convidou Kate para almoçar — implorou para que ela fosse — e as duas se encontraram num dos melhores restaurantes da cidade, The Lincoln. Kate não ganhava o suficiente para frequentar um lugar daquele e duvidava que Zoe ganhasse.

No salão de piso de mármore de Carrara do restaurante, um hipster com barba de três dias vestindo um terno de linho e sapatos sem meias tocava Debussy. Zoe parecia à vontade no ambiente, usando calça jeans e uma regata cinza larga e simples, atraindo olhares discretos mesmo assim. Kate se inclinou sobre o menu e não conseguiu achar um único item que não parecesse ter sido concebido especialmente para piorar sua proporção força-peso numa bicicleta.

Estava furiosa consigo mesma por ter aceitado esse convite para uma reconciliação, que estava parecendo cada vez mais com uma tentativa de humilhá-la.

Ergueu o olhar miserável, e viu que Zoe a encarava com uma expressão de pânico.

— Merda — disse Zoe —, isso não está ajudando em nada, não é?

— Ah, não, esse lugar é ótimo — respondeu Kate. — É bem legal mesmo.

Zoe ergueu a mão.

— Espere — disse —, posso consertar isso.

Ficou de pé, andou até o pianista e sentou-se com leveza ao seu lado, no banquinho do piano. Os *Prelúdios* oscilaram durante o instante em que ela sussurrou algo em seu ouvido, e se estabilizaram com um toque de *allegrezza*. Kate viu o sorriso do pianista enquanto Zoe voltava para a mesa.

— Pronto — disse.

— O que você falou para ele?

Zoe acenou com desdém e assoprou uma mecha de cabelo que estava caindo no rosto.

— Disse que se ele conseguisse fazer você sorrir eu daria meu telefone para ele.

Kate sentiu uma onda de raiva.

— Não tem graça.

— Eu sei, desculpe-me. Eu vacilei com você, Kate, e não sei como consertar isso.

Enquanto Kate olhava nos olhos de Zoe, tentando discernir se ela estava sendo sincera, o pianista passou sem esforço para a música de Britney Spears “Oops!... I Did It Again”, num arranjo

totalmente sóbrio, mantendo a expressão séria.

Kate não conseguiu deixar de sorrir.

— Não sei para onde a minha cabeça vai — disse Zoe. — Eu quero tanto ganhar, que esqueço que você é *voce*. Que somos amigas.

Kate sentiu a raiva se dissolvendo nas bolhas da água mineral e nos floreios impressionistas que o pianista estava usando para adaptar ao estilo antigo a obra-prima de Britney.

— Bem — disse —, só não se esqueça de novo. Escreva na porra da mão ou alguma coisa assim.

Zoe mordeu o lábio.

— Eu sei que tenho um problema com relacionamentos. Eu contei para você... eu digo para todo mundo que sou filha única, mas a verdade é que perdi meu irmão aos dez anos, então... sabe como é. A velha história de sempre. As pessoas se aproximam de mim e eu as afasto. Desculpe.

— Meu Deus, não, *eu* é que peço desculpas. Ah, Zoe, você devia ter dito alguma coisa.

Zoe ergueu os olhos. Estava prestes a chorar, mas o pianista começou a tocar “Danger Zone”, de Kenny Loggins, e ela riu.

— Não é o tipo de coisa que saímos dizendo por aí, não é? Nunca contei para ninguém.

— Em Manchester?

— Ou em qualquer outro planeta.

— Tom sabe?

Zoe franziu o cenho.

— Não é uma questão de performance.

— Ainda assim, acho que é o tipo de coisa que você devia contar para ele.

— Acho... que é o tipo de coisa que eu devia contar para a minha melhor amiga.

Zoe aguardou a reação de Kate. Antes que ela conseguisse pensar no que dizer, um garçom chegou e colocou pratos cobertos com tampas de prata na frente delas. Tirou as tampas, fez uma meia-reverência e saiu. Em cada prato havia cento e cinquenta gramas de arroz integral cozido no vapor, sessenta gramas de uva passa, cem gramas de atum em salmoura e trinta gramas de uma barrinha de proteínas e carboidratos feita de alfarroba.

Kate piscou, incrédula.

Zoe sorriu.

— Perguntei para Tom o que estava no seu cardápio hoje. Sabia que o menu daqui deixaria você apavorada.

Kate encarou Zoe, e no meio-tempo o pianista tocou uma passagem rápida com variações barrocas da trilha sonora de *O justiceiro*.

— O que foi? — perguntou Zoe.

Kate a observou por mais um momento, então sorriu e balançou a cabeça.

— Nada — disse. — *Bon appétit*.

Foi mais fácil que tentar encontrar as palavras certas para explicar que, às vezes — nos raros momentos em que ela não estava causando um grave desconforto mental—, ser amiga de Zoe era como levar um nocaute de encanto.

Era nisso que Kate estava pensando quando a ambulância entrou na unidade de emergência.

— Mas você está bem, Zo? — perguntou. — Falando sério.

Zoe olhou para a confusão rasgada que era seu antebraço, e depois de volta para a amiga.

— Sim — respondeu, com suavidade —, vou ficar bem.

Apartamento 12, The Waterfront, Sport City, Manchester

Quando as garotas foram embora, Tom estava exausto. Pegou a dentadura no banheiro, passou alvejante, lavou-a e colocou-a na boca. Prendeu a porta da frente com *silver tape* e passou a corrente. Depois sentou-se em frente à lareira elétrica, tomou dois Nurofens e um dedo de vinho tinto para as juntas.

Acordou com o som do próprio choro. Estava desorientado. Conseguiu chegar na cozinha com os joelhos enrijecidos e pôr a água para ferver, para fazer um chá.

Respirou. Estava tudo bem. Estava tudo bem. Viu os azulejos azuis e brancos de cerâmica da cozinha. A velha mesa de trabalho, com todas aquelas marcas e riscos pelos quais se podia passar os dedos. Estava tudo bem. Ele tinha que parar de pensar nesses sonhos como uma evidência da própria condenação. Eram só os malditos neurônios crepitando e estalando, como velhinhas cansadas inventando fofocas.

No fim das contas, ele não era culpado. Tinha feito um bom trabalho com sua vida, e era assim que tinha que ver a coisa. Depois de passar pelas próprias Olimpíadas podia ter ficado em Oz, e as pessoas lhe pagariam drinques por mais alguns anos. Mas não fez isso. Tomou a decisão certa; voltando para tentar uma vida nova como treinador. Também começou uma família, o que não deu certo, mas Tom achava que, se pudesse ajudar outros jovens, podia compensar a bagunça que fez com o próprio filho.

Não conseguia mais nem lembrar direito dele. Talvez fosse um bom sinal. Chega uma hora que todas as coisas razoáveis que você fez têm que começar a anular as coisas ruins, mesmo as memórias.

Começou a ser treinador com os juniores, e com a BMX nos anos 1980 conquistou bastante sucesso. BMX eram as *Corridas Malucas* — todos aqueles garotos com os capacetes que protegiam a cabeça e as pernas batendo como pistões movidos a vapor. Tom deixava as corridas cuidarem de si próprias e trabalhava com os garotos entre as competições para descobrir de onde vinham, para conseguir ajudá-los a se fortalecerem mentalmente. A psique de um garoto era cem vezes mais poderosa que a de um adulto. Se conseguisse discernir qual deles estava correndo para fugir do passado e qual estava correndo rumo ao futuro, dava para liberar muito poder.

Nos dias de corrida os garotos sempre faziam o seu melhor e ganhavam todo maldito troféu que disputavam. Ele amava aqueles camarõezinhos furiosos que batiam na altura da sua cintura. Seus favoritos eram os mais bravos. Se conseguisse ajudá-los a vencerem vezes o suficiente, pouco a pouco o sorriso que davam no pódio se tornava um pouco menos *vai se foder* e um pouco mais *ei, no fundo eu até que gosto disso*. Talvez ainda estivesse esperando por esse momento com Zoe, mas era paciente e sabia que viveria para ver o dia em que ela daria um sorriso descomplicado.

Tinha feito um trabalho decente com a sua vida. Se pusesse tudo na balança — a tentativa de ser pai num prato, e todas as crianças que ajudou no outro — quem sabe para que lado o maldito negócio iria pender? Fez o melhor possível em cada momento — e isso era tudo o que se podia fazer.

Verteu a água fervente e misturou o chá. Espremendo os olhos, conseguiu discernir pelo relógio da cozinha que faltava pouco para as nove da noite. Tom não era nada bobo. Daria meia hora para o sonho sair do prédio antes de arriscar dormir de novo. Tomou um gole do chá e se apoiou no balcão da cozinha. Os joelhos estavam doendo, mas ele não se atreveu a sentar com medo de não conseguir levantar.

Ainda assim, não era uma coisa dos infernos, elas terem cuidado dele?

Sempre acreditou que o mais importante na vida eram os resultados. Imaginava que a melhor coisa do mundo seria ver o progresso de seus atletas. Após anos levando garotos ao topo das BMX, foi promovido para gerenciar o Programa de Potenciais de Elite do Ciclismo Britânico. A ideia era pegar os adolescentes de dezessete, dezoito e dezenove anos com os melhores resultados na pista de nível nacional e ver quais dentre eles tinham os requisitos necessários para avançarem ao nível internacional. Era a morte ou a glória para aqueles garotos, e o programa era conduzido no melhor lugar possível, o Centro Nacional de Ciclismo Britânico, no Velódromo de Manchester. Foi o grande momento de Tom. Ele podia escolher os atletas com quem queria trabalhar. Quase sempre escolhia garotas. Elas tinham uma tendência a pensar com mais afinco naquilo que faziam do que os garotos, o que combinava com o estilo de treino de Tom, mais voltado para a confiança que para o comando.

Ele selecionou as garotas, em seguida escolheu as melhores dentre elas, até que ficou só com Zoe e Kate, porque não conseguia pensar em nada melhor para fazer com a própria vida do que levar as duas até o topo. Dedicou seus melhores anos a elas, e tudo o que queria em troca era vê-las vencerem. Mas a verdade era que as quatro medalhas olímpicas de Zoe e todas as vezes em que Kate perdeu a medalha por tão pouco tinham um significado pequeno para Tom, se comparado com o fato que essas duas meninas ainda acreditavam nele mesmo quando todas as evidências indicavam que o treinador delas era um velho decrépito.

Tom entornou o último gole de chá na pia e voltou para a cama.

Sentiu-se bem, para variar. Bem mesmo. Talvez houvesse um acordo no qual a vida tinha que quebrar seu corpo antes que você pudesse perceber. Talvez não houvesse qualquer outro esquema além desse, que o leva ao ponto mais baixo e o desafia a se reconstruir, para depois mostrar que o que você fez pelo menos significou algo para alguém.

Tom riu com a cabeça no travesseiro. Sentiu-se sonolento de novo e fechou os olhos. Quase pôde ver o restante de sua vida, e parecia bem simples. Levaria suas duas garotas às Olimpíadas, veria a melhor vencer, e então se aposentaria e carregaria os joelhos de volta para Oz. Talvez comprasse a velha casa, se ainda estivesse em pé. Tomaria vinho tinto na varanda e ficaria em paz com tudo o que aconteceu. Um homem não está inteiro até ser capaz de olhar para as próprias memórias e ficar... não impassível, mas pelo menos não sentir medo delas.

Cubículo 12, Departamento de Emergência & Acidentes, Hospital Geral de North Manchester

Kate apertou o joelho de Zoe.

— Eu devia ir para casa — disse —, Jack e Sophie devem estar achando estranho eu ainda não ter voltado.

Zoe sorriu.

— Tudo bem. Obrigada por ficar comigo.

— Você vai ficar bem?

Zoe olhou para o médico esguio e bonito que fazia cuidadosamente um curativo em seu braço.

— Acho que tenho tudo de que preciso.

Sede do Comitê Olímpico Internacional, Lausanne, Suíça

Na unidade de administração esportiva, num andar alto de um prédio comercial moderno, seis funcionários de médio escalão estavam sentados em torno de uma mesa de reuniões do meio do século, feita de madeira de nogueira. Estavam concluindo uma pequena modificação nas regras que regem as corridas olímpicas de ciclismo. Era quase meia-noite, e queriam terminar logo com aquele trabalho e voltar para casa e para as suas famílias. No dia seguinte teriam que rever o pentatlo moderno. Na mesa havia xícaras pela metade de café preto frio e latas quase vazias de Coca Diet quente. Os subordinados eram mandados até as máquinas de venda de alimentos, as cláusulas eram reformuladas e, no comprido corredor do lado de fora, os faxineiros aspiravam os carpetes.

Os funcionários estavam mudando as regras de entrada nas Olimpíadas para satisfazer aos acionistas de programação de TV nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia. Os acionistas de programação queriam que um número menor de ciclistas participassem, para passarem menos aquecimentos e mais provas finais no horário nobre olímpico. Isso era necessário para satisfazer acionistas secundários — os compradores de espaço publicitário em mil e duzentos mercados regionais — que precisavam oferecer um valor melhor aos seus clientes. Esses clientes, por sua vez, estavam pressionados porque os banqueiros tinham sugado todo o dinheiro, de forma que os clientes deles tinham menos para gastar.

Portanto, os funcionários concordaram que a competição no velódromo deveria ser acelerada. Era nisso que se tinha transformado o mundo: as crianças costumavam andar de bicicleta, sem pressa nem preocupação. O tempo tinha sido reestruturado como maus créditos. A longa hora tinha sido atomizada. Manifestos foram reduzidos à memes, discursos comprimidos em frases de efeito, rodadas de aquecimentos truncadas em finais, e não era culpa dos funcionários se a consequência de toda essa desvalorização fosse que agora um velho teria que escolher entre duas ciclistas que cresceram com ele, ou que uma garota suspensa entre a vida e a morte fosse sentir aquele tênue laço com a vida se soltando.

Os funcionários anexaram as revisões aos documentos e se levantaram. Ao percorrerem o prédio vazio, falando amenidades, as luzes nos detectores automáticos identificaram sua presença e acenderam com pequenos estalos. Programadas por cronômetro, ficaram acesas enquanto os acionistas passavam, e se apagaram em sequência. Era como se outro grupo de funcionários, silencioso e apreciador da escuridão, seguisse o primeiro grupo pelo prédio. Os corredores ficaram silenciosos e sem vida.

Os funcionários pegaram o elevador direto para o estacionamento subterrâneo. Entraram nos veículos pretos ou prata — Volkswagens, Audis, Volvos — disponibilizados para o médio escalão da empresa. Alguns ligaram o rádio, outros preferiram dirigir em silêncio. Se é que chegaram a pensar no assunto durante o breve trajeto até suas casas, devem ter sido sentido que o que fizeram naquela noite foi somente uma pequena mudança na competição. Nem chegaria a sair nos jornais.

Cidade das Nuvens, Territórios da Borda Exterior, Setor Anoat, em órbita planetária a 60 mil quilômetros da superfície do planeta gasoso Bospin, 49.100 anos-luz de distância do Centro Galáctico, coordenadas K-18

Sophie combatia Vader com sabres de luz na plataforma de observação da Cidade das Nuvens, sob a iluminação de um sol púrpura que se punha além das nuvens gasosas do planeta que orbitavam, quando tocou o alarme do iPod. Ela acordou devagar e desligou o alarme. Ignorou a fraqueza que dominava seus membros. Sabia o que precisava fazer. Aquela era uma missão Jedi, e Jedís não se preocupam se estão doentes.

Acendeu o sabre de luz alimentado por bateria, que emitiu um brilho verde. A luminosidade era suficiente para que ela conseguisse enxergar. Desceu da cama e foi na ponta dos pés até o quarto dos pais. Ficou na frente da cama, com o sabre de luz erguido para poder vê-los. Estava tudo bem. Estavam deitados juntos, dormindo, a cabeça dela apoiada no peito dele, como era o costume na Terra.

Voltou andando na ponta dos pés até seu quarto e apoiou o sabre de luz na parede. Ajoelhada, puxou a *Millenium Falcon* de baixo da cama. Procurou equilibrar a nave enquanto a carregava, para que o vômito não derramasse.

— Devagar, garota — sussurrou Han Solo—,um movimento em falso e esse ferro velho vai sair de controle.

— Ei, isso não é nada — murmurou Sophie—,é que nem quando eu manobrava meu landspeeder de volta para casa.

Ela pilotou a *Millenium Falcon* escada abaixo, evadindo os caças TIE inimigos e pisando nas beiradas dos degraus para que o espaço-tempo não estalasse. Aterrissou a *Falcon* na pia da cozinha, tirou a parte de cima e entornou o vômito com cuidado pelo ralo. O cheiro era terrível, mas ela estava acostumada. Abriu a torneira de água fria e lavou o modelo até tirar todo o vômito e deixar os bonecos limpos de novo.

— Já *terminou*, garota? — sussurrou Han Solo. — Essa água está *gelada*.

Chewbacca se limitou a produzir seu grunhido lamentoso.

— Ah, relaxa, sua grande bola de pelo — sussurrou Sophie. — Quer que o Império inteiro consiga nos rastrear por causa do seu cheiro?

Quando a *Falcon* estava limpa, ela lavou toda a pia e forçou os últimos restos de vômito ralo adentro. Em seguida secou a nave e os bonecos, prendeu a parte de cima do modelo e navegou pelo cinturão de asteroides de volta para a Cidade das Nuvens. No meio da escada, onde a gravidade era excepcionalmente alta, ficou enjoada e teve que descansar por alguns minutos. Sentou-se no escuro, sentindo a queimação no peito e a náusea que subia do estômago. Depois de um tempo, quando melhorou, levantou e seguiu em frente.

Ao aterrissar, cometeu um erro. Fez um movimento rápido demais no escuro e tropeçou. A *Millenium Falcon* deu uma guinada e raspou na parede.

— Cuidado! — gritou Han Solo. — Ela pode parecer um monte de lixo, mas é a nave de contrabando mais rápida da galáxia.

Sophie gelou. Ouviu alguém se mexendo no quarto dos pais.

Ouviu a voz sonolenta do pai:

— É você, garotona? Tudo bem por aí?

Sophie deu os últimos passos até o quarto na ponta dos pés, enfiou a *Falcon* embaixo da cama e entrou sob as cobertas.

— Sophie? — chamou seu pai. — Está tudo bem?

— Estou bem — respondeu —, está tudo bem.

— Essa é minha garota.

Fechou os olhos, saltou para o hiperespaço e voltou para a Cidade das Nuvens.

Apartamento 12, The Waterfront, Sport City, Manchester

Tom acordou com a luz de abril passando pelas cortinas e o locutor no rádio-relógio anunciando um trânsito pesado em direção à cidade.

Saiu da cama, abriu as cortinas e se deixou iluminar pela luz tênue do sol. Bocejando, sentou-se na escrivaninha, concentrando o peso nos braços para poupar os joelhos. Ligou o software que usava para preparar os treinos de Kate e Zoe da semana, e, enquanto carregava, verificou seus e-mails.

O primeiro e-mail era do chaveiro, sobre sua porta da frente quebrada. O segundo era de seu chefe, do Ciclismo Britânico.

Tom, dizia, más notícias. Ontem à noite recebemos um memorando do Comitê Olímpico Internacional, informando que em breve irá anunciar uma mudança no critério de seleção para as qualificações em Londres em 2012. Apenas um atleta por nação olímpica poderá concorrer em cada corrida. Você terá que conversar com Zoe e Kate antes da publicação do anúncio do COI, visto que agora apenas uma delas poderá se qualificar.

A mensagem seguiu com ofertas de apoio e garantias de um apelo enérgico contra a mudança de regras feita pelo COI — concluída com um alerta para que ele não criasse muita esperança na possibilidade de mudança.

— Meu Deus — murmurou Tom, e releu a mensagem.

Suspirou, afundando a cabeça devagar até bater na mesa.

* * *

Tinha conhecido as duas garotas no mesmo dia, em 1999, administrando o Programa de Potenciais de Elite. Estava com duas classes de potenciais na época, no velódromo de Manchester, e a cada evento tinha exatamente três dias para selecionar uma dúzia de atletas com base em seus talentos. Não era muito tempo. Tom desenvolveu um truque com o decorrer dos anos: no primeiro dia sentava à mesa em frente ao velódromo e fingia ser o recepcionista. Dessa forma tinha a chance de conversar com os atletas novos conforme fossem chegando, e assim avaliar suas atitudes quando não estivessem em seu melhor comportamento. Dá para ter uma impressão mais acurada os vendo dessa maneira.

Zoe foi a primeira a chegar no primeiro dia. Dezenove anos, alta e feroz, usava jaqueta preta, delineador preto e tinha a cabeça raspada. Não sorriu, mas, poxa, Tom respeitava uma jovem que chegava cedo. Quem chega primeiro reivindica o espaço. Na pista, as outras pessoas ficam de olho em quem chegou primeiro, antes do início da corrida. Prestam atenção na contração dos músculos da perna quando a pessoa começa a pedalar. E, quando reagem, ela já estava uma fração de segundo à frente. Ao chegar uma hora mais cedo no velódromo, uma garota podia ganhar um décimo de segundo na pista. Eram cálculos como esse que determinavam uma vitória.

Zoe seguiu direto para a recepção e largou a mochila em cima da mesa.

— Bom dia, senhorita — disse Tom. — Como podemos ajudar?

Zoe olhou através dele, para as catracas que separavam o hall de entrada do velódromo.

— Programa de Potenciais de Elite — disse.

Tom sorriu.

— É uma potencial, hein?

Ela não estava com vontade de brincar.

— Zoe Castle. Estou na lista. O técnico é Thomas Voss.

— Voss? Não aquele velho...

Zoe revirou os olhos.

— Olha, você poderia dar uma olhada na lista, por favor?

Tom passou os olhos pela mesa, fingindo perplexidade.

— Eles não devem ter liberado a lista ainda — disse Zoe. — Cheguei cedo.

— Cedo para o quê?

Ela claramente não estava mais aguentando aquilo.

— Olha, eu já disse, estou aqui para o...

— Bem, vamos torcer para que sua pedalada seja tão forte quanto seu temperamento, senhorita Zoe Castle.

Zoe lançou-lhe um olhar sombrio, e Tom a deixou passar. As alças da sua mochila prenderam na catraca, e ela brigou com o objeto até conseguir passar. Tinha um temperamento difícil. Tom a observou com a expressão de choque e entusiasmo de uma criança que bateu no vidro da jaula de um réptil e acordou um ser furioso.

Deu um minuto para Zoe antes de segui-la até o velódromo. Gostava de ver como uma atleta reagia a esse espaço. Doze mil assentos se espalhavam até o teto abobadado, tão alto que a iluminação dos painéis de vidro não alcançavam o nível da pista. Vergalhões largos de luz do sol desciam pelo vazio imenso e desvaneciam num cinza fraco, que fazia pouco mais que reluzir de leve no verniz da pista. Era uma manhã clara de inverno, mas no nível da pista a luminosidade lembrava mais o crepúsculo. Tom observou Zoe se aproximar da pista e largar a mochila no chão, ao lado da linha de partida. O som ecoou pelo espaço vazio.

Ela tirou os sapatos e as meias e entrou na pista, testando o ângulo com os pés descalços. Deu uma volta andando no sentido anti-horário. Nas retas o ângulo era superficial, mas nas curvas a inclinação era tão agressiva que os pés mantinham uma tração mínima. Zoe começou a correr devagar e depois aumentou a velocidade, e Tom sentiu seus pelos da nuca arrepiarem quando ela estendeu os braços e gritou no eco daquele espaço vazio.

Trinta minutos depois, quando Tom já estava de volta à mesa da recepção, Kate apareceu. Para se proteger do frio, usava dois *fleece*s e um gorro, cobrindo parte do cabelo loiro.

Sorriu para Tom.

— Desculpe, cheguei cedo demais, não foi? Não sabia quanto tempo levaria a caminhada do hotel. Quero dizer, posso voltar mais tarde se for... você sabe.

Ela parou, na metade do caminho entre a catraca e a mesa da recepção. Tom inclinou a cabeça e a observou.

— Estou aqui para o Programa de Potenciais de Elite — explicou. — É hoje, não é? Recebi a carta com esse endereço no remetente. Mas será que há sessões diferentes? Desculpe a confusão.

Tom colocou os cotovelos na mesa, apoiou o queixo nas mãos e sorriu para Kate.

— Respire fundo.

Ela o fez e então riu.

— Desculpe.

— Vamos começar pelo início. Você recebeu um nome quando nasceu, querida?

— Ah, sim, desculpe. Sim. Catherine Meadows. Kate.

Tom piscou ao olhar para a prancheta.

— Catherine Anne Meadows, campeã do norte da Inglaterra na estrada e na pista, nos campeonatos sub-12, 14, 16 e 18 anos. Nosso arquivo mostra uma série de bons resultados, mas nada nos últimos seis meses. Você esqueceu de continuar ganhando?

Ela corou.

— Não.

— Então...?

— Eu não tenho corrido.

— Machucada?

Kate olhou para o chão.

— Meu pai faleceu. Desculpe.

— E você achou que ferrar a sua carreira de ciclista podia trazê-lo de volta?

Ela ergueu os olhos para encará-lo de novo, chocada.

— Não medimos palavras aqui, Kate. Quando alguém é tão bom quanto você, desde que as pernas ainda estejam presas ao corpo, tem que continuar pedalando. Ok?

Kate corou ainda mais.

— Desculpe.

Tom sorriu.

— Sinto muito por sua perda. Trouxe o equipamento?

Ela andou até a mesa da recepção e mostrou a mochila.

— Acho que sim. Quero dizer, trouxe o que costumava usar para correr. Não sei se tenho o equipamento certo.

Tom olhou para ela.

— Não mesmo, não é?

— Não o quê?

— Não sabe mesmo se você tem o equipamento certo.

Ela deixou os braços amolecerem e caírem ao lado do corpo. Estava realmente perturbada.

Tom se apoiou no encosto da cadeira.

— Você é uma boa garota, Kate Meadows. Vamos colocá-la de volta no jogo. Siga em frente, o treinador vai chegar às nove.

Recepcionou os outros jovens conforme eles iam chegando. Às nove horas, quando todos, exceto Jack Argall, tinham chegado, fechou a recepção e entrou no velódromo para ver como os novos potenciais estavam interagindo uns com os outros na meia-luz.

Eram onze ao todo, seis garotas e cinco rapazes. Os garotos se reuniam em grupo, na parte mais alta da arquibancada, sentados de maneira desleixada nas cadeiras e falando sobre Keats, boas peças de porcelana, ou sobre o que quer que fosse que jovens conversassem quando estavam prestes a passar oito horas correndo uns contra os outros. Pareciam atletas comuns, com poucas partes articuladas. Zoe estava parada, os pés abertos na largura dos ombros, e os observava do lugar mais iluminado da pista, onde todos podiam vê-la. Tinha deixado seus equipamentos nos melhores assentos e se movia como se fosse a dona do lugar. Tom a viu observando as outras garotas se aquecerem.

Quatro eram amigas do circuito amador britânico: Clara, Penny, Jess e Sam. Tom já as tinha visto competir. Estavam sentadas no chão na área técnica, rindo e ajudando umas às outras com os

alongamentos.

Tom viu Zoe analisando a forma delas. Clara era volumosa, uma fisiculturista numa bicicleta. Seria incontestavelmente invencível, até que seus músculos entrassem com um educado requerimento por mais oxigênio. Tom viu Zoe descartá-la com os olhos. Penny era mais difícil de avaliar. Estava ajudando Clara a se alongar, com uma das mãos em sua lombar enquanto a amiga tocava os dedos do pé. O braço de Penny nas costas de Clara era magro, bem magricela mesmo. Estava claro que tinha sido treinada para longas distâncias. Sua gordura corporal parecia próxima a zero, e a massa muscular era mínima. Parecia mais uma triatleta que uma ciclista. Tinha um rosto anguloso, e quando ria de alguma piada de Clara, suas gengivas pareciam encolher. Era um bom equilíbrio — uma pequena fração de treino excessivo poderia fazer a diferença entre o pico da forma física e um estado de doença crônica. Penny não parecia estar acertando a medida. Zoe pareceu relaxar.

Jess e Sam estavam sentadas cara a cara com as solas dos pé encostadas, segurando os punhos uma da outra para ter mais alavanca e assim poderem trabalhar em conjunto para, alternadamente, alongarem suas costas. Jess era bonita, tinha o cabelo tingido com mechas vermelhas e uma tatuagem na lombar; um sol estilizado com rosto e uma crina de raios de luz. Cada vez que se alongava, o sol subia até a cintura da calça esportiva. Tinha uma coluna boa e se alongava como uma ginasta, elástica e resiliente. Mas talvez fosse pequena demais para impor sua vontade, fisicamente, na situação de uma competição. Quando uma janela estreita de oportunidade se abria logo à sua frente na pista, era necessário ter o poder de aumentar no mesmo instante o nível de esforço e preencher aquela lacuna antes que fechasse. Jess dava impressão de ter uma boa força, mas talvez não tivesse o impulso necessário. Estudando-a, Tom deu cinquenta por cento de chance de sucesso a ela, e quando olhou para Zoe percebeu que ela também tinha ficado curiosa com a oponente.

Viu que Zoe voltou sua atenção para Sam, mas era óbvio que Sam não estava no mesmo nível das adversárias. Apresentava uma rigidez na coluna quando se alongava e certa fragilidade nos ombros, que levou Tom a se perguntar se essa atleta estaria com alguma lesão. Não sorria, e Tom notou que ela sentia a superioridade da força fluindo pelo corpo de Jess conforme ambas se alongavam juntas. Talvez começasse a se perguntar o que estava fazendo ali.

Agora só faltava Kate. Tom viu Zoe voltar sua atenção para ela. Enquanto as outras garotas usavam os kits de aquecimento do clube ou suas cores de campeãs, Kate usava um moletom amarelo simples, um modelo com capuz da Adidas feito para amadores. Tinha cordões compridos demais na cintura e no capuz. Estava contemplando o velódromo, tão animada quanto Zoe tinha ficado mas sem o bom senso de tentar disfarçar. Sua linguagem corporal entregava uma vantagem psicológica para qualquer um que se desse o trabalho de observá-la.

Tom a viu aproximar-se de Zoe.

Kate sorriu, parou, e deixou um espaço para Zoe se aproximar caso desejasse. Algumas pessoas tinham o cuidado de deixar esses espaços vazios para as outras, com o tamanho ideal para acomodá-las. Tom sabia que tais pessoas raramente eram campeãs.

Viu Zoe retribuir o sorriso com frieza, desconsiderar Kate com o olhar e lhe dar as costas.

Torceu para estar enganado, mas não podia discordar da conclusão de Zoe. Os resultados de Kate eram os melhores de todas as garotas no programa, mas ela era o tipo de pessoa que parava de treinar quando o pai morria. Zoe era diferente. Ela passava a impressão de ser o tipo de pessoa que, se a família se colocasse entre ela e o treinamento, iria matar cada um deles pessoalmente.

Não importava se Kate vencesse essa semana. Pouco a pouco, corrida por corrida, ano por ano,

uma garota como Zoe ficaria à frente do esporte enquanto Kate afundaria aos poucos sob o peso da vida real. Tom já tinha visto isso acontecer mil vezes.

Eram 9h10 da manhã, e Tom estava prestes a se apresentar aos candidatos quando um garoto pulou as catracas e correu para a pista. Tinha mais de um metro e oitenta de altura. Era todo músculos. Usava uma camiseta com as palavras “The Exploited”, calça jeans, o cabelo preto ondulado bagunçado e fones de ouvido pendurados em volta do pescoço.

Ele parecia um garoto veloz. Passava a impressão de já ter sido testado. Desceu correndo os degraus da entrada como uma estrela de rock correndo para dentro de um estádio. Gritou “Oi! Oi!”. Largou a mochila com os equipamentos, foi até a linha de partida da pista, bateu palmas e todos os outros ficaram em silêncio.

Tom parou e ficou observando, fascinado.

— Ok, todos, venham aqui. Meu nome é Jack Argall, sou assistente do técnico. Thomas Voss não está se sentindo muito bem e me pediu para vir no seu lugar. Vou conduzi-los por diversos exercícios de aquecimento e avaliar a adequação de vocês para cada uma das disciplinas da pista. Certo, os rapazes podem formar uma fila aqui... isso mesmo... e as garotas uma fila aqui... obrigado, está ótimo... e todos por favor corram sem sair do lugar por dois minutos, só para ativar a circulação.

Tom observou boquiaberto o moleque organizando os ciclistas em filas, ordenando-os com seu forte sotaque escocês.

Todos os ciclistas começaram a correr no lugar. Até mesmo Zoe foi se aquecer. Jack aplaudiu.

— Muito bom, muito bom mesmo. Ok, agora todos os rapazes podem, por favor, correr pela pista no sentido anti-horário... obrigado, muito bom... e as garotas, alonguem a parte superior do corpo, as mãos presas atrás das costas e estiquem os peitos para a frente... obrigado, assim está ótimo! Um alongamento bem legal agora, senhoritas, e as que se mostrarem mais flexíveis ganham as bicicletas mais rápidas.

As garotas riram, mas empurraram os braços para trás e os peitos para frente. Kate se esticou até as veias incharem. Os rapazes completaram a primeira volta da corrida.

— Ok, garotos — disse Jack —, podem dar mais uma volta, mas dessa vez correrão de costas. E, meninas, quero que fiquem com os pés na mesma distância dos ombros e toquem os dedos dos pés. Ah, sim, ótimo. Mostrem-me até onde podem alcançar.

Vendo a cena do alto da arquibancada, Tom não pôde deixar de rir. Os rapazes se esforçavam para correr de costas pela pista, naquele ângulo. Tropeçavam e xingavam. As garotas estavam com a bunda para cima e as mãos no chão.

— Ok, cavalheiros — gritou Jack —, quero que continuem correndo de costas, mas agora batam na coxa com o lado inverso da palma da mão a cada dois passos, e a cada oito passos quero que batam na nuca com ambas as mãos. Quem conseguir fazer isso melhor e eu irei indicar para o técnico como o que tem a melhor coordenação motora.

Os garotos eram terríveis. Davam tapas, caíam, e os xingamentos ecoavam pelo velódromo. As garotas começaram a rir, e pararam de se alongar para observar os rapazes. No lado oposto da pista, eles estavam perdendo o controle. A situação estava ficando caótica.

Jack sorriu para as garotas.

— Agora, senhoritas, se puderem me agradecer com sua atenção, tenho uma confissão terrível a fazer. Meu nome é de fato Jack Argall, mas Thomas Voss não me pediu para fazer nada disso. Sou apenas mais um de vocês. Não tenho ideia de onde está Thomas Voss, para falar a verdade. Então

gostaria de aproveitar essa oportunidade para informá-las que sou o atual Campeão Nacional Escocês de ciclismo, esses são os meus bíceps reais, no momento estou solteiro, e todas vocês são extremamente lindas e flexíveis, e, também, nesse instante sou o único atleta masculino neste lugar que não parece um imbecil fazendo a dança bavária do tapa para trás. Agradeço a todas.

Ele fez uma reverência. Até a cintura. Com um floreio.

Todas ficaram em silêncio. Kate começou a rir, e Jack piscou para ela. A risada virou um acesso de tosse, e Jack tocou seu cotovelo.

— Desculpe, você está bem? — perguntou.

Kate assentiu, com as lágrimas escorrendo.

Os garotos voltaram para a linha de partida. Estavam entendendo a piada. Xingaram Jack, e ele distribuiu cumprimentos. Todos estavam rindo agora, ou quase todos. Zoe foi até Jack. Tinha a mesma altura que ele. Encarou-o. O rosto dela estava a dois centímetros do dele, e seu corpo tremia. As risadas pararam.

— Quem. Você pensa. Que é?

Jack ergueu as mãos com as palmas viradas para a frente.

— Ah, vai! Eu só estava brincando!

— Deu uma boa olhada na gente, não é? Como foi?

— Bem, para falar a verdade, foi uma bela visão.

Zoe deu-lhe um soco no estômago. Colocou toda sua força no golpe, o que pegou Jack de surpresa, e o fez cambalear e se curvar.

— Agora — continuou Zoe —, olhe para mim de outro jeito.

Jack recuperou o equilíbrio. Sorriu e ergueu uma das mãos de forma apaziguadora.

— Por favor...

Zoe deu-lhe um tapa na cara, e o som ecoou pelo velódromo. Tom sentiu. Ele sentiu a pancada no próprio rosto, e sua respiração ficou presa no peito.

Jack estava esfregando o rosto.

— Lembre-se dessa sensação — disse Zoe, em voz baixa.

Todos a observavam na semiescuridão. Tinha uma expressão selvagem nos olhos. Seu rosto estava lívido. Os ecos demoraram a morrer.

— Para que porra vocês estão olhando? — berrou Zoe. — Isso não é sério para vocês? Isso não é um Guia para Garotas. Não é algo que eu faça aos sábados, para que minha mãe tenha a casa livre para fazer uma faxina.

Enquanto todos permaneciam em silêncio em consequência do choque, Tom pegou o telefone e fez uma rápida ligação para a sala de controle do velódromo. A luz dos holofotes aumentou, indo do laranja para o branco. As sombras diminuíram, a pista ficou iluminada e os potenciais atletas piscaram para proteger os olhos.

Tom desceu até a pista com calma, usando o corrimão para poupar um pouco os joelhos do peso de seu corpo. Olhou nos olhos de todos.

— Ok, pessoal — disse —, acho que foi tudo minha culpa. Jack, você é um imbecil. Está machucado?

Jack esfregou o rosto.

— Não.

Tom continuou:

— Zoe, você é uma ameaça pública. Peça desculpas.

Ela o encarou bem nos olhos, e balançou a cabeça.

— Bem, posso reformular minha frase? Zoe, se todos concordarmos que o comportamento de Jack foi inapropriado e que estávamos errados em rir, você concordaria em deixar sua agressividade só para a pista?

Ela deu de ombros e fez uma expressão ambígua. Tom era velho o suficiente para aceitar o que tinha na mesa.

— Muito bem, então — ergueu as mãos. — Olhem, sou Tom Voss. Não estou orgulhoso do que acabou de acontecer. Todo ano eu me faço passar por recepcionista. Sou um técnico decente, mas só tenho três dias para escolher quais de vocês podem dar conta do cenário internacional, então me disfarço e analiso o psicológico de cada um. Acho que aprendi tudo o que precisava saber. Agora vamos pedalar, ok?

Os candidatos sorriram. Não conseguiram deixar de fazê-lo. A linguagem corporal de todos mudou. As posturas rígidas ficaram mais flexíveis. Os joelhos dobraram um pouco, e eles flexionaram os dedos. O equilíbrio foi dos calcanhares para os peitos dos pés. As panturrilhas se enrijeceram e a respiração acelerou.

Tom sorriu de volta.

— Meu Deus, vocês parecem uns malditos lobos. Nunca deixem dizer que vocês não são sagazes.

Ele distribuiu as bicicletas. Eram bem básicas. As estruturas eram de aço pesado, com amolgadelas. Deixou-os ajustarem as bicicletas de acordo com seus tamanhos, e distribuiu canetas para que cada um escrevesse seu nome na fita adesiva presa no eixo superior. Observou-os retirarem os nomes dos ciclistas anteriores.

Orientou todos a colocarem seus equipamentos e se aquecerem por meia hora. Pediu para darem voltas lentas, cada um olhando os outros, circulando como navios num redemoinho.

Tom observou o grupo girando em torno de sua órbita. Analisou suas formas, e depois de algumas voltas já sabia o trio que alcançaria o nível mais alto. Sob as luzes sem sombras do arco viú que Zoe, Kate e Jack se classificariam para os grandes eventos. Seriam os ciclistas competindo nas curvas de madeira inclinadas dos velódromos internacionais — essas arenas de gladiadores, cercadas por multidões aos berros, onde a velocidade e a solidão humanas eram contidas para que pudessem ser testemunhadas. Eles se tornariam os atletas mais poderosos da Terra, impulsionariam suas máquinas silenciosas a velocidades em que o ar começava a gritar.

Nas competições as corridas durariam menos de dois minutos, mas Tom já estava testemunhando a construção inicial daqueles minutos. Eles entrariam juntos no esporte, compartilhariam esses confrontos agressivos, amariam e desprezariam uns aos outros, iriam se reconciliar, e atingiriam juntos o topo, quando estivessem prestes a completar trinta anos. Competiriam entre si fôlego por fôlego, pedalada por pedalada, na velocidade de um pássaro num mergulho aéreo, e venceriam ou perderiam por milímetros. O menor erro — o leve toque de uma roda na outra — estraçalharia ossos e bicicletas. Não vestiriam qualquer armadura, apenas roupas aerodinâmicas que revelariam cada músculo firme e esculpido de seus corpos. Usariam capacetes espelhados, ocultando os olhos. Iriam se tornar irreconhecíveis. Suas mentes transcenderiam no decorrer das competições. Ficariam cientes dos redemoinhos causados por cada ajuste de percurso dos rivais; da queima exata das cadeias fibrosas de cada grupo muscular; dos parâmetros em constante mutação do calor, umidade e textura superficial que determinariam os limites da adesão dos pneus em cada centímetro quadrado da pista. Reconheceriam a esperança que perseguiam e o

fracasso que os espreitava, teriam em mente o futuro e o passado, e estariam cientes de cada pixel momentâneo, dos vincos nas tábuas da pista até as tranças da garotinha de vestido azul na fileira trinta e oito, segurando o fôlego ao se dar conta que gostaria de ser como eles. A jurisdição da psique em suas corridas permaneceria sem mapeamento pela literatura ou pela ciência. A mente de perigosos tubarões seria menos misteriosa.

O melhor que Tom poderia fazer por esses jovens seria treiná-los até o nível olímpico, em que pedalariam para destruir uns aos outros, uma vez a cada quatro anos e por menos que dois minutos por vez, no maior dos palcos mundiais. Competiriam para as milhares de pessoas berrando nas arquibancadas e para os três bilhões de telespectadores assistindo de casa. O vencedor conquistaria seus sonhos de glória de infância, fundidos num disco presenteado numa faixa. A medalha em si teria sessenta milímetros de comprimento e três milímetros de grossura, feita de prata e folheada com seis gramas de ouro. Tom ainda lembrava da época em que a medalha de ouro era maciça, pura. Mas, hoje em dia, o que ainda é assim?

Ele observou o término do período de aquecimento. Viu a força latente de Kate, a fluidez perfeita de Zoe e a energia incandescente de Jack. Estavam olhando para ele agora, cheios de ânimo, esperando pelo sinal que concluiria o aquecimento e daria início à ação.

Prendeu o apito entre os lábios. Quando desse o sinal, a vida dessas pessoas mudaria de forma que elas ainda não podiam imaginar. Seria mais difícil do que pensavam, pois fora daqueles dois minutos exaltados de cada corrida estariam condenadas a serem pessoas comuns, carregando o fardo de mentes, corpos e apegos sentimentais humanos que não foram projetados para acelerarem a tais velocidades. Passariam pelas agonias da descompressão, como mergulhadores voltando rápido demais das profundezas. Teriam essa qualidade única, estranha e volátil das pessoas irreconhecíveis com os olhos escondidos por trás dos capacetes: no instante em que atravessassem a linha de chegada, eles se tornariam seres humanos como todos os outros.

Tom hesitou. O apito estava pronto, mas não teve coragem de assoprá-lo.

Então Kate veio da parte alta da pista e parou a bicicleta a seu lado. Tirou o capacete, olhou para ele e Tom sentiu o coração derreter. Franziu a testa, encarando seus olhos azuis cintilantes e suas bochechas rosadas devido ao aquecimento.

— O que foi? — perguntou. — Você não devia estar na escola?

Ela mostrou o dedo do meio.

— Será que a gente pode começar a maldita corrida?

Tom riu. Toda a hesitação e o constrangimento da garota haviam desaparecido. Ela era outra pessoa em cima da bicicleta. Era isso que acontecia na pista, para o melhor ou para o pior — a pessoa corria contra si mesma. E, pelo menos por um tempo, podia vencer.

— Corrida? — questionou Tom. — Ah, é por isso que você está aqui.

Ele apitou e reuniu os ciclistas.

* * *

Tom ergueu a cabeça da mesa e olhou de novo para o e-mail.

Você terá que conversar com Zoe e Kate antes da publicação do anúncio do COI.

Ficar se lamentando não ia adiantar nada. A responsabilidade era dele, e Tom não pretendia se esquivar. Um treinador honesto assume corações partidos no momento em que assopra aquele apito.

Beetham Tower, Deansgate, 301, Manchester

Zoe acordou sob os lençóis escuros da cama no pálido raiar do sol de abril. Era sempre assim. Ao menor indício do nascer do sol, ela abria os olhos e rapidamente a adrenalina se espalhava por todo o seu corpo. Ficar parada era impossível. Não dava para deixar o corpo tão bem-treinado e depois esperar que ele conseguisse ficar imóvel, por mais que você quisesse.

Deitado a seu lado estava o médico residente que a tinha admitido no atendimento de emergência, na noite anterior. Após ver que não havia ossos quebrados, e como seu turno terminava às oito, ofereceu uma carona para Zoe, que retribuiu com algum eufemismo. Provavelmente tinha sido um café — não conseguia lembrar.

Durante o sono ele tinha ido para a outra beirada da cama, deitado de lado, curvado para dentro como um parêntese. Zoe acariciou sua bochecha, e ele não reagiu — estava em sono profundo. Ela passou os dedos de leve na pele suave de seu ombro. Sua quietude a comoveu.

Havia certa linguagem ao dormir junto, e a maior parte dos homens parecia gritar nela. Mesmo os bons amantes tornavam-se incômodos durante o sono; inquietos, muito espaçosos, segurando-a. Como se ela precisasse ser segurada. Como se questionassem sua capacidade de passar uma noite inteira, nesses trinta e dois anos, sem levar um tombo fatal da própria cama, devido à ausência de um estranho para ancorá-la.

Zoe acariciou a bochecha dele novamente. Seus olhos se abriram. Eram de um verde pálido, e algo se remexeu dentro dela. Ele a encarou sem expressão por um instante, e então fechou os olhos, sem chegar a acordar. Zoe tinha ouvido falar que faziam os residentes trabalharem cem horas por semana.

Ele parecia bem jovem, dormindo. Zoe gostou do seu jeito arrumadinho e contido de dormir. Não queria tanto o sexo, queria mais compartilhar esse espaço com outro ser humano, a quarenta e seis andares do chão, em meio às nuvens. Sexo era uma moeda barata que podia ser impressa por demanda e usada para comprar um adiamento da solidão até a manhã seguinte.

Depois do sexo ele tinha desabado, exausto. Disse algo simpático que a fez sorrir:

— Na minha opinião de profissional não há absolutamente nada de errado com você, Zoe.

— Talvez eu queira uma segunda opinião.

— Talvez eu queira dormir um pouco.

Ela dera uma risada, e ambos se deitaram juntos no escuro. Zoe sentiu o coração dele batendo, e ele pôde sentir o dela. O ritmo o tinha deixado ansioso a ponto de pegar no pulso de Zoe para medir os batimentos.

— Não quero deixá-la preocupada, mas...

Zoe acariciou o cabelo dele.

— Meu batimento é trinta e nove. Eu sei. Está tudo bem. Não estou morrendo. Sou super-humana.

Ele sorriera, sonolento.

— Quais são seus superpoderes?

— Ah, sabe como é. Gosto de ficar em forma.

O médico não sabia quem ela era, e Zoe não tinha contado. Assim era mais fácil ser ela mesma. Ela o beijou e ele adormeceu, ainda tocando de leve em seu pulso. Zoe ficou ali deitada, escutando a respiração dele. Não tinha tirado o pulso debaixo de sua mão. Havia passado a vida toda cercada de

peessoas que sabiam quem ela era, que passavam programas de treinamento e mediam sua pulsação todos os dias. Mediam a frequência máxima de seus batimentos, os batimentos no limiar de lactato e os batimentos no uso otimizado de energia. Foi uma sensação boa ficar deitada na privacidade da escuridão ao lado desse homem que parecia se importar, por pouco que fosse, com o que seu coração estava fazendo enquanto descansava.

Na luz pálida do amanhecer Zoe cobriu o médico com o edredom e o deixou dormindo, sozinho.

Na sala de estar ligou a TV no canal de notícias e a deixou no mudo enquanto fazia duzentas abdominais, oitenta pranchas laterais e sessenta torções oblíquas sentada, com uma bola de exercícios. Alongou-se e em seguida tomou um banho, deixando o braço machucado erguido para proteger o curativo. Enrolou uma toalha no cabelo e fez café. De pé em frente às janelas que iam do chão ao teto, deu pequenos goles na bebida quente enquanto via o sol se erguer sobre a extensão de Manchester. A luz intensa refletiu no tom corado pós-exercício em seu pectoral e ela se sentiu leve e descomplicada. Pela primeira vez, desde que tinha se mudado para essa torre alta, sentia-se bem ali.

Sorriu, passando o peso para os peitos dos pés.

Esses eram os momentos de alegria; tinham que ser aproveitados. Era importante reparar nos minutos de quietude em que a memória era clemente e a superfície da vida formava o reflexo de um oceano sereno. Quase dava para acreditar que ela tinha pedalado tanto que chegara a ultrapassar o passado. A sensação era idêntica à de ser perdoada.

As espirais se estendiam, o vidro queimava, os gasômetros pintados reluziam na luz nova.

Zoe se inclinou, colocando o peso nos dedos dos pés, firmando-se com uma das mãos no vidro. Jogou devagar o peso para os calcanhares, a seriedade voltando para o rosto. Perceber que estava feliz tinha sido suficiente para acabar com o momento. Mais cedo ou mais tarde o médico teria que pegar o elevador até a rua e sairia, com as mesmas roupas da véspera, para confrontar uma imagem de sete metros de altura do rosto dela. Quando soubesse quem ela era, o processo de desintegração começaria da mesma maneira de sempre.

Pegou outro café *espresso*, as mãos tremendo um pouco, e foi até o quarto para observá-lo dormindo. Tinha afastado o edredom de novo e suas costas esguias reluziam na luz crescente da manhã. Zoe lembrou daquelas curvas na escuridão; da sensação de cumplicidade que experimentou com ele.

Sentou-se na cama, apoiando as costas na cabeceira e encostando os joelhos no peito, esperando-o acordar. Ficou se remexendo, inquieta, pensando se continuava ali ou se saía para correr. Caso saísse, pensou, será que ele ainda estaria aqui quando voltasse? Apertou um botão e uma tela se ergueu do pé da cama sem fazer barulho. Colocou no canal do noticiário da manhã e deixou sem som e com legendas. Piratas tinham roubado um navio de carga na costa da Somália. O Arsenal tinha sofrido uma derrota brutal. Um planeta fora descoberto num sistema solar próximo, aproximadamente na distância apropriada do sol para ser capaz, na teoria, de abrigar seres vivos. O apresentador dava as notícias sem a presunção de arrumá-las numa ordem hierárquica.

O alerta de mensagem de texto do celular tocou, assustando-a e acordando o homem. Ele sentou na cama e piscou, olhando para Zoe. Quando seus olhos se ajustaram à luz, sorriu.

— Oi — disse.

— Oi. Desculpe acordá-lo.

— Achei ótimo.

Ele se aproximou e colocou a mão no quadril de Zoe. Ela hesitou. A manhã não tinha

diminuído a beleza dele.

Olhou para o telefone. A mensagem era de Tom, pedindo para que ela separasse uma hora depois do treino da tarde.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

— Sim. É só o escritório.

— Que horas você entra?

— Ah... sabe como é. Hoje vou trabalhar de casa.

— Quer que eu a deixe em paz?

Zoe sorriu.

— Não.

Eles deitaram por cima do edredom e seus corpos foram iluminados pela TV sem som, com as legendas piscando. *Houve mais protestos na turbulenta região norte de Waziristan, no Paquistão, afirmam as autoridades* quando ele beijou o corpo de Zoe e *dezesseis civis ficaram soterrados nos destroços de um prédio destruído por um avião não tripulado* e ela colocou o médico residente de barriga para cima e ajoelhou em cima dele e *dignitários começam a chegar para a abertura oficial do Velódromo Olímpico de Londres* e Zoe fechou os olhos, contendo um lamento, e quando os abriu lá estava seu rosto na TV.

Por oito anos ela tinha aparecido na tela da TV no degrau mais alto do pódio em Atenas, na filmagem infame em que parecia infeliz. A TV a mostrou descendo do pódio e os jornalistas enfiando microfones na sua frente, perguntando como estava se sentindo.

Zoe piscou. Lembrava exatamente do que tinha sentido. Com toda a adrenalina correndo no sangue, sem qualquer consolo advindo da medalha de ouro pendurada no pescoço, tinha perdido a coragem que nem uma criança aterrorizada que acaba de se descobrir num corpo adulto e só quer que o pesadelo termine.

Ah, estou muito feliz, dizia a legenda, em amarelo, para indicar que as palavras vinham dela.

Você não parece feliz, comentou o texto verde na tela.

Para falar a verdade, alegou o texto amarelo embaixo do rosto de Zoe, *ninguém está tão feliz quanto eu.*

A TV mostrou o contorno suave de sua boca no instante em que Zoe compreendeu que a vitória não mudava nada. Aquela tinha sido a final da corrida. No dia seguinte Zoe conquistou mais um ouro, na competição individual, e se sentiu do mesmo jeito. O ouro vinha do solo, e era para lá que ela se sentia arrastada pelo peso do material.

Zoe se deu conta de que tinha ficado inerte no meio do sexo. Percebeu o médico tentando chamar sua atenção. Não conseguiu reagir.

— Tudo bem? — perguntou ele.

— Sim, tudo bem.

— Mesmo?

— Sim.

— Meu Deus, nada terrível aconteceu, não é?

Os olhos dele seguiram os de Zoe para a tela. As imagens mostravam ela no pódio, com a voz do apresentador aparecendo em texto azul. *Lá está, a Pequena Miss Sunshine.* A cena cortou para os dois apresentadores rindo no sofá do estúdio. A confirmação veio em texto branco: [RISOS].

A imagem voltou para a gravação arquivada de Zoe, pálida, balbuciando o hino nacional.

Texto azul: *Claro que agora ela voltou à mídia pelas razões erradas.*

Texto vermelho: *Há detalhes bem velozes percorrendo o Facebook, e agora surgem essas novas revelações no*

noticiário matinal.

Texto azul: *Parece que a descreveram como “sexualmente agressiva”.*

Texto vermelho: *Que surpresa, hein!*

[RISOS].

Em seguida mostraram a primeira página do jornal diário de maior circulação da Inglaterra. O rosto de Zoe encarava os leitores, sob os anéis olímpicos.

SÓ PARA MAIORES, dizia a manchete. Era a trigésima olimpíada.

Zoe sentiu o corpo do médico se mover embaixo dela.

— Meu Deus — disse ele, com a voz suave —, é você.

— É — respondeu Zoe, desanimada.

Saiu de cima dele e sentou-se com o queixo apoiado nos joelhos, para ver as imagens.

— Não a reconheci — comentou ele.

Zoe deu de ombros.

— Sou mais baixa pessoalmente.

Texto vermelho: *Trinta e dois anos. Escândalo à parte — e devemos ressaltar que essa última história é baseada apenas em alegações — será que trinta e dois não é uma idade muito avançada para uma chance real, em se tratando da medalha olímpica?*

Texto azul: *Bem, trinta e dois é uma idade muito avançada para qualquer atleta profissional, Doug, e mesmo que Zoe ainda seja selecionada para Londres depois dessa, não há dúvida de que será sua última Olimpíada.*

Sentado ao lado dela, no edredom, o homem tocou a mão de Zoe.

— Você devia ter dito algo... devia ter...

— O quê? O que eu devia ter feito?

— Você devia ter me contado quem era.

Ela se mostrou irritada.

— Você não me disse quem você é.

Ele ergueu as mãos, exasperado.

— Eu estava usando um crachá com o meu nome!

— Ah, por favor — respondeu Zoe. — Eu estava usando a porra do meu rosto. Desculpe se *na realidade* não tenho lábios e cabelos verdes.

Ele olhou para Zoe e relaxou a expressão.

— Você é linda. Não é como eles ficam retratando.

Ela deu uma risada curta e amarga.

— O quê... a rainha do gelo? A destruidora de rivais, com o coração gelado?

— Sinto muito. Só preciso de um instante para assimilar isso.

Na TV o texto em vermelho dizia: *Você conseguiu falar com ela?*

Texto azul: *Não, a agente dela disse que Zoe não está disponível para entrevistas hoje.*

O médico a encarou.

— Você me disse que trabalhava num escritório.

— Desculpe. É que quando as pessoas descobrem quem eu sou, *isso* acontece — gesticulou na direção da TV.

O médico corou.

— E você acha que agora eu vou sair correndo para os jornais?

Zoe o encarou por um instante e deu de ombros.

— Se for, pelo menos diga para eles que eu sou uma pessoa legal, ok? Diga... não sei. Diga que

eu ofereci café da manhã para você.

O programa cortou para a imagem de uma rua numa cidade provinciana, onde chovia. Aglomerados debaixo dos guarda-chuvas coloridos havia menos compradores que funcionários de instituições de caridade.

A confiança do consumidor está voltando?, indagava o texto branco.

Zoe ficou de pé.

— Minha despensa não tem muita coisa que pessoas normais comam. Quero dizer... posso lhe oferecer arroz ou frutas secas? Ou arroz *e* frutas secas, se você quiser um RP.

— RP?

— Recorde Pessoal. Como acontece quando você está treinando e quer mostrar que é bom no que faz e consegue a volta mais rápida.

— A gente não tem RPs na emergência.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Como vocês ficam motivados?

— Em geral a gente ressuscita.

Zoe vestiu o roupão e foi para a cozinha fazer mais dois cafés, enquanto ele ficou no quarto procurando suas roupas. O barulho da máquina de *espresso* era o único som no apartamento, bombeando vapor no silêncio, mas falhando em preenchê-lo por completo.

Depois de se vestir ele foi até o balcão na cozinha e Zoe se inclinou, pegando sua mão.

— Desculpe — disse ela —, seria mesmo legal se você ficasse para o café da manhã.

Ele estava desamparado em meio à confusão. Zoe apertou sua mão.

— Até amanhã já vai ter saído dos noticiários. E, em todo caso, estou na lista B. Ninguém vai começar a seguir você nem nada. Na verdade, eu realmente gostaria de vê-lo de novo.

— É, mas isso... quero dizer... Deus, não sei se consigo lidar com tudo isso.

Enquanto ele dizia essas palavras, virou o rosto para a janela e fez um gesto com as mãos que abrangeu toda a paisagem de Manchester. O gesto pareceu vincular a situação de ambos a bilhões de toneladas de alvenaria, e Zoe sentiu o súbito peso do concreto.

— Mas eu *gostei* de você — disse ela. — Você não pode ignorar o que estão falando sobre mim? É inveja, só isso. Eles me odeiam porque sou uma vencedora e eles não passam de umas pessoas pequenas que nunca fizeram nada da vida. E passam o dia com a bunda sentada criticando o jeito como eu vivo, e é como se tivessem roubando a minha própria vida de mim. Quanto mais eles criticam, menos eu posso ter um relacionamento normal, e quanto menos eu tenho relacionamentos normais, mais eles criticam. Não posso ganhar, e agora se você está na minha frente dizendo que se importa com o que os jornais vão dizer, então isso fode com a minha cabeça, porque eu sou uma vencedora, ok? Sou uma vencedora mas essa merda eu não posso vencer.

Zoe percebeu que não estava conseguindo manter a voz sem sinal de desespero, não conseguia conter a raiva crescente enquanto apertava a mão dele.

Abriu a mão, baixou os olhos para o balcão da cozinha e respirou fundo, meio trêmula, tentando se acalmar.

— Desculpe — disse.

Ele a observou por um bom tempo com os olhos verdes pálidos e tocou seu ombro.

— Olha — falou, com a voz macia —, posso escrever um número para você?

Pegou uma caneta do bolso e Zoe lhe passou uma revista *Marie Claire*, com a capa virada para baixo para esconder sua foto.

— Aqui, pode escrever nisto.

Ele apertou o botão da caneta e começou a escrever um nome e um telefone em cima do rosto de uma pessoa que fazia fotos para uma marca concorrente de água mineral. Zoe não conseguiu conter a risada.

— O que foi?

— Nada. É que você tem uma letra terrível.

Ele sorriu.

— Típico de médico, né?

— Humm.

Zoe foi tomada pelo alívio. Aquela fora uma manhã esquisita, mas pelo menos ele estava deixando o seu número de telefone. Em geral, os caras de quem ela gostava não faziam isso. Ficou observando os movimentos fortes e suaves da mão dele, segurando a caneta, e se deixou acreditar na possibilidade de voltar a vê-lo.

Ele clicou no botão da caneta de novo, colocou-a de volta no bolso e girou a revista para que ela pudesse ler o número.

Zoe sorriu. Ele sorriu.

— Esse é o número de uma grande amiga minha, da faculdade — disse, gentilmente. — Na verdade, ela é uma psicóloga clínica incrível, mas não quero que você tenha a impressão errada. Ela é apenas uma ótima pessoa para conversar sobre qualquer assunto. Não posso imaginar pelo que você está passando, com toda essa invasão da mídia, mas não deve ser muito fácil de lidar.

Zoe sentiu um aperto gelado no peito, e se forçou a continuar sorrindo. Sorriu como se isso não fosse terrível, como se o constrangimento não fosse insuportável, como se, na verdade, fosse exatamente isso que estivesse torcendo para que ele fizesse, nesse instante preciso de sua longa e problemática vida amorosa: passasse um contato profissional.

— Obrigada — disse —, vou ligar para ela.

Sorriu enquanto ele vestia a jaqueta, continuou sorrindo quando ele a beijou bem na bochecha, e se mostrou radiante quando ele mexeu, confuso, no mecanismo minimalista de fechadura da lustrosa porta de correr cor de oliva do apartamento.

— Está aberta. — disse Zoe.

O homem se virou e sorriu de volta.

— Vou ficar torcendo para você, ok?

— Legal — respondeu, animada. — Ótimo.

A porta abriu e depois se fechou entre eles, correndo pelos trilhos com amortecedores de um sistema hidráulico que fazia um barulho mínimo, pouco mais alto que a expiração de ar que se deu no instante em que seu sorriso pôde ser desfeito, substituído pela expressão neutra que tomou conta do rosto de Zoe.

Bateu com a mão livre no balcão da cozinha, frustrada, e fez uma careta quando o movimento atingiu a ferida por baixo da gaze.

Foi até as janelas, inclinou o corpo para a frente e passou um bom tempo olhando para a cidade.

Às nove da manhã, com o sol brilhando nas ruas molhadas lá embaixo, recebeu uma ligação da agente.

— Você está bem?

— Sim. Sem problemas. Está ligando por causa do noticiário?

— É. Você viu na TV? Precisamos retomar o controle dessa situação. Se deixarmos marcarem

você assim, os patrocinadores vão sumir.

— Vai passar.

— Quer correr esse risco? Acho que você precisa dar alguma coisa bem favorável e chamativa para distrair os jornais. E precisa acontecer antes de eles irem para a prensa. Caso contrário, podem reprisar essa história, não acha?

— O que você quer que eu dê a eles?

— Uma boa fotografia funcionaria. Você precisa estar sorrindo. E mostrando um pouco de pele.

— Ah, por favor.

— Eu não dito as regras, ok? Ganho quinze por cento por implorar para que você as siga.

Zoe fechou o roupão com força. Na TV, as legendas acompanhavam um programa qualquer. *Jules Hudson e sua equipe estão em Worcestershire para encontrar Meg Cox e sua filha adolescente Melissa. Melissa pode ser cega, mas isso não a impede de conquistar seus sonhos. Com grande talento para a música, ela espera que a equipe possa descobrir itens de valor em sua bela casa para comprar um violão de doze cordas.*

Zoe estremeceu.

— Ok. Vou fazer o que for necessário.

O alívio da agente transpareceu do outro lado da linha.

— Desculpe. Nós duas sabemos que você é melhor que isso, mas esse é o ciclo das notícias, sabe? O que quero dizer é que...

— Pare de falar. Essa fotografia... o que eu tenho que fazer?

— Precisamos criar um evento positivo. Alguma coisa para gerar simpatia.

— Tipo o quê?

— Você pode visitar uma instituição de caridade?

— Que tipo de caridade?

— Não sei... alguma coisa com crianças?

— Você sabe como eu me sinto em relação a crianças.

— Ok. Talvez esporte?

Zoe fechou os olhos.

— Eu já lido o suficiente com esportes.

— Bem, dá para pegar alguma amiga próxima? Tem algum ângulo tipo “melhores amigas para sempre” que a gente possa usar, uma matéria temática, para fazer você parecer mais humana?

— Bem, tem a Kate.

— Não estou falando de uma foto na bicicleta. Você precisa estar fazendo algo interessante.

— E correr de bicicleta não é interessante?

— Querida — respondeu a agente —, o que interessa às pessoas são situações humanas.

— Tudo bem. Então eu e Kate vamos fazer alguma coisa humana.

— É melhor mesmo. Senão os jornais de amanhã vão devorá-la viva. E lembre-se de sorrir nas fotos, ok? Você tem um sorriso lindo.

Zoe ficou em silêncio, pensando sobre Kate. De vez em quando surgia um momento — como aquele na ambulância, depois da batida da véspera — em que se dava conta de quão próximas elas tinham se tornado. Para Zoe significava muito ter uma pessoa na vida, em meio à chuva negra e às luzes azuis piscantes, para erguê-la do asfalto não porque esse era seu trabalho, mas porque queria. Mais tarde, na parte de trás da ambulância, elas conversaram do jeito que Zoe imaginava que irmãs talvez conversassem. Tinha ficado assustada. Sua relutância em se abrir, seu jeito cortante — era pura encenação e fazia aquilo para criar certa distância. Precisava de Kate mas não confiava em si

mesma. Tinha sido mais natural lidar com aquele relacionamento quando Kate era só uma rival — alguém para destruir dentro da pista e desmoralizar fora.

— Qual é o problema? — perguntou a agente.

— Nada — respondeu Zoe—, só estava me lembrando de quando nada envolvia o ciclo de notícias.

— O quê, você ainda acha que tudo se trata só de bicicletas? Não pode ficar toda sentimen...

Zoe desligou o telefone e fechou os olhos.

* * *

No dia em que conheceu Kate, na primeira manhã do Programa de Potenciais de Elite, só tinha ganhado dela por causa de um jogo mental. Ela e Kate foram, de longe, as mais rápidas do programa, e Tom preparou uma competição de três voltas entre as duas.

Tinham dado uma boa olhada uma na outra. O coração de Zoe estava agitado. Não conseguia pensar direito por causa da adrenalina. Estava na bicicleta ao lado de Kate, na linha de partida. Tom segurou a bicicleta de Kate e Jack segurou a de Zoe. A pele de Zoe reluzia. Já tinha corrido três vezes seguidas.

— Você está em condições de pedalar? — perguntou Kate. — Não quer descansar antes?

Zoe balançou a cabeça.

— Estou bem. Estou aquecida. É você que deveria tomar cuidado. Há quanto tempo não compete?

— Seis meses.

— Não vá se arrebentar.

Zoe tinha a intenção de provocá-la, mas Kate não pareceu perceber isso.

— Obrigada — respondeu.

Zoe começou a considerar a possibilidade de que talvez Kate não fosse muito inteligente.

Tom iniciou a contagem.

— Cinco... quatro... três... dois...

Zoe olhou para os pedais de Kate. Arregalou os olhos.

— O que foi? — perguntou Kate.

Zoe não disse nada.

— Um...

Kate baixou os olhos. Estava confusa.

Tom apitou, iniciando a corrida.

Quando Kate ergueu os olhos, Zoe já estava quase dez metros à sua frente. Era uma vantagem impossível de reverter em três voltas, mas Kate quase conseguiu. Na linha de chegada, Zoe só ganhou dela por uma distância de uma roda.

— Merda! — exclamou Kate.

Elas deram mais duas voltas para esfriarem. Estavam ofegantes. Saíram das bicicletas e desabaram. Kate ergueu os joelhos e Zoe se ajoelhou ao seu lado.

— Você está bem?

Kate encarou Zoe. Tinha sangue nos olhos.

— Da próxima vez eu ganho.

Zoe balançou a cabeça, de forma a demonstrar certa admiração.

— Você é um maldito robô — afirmou.

Kate sorriu. Jack se aproximou, e quando Zoe viu sua mão no ombro de Kate, e o olhar que ela lhe deu, uma faca cravou em seu peito e ela saiu andando.

No último dia do programa, quando não estava correndo, Zoe se sentou longe de todos. Ela estava almoçando na parte escura no alto das arquibancadas, na região sul do velódromo. Viu Kate e Jack trocarem telefones lá embaixo, na pista iluminada. Os dois trocavam olhares há três dias.

Zoe comeu uma salada de frutas e pegou cada uva verde com o garfo de plástico como se elas a tivessem irritado pessoalmente. Tom subiu a arquibancada para ficar a seu lado. Apoiou-se no corrimão e se ergueu com passos doloridos.

— Você não acha que ela faz o tipo dele, acha?

— Eu não acho nada. Eu pedalo.

Tom riu.

— Ainda está puta comigo por causa da brincadeira de recepcionista?

Zoe ergueu os olhos para encará-lo, mastigou um pedaço de maçã e não disse nada.

— Você está bem? — perguntou Tom

Ela voltou a monitorar Kate e Jack.

— Desde que eu continue vencendo, sim.

— E se perder?

Zoe deu de ombros.

— Essa não é uma opção — apertou os olhos para ver o casal com mais clareza.

— Eu gosto de você, Zoe. Estou feliz que esteja participando desse programa. Posso ajudá-la com as suas questões, se quiser.

— Eu não tenho “questões”.

— É que você não parece muito feliz.

— Feliz que nem você?

— Não estamos falando de mim.

— Por quê?

— Porque eu sou a porra do técnico.

Zoe batucou os dedos no apoio do assento à sua frente.

— Você não precisa falar, se não quiser — disse Tom, depois de um tempo.

— Eu sei.

Tom esperou, mas ela não falou mais nada.

— Ok — disse ele, finalmente. — Só quero que saiba que estou aqui para dar apoio — Ele levantou para ir embora.

— O que aconteceu? — perguntou Zoe, enquanto ele se virava de costas.

— Com o quê?

— Com os seus joelhos. Com você.

Tom sorriu.

— Não gosto muito de falar disso.

Zoe riu e imitou o tom de voz dele.

— Só quero que saiba que estou aqui para dar apoio.

— Porra, Zoe, só estou fazendo o meu trabalho.

Ela virou o rosto e sorriu.

— Ah, eu entendi. Você precisa vencer em *tudo*. Até nas conversas.

Zoe massageou a nuca.

— É, ok. Desculpe.

Tom sentou-se de novo e colocou a mão no ombro de Zoe.

— Até que sou um bom técnico. Já ajudei várias ciclistas.

Zoe deu de ombros, mas não se esquivou da mão dele. Tom apertou brevemente seu ombro e retirou a mão.

Zoe encarou a pista. Kate e Jack estavam rindo, as luzes em arco iluminando-os com intensidade máxima. Jack jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada, Kate deu um soco de brincadeira no seu ombro, e a luz refletiu em seu cabelo e nos olhos dele, e ambos reluziram com a porra da luz como se fossem ocos e iluminados por dentro por holofotes fortes como a luz de um bilhão de velas, ardendo pelas nuvens de ouro e prata que preenchiam as cavidades de seus corpos em lugares onde pessoas normais tinham fígados, pulmões e intestinos.

Zoe fez uma careta.

— Como é possível eles gostarem um do outro assim? — estalou os dedos.

— Ah, é química, não é? A gente sempre vê isso nos treinos. Não tem nada nesse planeta mais preparado para se apaixonar que jovens que competem em alta velocidade.

Zoe abriu a boca para dizer algo, então reconsiderou.

— Fale — pediu Tom.

— Ok — respondeu Zoe. — Você já se apaixonou?

Ele riu.

— Só umas vinte ou trinta vezes por dia. Isso não conta na minha idade. É só aplicar a voltagem e o sapo ainda chuta, mas ele está tão morto quanto uma discoteca numa terça-feira de manhã.

— Não — respondeu Zoe, irritada —, quero dizer de verdade.

Tom suspirou.

— Amor? Ah, sim. Merda. Um tempão atrás.

— Como é a sensação?

— Você está perguntando para a pessoa errada. Como eu disse, isso foi em outra vida.

Zoe continuou observando Kate e Jack.

— Eu me sinto meio achatada por dentro, geralmente. Meio morta. E tem horas que fico superbrava.

— Isso a assusta?

Ela pensou um pouco.

— Sim.

Tom assentiu, como um médico inclinado a concordar com seu próprio diagnóstico.

— O quê? — perguntou Zoe.

— Nada. Mas, sabe, isso certamente conta como uma questão.

— Só estou sendo sincera sobre como me sinto.

— Você só tem dezenove anos, Zoe. A coisa fica mais fácil.

Ela imitou uma boca falando com a mão. Tom sorriu.

— Não. Falando sério. Como seu técnico, é meu dever solene informá-la de que você ainda não viu tudo.

— E você viu?

— O tempo passa, é só isso que estou dizendo. Você vai encontrar alguém com quem se

importará.

Zoe lançou um olhar duro para ele.

— Não tenho medo de ficar sozinha. Você tem?

— Meu Deus, você está doida? Eu me cago de medo de ficar sozinho.

Os dois ficaram sentados ali por mais alguns minutos, observando Kate e Jack. Não falaram nada. Depois de um tempo, Zoe passou a bandeja com salada de frutas para Tom e ele pegou uma uva.

— Valeu.

— Não se acostume.

Tom riu. Zoe não.

— Quero competir com Jack.

— Você está brincando?

— Não. Ele me irrita. Deixe eu tentar ganhar dele.

Tom a olhou com ceticismo e ela retribuiu o olhar, esforçando-se para manter o rosto inexpressivo. Enquanto eles se encaravam, uma espécie de tristeza se formou entre os dois. Isso fez Zoe sofrer, e ela não sabia que sentimento era aquele. Talvez fosse sua própria fragilidade. Sua dúvida repentina quanto a ser mais forte que os dias, quanto a ser um objeto fixo pelo qual o tempo passaria como fumaça por um túnel de vento.

— Sou melhor técnico de ciclismo que cupido. Quero dizer, se você está a fim de Jack, talvez fosse melhor descer até lá e falar com ele.

Inesperadamente, Zoe ficou vermelha.

— Não estou *a fim* dele.

— Então deixe para lá.

Ela balançou a cabeça com desdém.

— Deixar para lá é o cacete.

Tom a considerou com cuidado.

— *O que foi?* — perguntou ela.

Ele pesou duas massas invisíveis nas palmas das mãos.

— Você vai acabar num pódio ou num saco de cadáver. Estou tentando adivinhar em qual dos dois será.

Zoe fungou.

— Como se você se importasse.

— Eu sou pago para me importar, ok? Esse é o meu trabalho. Acredito firmemente que com o técnico certo você pode se tornar uma grande campeã.

— Não preciso de um técnico. Só preciso competir.

— Então vamos fazer um acordo com você, pode ser? Se eu deixá-la competir com Jack, você me deixa ser seu técnico por um mês. Se ainda achar que não precisa de mim no fim do mês, solto você de volta na selva. Talvez eu ponha alguma espécie de dispositivo rastreador em você, para facilitar o trabalho da polícia quando estiverem procurando pelo seu corpo.

Ela sorriu.

— Ok.

Tom deu um tapinha em seu ombro.

— Boa garota. Olha, como pretende competir com Jack? Você não tem a menor chance se for uma corrida de curta distância, não acha?

Zoe olhou para Jack, que ainda ria com Kate ao lado da pista. Ele era grande para um ciclista, um metro e oitenta e dois de puro músculo, sem qualquer gordura corporal, só ossos compridos com quadríceps, glúteos e abdominais arranjados na estrutura como um diagrama de anatomia. Zoe o observou da cabeça aos pés, e o que não lhe faltava era força.

— Distância? — perguntou.

— Não posso discordar. Se o fizer trabalhar por algumas voltas talvez consiga deixá-lo cansado. Já fez uma perseguição?

Zoe assentiu. Perseguição individual era o tipo mais simples de corrida. Os dois ciclistas começam em lados opostos da pista e pedalam no sentido anti-horário, um perseguindo o outro. Era difícil desde o começo, e quem alcançasse o outro ganhava. Caso ninguém alcançasse o rival, o vencedor seria aquele que cobrisse a distância antes.

— Então é isso — afirmou Tom. — Quatorze voltas?

— Ótimo.

Eles desceram pela arquibancada até a pista, e Tom chamou os ciclistas e ditou as regras de combate. Zoe manteve os olhos fixos em Jack, que a observou com curiosidade. Seus olhos causaram certo efeito nela. Zoe se atrapalhou com as tiras do capacete antes de conseguir fechar a trava e se escondeu por trás do visor espelhado, sussurrando: *vamos, vamos*. Controlou a respiração.

Fechou os olhos com força e deixou toda a raiva soterrada emergir para a superfície. Era a raiva profunda que sentia de si mesma. Começou a ferver dentro dela, cada vez mais, até sentir que se não subisse imediatamente numa bicicleta e começasse a pedalar acabaria soltando um grito que iria expulsá-la do grupo.

— Vamos lá — disse, com os olhos fechados — *Vamos, vamos lá...*

Zoe se permitiu ser conduzida até a linha de partida. Alguém levou sua bicicleta. A adrenalina fazia seu corpo tremer quase até o ponto de colapso. Estava sozinha na linha de partida. Todos os outros ciclistas do programa queriam que Jack vencesse. Estavam amontoados ao redor dele, no outro lado da pista. Zoe não via problema algum nessa situação. Mas isso significava que não havia ninguém para segurar sua bicicleta, para começar. Tom pediu voluntários, mas ninguém se apresentou como tal. Por fim, o próprio Tom veio e segurou a bicicleta de Zoe.

Pegou o braço dela, mas Zoe afastou o toque.

— Vamos lá, Zoe — disse ele, baixinho. — A gente precisa determinar uma expectativa realista para você aqui. Tente não deixá-lo alcançar você por dez voltas. Se conseguir fugir dele pelas últimas quatro, vamos considerar isso uma vitória, ok?

— ...ok — respondeu Zoe, com esforço.

Tom gritou se preparando para a contagem, e as garotas estavam entusiasmadas do outro lado da pista, gritando *Vai Jack! Acabe com ela, Jack!*, garotas essas que eram só coxas e rostos reluzentes. Zoe olhou para o outro lado da pista e viu Jack a encarando, com um sorriso.

Ela virou o rosto. Tom começou a contagem regressiva.

Dez segundos para começar. Zoe encarou a linha de partida na pista, em frente à sua roda dianteira. A fina faixa preta que a trazia de volta a si mesma. Estava respirando com força, o oxigênio fazendo o sangue correr. Concentrando-se. Passou os olhos pela curva da linha preta que inclinava a gravidade em torno do centro de sua fúria e convocava todos os seus demônios e os prendia no ponto infinitamente quente de energia no centro de seu corpo. A força da energia fez seu corpo tremer. Zoe se manteve no limite exato do controle até a contagem terminar. A raiva absoluta a mataria se ela tivesse que segurá-la por mais alguns segundos. Lutou para mantê-la contida. A

velocidade lutou histericamente para ser liberada. Zoe a conteve pelos três últimos impossíveis segundos, alternando o foco entre a corrida e o mundo real, esperando a ordem de partida. Seus lábios se moveram: ela estava rezando pelo apito.

Sentiu o guincho do apito na coluna vertebral, o som fazendo uma ligação direta com a vida que ela tinha focado num ponto incandescente de vingança. O apito liberou aquela energia para o movimento. Zoe estava colocando toda a força nos pedais antes que seu cérebro se desse conta do esforço. Só percebeu depois de percorrer uns vinte metros de pista. O primeiro e último pensamento de verdade se formou: *Ah, olha isso, eu estou competindo.*

A técnica emergiu. Todo o treinamento que Zoe havia introjetado em seu corpo começou a assumir o controle. Chegando na primeira curva íngreme, ela se afundou mais no selim. Tirou as mãos das partes externas do guidão, preparou os cotovelos e entrou na posição aerodinâmica. Pensamentos aleatórios começaram a surgir em seu cérebro. Diziam: *Merda, merda, merda, vou perder.* Diziam: *Sapatos, preciso de um novo par de sapatos.* Diziam: *Her name is Rio and she dances on the sand* (Seu nome é Rio e ela dança na areia). A essa altura seu coração já estava em cento e quarenta batimentos por minuto e o processo digestório tinha sido praticamente interrompido para poupar energia. A raiva foi transfigurada em força. A força se tornou velocidade. O cérebro dizia: *Indium, tin, antimony, tellurion.* Dizia: *I have seen things you people wouldn't believe* (Eu vi coisas que essa gente não ia acreditar). Quando chegou na segunda volta íngreme estava em cima da linha, entrando no ritmo, o coração já a cento e cinquenta, o cérebro dormente e a visão periférica começando a se transformar num borrão. Era o resultado do corpo deixando de mandar o fluxo de sangue para os sistemas não essenciais. O cérebro soltou mais um murmúrio arbitrário e calou-se. *Great Birnam Wood. Ejeta!* *Ejeta!* O coração chegou a cento e setenta. O corpo produziu gemidos involuntários. Na sexta volta, o coração estava a cento e noventa. Ela não conseguia pensar nem lembrar do próprio nome, e estava quase cega. Então algo surpreendente aconteceu.

Um ritmo lento tomou conta dela. Cada joule amargo de raiva havia sido transformado em energia. Zoe estava vazia. Não havia dor. O sopro do ar passava por seus ouvidos. Ela ouviu com atenção. A música silenciosa era tudo o que havia. Era o som do universo lhe mostrando clemência. Finalmente, ela não era ninguém.

Ah, esses eram os grandes momentos.

Mas aí começou a dar errado. Devagar, primeiro na forma de um sussurro e depois como um rugido incontestável, ela escutou as rodas de Jack vindo por trás, e o som irregular de sua respiração. Com oito voltas pela frente, ele a estava alcançando. Ambos trabalhavam na intensidade máxima. Mas ele era mais rápido. Não podia fazer nada a respeito disso.

Ser perseguida por outro ser humano era algo muito íntimo. Zoe nunca tinha sido pega. Consequia ouvir cada arfada dos pulmões de Jack. Escutou a falha em sua respiração cada vez que alcançava o momento de maior força da pedalada. Escutou o sibilar do vento ao redor dele mudar de tom quando espremeu o corpo na estrutura da bicicleta com ainda mais força. A visão de Zoe estava reduzida a um túnel verde brilhante em meio a uma bruma de escuridão, como se estivesse pedalando com um farol colorido. Além das fronteiras da escuridão havia apenas sua própria respiração e a de Jack, cada vez mais próxima. Em algum lugar outros seres humanos entoavam o nome dele. O escuro foi preenchido por alucinações. Zoe viu os troncos altos de árvores de faia passando por ela. Viu uma mancha verde e uma estrada de asfalto se curvando para a esquerda à sua frente. O som de uma criança rindo superou o rugido do vento, e ela pedalou com mais força, torcendo para que seu coração explodisse e ela não tivesse mais que escutar aquilo.

Então Jack lhe disse algo. Ele não precisou gritar, porque estava muito perto.

— Foi mal, Zoe.

O pedido era sincero. Ela sabia que aquele era o único tipo de pedido de desculpas que significava alguma coisa. Com os corações de ambos a mais de duzentos batimentos por minuto, com a paz da exaustão a dominando, Zoe compreendeu o esforço exigido de Jack para dizer aquilo. Ela percebeu o que aquilo deve ter custado.

Podia ter simplesmente aceitado. Podia ter relaxado um pouco os pedais, dado umas voltas lentas e deixado aquilo para trás. Queria ter feito isso. Mas alguma raiva burra, guardada por anos e automatizada em seus membros, fez com que continuasse a se esforçar até o ponto de colapso. Deu tudo de si. Estava perdendo a consciência. A direção empinou e estremeceu.

Houve um estrondo.

A princípio, Zoe não soube se ela tinha batido ou se tinha sido Jack.

Sua visão começou a clarear, e as cores voltaram. Continuava de cabeça para cima e montada na bicicleta.

Depois, quando Tom explicou o que tinha acontecido, disse que nunca tinha visto alguém bater nos trilhos internos com tanta força. Aparentemente, Jack havia tocado sua roda traseira. Ainda na pista, os médicos de plantão deram uma olhada nele e o deixaram inconsciente com uma injeção. Imobilizaram seu corpo antes de movê-lo.

Em seguida ouve um inquérito, e perguntaram para Zoe por que ela não tinha parado de pedalar. Ela respondeu que devia ter entrado em choque. A verdade era que não queria que ninguém visse seu rosto. Queria ficar com o capacete, porque o visor ocultava seus olhos, e ela precisava pedalar até se recompor. Se pudesse não ter parado de pedalar, o teria feito. Como não podia, deu vinte voltas lentas e tentou não olhar para Jack, deitado inconsciente na beira da pista. Quando finalmente o levaram dali, ela parou no centro do velódromo e subiu numa das bicicletas estacionárias, para esfriar o corpo.

Estava tentando reduzir os batimentos de cento e sessenta para oitenta variando em dez batimentos por minuto, dois minutos a cada fase. Já havia alcançado os cento e quarenta, e algumas das garotas estavam passando perto dela e lhe lançando olhares estranhos. Ela deu de ombros. Era como se ela tivesse feito algo além de pedalar pesado. Então Kate apareceu, chorosa e trêmula.

— Desculpe, Zoe, mas você podia tê-lo matado.

Ela já estava nos cento e trinta por minuto.

— Eu me mantive na linha, só isso.

— Não, você passou bem na frente dele. Ele desviou para não acertá-la. Não teve qualquer chance.

— Não estava tentando acertá-lo. Só estava tentando não perder.

Kate a encarou. Aí soltou um soluço — um único e agudo soluço.

— Porra! É só a merda de uma corrida de bicicleta, Zoe.

Zoe não conseguiu sustentar o olhar. O gume afiado da infelicidade abriu caminho para dentro dela. Destruíu a calma que a corrida tinha instaurado. Ela lutou contra a mudança, mas a confusão estava de volta. Olhou para baixo e balançou a cabeça, devagar.

— Eu sei. Desculpe, Kate. Não sei o qual é o meu problema.

Kate a encarou por um bom tempo, então se aproximou e tocou no braço de Zoe.

— Talvez você devesse falar com alguém. Sabe? Com um médico.

— É.

— Tem alguém que possa acompanhar você?

— É. Quero dizer, claro. Com certeza.

Kate apertou seu braço.

— Quem?

Ela olhou para o monitor de frequência cardíaca.

— Um monte de gente.

— Não tem ninguém, não é?

Não admita. Foi a primeira coisa que Zoe pensou. Não demonstre mais qualquer fraqueza para ela. Você vai competir contra essa garota por anos. Não entregue nada. Invente uma família. Invente um namorado. Invente um pequinês, mas não diga para ela que você está sozinha.

— Olha. Você é uma pessoa mais legal que eu. Vamos deixar isso para lá.

— Por favor — pediu Kate—, só estou dizendo que podemos ir ver alguém. Se você quiser. Quero dizer, a gente vai estar sempre competindo, não vai? Então eu gostaria de ser sua amiga.

* * *

Treze anos depois, em seu apartamento no quadragésimo sexto andar, Zoe tentou manter as mãos firmes enquanto preparava seu terceiro *espresso* duplo.

Você devia falar com alguém. É isso que todo mundo que se importa com alguém diz.

As pessoas felizes acreditavam em alguém. Isso resumia a diferença entre ela e Kate. Com expectativas de ter companhia, pessoas como Kate andavam com um espaço bem-cuidado ao seu lado. Mesmo nos piores momentos elas podiam imaginar a possibilidade de ter alguém. Um alguém mágico, capaz de reconstruí-las com palavras. Alguém que seria um bom ouvinte, compreensivo, e Zoe não devia tê-lo matado aos dez anos.

Zoe bebeu o café, lavou a xícara e foi ao banheiro para tomar o segundo banho da manhã. Deixou a água lavar o que restava do médico residente, da sua agente e da lembrança da batida com Jack. Quando tudo isso se foi e ela ficou sozinha de novo, chorou. Não foi nada dramático. Parecia mecânico: lágrimas vertendo devido ao acúmulo de pressão. Era quase silencioso, as lágrimas se misturando com a água do chuveiro. Pôs tudo para fora. Treinou o discurso de quando ganhasse a medalha de ouro em Londres para afastar a atenção à dor de seu corpo. *Sabe, estou satisfeita de ter feito o melhor que eu pude no dia e de não ter decepcionado os outros membros da equipe; devo dizer que o apoio que eu tenho recebido de todo mundo e de todos os fãs tem sido incrível e, nossa, ver todas aquelas bandeiras britânicas... Valeu, pessoal!*

Barrington Street, 203, Clayton, Região Leste de Manchester

Jack pegou Sophie no colo para carregá-la escada abaixo, segurando a filha com cuidado para não esticar o cateter de Hickman. Parou por um instante na entrada do quarto dela.

— Tem certeza de que não posso convencê-la a se vestir, minha garota?

Sophie riu, e deu chutes no ar.

— Não!

— Você vai ficar de pijamas a vida toda, então?

Jack sentiu Sophie assentindo, uma vez que não podia vê-la por cima do ombro.

— Pijamas? Mesmo? Até quando voltar para a escola? Até no seu casamento?

Sophie assentiu de novo.

— Até quando subir no pódio olímpico para ouvir o Hino Nacional?

— Não vou ser atleta, lembra? Vou ser uma Jedi.

— Ah, eu esqueci. Sinto muito.

— Vai sentir.

— Isso é uma ameaça?

— É um juramento.

Jack riu, e fez uma careta quando Sophie lhe deu um soco na lateral da cabeça.

— Ei! — reclamou. — Achei que você era uma menininha indisposta.

Ele apertou a filha o suficiente para fazê-la rir e se contorcer, mas não o bastante para provocar uma resposta inadequada das células brancas do seu sangue. Você acaba aprendendo o quanto pode apertar.

Jack levou Sophie até a cozinha e a colocou sentada em cima da mesa. Kate já estava lá, preparando um chá na grande chaleira marrom. Levou a bebida até a mesa e cobriu delicadamente a chaleira com o abafador do Union Jack. O vapor começou a se formar, subindo em espirais pela luz de abril. Kate vestia só uma calcinha e uma camiseta branca, que deixava seu bumbum à mostra quando se inclinava para servir a bebida. Jack sorriu.

— O que foi? — perguntou ela.

— Para alguém que usa um abafador de chá, você é incrivelmente sexy.

Kate deu um tapinha afastando sua mão.

— Vocês, escoceses, são tão insaciáveis!

— Só porque vocês, ingleses, são tão fáceis de invadir...

— *Pare* — sibilou Kate, contorcendo-se no aperto de Jack.

Ele beijou seu pescoço, soltou-a e piscou para Sophie. Kate foi para o outro cômodo dobrar roupas, e Jack conectou o celular no aparelho de música e colocou “500 Miles” da banda The Proclaimers, porque era a música favorita de Sophie e, afinal, que outra maneira havia de se começar um dia assim, com horas de treino pesado pela frente e o límpido nascer de sol, colorido com promessas infantis?

Sophie cantou junto com a música. Jack adorava ver o quanto ela curtia The Proclaimers, os ferozes homenzinhos de Leith, com sua calça jeans barata e as camisas dominicais para dentro das calças, e aqueles óculos e cortes de cabelo de mau gosto. Se ainda estivessem fazendo shows talvez levasse Sophie para vê-los algum dia, quando ela estivesse melhor, para que pudesse observar como os cantores eram no palco: um cara com a guitarra acústica e o outro só com a coragem, berrando a música como se as palavras fossem balas de ferro sendo disparadas nas entranhas do próprio demônio. Começou o refrão, e Jack ergueu Sophie e rodopiou pela cozinha com ela no colo.

— *An AH would walk five HUN dred miles! An AH would walk five HUN dred more! Just tae BE the man who'd walked a THOUSAND MILES tae fall down at your door!* — Sophie gritou a letra da música, e Jack sentiu um amor enorme por sua filha. Era um grito desafiador essa música. Fazia com que ele, Kate e Sophie soubessem que ela ia melhorar. No fundo do coração, Jack tinha certeza que conseguiriam vencer essa leucemia pelo simples fato de serem escoceses o suficiente.

Depois da música veio a hora de Sophie tomar as pílulas da químio, guardadas em vários vidros marrons, organizados por dias. Sophie se agarrou nas pernas do pai, meio fraca por causa da dança.

— Venha cá, Sophie. Sente-se, garotona. Estou separando suas pílulas.

Merda, agora ele tinha perdido a conta. Seis das amarelas pequenas. Quatro das azuis e brancas. Seis das vermelhas e verdes. Colocou todas no velho cálice de prata com fitas amarelas presas nas alças, que tinha a palavra CAMPEÃ inscrita. Sophie sabia qual era a ordem em que as pílulas deviam ser tomadas. Também havia uma cópia das instruções presa na geladeira, em Comic Sans, com o desenho de um sol colorido. Na verdade era bom que a quimioterapia fosse algo tão alegre, caso contrário talvez Jack ficasse assustado.

A mãozinha estava puxando sua perna de novo.

— Pai?

— *O quê?* — perguntou Jack. Depois, repetiu de maneira mais suave: — O quê?

— Preciso fazer xixi.

— E? Você sabe onde fica o banheiro.

— É, mas eu estou *cansada*.

— Não quer se dar o trabalho de andar até o banheiro, é isso?

Sophie sorriu.

— É.

Jack devolveu o sorriso, tentando manter tudo normal. Ela estava mesmo cansada demais para andar, ou era só uma brincadeira? Às vezes ficava difícil distinguir.

Jack apontou um dedo acusador na direção de Sophie:

— Não vai dar uma de britânica agora.

Kate voltou para a cozinha, colocou o telefone na mesa e pegou Sophie no colo.

— Tudo bem — disse —, eu a levo.

Sophie sorriu, colocou os braços ao redor da mãe e enfiou o rosto em seu pescoço. Kate se inclinou para a frente e deu um beijo em Jack, um demorado beijo de língua, passando a mão livre por dentro da parte de trás da camiseta dele.

— Você... — sussurrou Kate, e isso bastou para diminuir a preocupação do marido.

Jack ficou sentado na mesa da cozinha, vendo o traseiro perfeito da esposa se afastar, e se perguntando que espécie de cálculo a vida podia ter feito para determinar que ele a merecia. Talvez o destino tivesse se distraído por um instante, perdido a conta das pílulas nos frascos.

Banheiro Embaixo da Escada, Barrington Street, 203, Clayton, Região Leste de Manchester

Kate carregou a filha até o banheiro e acendeu a luz para ela. Tirou o boné de *Guerra nas estrelas* de Sophie, porque a aba cobria seus olhos quando sentava no vaso. Esperou a menina fazer xixi. Às vezes a urina saía num jorro pouco antes da garota baixar a calça, e em outras vezes ficava mais de um minuto esperando até ela se aliviar. De vez em quando havia alarmes falsos e era necessário aguardar num silêncio solene até que parecesse seguro levantar e sair. Com a químio era assim. Nenhuma função corporal era poupada de seus efeitos.

Kate pensou na mensagem de texto que tinha acabado de receber.

— Eu e Zoe precisamos ver o Tom depois do treino, hoje à tarde — gritou para Jack. — Aconteceu alguma coisa. Pode cuidar de Sophie por mais um tempinho hoje?

— Sem problema — respondeu Jack—,eu estava pensando em talvez levá-la para ver você treinar.

Kate se levantou e viu as coxas da filha flexionando e relaxando, num esforço para conseguir fazer xixi.

— Quer ver a mamãe e Zoe treinando hoje? Talvez faça bastante frio no velódromo.

No fundo, ela estava torcendo para Sophie dizer não, mas sua filha respondeu que queria ir. E ainda nada de xixi.

Enquanto esperava, Kate pensou na logística do treino da tarde. Se Jack ia levar Sophie para assistir, teriam que carregar para o velódromo tudo o que era necessário. Precisariam do cilindro de oxigênio, do kit de Hickman e da lista de médicos em plantão. Precisariam levar as injeções de emergência de Sophie, o inalador e toda a sua coleção dos bonecos de *Guerra nas estrelas*. E precisariam daquela lista interminável de coisinhas que acabavam dando um jeito de ir parar no fundo da mala de emergência. Não lembravam mais para que cada coisa servia, mas sabiam que se jogassem fora se recordariam no dia seguinte. E isso seria uma merda. Não podiam deixar Sophie morrer porque mamãe e papai jogaram fora o pequeno adaptador da linha de oxigênio, depois de confundir o objeto com um pedaço solto de alguma bomba de bicicleta quebrada.

Zoe, por outro lado, sairia do apartamento levando apenas o kit de ciclismo numa mala e uma chave no bolso de trás da calça jeans. Para chegar até o velódromo, Kate e Jack teriam que prender Sophie em seu assento no banco de trás, repassar cada item da lista de procedimentos de segurança, e então dirigir defensivamente por uma dúzia de outdoors com o rosto de Zoe. Seus olhos verdes, o cabelo verde, o batom verde naquele copo verde congelado. *Perrier: Sirva gelada*. Uma vez que a família Argall tivesse enfrentado o desafio e chegado no velódromo, Zoe já estaria lá se aquecendo há uma hora. Como Kate podia competir com isso? Zoe vivia só, no topo da torre mais alta de Manchester. Kate vivia aqui embaixo, na Terra, com sua família.

— Desiste? — perguntou Kate, com delicadeza.

Sophie suspirou.

— Sim.

Ela ajudou Sophie a vestir o pijama de volta e a abraçou. Sabia que estaria pensando na filha no treino da tarde. De repente escutaria o apito de Tom, o que interromperia seus pensamentos e a faria voltar para a realidade, com Zoe um décimo de segundo à sua frente. A liberdade fazia com que Zoe fosse mais rápida e mais triste que ela, e, caso pudesse escolher, Kate não trocaria de lugar com ela. Ainda assim, às vezes tinha que se esforçar para não ficar ressentida. Mesmo sabendo o que impulsionava Zoe, mesmo compreendendo o que havia acontecido com seu irmão, era difícil esquecer as vezes em que ela tinha colocado a disputa à frente da amizade. Mas, por outro lado, talvez todo mundo se sinta assim. Talvez todos lutem contra a teimosia possessiva da memória humana, que acumula os acontecimentos que você mais quer esquecer. Talvez fosse um milagre chegar aos trinta e dois anos e conseguir perdoar completamente seus amigos.

Kate estremeceu, e parou de pensar em tudo isso.

Sorriu para Sophie e passou a mão numa fina mecha de cabelo na testa da filha. A mecha ficou presa em seu dedo, soltando direto da raiz do couro cabeludo. Agora ela estava completamente careca. Sophie não percebeu.

Kate colocou o boné de volta.

— Vai lá brincar com o papai — disse, com a voz alegre.

Quando Sophie saiu, Kate abaixou a tampa do vaso e desabou no assento, como se tivesse levado uma pancada. Encarou a mecha de cabelo de Sophie, que tremia da raiz clara até a ponta escura em sua mão, e a beijou. Sentiu a suavidade dos fios nos lábios, e o leve odor de químico e

poeira. Em seguida levantou, ergueu o assento do vaso, soltou o cabelo e deu descarga. Não havia por que fazer um drama por isso. Jack talvez percebesse, mas, caso contrário, seria mais gentil não ressaltar aquele acontecimento para o marido. Desilusão seria uma palavra forte demais. Pensou no que fez como algo análogo ao que um mágico faria: um truque de prestidigitação, ocultando esses momentos agourentos numa das mãos e direcionando a atenção dos olhos da família para outros sinais, mais saudáveis. Esse era o truque. Para a família, a doença podia ser algo subjetivo.

Kate observou a água da descarga escorrer pelo vaso.

Quando o cabelo de Sophie crescera o suficiente, aos dois anos, fora Kate quem o tinha cortado pela primeira vez. Colocou a primeira mecha que cortou da filha num álbum. Prendeu a mecha escura na folha com fita adesiva, e escreveu o nome de Sophie e a data com uma letra caprichada. Chegou a se dar o trabalho de ir até a loja da esquina para comprar uma caneta que não fosse esferográfica.

E agora lá estava a última mecha de cabelo da filha, flutuando no vaso. Deu descarga outra vez, mas o cabelo não descia.

* * *

Depois da batida de Jack no Programa de Potenciais de Elite, Kate ficara sem saber o que fazer. Tom contou aos outros ciclistas que Jack tinha sido levado para a UTI no Hospital Geral North Manchester, com pelo menos alguns ossos quebrados. E aquele foi o fim do programa, duas horas antes do planejado. Em choque, com os pensamentos obscurecidos como vozes vindas da neblina, Kate tomou um banho e começou a caminhada do velódromo até a estação de trem. A mala com seu kit de ciclismo pesava no ombro, e seu cabelo ainda estava úmido.

Enquanto caminhava no frio lembrou da mão de Jack em seu braço, das longas conversas que tiveram entre as corridas, e de como ele tinha tocado seu rosto, com aquele jeito brincalhão. Pensou nos seus dedos depois da batida, quebrados e inchados, com uma ponta afiada do osso protuberante. Ou seria o braço, ou as pernas, ou a coluna? Sua mente conjurou todas essas imagens. O que ela estava fazendo, indo embora? Não chegaria a usar palavras como “desejo” ou “atração” para descrever o que sentia. Mas percebeu que se importava — que precisava saber — exatamente quais ossos Jack tinha quebrado.

Mas, ainda assim, sentiu-se desconfortável com a ideia de ir ao hospital. Para fazer o quê? Sentar ao lado da cama de Jack e examinar sua mão, e segurá-la caso não estivesse quebrada? Não sentia que tinha esse direito. Só o conhecia há três dias. Mas pareceu errado não fazer nada; entrar no trem e voltar para casa como se nada de importante tivesse se passado entre ambos. Seria uma relutância natural deixar a cena do acidente, só porque conversas com garotos não deviam terminar assim — com o garoto sendo apagado por uma injeção de sedativos e retirado do lugar da conversa, completamente imobilizado por médicos com luvas e jalecos verdes? Até onde sabia, todas as garotas do programa podiam estar pensando a mesma coisa. Jack não tinha sorrido para elas, também? Será que ela tinha sido a única cujo coração batera mais rápido por causa dele? Talvez esses sentimentos não fossem incomuns, mas — pelo contrário — a mera sensação de ser uma garota comum e inexperiente que veio do norte e confunde chuva com arco-íris.

As pessoas se atrapalharam e corrigiram suas trajetórias, desviando de Kate quando ela de repente parou na rua.

Ela segurou a cabeça e tentou pensar. Não havia uma etiqueta estabelecida, em tempos de paz, para facilitar esse passo súbito de um flerte agradável para uma visita séria no hospital. Não havia jurisprudência emocional; apenas essa dúvida quanto ao que parecia estar sentindo por Jack: será que isso bastava para justificar essa vontade de sentar ao lado de sua cama no hospital e segurar suas mãos, e talvez chorar um pouco? Sim, era isso — ela queria chorar. Se era com, para ou por ele, Kate não sabia.

Se tivesse visto outra pessoa naquele estado abominável, ao andar pela rua, teria desviado o olhar por educação. Isso era normal? Será que outras mulheres também se sentiam meio doidas, desse jeito? Ou seria essa uma situação única, relacionada à intensidade da vida que Kate tinha escolhido? Talvez não estivesse exagerando, afinal. Talvez esses fossem seus sentimentos reais, tão intensos ao ponto de se tornarem insuportáveis, suprimidos por treze anos de treino pesado e agora emergindo para a superfície, como dentes nascendo na boca de uma criança.

Ela resmungou. Era por isso que as pessoas não apostavam corridas de bicicleta. Era por isso que ninguém treinava sete horas por dia. Era por isso que as pessoas se permitiam tomar bebidas alcoólicas, carregar gordura corporal e relaxar com os amigos à noite. Assim não teriam que lidar como recém-nascidos com esses sentimentos insuportáveis. Seu coração estava a mil, e a cabeça confusa. Fechou as mãos em punhos e espremeu os olhos, frustrada.

O dia ensolarado se rendeu às nuvens que acompanharam o entardecer, e agora as primeiras gotas de chuva deixavam o asfalto mais escuro e apressavam os outros pedestres. Lá estava aquele cheiro marcante de juventude e água fresca que surgia quando começava a chover, sobrepondo-se à fumaça do trânsito. Kate viu a multidão se espalhar e pensou no que seria mais assustador: ser igual às outras pessoas ou ser diferente. Se todos sentiam-se da mesma forma que ela, como conseguiam sobreviver? Como suportavam as feridas e os rompimentos, a desintegração que ocorria quando camadas inteiras suas se prendiam à superfície de outros, até saírem por completo? Caso Kate se permitisse se apaixonar, logo não sobraria nada. Apenas uma lembrança de sua figura nas multidões dispersas pelas calçadas.

Ela devia ir para casa. Seu cronograma de treino começava às cinco horas da manhã no dia seguinte. Trabalhava como *personal trainer* na LA Fitness e fazia um curso de graduação que em dois anos a qualificaria como fisioterapeuta. Tinha amigos. Tinha pessoas que precisavam dela.

Kate retomou a caminhada em direção à estação de trem. Estava forçando seus movimentos, mais infeliz a cada passo que a afastava de Jack e a levava de volta para a sua vida de sempre. Sentia-se muito pequena para ter que pensar em coisas tão grandes. Viu seus calçados de treino diminuírem de novo o passo nas lajes molhadas. Estava ciente das texturas e singularidades sob seus pés. Eram diálogos muito longos para serem mantidos por solas com bitucas úmidas de cigarro e pedaços endurecidos de chiclete.

Se desse meia-volta e fosse vê-lo agora, estaria perdendo o foco. Tinha planejado deixar o velódromo ao final do Programa de Potenciais de Elite, pegar o trem de volta para casa e esperar para ver se o pessoal do Ciclismo Britânico ligava. Era um bom plano. E agora essa. Sua mente parecia, ao mesmo tempo, o nascer e o pôr do sol — uma bagunça reluzindo à meia-luz. Era o momento mais emocionante de sua vida, mas também o mais doloroso e estressante.

Ela tinha dezenove anos. Parou de andar na metade do caminho até a estação de trem, deu meia-volta e correu até o hospital para ver Jack.

Chegou sem fôlego no largo corredor do lado de fora da UTI. Havia fileiras de cadeiras dobráveis de plástico nos dois lados do corredor. As enfermeiras não sabiam dar qualquer

informação e instruíram Kate a aguardar. Ela se sentou numa das cadeiras e esperou por uma hora, lendo panfletos sobre a morte e suas causas, sem receber notícia alguma. Estava cansada por causa do treino, então juntou três cadeiras para deitar e usou o casaco para se cobrir.

Sonhou com Jack e quando acordou estava molhada entre as pernas e ofegante. Já estava escuro. O corredor do hospital era iluminado por lâmpadas compridas no teto, cheias de moscas mortas presas no interior da proteção de acrílico. Isso foi a primeira coisa que Kate viu e logo depois encontrou um homem de meia-idade a observando. Ela se sentou, piscando os olhos. O rosto do homem era de Jack, mas parecia meio morto. Kate cobriu a boca com a mão, sufocando um grito.

Havia uma mulher ao lado do homem, segurando seu braço.

— Você a *assustou* — sussurrou a mulher.

A mente de Kate alternou entre o sonho e a realidade incompreensível.

O homem parecia curioso, hostil, ou então as duas coisas.

— Você está aqui para ver Jack?

Kate se endireitou e segurou o casaco com força.

— Hum. Sim.

— Você é ciclista?

— Sim. Meu nome é Kate.

O homem a encarou. Seu rosto parecia ter sido misturado com o de Jack. Estava deixando-a doida. Piscou com força, expulsando o sono. Fechou as pernas, dominada de repente pela vergonha e pelo pânico. As imagens do sonho sumiram. Imaginou se tinha feito algum barulho enquanto dormia.

— Você é a garota que fez o nosso garoto bater?

Meu Deus, eram os pais de Jack.

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Então por que você está aqui?

Kate percebeu que estava ficando vermelha.

— Ah, deixe a pobre garota em paz — disse a mulher.

— Robert Argall — disse o homem —, e essa é minha esposa, Sheila.

Sheila estava usando uma calça jeans azul, camiseta azul e botas de camurça bege gastas na parte interna dos calcanhares. Ela devia ter uns quarenta anos. Era magra e pálida. Tinha cabelos secos e olhos azuis, rodeados por marcas escuras. Não o tipo de marca de alguém que sofreu agressões, mas o tipo de marca de alguém que andou ingerindo veneno. Em pequenas quantidades. Silenciosamente. Por anos. Tinha a pele um pouco amarelada. Dava para imaginar ela se espreitando até o armário embaixo da pia, tirando a tampa da graxa de sapato e dando uma lambida, antes de correr de volta para a cozinha para preparar o chá de Robert. Robert parecia... Kate não sabia. Parecia ser o tipo de homem capaz de levar você a experimentar graxa de sapato.

Sheila deu um breve sorriso, então olhou para as mãos e concentrou sua atenção na jaqueta de brim dobrada que estava carregando.

Robert era menor que o filho. Mais magro, calvo e com a aparência meio doentia. Seu rosto lembrava um pouco o de Jack. Mas tinha fumado até sua pele não aparentar mais nenhuma vivacidade, ficar amarela e parecida com couro. Kate não conseguiu deixar de pensar no quão lindo Jack era em contraste com a aparência intoxicada dos pais. Era um pássaro proveniente de um ovo em conserva.

Robert e Sheila sentaram no lado oposto do corredor, de frente para Kate. Deixaram um lugar

vazio entre si, onde Robert colocou as chaves do carro e um jornal dobrado, do tipo que trazia peitos na primeira página, com pequenas estrelas cobrindo os mamilos, para que ninguém pudesse ficar ofendido. Ao lado das chaves colocou um pequeno isqueiro e um maço de Benson & Hedges. Vestia uma jaqueta de couro marrom com ombreiras. O ar a seu redor estava tomado pelo cheiro amargo de cigarro. Não olhou para Kate. Encarou um ponto na parede em cima da cabeça da menina.

— Nosso filho está aqui para ser um campeão no esporte, não para ficar correndo atrás de garotas. Então não vá criando expectativas — ele baixou os olhos até encontrar os de Kate —, certo?

Até a parte branca de seus olhos era amarelada, e as íris eram de um azul meio esbranquiçado.

Sheila corou. Apertou as mãos na jaqueta. Não olhou para Kate, mas disse:

— Desculpe, Kate, desculpe mesmo. Mas você não sabe como é, da onde a gente vem. Essa é a chance dele de escapar de tudo aquilo.

Ela balançou a cabeça várias vezes, rápido, para confirmar o que tinha dito.

Robert pegou o isqueiro. Começou a girar o mecanismo para fazer faísca, sem apertar o botão que liberava o gás.

— A gente veio direto para cá quando o hospital ligou. A gente nem sabia se ele estava vivo ou morto.

— Vivo ou *morto* — confirmou Sheila.

— A gente pegou a M6. E a gasolina com esse preço. Mas ele é nosso filho.

— Nosso filho — repetiu Sheila.

— Sinto muito — disse Kate, sem pensar.

Ela não sabia por que tinha dito aquilo, estava confusa, e a realidade súbita de acordar do sonho que teve com Jack e se encontrar na presença dos pais dele foi demais. Logo se despediu, pegou sua bolsa e se apressou corredor afora.

Agora ela entendeu. A interpretação que fez da situação tinha sido terrível. Pensou em como pôde ter sido tão ingênua a ponto de confundir os flertes de Jack com algo mais profundo. Claro que ele disse coisas doces para as garotas. E ela não tinha imunidade alguma àquilo. O tempo que as outras garotas passaram se exibindo para os garotos tinha sido usado por Kate para pedalar cada vez mais rápido, em círculos. E agora lá estava ela, sabotada, perdendo a corrida para essas forças que vinham de seu interior.

A vergonha a dominou enquanto passava, com os calçados esportivos molhados e a bolsa pesada, pelo escuro e pela chuva na direção de Manchester Piccadilly, onde chegou bem a tempo do último trem para Grange-over-Sands. Naquele mesmo local, depois de ir de táxi para casa e das poucas horas que passou acordada, sem sono, olhando pela janela para as ondas negras que lambiam a praia, foi de bicicleta até a estação e comprou outra passagem para Manchester. Ela estava exausta demais até mesmo para ficar surpresa. Pegou o primeiro trem rumo ao sul e ficou sentada em silêncio num canto do vagão, que logo encheu. Não estava nem sendo corajosa. Com as mãos dobradas sobre o colo e o rosto virado para ver a chuva, que formava linhas horizontais pelas janelas devido ao vento, esperou num estado de simples aceitação pela humilhação que certamente a aguardava.

Como uma prisioneira condenada de Manchester Piccadilly se dirigiu novamente para o hospital. Com as pernas pesadas, subiu as escadas para a UTI e, quando chegou no mesmo corredor da véspera, as enfermeiras lhe disseram que Jack tinha sido transferido para a enfermaria. Com a cabeça

zunindo por causa da fome e da falta de sono, Kate seguiu a sinalização colorida dos corredores até encontrar o lugar para onde o tinham levado. Parou com a palma da mão encostada na barra metálica que abria a porta pesada. Não sabia como Jack reagiria quando a visse. Com incredulidade, talvez, então constrangimento e depois pena. Seus batimentos frenéticos ecoaram dentro do peito e sua visão começou a escurecer, como se ela fosse desmaiar.

Empurrou a porta. Do outro lado, no meio da enfermaria quase vazia, Jack dormia num leito. Estava deitado em cima de lençóis verdes, um colar cervical no pescoço e uma perna quebrada suspensa num mecanismo de tração. Ao lado da cama, sentada numa cadeira dobrável marrom, com a cabeça raspada e casaco grosso, com cara de quem não tinha dormido desde o acidente, estava Zoe. Segurava a mão de Jack nas suas, com ternura.

Quando Kate entrou na enfermaria, Zoe ergueu os olhos. Ambas se encararam. O olhar de Zoe naquele momento — o medo, o desafio e a infelicidade que continha — marcou Kate de uma forma que ela jamais esqueceria, nem mesmo agora, depois de todos esses anos, quando considerava Zoe sua amiga.

* * *

Kate pegou um pouco de papel higiênico e colocou com cuidado dentro do vaso sanitário, para esconder a última mecha de cabelo de Sophie. O reservatório já estava cheio de novo — renovado pelo tempo — e Kate deu descarga, dessa vez se livrando do cabelo e do papel higiênico. Quando teve certeza de que tinham entrado pelo cano, abaixou a tampa e sentou-se de novo em cima do vaso, sob a iluminação da lâmpada exposta. Ao sentar roçou no cordão do interruptor. Viu sua velha medalha de ouro balançar para a frente e para trás, na ponta da corda desgastada.

Cozinha, Barrington Street, 203, Clayton, Região Leste de Manchester

Jack escutou a descarga pela terceira vez.

— Tudo bem aí? — gritou.

— Tudo bem — respondeu Kate —, só limpando esse maldito banheiro.

Jack sorriu. Esse era o jeito de Kate — dos dois — tolerando o caos e a sujeira da paternidade, mas de vez em quando perdendo a paciência e descontando a frustração no vaso sanitário, na pia ou no fogão, como se a administração de uma limpeza punitiva pudesse colocar as outras partes inanimadas de suas vidas na linha. Talvez ele devesse contratar uma faxineira. Isso seria bom para os dois. E com certeza não faria mal para a saúde de Sophie se as superfícies da casa fossem limpas por alguém cujo coração estivesse dedicado a essa tarefa, em vez de alguém que pertencia à pequena parcela da população que se importava com as melhores capacidades ventriculares para esforço anaeróbico.

Jack assobiou uma melodia alegre.

E lá estava Sophie, voltando para a cozinha e sentando no chão de azulejos azuis e brancos. Ela parecia prostrada, como um telhado vergado sob a chuva pesada.

— Você lavou as mãos, garotona?

Sophie deu de ombros e encarou o chão. Não era seu comportamento habitual.

Jack sentou-se ao lado da filha.

— Está tudo bem?

— Tudo ótimo.

— Tem certeza?

Sophie colocou as palmas das mãos nos ladrilhos, brincando com os dedos, entrelaçando-os.

— Você está se sentindo fraca?

Sophie hesitou, então balançou a cabeça.

— Boa garota. Você está melhorando. Se ficar cansada, é um sinal que a química está começando a fazer efeito. A gente já fez quatro sessões dessa vez, não é? Essa sensação é o seu corpo se curando.

Sophie revirou os olhos.

Jack sorriu. Quando sua filha o encarava como se *ele* fosse o doente, parecia uma garota saudável e normal por um segundo.

— Sophie?

— O quê?

— Mesmo se você pensar que eu estou falando merda, ainda sou seu pai, ok? — Ele apertou os ombros da filha. — A gente vai ganhar dessa doença. Vamos ser sempre desafiadores.

— Vou ficar forte — disse Sophie.

— Tem que ser desafiadora também.

— Qual a diferença?

— Desafiadora, Sophie Argall, é recusar se alguém lhe oferecer uma venda nos olhos caso algum dia você se veja em frente a um pelotão de fuzilamento.

— Por quê?

— Para que você possa continuar procurando um jeito de escapar, até o último segundo. O capitão do esquadrão pergunta se você tem um último desejo, e você diz “sim, quero um cigarro”, e você fuma o mais devagar possível, procura uma rota de fuga e a encontra. Isso é ser desafiador.

— Isso é ser fumante.

— É, mas você entendeu o que eu quis dizer.

— O doutor Hewitt diz que fumar dá câncer.

Jack sorriu.

— Olha, querida, pode dizer ao doutor Hewitt que eu disse que, se algum dia pegar você fumando sem ser na frente de um pelotão de fuzilamento, eu mesmo atiro em você.

A filha o observou com paciência. Jack sentiu um pouco de cansaço dominar seu próprio corpo.

— Ah, querida, eu falo essas coisas porque a amo, não porque eu tenha a menor vontade de vê-la sendo morta a tiro. É só parte da minha tarefa de pai, ok? É por isso que também sou rigoroso com a hora de dormir e de escovar os dentes. Desafiador o tempo todo. Está claro?

Não houve resposta. Jack viu Sophie inclinar a cabeça. Não conseguiu decifrar a expressão da filha.

— O que foi?

— Às vezes você fica sem ter certeza, pai?

— Eu? Não. Eu sempre tenho certeza.

— Sempre parece que você tem certeza.

— É. Porque eu tenho.

— Pai?

— O quê?

Sophie fechou os olhos.

— Nada. — Ela engoliu em seco. A cor sumiu de seu rosto.

— Você está se sentindo mal?

— Não.

Jack colocou a mão em sua testa.

— Você parece estar um pouco quente.

— Estou bem.

Ele segurou a mão da filha e ficou sentado com ela, no chão da cozinha. Sophie apoiou a cabeça no ombro do pai e fechou os olhos.

Jack não ficou triste; isso o surpreendia, às vezes. Adorava ficar com Sophie, mesmo que tudo isso estivesse acontecendo. Quando ela foi diagnosticada pela primeira vez, ele nunca imaginou que fosse se sentir feliz de novo. A resposta adequada a uma filha com uma doença grave parecia ser uma espécie de calma estoica, ou uma solenidade interminável e pesada, capaz de derrubar pássaros do ar e sugar o brilho do sol. Jack sentiu isso durante o primeiro ano, mas eventualmente aprendeu a sair da armadilha.

Só dava para ficar triste quando se pensava na coisa como um todo, se permitisse que a totalidade de cada momento disperso gerasse uma espécie de tendência declinante que podia ser extrapolada, caso alguém fosse burro o suficiente para fazê-lo. Ficar simplesmente sentado no chão da cozinha, curtindo a sensação do pé descalço nos ladrilhos quadriculados aquecidos por esse vigoroso sol de abril, respirando o cheiro medicamentoso da filha, fazia com que tudo ficasse bem.

Ser um ciclista ajudava. O único jeito de tolerar o treino, e com certeza o único jeito de aguentar a dor da corrida, era viver a vida uma fração de segundo por vez. Então, essa atitude tendia a permanecer presente depois de cruzar a linha de chegada, atravessar o vestiário e sair carregando o equipamento de treino ainda molhado na bolsa esportiva para seguir com sua vida cotidiana. Um momento de dor nunca era insuportável a menos que se permitisse que ele tivesse qualquer relacionamento com os momentos contíguos. Átomos de tempo podiam ser treinados para operar de forma bastante eficiente em cubículos repartidos com rigor no decorrer do dia.

Jack deixou Sophie adormecer a seu lado. Sorriu. Quase dava para escutar os sabres de luz zumbindo nos sonhos da garota.

Kate veio do cômodo ao lado e olhou para a dupla com carinho. Jack achou que ela parecia mais cansada que o habitual. Sabia que ela achava mais difícil do que ele, passar os dias assim. Estava cansada e doente de ver a filha tão doente e cansada, era isso. Jack tendia a confiar na química, mas sabia que Kate, em sua determinação de fazer tudo o que fosse possível por Sophie, estava sempre em busca de alguma cura que talvez envolvesse cortar o próprio coração e oferecer aos deuses numa estaca, qualquer coisa que ela pudesse até então ter esquecido em sua determinação para encontrar a cura para Sophie. Ela ficava acordada toda noite até tarde lendo sobre plasma ou leucócitos, levantava cedo para assar um pão especial com grãos selvagens e pouco glúten, e faltava aos treinos para organizar expedições planejadas para melhorar o humor, como a viagem da véspera até a Estrela da Morte.

— Vocês dois... — disse Kate.

O som despertou Sophie. Confusa, olhou para Jack com olhos que pareceram estranhamente vazios, como os olhos de um peixe que acabou de ser morto.

Jack prendeu a respiração. O medo, que ele estava mantendo afastado, só precisava de um olhar

para mostrar o quão negociáveis eram suas defesas.

Quando olhou de novo, viu que Sophie estava de volta.

Estremeceu.

— Ajudaria se eu tocasse sua música especial para animar?

Sophie arregalou os olhos, horrorizada.

— Nãããão!

Jack se levantou num pulo, conectou o iPod no aparelho de som da cozinha e escolheu as bandas de gaita de fole das terras escocesas que tocavam uma sintonia de marcha originalmente composta para ser letal aos britânicos a uma distância de até oito quilômetros, mesmo em condições de vento, chuva e neblina. Kate correu para fora da cozinha. Jack aumentou bastante o volume.

As latas se moveram nas prateleiras. As janelas chacoalharam e fizeram barulho. Jack imaginou os vizinhos se contorcendo. As casas compartilhavam uma parede, que Jack gostava de imaginar que eram as muralhas de Adriano.

Ajudou Sophie a levantar e gritou, mais alto que a música:

— Minha nossa, Soph! Escuta bem essas gaitas e me diz se já não está se sentindo melhor!

Ela enfiou os dedos nos ouvidos.

— Não está ajudando!

— O que foi que você disse, garotona? Não consigo escutar por causa do som de quatrocentos escoceses com kilts dizendo para a leucemia ir tomar você sabe onde!

Ela tentou fazer uma cara feia, mas não resistiu e abriu um sorriso.

— Essa é a minha garota!

Os dois ficaram escutando a música por um minuto, e Sophie conseguiu até fazer um pequeno passo de dança pela cozinha com o pai. Jack estava feliz, e, por haver uma quantidade determinada de felicidade no universo, ele só podia supor que numa outra cozinha, em algum canto da Terra, o pai de outra garota doente estava escutando o Réquiem de Mozart, mas ninguém estava dançando.

Quando Sophie precisou recuperar o fôlego, Jack pegou uma barra de chocolate Mars da geladeira, partiu ao meio e ofereceu metade para a filha.

— Coma isso. Contém todos os grupos alimentares vitais: caramelo, chocolate e o recheio bege misterioso que só pode ser composto de vitaminas.

Sentou a filha numa cadeira e a observou mastigando. As gaitas de fole terminaram de tocar.

— Pai, posso perguntar uma coisa?

— Claro, garotona. O que é?

Ela suspirou, sua expressão sugeria que Jack talvez não fosse o prego mais afiado da caixa.

— A mamãe está bem?

— Está, claro. Por quê?

Sophie baixou os olhos e ficou vermelha. Colocou as mãos uma sobre a outra na mesa, então tirou a que estava embaixo e a colocou em cima. Repetiu o gesto, cada vez mais rápido.

— O que foi? — perguntou Jack.

Sophie parou de brincar com as mãos.

— Ela está treinando o suficiente?

— Com certeza.

— Ela perdeu o treino de ontem por minha causa?

— Não. Ela tinha um dia de folga no programa. Eu e Zoe também.

— Jura?

Jack colocou a mão no peito.

— Juro.

— Quero que a mamãe ganhe o ouro em Londres.

— Eu também.

— É a vez dela, pai.

Jack deu de ombros.

— Não tem isso de vez no esporte. Depende de quem é mais rápido.

Sophie o encarou com firmeza.

— E se ela não for a mais rápida, e tudo por minha causa?

Jack acariciou o rosto da filha.

— Ah, Sophie. Tenho certeza de que se você perguntar para mamãe, ela vai dizer que certas coisas na vida são mais importantes que ganhar.

Ela o encarou por mais um instante. Piscou.

Jack logo soube que tinha dito a coisa errada. Sophie virou de costas. Ele a virou de volta para sua direção e Sophie ficou sentada, passiva, com os ombros curvados.

Ele hesitou. Claro que dava para virar o rosto de uma criança de forma a fazê-la se voltar para você, fisicamente. Isso era algo fácil de fazer quando você tinha um metro e oitenta e dois de altura e capacidades super-humanas. O truque mesmo era saber o que dizer.

— Talvez você devesse conversar com a mamãe sobre isso — arriscou.

Sophie deu de ombros.

— Não sei falar com ela do jeito que consigo falar com você.

— Por que não?

Ela suspirou.

— Não consigo.

Jack sentiu um aperto no peito — uma dor — e se era pela filha, pela esposa ou por si mesmo, não soube dizer. Ele nunca se perguntaria algo do tipo. Se tivesse ocorrido pensar no assunto, perceberia que sempre sentira que Kate era mais próxima de Sophie do que ele. Desde que Sophie nascera criaram um forte laço entre eles, por causa do tempo que ele e Kate podiam passar em casa, comparado a pessoas que tinham empregos comuns. Ele provavelmente conhecia a filha melhor que a maioria dos pais. Mesmo assim, de vez em quando se sentia culpado pelo seu estado imperturbável de felicidade, enquanto Sophie estava passando por tanta coisa. Ficava preocupado se havia uma espécie de distanciamento responsável pela possibilidade de ele se sentir bem, de um momento para o outro. Kate sofria mais. Era ela que ficava agoniada com as questões de alimentação e cuidados médicos, que deixava tudo de lado quando Sophie piorava e que programava o alarme para tocar três vezes por noite para levantar e ir dar uma olhada na menina. E, ainda assim, lá estava ele, pelo visto mais próximo da filha que a esposa.

Baixou os olhos e ficou olhando para as mãos, triste.

— Eu fui a primeira pessoa que pegou você no colo, sabia disso? — perguntou. — Quando você tinha nove horas de vida. Eu não sabia como fazer. Eles me mostraram como eu devia lavar as mãos e colocar as luvas de látex, e como eu tinha que colocar as mãos pelos buracos da incubadora. Depois pararam de me dar instruções. Então fiquei lá, com as mãos enfiadas nos lugares das luvas, o seu corpinho deitado na almofada azul de plástico e todos aqueles tubinhos saindo de você, e eu perguntei “O que eu faço agora?” e responderam “É só segurá-la”. E eu fiquei com muito medo de deixar você cair. Não sabia fazer algo tão simples como segurar você, Sophie. Às vezes acho que

ainda não sei.

— Tudo bem — respondeu Sophie. — Eu não me incomodo.

Eles se abraçaram por um tempo, e em seguida Jack a carregou até o quarto, para descansar um pouco.

Quando Kate entrou na cozinha ele já estava preparando um pouco mais de chá.

Ela riu.

— Chá de verdade, na chaleira? Ok, o que foi que você fez?

Jack teve um sobressalto com o som da voz da esposa, e deu meia-volta.

— O quê?

— Você é o cara do sachê de chá na xícara. Só faz chá de verdade quando está se sentindo culpado por alguma coisa.

— É mesmo?

— É. Teve aquela vez que você se esqueceu do nosso aniversário, e aquela outra que seu pai ficou louco e tentou me beijar.

Ele franziu o cenho.

— Nunca percebi.

Kate o beijou.

— Viu? Eu consigo ler você como se fosse um livro.

— Qual livro?

— Um daqueles para crianças recém-alfabetizadas, com a sessão “as palavras que aprendemos” no fim.

— E que palavras a gente aprendeu?

— Lindo, elegante, maldito, idiota — ela contou nos dedos.

Jack abraçou a esposa.

— Desculpe.

— Pelo quê?

— Por ser um maldito idiota lindo e elegante.

— A chaleira é por isso?

— É. Não beba tudo de uma vez.

Ainda envolta em seus braços, Kate se virou e se posicionou de frente para ele.

— Mas falando sério. Há algo errado?

— Fazer chá na chaleira significa que estou com algo em mente? É esse o seu argumento?

— Sim.

Jack ergueu uma sobrancelha.

— Bem, sinto muito por isso. Mas, de verdade, não tem nada errado.

— Mesmo?

Ele apertou Kate com mais força.

— Mesmo.

Depois de um tempo ela ligou o rádio, e os dois ficaram olhando pela janela da cozinha e tomando o chá enquanto The The tocava “Uncertain Smile”.

— Lembra disso? — perguntou Jack.

— Nossa, lembro.

— Depois da minha batida? Na estrada? Quando você ainda achava que eu era um egoísta?

— Eu *ainda* acho isso.

Jack olhou para a esposa para ver se ela estava falando sério, mas Kate estava olhando pela janela e não deu para ver seu rosto. Seguiu o olhar dela. Encostada no pequeno galpão no diminuto jardim, embaixo do sol, estava a bicicleta de Sophie, enferrujando.

Banheiro, Barrington Street, 203, Clayton, Região Leste de Manchester

Quando Kate subiu as escadas, encontrou Sophie vomitando no banheiro do segundo andar. Estava vomitando sem fazer drama, com a resignação de uma garota que estava fazendo algo menos agradável que escovar os dentes mas menos trabalhoso que a lição de casa.

Kate correu até a filha.

— Coitadinha — disse, acariciando a bochecha de Sophie e sentindo o calor seco de sua pele. — Por que você não me chamou?

— Eu estou bem — respondeu Sophie, limpando a boca.

— Você tem se sentido fraca?

Sophie balançou a cabeça.

— Veio de repente?

— É.

Kate pegou uma toalha debaixo da pia e limpou a filha.

— Está se sentindo melhor agora?

Sophie ergueu os olhos para a mãe e sorriu.

— Muito melhor.

Kate a segurou firme, e suspirou. Devia ter dado algo não recomendado para Sophie comer, o que teria sido um erro dela, porque Sophie podia comer bastante coisa. Foi isso que o nutricionista tinha dito. Sophie tinha alergias e intolerâncias, claro, o que era normal com leucemia e funções imunes prejudicadas. O nutricionista disse para Kate que ela teria que ser criativa. *Não fique muito obcecada com o que é proibido*, insistiu. *Pense nas milhares de coisas que há na natureza. Veja dessa maneira: sua filha pode comer quase tudo.*

E ele tinha razão, pensou Kate, desde que não se tratasse de comida. Lavou a toalha e pendurou de volta no lugar. Sophie era intolerante a trigo e não podia comer crustáceos. Podia comer frutas frescas e vegetais cozidos, e gostava dessas coisas tanto quanto qualquer outra criança. Além disso, não tinha qualquer resistência a germes. Tudo era fervido ou descascado. Na teoria, ela podia comer peixe. O nutricionista disse para Kate: *Peixe é a supercomida da natureza. É a nutrição com nadadeiras. É um almoço com um rosto. Sua filha vai viver até os noventa se comer peixe.*

Mas Sophie detestava peixe. Ela fazia expressão de nojo e cuspiu. Porque além de ter leucemia, ela tinha oito anos. Havia diversos protocolos para tratar leucemia, mas a única cura conhecida para quem tinha oito anos era fazer nove. No meio-tempo, nada de peixe. Nem fermento. Nem soja. Nem amendoim. Nem nozes. Nem frutas cítricas. De vez em quando Kate abria a geladeira e ficava só olhando. O que estava procurando, não sabia dizer. Talvez pensasse na possibilidade de terem inventado um tipo mais palatável de alimento, que ela tivesse comprado astutamente e então esquecido. Às vezes chegava a passar um minuto inteiro ali parada, olhando para a intensa luz branca como se uma cura pudesse estar escondida entre o milho e as batatas cuidadosamente limpas.

Tinha certeza de que não dera nada da lista de alimentos proibidos para Sophie comer, e ainda assim ela tinha vomitado. Sentou-se na borda da banheira e ligou para o nutricionista, enquanto

Sophie sentou-se com as costas apoiadas no aquecedor e brincou com sua *Millennium Falcon*.

Kate tinha que ligar para o PABX do hospital e pedir para falar com o médico da comida. Havia uma suposição, na unidade pediátrica, de que o vocabulário técnico confundiria as pessoas. Se perguntasse pelo nutricionista diriam “Você quer dizer o médico da comida?”, e ela tinha que responder “Sim, por favor”, e lá se iam mais dez segundos da sua vida que nunca conseguiria recuperar. O nutricionista era o médico da comida, o hematólogo era o médico do sangue. Na primeira consulta que tiveram com o pediatra de Sophie, ele tinha se apresentado dizendo: “Oi! Sou o médico de bebês!” Depois de um tempo, você aprende a interpretar seu papel na peça. O roteiro é esse: ninguém tem muita noção, mas os médicos são pacientes e gentis e todas as crianças são corajosas.

Depois de um tempo o médico da comida atendeu ao telefone.

— E como estamos hoje?

— Sophie passou mal. A gente ainda nem tomou o café da manhã, e eu queria saber se você tem alguma ideia de como melhorar o estômago dela.

— Bem — disse o nutricionista—,o que você precisa entender sobre a leucemia é que esta é uma condição que afeta o sangue, e como o sangue é uma parte muito importante do corpo da pequena, acaba afetando todos os sistemas dela, então você precisa estar preparada para mudanças nas tolerâncias alimentares...

Kate parou de prestar atenção e deixou o olhar se perder nos azulejos do banheiro. Ela não sabia o que esperava que o nutricionista dissesse. *Experimente dar um pouco de manteiga*, talvez, ou *omelete sempre cai bem*. Em vez disso, ouviu a palestra do médico, pelo jeito elaborada para mães com lesões cerebrais, mas que, ainda assim, era um pouquinho reconfortante. Às vezes, mesmo com Jack em casa, ela se sentia sozinha. Era uma sensação de só orbitar o planeta no qual vivem as famílias normais. Vozes do hospital no telefone reconfortavam você, como a comunicação com a base de operações na Terra. Criavam a sensação de que ao menos você estava orbitando algo substancial, e não perdido no espaço.

Escutou os passos do marido subindo as escadas. Ele parou na porta do banheiro, observando-a com um olhar inquisitivo. Kate respondeu colocando dois dedos na boca, imitando o gesto usado para induzir vômito, e apontou para Sophie e para a privada.

Jack deu um tapa na própria testa.

— O que foi? — perguntou Kate.

— Eu dei chocolate Mars para ela. Só metade de uma barrinha. Achei que não teria problema.

Kate sentiu-se aliviada demais para ficar brava. Ela colocou o nutricionista no viva voz. Jack ouviu por um instante, então sorriu e fez gestos obscenos tirando sarro do papo do médico. Sophie e Kate riram, o que interrompeu o nutricionista no meio de uma frase.

— Está tudo bem?

— Sim, desculpe, está tudo bem. Olhe, aconteceu uma coisa, desculpe. Vou ter que ligar de volta mais tarde.

Ela desligou o telefone e encarou Jack.

— Sua besta — comentou.

Jack imitou a voz do nutricionista:

— Ah, pelo amor de Deus, você está pensando de forma demasiado rígida. Leve em consideração todos os tipos de comida que existem nesse grande planeta que habitamos. Você já tentou graxa de trator com leite de tigre? Ovas de lula e acônito? Não? Então, por gentileza, faça

isso imediatamente, antes de pegar no telefone para me perturbar com a notícia de que sua filha vomitou uma barra de chocolate Mars.

A fala de Jack fez Kate rir, e Sophie também. Jack se ajoelhou e as puxou para perto de si, e a família se abraçou no chão do banheiro da pequena casa e pareceu, para todos, que um momento desses compensava o trabalho interminável de ignorar as pequenas coisas que podiam estragá-lo.

Centro Nacional de Ciclismo, Stuart Street, Manchester

No velódromo, antes do treino, o técnico de Jack contou as notícias sobre a mudança na regra olímpica. Jack escutou sem alterar a expressão. Assentiu e disse “tudo bem”. Colocou o capacete aerodinâmico, prendeu os pés nos pedais e treinou com tanta intensidade que quase desmaiou na pista.

Deu um tempo na bicicleta depois do treino, para o corpo descansar, e foi para a academia. Estava dominado por certa energia, por uma fúria. Descarregou um pouco nos abdominais e depois ergueu um halter de oitenta quilos, que agarrou do chão e levantou direto para cima da cabeça. Alguns membros do Ciclismo Britânico estavam na academia. Eram todos atletas de nível nacional, e encararam Jack como se ele fosse uma aberração.

No humor que estava, poderia ter erguido ainda mais alto. Tentou drenar toda a energia, mas não conseguiu. Sentiu as fibras musculares arrebentando e se obrigou a parar antes de arruinar alguma parte do próprio corpo. Ainda tinha muito daquela energia furiosa. Foi para o chuveiro, e depois do banho ficou parado na frente do espelho acima da pia do vestiário, com a toalha amarrada na cintura, olhando para o próprio reflexo. Cruzou os olhos com a figura no espelho, manteve o contato por um segundo e deu um jeito de sair andando antes de socar o reflexo.

Eram duas da tarde. Correu até sua casa para buscar Kate e Sophie e levá-las de carro de volta ao velódromo, para o treino de Kate. Durante todo o caminho até sua casa ensaiou como contaria para Kate sobre a mudança na regra. Diminuiu o ritmo para uma caminhada ao chegar mais perto de casa. Seu caminhar ficou mais lento, até parecer mais um passeio descompromissado. Quando finalmente pegou as chaves e abriu a porta, Kate estava no corredor, impaciente. Seu nervosismo se transformou em preocupação quando viu o rosto do marido.

— O que aconteceu? — perguntou.

Jack perdeu a coragem e se esforçou para aparentar uma expressão neutra.

— Nada. Desculpe pelo atraso.

Kate tinha arrumado uma mala com todos os equipamentos de que precisava, bem como os de Sophie, então tudo o que Jack teve que fazer foi dirigir. Suas pernas doíam por causa do treino na pista, os ombros doíam por causa do peso e os dedos mal tinham forças para segurar o volante com firmeza. O ideal seria estar na horizontal nesse momento, em recuperação, com as pernas ligeiramente erguidas e uma compressa de gelo nos deltoides. No nível de elite não era o treino que diferenciava o atleta — todo mundo treinava até a beira da autodestruição. A vitória se dava na administração certa da fase de recuperação.

— Não chute o meu banco, por favor.

Os chutes pararam. Ele olhou pelo espelho retrovisor. Sophie estava com os ombros curvos no assento especial, e os braços cruzados. Ela estava observando o trânsito, os olhos grandes por baixo do boné.

— Então, por que você se atrasou? — perguntou Kate.

Jack deu de ombros.

— Desculpe, ok? Dave não me deixava ir embora.

— Ele é o seu treinador, Jack, não o seu chefe.

— Não enche, por favor.

— Então não atrase. Isso é uma merda para mim.

— Vinte minutos de atraso. Não é o fim do mundo.

— Vinte e cinco minutos.

— Não seja mesquinha. Você não é uma pessoa mesquinha.

Kate lhe lançou um olhar que dizia: “Não, mas você é um escroto”.

Ele dirigiu pelo trânsito lento, e que se tornava pior a cada instante. Pensou sobre a recuperação. Era para ser um tempo pessoal, em que o atleta sossega os pensamentos enquanto o corpo recupera a energia e os fluidos perdidos durante o treino e começa a trabalhar na síntese de proteínas. Não era para ser usado gastando energia, vinte e quatro horas por dia, equilibrando o esporte e essa doença.

A verdade era que com a última Olimpíada de suas vidas dali a apenas quatro meses, ele e Kate estavam ficando cada vez mais cansados. E agora havia essa mudança na regra, e de repente a pressão que já sofriam antes duplicou. Mais um duro golpe. No último ano o COI tinha anunciado que a perseguição individual havia sido cortada das Olimpíadas. Foi difícil para todos, uma chance a menos de ganharem a medalha, mas tinha sido especialmente difícil para Kate, visto que essa era sua melhor modalidade. Na época ela recebeu a notícia sem reclamar, e reconstruiu a configuração de seu corpo para focar na modalidade de corrida — e agora mais essa. Jack tentou escolher as palavras para contar a novidade para a esposa, mas mal conseguia pensar de maneira coerente.

No banco de carona Kate estalava os dedos com impaciência. Zoe já devia estar se aquecendo há pelo menos meia hora. Kate provavelmente pensava que esse era seu maior problema. Bufou, fazendo barulho.

— Posso ajudar? — perguntou Jack.

Ela apontou para um espaço no trânsito que tinha acabado de ser ocupado por outro carro, um pouco à frente.

— Você podia ter entrado ali.

— Talvez.

— Com certeza.

Jack bateu no volante com a palma da mão e desviou o olhar. Ela o estava culpando pelo trânsito, como se fosse culpa sua que todos os residentes de Manchester tivessem escolhido este exato momento para entrarem em seus veículos e saírem para comprar gerânios, entregar cartuchos de impressora ou o que quer que ocupasse o tempo das pessoas que não tinham que se preparar para uma Olimpíada.

Sophie começou a bater os pés na parte de trás do seu banco de novo. Kate estalou os dedos. *Claro, esse é o meu trabalho, levar essas mulheres para todo canto*, pensou Jack. Percebeu que o pensamento não era muito digno, mas estava achando difícil não ficar ressentido. A competição dele ainda não estava tão próxima quanto a de Kate, mas ainda assim era duro. Só havia uma vaga masculina de corrida em Londres, e ele tinha um número limitado de joules de energia no corpo. Seus rivais deviam estar relaxando agora, recuperando-se. Tinham sido espertos o suficiente para escolherem esposas sem carreiras esportivas e filhas sem câncer.

Jack se amaldiçoou por pensar assim. Continuou dirigindo devagar, agarrado ao volante. Mudou de faixa com cuidado, deixando uma van alta ficar entre o carro e um dos outdoors de Zoe.

— Essa faixa é mais devagar ainda — reclamou Kate.

— Então eu me enganei.

Ela lançou um olhar penetrante para o marido.

— Está tudo bem? Você está sendo um cretino.

— *Eu* estou sendo um cretino?

— Sim.

Ele continuou olhando para a frente.

— Eu estou ótimo.

— O treino foi bom?

— Foi, eu arrasei.

— Você não está sorrindo.

— Eu estou exausto, Catherine, ok?

— *Catherine?*

Ele ergueu os braços.

— Sinto muito.

Kate suspirou.

— É. Eu também.

— Eu estou exausto, Kate, essa é a verdade.

— Até nos músculos faciais?

Ela fez uma cara travessa e ficou dando socos de brincadeira na bochecha dele, até conseguir tirar um sorriso.

— Assim fica melhor — disse. E ficou mesmo.

O mau humor de Jack evaporou. Ele ligou o pisca-alerta, parou o carro no meio da faixa da direita e se inclinou para beijá-la. Eles se beijaram enquanto os outros motoristas, indignados, buzonavam sem parar e desviavam para as outras faixas. Os motoristas colocaram os dedos nas têmporas como se perguntassem se ele tinha alguma deficiência mental. Isso deixou Sophie ansiosa.

— *Anda!* — sussurrou. — *Anda!*

Jack sentiu pena dela, mas não estava com pressa. Agora que sua irritação tinha passado ele conseguia sentir a euforia pós-treino, um casulo analgésico envolvendo todo o corpo, que tornava difícil colocar as necessidades do mundo impaciente antes das suas próprias. Afastou-se do beijo com relutância. Nessas horas uma antiga ansiedade o atingia com força: ele não conseguia entender por que Kate o havia escolhido, e por que ela tinha ficado com ele depois de tudo o que acontecera, e por que ela continuava com ele. Às vezes se sentia como um animal com garras que tinha ganhado uma rosa para segurar. Tinha inteligência suficiente apenas para saber que era linda, mas não para saber como cuidar dela.

Kate se emocionou e Jack limpou suas lágrimas com os dedos. Atrás deles Sophie estava desesperada. Lá fora as buzinas tinham se misturado num caos de indignação. Os outros motoristas estavam começando a fazer outro gesto, erguendo o dedo do meio, como se houvesse um ânus ou vagina em que algo — talvez o próprio dedo, ou outra coisa representada por ele — pudesse ser inserido de tal forma que serviria para tornar mais rápida a jornada queixosa até qualquer que fosse a loja de móveis ou reunião de marketing que constituísse seu destino imediato. Tão pouco tempo depois de erguer aqueles halteres pesados, Jack achou meio difícil levar as pessoas ou seus gestos muito a sério.

— Melhor você dirigir — disse Kate.

— *Finalmente!* — exclamou Sophie, com uma voz tão injuriada que os três riram.

O trânsito melhorou um pouco.

Tentando manter a voz neutra, Jack perguntou:

— Aquela mensagem do Tom, hoje de manhã... dizia sobre o que ele quer conversar?

Kate balançou a cabeça.

— Só disse para reservar um tempo depois do treino. Não deve ser nada.

Jack continuou olhando para a frente.

Quando Dave lhe deu a notícia mais cedo, a primeira coisa que Jack pensou foi em como faria para garantir seu lugar em Londres. Pensou em formas de intensificar o treino. Não se importava se tivesse que treinar até o mundo parar de girar. Aquela vaga em Londres seria dele.

Agora, entrando no estacionamento do velódromo, Jack percebeu como era típico de sua parte não ter pensado no que a notícia significaria para Kate até um segundo momento, no vestiário. Quando estava com a cabeça no jogo, a existência de outras pessoas — mesmo aquelas que amava — podia facilmente ser ignorada por horas. As pessoas entravam e saíam num piscar de olhos de sua consciência, como silhuetas num quarto escuro com uma das mãos acendendo e apagando a luz, de maneira aleatória. Mas assim que se lembrava das pessoas, queria fazer a coisa certa. Talvez isso fosse tudo o que pudesse ser dito em sua defesa.

Estacionou o carro e foi ajudar Sophie a sair do assento. Pegou-a no colo e fechou a porta de trás. Trocou um olhar com Kate, que estava do outro lado do carro. Ela estava pulando de um pé para o outro, antecipando o treino iminente. A bolsa balançava nos ombros e o vento soprava em seu cabelo. Se ele quisesse contar, aquela era a hora. Falaria sobre a mudança da regra, e lhe daria ao menos a pequena vitória psicológica de ficar sabendo antes de Zoe.

Mas lá estava Kate, feliz, e Sophie em seus braços, animada por sair um pouco de casa, entusiasmada porque poderia assistir ao treino da mãe. Jack percebeu que não ia dizer nada. A próxima hora, o próximo minuto, até os próximos dez segundos de felicidade eram só até onde estava disposto a pensar. Enquanto houvesse risadas nos banheiros, beijos roubados no trânsito e sorrisos em estacionamentos tomados pelo vento, ele deixaria a alegria persistir. Jack se ateve ao momento e pegou a pequena mão quente da esposa, enquanto percorreram a curta distância do carro até a entrada do velódromo.

Kate seguiu apressada para o vestiário e Jack pegou a filha para sentarem juntos ao lado da pista. Colocou-a com cuidado numa cadeira ao lado da área técnica, e enrolou-a em um cobertor de lã preto.

— Confortável?

— Sim.

Sophie cobriu a cabeça com o cobertor, fazendo um capuz de Jedi. Mantinha os olhos fixos em Zoe, que estava se aquecendo, dando voltas suaves e fluidas ao redor da pista. Nas curvas mais íngremes em ambas as extremidades ela ia para a parte alta da pista, ficava suspensa por um instante entre a energia e a gravidade, e aí voltava para cima da linha preta com um barulho crescente vindo das rodas. Estava com um traje esportivo branco e um capacete da mesma cor com visor negro, que refletia as linhas iluminadas da pista.

Sophie ficou hipnotizada. Ergueu as mãos na direção de Zoe, com os dedos um pouco curvados.

— O que você está fazendo? — perguntou Jack.

Sophie franziu a testa, irritada por interromperem sua concentração.

— Estou usando a Força nela.

— Para quê?

Sophie baixou as mãos e encarou o pai.

— Para fazer ela bater, é óbvio.

Jack abriu a boca, mas não conseguiu pensar em nada para dizer. Sophie ergueu os braços de

novo. Ele deixou a filha invocando a Força, beijou o topo de sua cabeça e caminhou até Tom, na área técnica.

— Zoe está mandando bem — comentou.

Tom estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Desculpe por não levantar. Os malditos joelhos estão piores que nunca.

— É, Kate comentou. Você não vai mesmo fazer a cirurgia?

— Acho que vou mandar amputarem. Dão mais trabalho do que valem. Vou mandar prenderem meus pés direto no cu, e me livrar do intermediário.

— Funciona com os pinguins.

— É, é uma coisa do hemisfério sul.

Observaram Zoe percorrendo a pista.

— Você já contou para ela? — perguntou Jack, falando baixo.

Tom balançou a cabeça.

— Quando você ficou sabendo?

— Hoje de manhã, antes do treino.

— Eu pretendo dizer para as garotas depois que elas treinarem. Deixá-las com a cabeça livre para essa sessão, pelo menos.

— Acho que faria o mesmo, se fosse você.

Tom o encarou.

— Você disse alguma coisa para Kate?

— Isso é sua obrigação, meu caro. Eu sou só o marido.

Tom continuou observando Jack.

— Você não soube como dizer, não é?

— Tipo isso.

— Eu também não sei — admitiu Tom, baixando os olhos. — É vergonhosa essa história.

— Você já sabe como vai funcionar?

Tom deu de ombros.

— Vai ter uma sessão formal de qualificação para a vaga. Dentro de três meses, poucas semanas antes dos jogos. Daí veremos qual é a mais rápida.

— Você tem um palpite?

— Não me pergunte isso.

— Mas você tem?

Tom manteve uma expressão neutra.

— Três meses é bastante tempo, não é?

Jack sentiu o estômago embrulhar.

— Você aposta na Zoe.

Tom não respondeu. Ele se virou e observou Zoe pedalando. Ela estava alternando agora, diminuindo a velocidade nas retas e aumentando o ritmo para entrar nas curvas em alta velocidade, antes de diminuir de novo. Mantinha o ritmo tranquilo e fluido, ainda se aquecendo, sem se esforçar demais. Parecia estar com total controle.

Os dois homens a observaram dando algumas voltas, em silêncio.

— Você está confiante que vai garantir sua vaga? — perguntou Tom, quebrando o silêncio.

— Claro — respondeu Jack.

Tom assentiu, ainda olhando para Zoe.

— Eu estava falando com o Dave agora há pouco. Ele disse que você está “discretamente confiante”.

— Não sei quanto a discreto. Eu disse que podia aparecer na qualificação com uma BMX e um paraquedas amarrado atrás da bicicleta, que ainda venceria.

— Você sempre foi um canalha convencido.

— Eu já fui pior.

Tom se virou para encará-lo.

— Eu me lembro. O que eu nunca entendi, no entanto, é por que você compete. Você não se encaixa no perfil. Kate quer saber que fez seu melhor, e quer deixar você e Sophie orgulhosos. Quanto a Zoe, é como se ela estivesse sendo perseguida. Quero dizer, tem mais medo de perder do que satisfação ao ganhar. Mas você... é como se só competisse nesse nível porque é capaz disso.

Jack sorriu.

— Eu só estou competindo nesse nível porque me expulsaram da Escócia.

Tom riu.

— O que foi, eu nunca lhe contei a história?

O técnico negou com a cabeça.

— Comecei a pedalar com uns dez anos — explicou Jack. — Eu gostava de apostar corrida na rua, em Leith, e a gente se machucava todo dia. Meu pai ficou de saco cheio de me levar até o pronto-socorro, então me convenceu a entrar no programa de Ciclismo Escocês. Decidiu que seria mais seguro que eu corresse em pistas. E meu pai era um fumante inveterado — eu consigo imaginá-lo no escritório do treinador, cheirando a câncer e dizendo como a gente era uma família saudável. De qualquer forma, me deram uma bicicleta adequada e eu ganhei de todos os atletas juniores da Escócia. Perseguição, corrida, qualquer evento individual — não importava. Eu era fisicamente incapaz de perder. Fiz dezesseis anos e os treinadores estavam me dando substâncias que até então eu desconhecia — ou seja, vegetais e frutas. O treinador disse a meu pai que fazer com que eu me alimentasse bem era quase como trapacear. Os ciclistas já estavam desistindo de competir comigo naquela época, e as corridas estavam sendo canceladas em todos os cantos. Foi aí que todos os treinadores escoceses se juntaram para um debate. Disseram: “Para o bem das nossas carreiras, a gente precisa tirar esse garoto da Escócia”.

— E aí você recebeu a ligação do Ciclismo Britânico?

— Eu nem queria ir. Passava a maior parte do tempo fora da cidade, correndo atrás das garotas, e uma noite cheguei em casa muito bêbado e achei essa carta endereçada para mim. Eu tinha sido admitido no Programa de Potenciais de Elite no velódromo de Manchester, e me pediram, por gentileza, para levar uma toalha, um kit de higiene e roupas adequadas para pedalar por um dia inteiro de corrida. Acho que foi você mesmo que escreveu aquilo, não foi? No café da manhã eu estava com uma ressaca terrível e meu pai disse: *O que era aquela carta?* E eu respondi: É dos ingleses, pai. Eles estão implorando para eu assumir o trono britânico. E o meu pai disse: *Não, falando sério.* E eu contei de que a carta se tratava, e que não pretendia ir para Manchester. Quero dizer, nunca tinha me ocorrido sair da Escócia, nunca mesmo.

— Então o que o convenceu?

Jack sorriu.

— Então, meu pai fez uma ligação. Quinze dias depois, na véspera do Programa, um amigo dele bateu na porta de nossa casa. O sujeito, olha só que coincidência, era o ex-campeão de peso médio leve da Escócia. Você conhece o tipo: tatuagens no pescoço e nos braços com imagens de atos de

violência, até que bem criativas. O nome dele era Jim. Eu atendi a porta e Jim sorriu para mim, mostrando suas duas fileiras de dentes de ouro. E meu pai disse: *Jim está aqui para pôr você no trem para Manchester.* Eu tentei correr, mas Jim me agarrou. *Você vai gostar da Inglaterra,* disse ele. *Não, eu não vou, cacete,* respondi. Então ele me agarrou pelo cabelo e me ergueu do chão, e esmagou minha cara na parede. *Você vai gostar da Inglaterra,* repetiu. *O clima é ameno e o pessoal tem excelentes modos, e aposto que terão o maior prazer em lhe ensinar.* Eu estava me esforçando para conseguir respirar a essa altura, então falei: *Sim, claro, tenho certeza de que vou gostar à beça.* E meu pai disse algo que eu nunca esqueci. Ele falou: *É para o seu próprio bem, Jack. Não quero que você acabe do mesmo jeito que eu.* E eu respondi: *Mas eu gosto de você, pai.* E ele disse: *Bem, você vai gostar mais ainda quando ganhar o ouro.*

— E foi assim mesmo?

Jack suspirou, observando Zoe dar voltas lentas ao redor da pista.

— Eu nunca disse para ele quanto aquilo significou para mim, e claro que ele morreu um ano depois das Olimpíadas de Atenas. Cuspindo os pulmões numa máscara de oxigênio. Se não fosse pelo que ele fez, eu teria seguido o mesmo caminho.

— É — disse Tom —, parece que ele não era um mau sujeito.

Jack viu Zoe se inclinando para mais uma volta tranquila.

— Você faz o que pode, não é? — disse, depois de um tempo.

Kate apareceu na pista num traje esportivo azul, prendendo o cabelo para trás. Correu até Tom e deu um beijo em cada bochecha do treinador.

— Desculpe — disse.

Tom apontou para o relógio.

— Nove minutos de atraso, querida.

— Desculpe, estava engarrafado e...

— Foi minha culpa — disse Jack. — Eu cheguei atrasado para ajudá-la com a Sophie e...

Tom o silenciou com um dedo erguido e o pôs para fora da área técnica com um olhar. Agora que o treino tinha começado, a dinâmica era outra.

— Preparamos sua bicicleta — disse Tom para Kate. — Caso você decidisse aparecer.

Ele apontou para uma bicicleta pesada com uma cesta enorme na frente, encostada num apoio lateral ao lado das bicicletas usadas para as atletas esfriarem o corpo depois do treino, no centro do velódromo.

Kate gemeu.

— Você não vai me obrigar de verdade, não é?

— Você devia estar feliz. Se atrasar de novo, vou fazer você treinar com ela.

Kate vergou os ombros e caminhou com uma tristeza simulada até a bicicleta. Era uma punição estabelecida há muito tempo — para cada minuto de atraso, dava-se uma volta naquela bicicleta. Quando Kate chegou na pista, Zoe, ainda dando suas voltas, tirou as mãos do guidão e começou a bater palmas devagar. O som ecoou pelo velódromo vazio. Kate deu uma piscadela para Sophie.

— Quer vir dar uma volta?

Sophie arregalou os olhos.

— Posso?

Kate pedalou até onde a filha estava sentada, e manteve a bicicleta firme enquanto Jack ergueu Sophie e a colocou com cuidado na cestinha.

— Tudo bem, garotona?

Sophie assentiu e se agarrou à cesta, meio insegura.

— Você vai ficar bem.

Jack segurou a bicicleta enquanto Kate montava nela, e as duas seguiram para a pista. Kate pedalou com firmeza e cuidado, mantendo-se na linha preta na parte inferior da pista, e um sorriso lento se abriu no rosto de Sophie. Zoe entrou na brincadeira, pedalando a toda velocidade na direção deles, ultrapassando e permitindo ser ultrapassada. Ficou indo de um lado para o outro no vácuo da outra bicicleta, enquanto Sophie dava gritos de alegria e pedia para Kate ir mais rápido.

Lua do bosque de Endor, Território Outer Rim, Setor Moddell, 43.300 anos-luz do Centro Galáctico, coordenadas H-16

Sophie acelerou o motor repulsor e passou voando entre as árvores com a *speederbike*. A rajada de vento no rosto conforme ela acelerou provocou uma sensação boa. Um Batedor Imperial perseguiu sua máquina. Sophie agarrou o guidão com firmeza e fez algumas manobras evasivas. O batedor era competente. Não importava o que Sophie fizesse, seu perseguidor continuava logo atrás. Parecia saber qual seria seus próximos movimentos antes dela própria. Sophie sentiu certa admiração acompanhando o entusiasmo. Esse não era um soldado Imperial qualquer. Talvez fosse o próprio Vader.

— Mais rápido! — gritou, e sentiu a *speederbike* acelerar.

Lá embaixo, na floresta, o droid C-3PO parecia preocupado. Que agrupamento de engrenagens mais ansioso. *Você tem certeza de que sabe pilotar esse negócio com segurança?* Seu tolo rosto mecânico parecia perguntar.

— Relaxe — veio a voz de Han Solo —, quando você faz um pega a ideia não é ter segurança.

Velódromo, Centro Nacional de Ciclismo, Stuart Street, Manchester

Jack sentiu um aperto no peito quando viu as três pedalando, e quando encontrou o olhar de Zoe, fez um apelo com os olhos. Ela o encarou por um instante, impenetrável por trás do visor, e Jack estremeceu.

Ficou aliviado quando ela parou com a brincadeira de perseguição. Zoe alcançou Kate e Sophie e pedalou no mesmo ritmo que a amiga, fazendo uma série de comentários como os da TV:

— E Sophie Argall está na liderança conforme elas entram na reta. Essa deve ser a performance mais genial já vista nas Olimpíadas por uma atleta de oito anos. Ela está destruindo a oponente, e olha a determinação em seu rosto enquanto acelera para entrar na última curva, e agora lá está ela na reta final... será que vai conseguir? Eles disseram que seria impossível mas, meu Deus, ela conseguiu, a garota maravilha de Manchester, ela ganhou a corrida e levou o ouro!

Ao cruzarem a linha de chegada Sophie ergueu os braços, num gesto vitorioso. Jack reparou no sorriso de Zoe por baixo do visor, quando ela retomou o aquecimento. Era raro ver Zoe se conectar daquele jeito com Sophie. Era raro vê-la se conectar com qualquer um.

Ele tirou Sophie da cesta com cuidado e sentou-se com ela ao lado da pista. O entusiasmo tinha detonado a garota. Jack a envolveu com o cobertor de lã e a segurou no colo.

Observou Kate e Zoe disputando. Kate pegou a sua bicicleta de treino e deu algumas voltas

rápidas, e então Tom mandou as duas fazerem exercícios intercalando a intensidade — dez segundos de esforço máximo seguidos por um minuto para reduzir os batimentos cardíacos. Jack mantinha os braços ao redor da filha enquanto assistia. Cada vez que elas passavam na frente dos dois, Sophie sussurrava: “Vai, mãe, você é muito mais rápida!”

Vendo as duas mulheres, Jack não teve certeza. Nunca foi fácil escolher entre elas.

* * *

No hospital, depois da batida, Zoe tinha segurado sua mão. Após acordar da anestesia, ele a viu observando-o, com uma expressão mais próxima do sarcasmo que da compaixão.

— Você não teve pressa alguma.

— Para fazer o quê?

— Para acordar. Eu fiquei bem entediada.

Jack olhou em volta. Pareceu, pelas várias camas com lençóis verdes e cortinas de privacidade, que estavam numa enfermaria, ou então em alguma espécie de conceito novo de hotel que provavelmente não daria muito certo. A garota estava dizendo que sentia muito por alguma batida.

— Que batida? — perguntou Jack.

A concussão tinha apagado uns dois dias da sua memória. Mas conseguiu reconhecer Zoe. Lembrou até do nome, mas não de onde a conhecia. Percebeu que estava sorrindo para ela. Parecia mais seguro. Lembrava de já ter discutido com ela, uma vez. Não sabia se isso tinha sido há pouco ou muito tempo atrás. Talvez estivesse bêbado na ocasião. Talvez ainda estivesse bêbado — e quem sabe fosse esse o problema. Ficou se perguntando por que ela estava segurando sua mão.

— Desculpe, a gente está... saindo juntos, ou algo assim?

Ela sorriu e balançou a cabeça negativamente.

— Mas se quiser, nós bem que podíamos... Você é muito atraente.

— Meu Deus — disse ela —, você é ridículo.

Mas Zoe não parou de sorrir, e os dois começaram a conversar. Ela contou sobre a disputa no velódromo e Jack lembrou de tudo. Lembrou que ela bateu na bicicleta dele, furiosa. Pensou que devia ter deixado a garota maluca.

Agora ela parecia diferente. Toda a dureza em seu rosto desaparecia quando ela falava. A garota era linda. Parecia um pouco triste, ou talvez irritada, mas era possível que estivesse só falando sobre pegar um chá e uns biscoitos, ou algo do tipo — Jack achou difícil acompanhar o que ela dizia. A voz parecia estar oscilando, como a profusão de sons no final de “Bold as Love”, e ele não conseguia ouvir tudo. E também acabou se distraindo com um negócio branco numa tipoia verde, inclinado para cima no limite do seu campo de visão. Depois de bastante tempo percebeu que a coisa branca era sua própria perna, engessada, suspensa por uma corrente do teto. Parecia um lugar estranho para deixar a perna. Dava para ver os dedões do pé saindo pela ponta do gesso e, se ativasse a parte certa do cérebro, ele conseguiria fazer com que eles se mexessem. Mas era um pouco difícil — a concentração necessária fazia seus olhos envesgarem, que nem aterrisar um avião. E isso só para mexer os próprios dedos dos pés. Jack riu, interrompendo o que a garota estivesse dizendo.

— O que foi? — perguntou ela, irritada.

— Minha *perna*! — exclamou ele, incrédulo. — Que porra ela está fazendo lá em cima?

Zoe contou novamente a história da batida, mas ele a interrompeu.

— Sinta como está por baixo do cobertor — pediu. — Veja se pelo menos ela ainda está presa ao meu corpo.

— Por baixo do seu cobertor? — zombou ela. — Bem que você gostaria.

Ele sorriu de volta.

— Não se pode culpar um homem por tentar.

— Você é sempre assim?

A pergunta o deixou confuso. O efeito da morfina estava passando. Ele perdeu a linha de raciocínio e reparou de novo na perna quebrada. Dessa vez doeu.

Ergueu os olhos e viu Zoe com mais clareza. Pálida, intensa, a cabeça raspada, parecendo uma penitente.

— Conte-me sobre você — pediu Jack. Era algo previsível de se dizer, mas ele o fez para ganhar um pouco de tempo.

Os olhos verdes de Zoe se afastaram, encarando o nada.

— Ah, você não quer saber.

— Quero, sim.

Ela voltou a olhar para Jack, e ele viu um lampejo de raiva, que logo se dissolveu em incerteza.

— É?

Ele ficou com pena de ter colocado essa expressão no rosto dela. Zoe não conseguia entender se ele estava tirando um sarro da cara dela.

Jack apertou a mão dela.

— Mesmo.

Algo em seus olhos se fechou, e ela riu.

— Deixa para lá.

A risada dela o deixava inquieto. Os olhos faziam algo diferente do restante do rosto.

Uma enfermeira entrou e aplicou mais morfina.

— Eu amo você, enfermeira — declarou ele —, você é a criatura mais bela que eu já vi.

Depois que a enfermeira saiu, Zoe balançou a cabeça.

— Qual é o seu problema, hein?

A pergunta o deixou confuso, e aí ele reparou na perna de novo.

— Acho que é isso — afirmou. — Ah, meu Deus, acho que talvez esteja quebrada!

As horas se passaram. Seus pais entraram e saíram num borrão de morfina e concussão.

Quando ele acordou era dia de novo, Zoe ainda segurava sua mão e Kate também estava na enfermaria, encarando os dois sem dizer nada. Jack lembrou dela assim que viu seu rosto. Era a garota com quem tinha ficado conversando na pista, aquela de quem ele não conseguia ficar longe. Ele adorava o riso dela, e como não se importava com as derrotas e como ela conseguia transformar todas as coisas negativas em algo positivo. Ela era gentil, emitia uma energia boa, e sua presença dava uma sensação de simplicidade e força.

Kate pareceu desolada quando viu a mão dele na de Zoe.

Jack tentou se erguer, mas suas costelas estavam quebradas, e, sentindo dor, caiu de volta no travesseiro.

— Desculpe... — murmurou ele.

— Não, não, eu é que peço desculpas — disse Kate. — Eu não percebi que vocês dois estavam... eu...

— Ah, não é... quero dizer... — Ele perdeu a voz quando o lábio de Kate começou a tremer.

— Desculpe — repetiu ela —, é que eu estou tão cansada... acho que vou...

— Não, por favor, é só que...

Jack afastou a mão da de Zoe, mas Kate já estava se virando para ir embora. Ela saiu da vista de ambos.

— Merda — disse Jack, erguendo a cabeça e socando o travesseiro.

Os tênis molhados de Kate fizeram barulho enquanto ela andava até a saída da enfermaria. Fechou a porta atrás de si.

— Quer que eu vá buscá-la? — perguntou Zoe. — A escolha é sua.

Eles observaram a porta sendo fechada. Depois de um instante, Jack achou fácil imaginar que a cena não tinha acontecido.

Suspirou.

— Não.

Ele estendeu a mão para segurar a de Zoe de novo, mas ela puxou as mãos e as retraiu para o colo. O que era compreensível, mas também um pouco dramático, pensou Jack.

— Ok, eu sou uma má pessoa — disse ele.

— Não, tudo bem. Quero dizer, ela é bonita.

— É? Quero dizer...

— Não me enrole, ok? Você está flertando com ela há três dias.

— Bem, sabe como é, esse é o meu jeito. Sou mais superficial que a minha bicicleta.

— Você está dizendo isso para eu me sentir melhor?

De repente Jack cansou de pedir desculpas. Sentia dores latejantes em sua perna e nas costelas, agora que o efeito da morfina estava passando de novo.

— Eu não me importo com o efeito que isso tem sobre você.

Zoe piscou.

— Obrigada pela informação.

— O prazer é meu.

Ficaram em silêncio por um minuto, depois Zoe fungou e se recostou na cadeira.

— Ela faz mais o seu tipo, de qualquer maneira.

Jack sorriu.

— É mesmo? E qual é o meu tipo, então?

Ela deu de ombros.

— Bem feliz. Bem normal. Bem bonita.

— Ao contrário de...?

Zoe conseguiu dar um meio-sorriso.

— Eu sou feia por dentro. Vou ferrar com a sua cabeça.

— Ah, eu já usei essa. *Sou um garoto mau, vou partir seu coração.* É uma tática legal, bem sexy.

— Você acha que estou brincando.

— Você não vai me ferrar — disse Jack. — Olhe para mim. Eu sou indestrutível.

Zoe sorriu e balançou a cabeça.

— Ninguém é indestrutível.

— Pode me testar.

Ele se esticou e pegou a mão dela, puxando-a para perto. Ela resistiu no começo, mas logo se deixou ser puxada. Zoe não estava mais sorrindo. Quando seus lábios estavam quase se tocando, ela disse:

— Ninguém é indestrutível, Jack.

Quando ela falou seus lábios se tocaram. Esse foi o primeiro beijo deles, e começou como um aviso, e quando seus lábios se tocaram Jack pensou em Kate. Isso o incomodou. Não conseguia entender por que sua mente conjurou a imagem do rosto dela, e nem por que isso o perturbou. Nada tinha acontecido entre eles nos três dias do programa, o que não estava de acordo com seu estilo habitual. Eles flertaram, mas Kate havia se contido, e se ele pensasse no assunto, imaginaria que isso faria com que fosse mais fácil esquecê-la. Pensar nela agora o perturbou, bem no instante em que seu corpo queria outra coisa. Beijar Zoe era gostoso, mas o fazia pensar em Kate, o que era inexplicável, que nem se preparar para sair de casa, colocar o casaco e os sapatos, abrir a porta da frente e, em vez de ver a rua, se deparar com o corredor de novo.

Zoe ficou com ele o dia inteiro, e continuou lá por toda a semana. Trocaram beijos e conversas sussurradas, e foi bom. A sensação de desconforto se dissipou aos poucos e Jack parou de pensar em Kate quando Zoe o tocava. Acostumou-se a seus lábios, gostava de ouvi-la falar, e o tempo todo a morfina o deixava num estado agradável, fora do alcance da dor e beirando a felicidade. A enfermaria estava enchendo de gente. Agora que tinham mais trabalho, as enfermeiras estavam levando a sério o horário de visitas. Zoe tinha que sair às seis da tarde e só podia voltar às nove horas da manhã seguinte, mas no instante em que as enfermeiras permitiam sua entrada ela abria a porta. Passava horas sentada ao lado de Jack. Colocaria as mãos por baixo dos lençóis para sentir seu coração. Ele deixava a própria mão passear pelo braço dela, alcançar os joelhos, descer até a coxa. No segundo dia ela pegou a mão dele num gesto súbito e a passou bem rápido por baixo da linha da cintura. Deixou-a lá por alguns segundos, enquanto os outros pacientes assistiam a *Countdown* na TV. Enquanto o restante da enfermaria observava os concorrentes tentando manipular seis números para chegarem num total escolhido de forma aleatória, Jack sentiu o calor do sexo dela. Era uma justaposição muito fácil de confundir com a sensação deliciosa do começo de uma paixão.

Eles continuaram se provocando. Jack adorava como Zoe parecia não estar nem aí — não tinha qualquer medo de serem pegos. Achava o máximo quando ela colocava a mão por baixo do lençol e agarrava suas bolas, enquanto sussurrava em seu ouvido: *Quando a gente sair daqui, você não vai estar seguro*. Ele tinha dezenove anos e estava afogado em morfina, e não viu mal algum na coisa. Era um jogo: enquanto a enfermaria era tomada pelo alvoroço de pacientes e visitantes, Zoe colocaria um cobertor no colo, como se estivesse com frio, e ele poria o braço por baixo do cobertor, e enquanto isso ela lia em voz alta artigos esportivos do *Daily Mail*, mantendo o tom de voz o mais tranquilo possível. *Sempre que amantes de futebol se reúnem para refletir acerca da beleza de seu jogo, mencionam a noite em que o Manchester ganhou uma liderança de dois gols sobre o Juventus antes de montar com cuidado um bloqueio completo contra o Torino. Essa partida vai entrar para a história como uma das viradas mais magníficas nos anais do futebol europeu*. Um visitante próximo teria percebido apenas uma quebra sutil na voz de Zoe na parte do *montar com cuidado*, e o sangue deixando suas bochechas coradas de um momento para o outro. Em seguida ela se recostou na cadeira, com o corpo mole, e leu os horóscopos com uma voz distante.

— Touro — começou—,você vai conhecer uma pessoa alta e morena. E de um jeito ou de outro ela jura por Deus que vai pensar numa maneira de fazer um boquete em você sem ninguém nessa enfermaria perceber.

— Não está escrito isso.

— Você tem razão, esse é o *Daily Mail* — Zoe voltou os olhos para o jornal. — A frase que usaram é *ato lascivo*.

— Nunca conheci alguém como você — comentou Jack.

— Por isso que você ainda é feliz — respondeu Zoe, com a voz despreocupada.

No dia seguinte passou *Antiques Roadshow* na TV. Era um programa popular na enfermaria, então ninguém estava prestando atenção neles. Zoe fechou as cortinas até onde era possível e se debruçou, entrando sob as cobertas dele, e Jack fechou os olhos e não teve dúvidas de que um laço estava se formando entre ambos e que, por meio de algum processo — cujos mecanismos ainda seriam estabelecidos em sua mente, mas no qual sua fé foi crescendo até mesmo quando uma velhinha entrou no final da fila com um quadro de aquarela de algum artista local sob o braço, e Zoe o deixou chegar a um ponto sem retorno—, levaria a uma felicidade que ambos compartilhariam por um período de tempo não especificado — a vida inteira, talvez, e em locais a serem determinados ainda—, talvez num flat alugado, com bicicletas penduradas no corredor, e em seguida num flat maior, e daí talvez numa pequena casa com um quarto só para as crianças... Depois, cheio de um prazer preguiçoso, enquanto o noticiário começava a ser transmitido, foi assim que Jack pensou em Zoe: como um futuro se condensando sem pressa a partir dos gases voláteis da juventude, como uma estrela se formando, seguindo o próprio ritmo.

Começou a sentir que a amava.

E foi isso que falou no quinto dia, e na hora soube que tinha sido um erro. Disse-lhe à luz cinzenta de uma tarde tediosa numa enfermaria que não era mais um palco vazio no qual os dois brilhavam juntos, e sim um lugar cada vez mais cheio de doentes e necessitados, que tinham os próprios visitantes espaçosos e flatulentos, e faziam barulho com as mochilas cheias de livros e chocolate.

— O que foi? — perguntou Zoe distraída.

Por um instante viu a luz nos olhos de Zoe refletirem, enquanto passavam pelo grupo de pacientes ao seu redor.

— Eu acho que tem uma conexão incrível entre a gente, você não?

As palavras soaram bem idiotas, até para ele.

— Conexão? — repetiu ela.

As enfermeiras estavam distribuindo bandejas de comida fria, preparada em grandes cozinhas de aço inoxidável, não de maneira descuidada ou incompetente, mas com certa indiferença em relação a qualquer espécie de gosto ou valor nutritivo que pudesse eventualmente existir. Uma bandeja dessas pousou na mesa de rodinhas que fazia uma ponte com a cama de Jack, uma mistura qualquer coberta por uma proteção de vidro, com um buraco pelo qual dava para enfiar um dedo e retirá-la. Naquele instante Jack tomou consciência da mediocridade de tudo aquilo — da velocidade com que a natureza única do relacionamento entre ambos tinha sido diluída. A enfermaria, e o resto do mundo, tinha absorvido a mágica.

— Nem sei do que você está falando — disse Zoe—, parece que a sua boca está fazendo blá-blá-blá.

O desespero de Jack transbordou.

— Eu amo você, Zoe.

Ela congelou.

— Ah...

— O quê?

Zoe passou as mãos pela cabeça raspada e respirou fundo.

— Uau...

O coração de Jack martelava ferozmente em seus ouvidos.

— Olha — disse ela—,isso é meio rápido para mim. Quero dizer, eu só vim aqui em primeiro lugar porque Kate estava a fim de você, e aí...

Jack agarrou sua mão.

— *O quê?*

Zoe parou de falar e olhou para ele.

— Ah, eu achei que você tinha sacado isso. Não? Era óbvio que Kate viria aqui, então eu achei que devia estar presente quando ela chegasse. O que foi? Não me olhe desse jeito. Ela veio, e você fez sua escolha.

Jack largou a mão dela e tentou se erguer na cama.

— Kate estava a fim de mim, então você...

— Olha, ela, com certeza, vai ser minha maior ameaça na pista, então eu pensei...

Ele a encarou.

— O que foi? — perguntou ela de novo. — Só estou falando que é por isso que eu vim. Eu fiquei porque gostei de você, então não precisa ficar tão estressado. Mas *amar* é... sabe? Sem querer ofender, mas é um pouco repentino para mim. Eu gosto muito de você, mas amar...

Jack esfregou os olhos.

— Você está aqui para ferrar com a cabeça da Kate?

Ela negou com a cabeça.

— A morfina está deixando você meio lerdo? Eu *vim* aqui para ferrar com a cabeça dela. Eu *fiquei* por sua causa.

Ele passou as mãos pelo cabelo.

— Quando você pretendia me contar isso?

Ela riu, nervosa.

— Ah, é que eu achei que você tinha entendido.

— Não, claro que eu não tinha *entendido*. Não é assim que a minha cabeça funciona, Zoe. Não é assim que a cabeça de ninguém funciona.

Ela se esforçou para continuar sorrindo.

— Desculpe. Eu penso demais em competição, acho. Quero dizer, se isso é...

Jack fez força para manter a voz num sussurro que não chegaria até os leitos vizinhos.

— Isso é uma merda, é isso o que é.

Ela lutou para manter a voz baixa.

— O que é uma merda é dizer que você ama alguém quando mal conhece a pessoa. Eu faço o que eu quero, ok?

— Ah, ótimo. Então por quanto tempo você vai querer ficar comigo? Só até ter certeza de que Kate não vai voltar?

Zoe baixou os olhos, triste.

— Não seja um babaca, Jack.

Ficaram se observando em silêncio. Devagar, Jack soltou o peso do corpo nos travesseiros.

Zoe pegou sua mão e ele a deixou segurá-la, sem apertá-la de volta.

— Eu gosto de você — disse ela. — Mais do que pensei que gostaria. Eu realmente quero acreditar que posso ficar com você.

Jack suspirou.

— Eu também gosto de você.

— Eu gostei de conhecer os seus pais, sabia? Ver de onde você vem.

Ele ergueu os olhos, alerta.

— Você os conheceu?

— Quando vieram visitá-lo. Você não lembra?

Jack negou com a cabeça.

— Meu pai tentou fazer alguma coisa com você?

— Ele ficou furioso comigo por causar o acidente. Agarrou os meus braços e me sacudiu.

Jack gemeu.

Ela sorriu.

— Sem problemas. Quero dizer, assim que ele sentiu minha musculatura, mal pôde esperar pelo primeiro momento conveniente para parar.

— Desculpe.

— Não, eu gostei dele — disse Zoe. — Gostei dos dois. São únicos.

— Mamãe repete tudo o que meu pai fala, se é isso que você quer dizer.

Zoe apertou sua mão.

— Você vai acabar casando com alguém igual.

— Não vou.

— Vai sim. Vai casar com alguma mulher santa que arrume sua bagunça.

Ele balançou a cabeça.

— Não quero acabar que nem os meus pais.

— Todo mundo diz isso.

— Você não?

Zoe olhou para o chão.

— Os meus já se foram. Meu pai não ficou com a gente, e mamãe se matou quando eu tinha doze anos. Fui adotada.

Ela ergueu os olhos e viu que Jack a observava.

— E daí? Acontece. Qual é o problema?

Ele ergueu as mãos.

— Não, nenhum.

— Não, vai, fala. O que é?

— É bem intenso, só isso.

Zoe o encarou.

— Intenso...?

Ele ergueu as mãos de novo.

— É. Quero dizer...

Zoe riu, e ele viu o lampejo amargo em seus olhos voltar.

— Você acabou de dizer que me ama. Desculpe-me por ser *intensa*.

Ela empurrou a cadeira para trás e se levantou. Jack tentou alcançar seu pulso, mas ela puxou a mão para longe.

— Você está indo embora?

Zoe deixou uma lágrima escapar e a limpou com as costas da mão.

— Não posso ficar.

Jack a observou partir, e cada passo que ela dava na enfermaria, provocava uma dor que ele sabia que teria que ser compensada pela morfina.

Quando teve início o horário de visitas do dia seguinte, Jack ficou olhando para a porta da enfermaria. Todos os dias ele esperava, mas ela não voltou ao hospital.

Quinze dias depois, quando ainda estava meio lesado de morfina, os médicos o liberaram para um programa intensivo de fisioterapia. Enquanto estava sentado numa cadeira de rodas no saguão principal do hospital, ligou para os pais e pediu para que viessem buscá-lo. Parou um instante, olhou para o programa que passava na TV pendurada na parede, em cima da mesa da recepção.

Mudou de ideia e discou outro número. Ela atendeu, sem fôlego.

— Oi — pareceu que estava correndo.

— Sou eu.

Uma longa pausa.

— Eu deletei o seu número.

— Eu teria feito o mesmo.

— É.

— Eu a magoei.

— Está tudo bem. Olha, eu estou correndo, então...

— Kate, por favor. Quero explicar. Eu estava com uma concussão. Só lembrei de você depois.

— Você lembrou de Zoe.

— Não no começo. E aí ela não me deixou esquecer.

Outra pausa longa. Ele ouviu o barulho do trânsito do outro lado da linha.

— Você está bem? — perguntou Kate.

— Não sei. Pouquíssimo tempo atrás eu era o ciclista mais rápido da galáxia, e agora estou numa cadeira de rodas com... deixa ver os meus bolsos... vinte e poucas libras, uma chave Allen de quatro milímetros e três comprimidos de paracetamol. Minha perna precisa ser operada de novo. Estou com fissuras vertebrais. O médico acha que eu tenho cinquenta por cento de chances de conseguir voltar a competir.

— Que merda. Sinto muito.

— Não sinta. Eu consigo vencer uma probabilidade dessas com o pé nas costas.

Ela riu.

— E os médicos disseram se dá para fazer alguma coisa pelo seu ego?

— Não, parece que não tem jeito. É completamente inoperável.

— Você é impossível!

Jack sorriu.

— Você está bem?

Ela suspirou.

— Eu passei uma semana sentindo ódio de mim mesma, depois uma semana odiando Zoe e em seguida uma semana detestando você. Estava prestes a chegar na minha vez de novo.

— Parece que eu liguei bem a tempo.

— Pare com isso. Você está saindo com ela?

— Não.

— Aconteceu alguma coisa entre vocês dois?

— Nada de bom.

— Então agora você resolveu ligar para mim?

— Bem, você é a única garota britânica que conheço que não tentou me matar.

Ela riu de novo.

— E o que o leva a pensar que não tentarei?

— Eu pisei na bola. Eu me deixei levar, sinto muito. Só liguei para dizer isso. Boa sorte e tenha cuidado com Zoe. Ela é legal, mas vai fazer coisas para vencer que não são nada saudáveis.

Kate não disse nada por algum tempo.

— Obrigada.

— Ótimo. Bem, vejo você por aí, certo? Acho que vou acabar encontrando você na pista.

— É. Melhoras, ok? E obrigada. Obrigada por ligar.

Ela desligou, e Jack ficou lá, sentado na cadeira de rodas no saguão do hospital. Ele agarrou a parte cromada das rodas para as mãos, aplicou um pouco de torque e imaginou como seria a sensação de competir num desses negócios. Não devia ser tão ruim. Seria bom arrumar uma daquelas cadeiras chiques, com um design aerodinâmico e as rodas mais à frente, como um carro de Fórmula 1. Aí daria para detonar. Ele ficou pensando naquilo por tempo demais, e a onda de morfina estava chegando ao fim. Encarou o telefone, pensando na voz de Kate, e uma tristeza vazia inundou seu peito. A perna quebrada latejava, elevada no apoio frontal da cadeira.

Pela primeira vez na vida, ele se sentiu vulnerável. Afundou o corpo no estofado em vinil com rachaduras da cadeira e ficou olhando, meio sem foco, para a TV. Dois concorrentes, equipados com campainhas, tentavam adivinhar o preço de itens de varejo. Ele assistiu e tentou aprender, caso suas feridas acabassem o transformando numa pessoa comum.

O celular tocou.

— Bem... — era a voz de Kate — onde você está?

— Estou no hospital. Tentando me preparar psicologicamente para ligar para meus pais, e pedir para eles me buscarem.

Uma pequena pausa.

— Não saia daí.

Ela entrou no saguão quase duas horas depois, ainda com roupa de corrida.

— Sou uma idiota por vir — disse ela, com um sorriso tímido. — Parei duas vezes na M6. Quase dei a volta.

— Você está incrível.

Ela deu de ombros.

— Você está terrível.

Eles não conversaram muito. Escutaram a Rádio 2 na estrada para o norte, no Golf velho que ela tinha pegado emprestado de um amigo do trabalho. O sol apareceu quando estavam passando por Preston, The The começou a tocar “Uncertain Smile” no rádio, e Jack esticou o braço para colocar a mão no joelho de Kate. Ela pegou a mão sem fazer drama e colocou de volta no colo dele, com cuidado, sem desviar os olhos da pista. Ele gostou do jeito como ela dirigia, perto demais do volante e com as mãos juntas na parte de cima, franzindo o cenho por trás do para-brisas como se estivesse atravessando algo mais complicado que um trecho reto de asfalto com faixas muito bem-demarcadas, preenchido por carros mantendo uma boa distância entre si e uma velocidade constante.

Só depois ele ficou sabendo que ela teve um problema com as lentes de contato e não queria que ele a visse de óculos.

Na ocasião o que ele disse foi:

— Você dirige que nem uma velhinha.

De novo, uma pausa quase imperceptível.

— Uma velhinha não deixaria você entrar no carro dela.

Quando pararam numa loja de conveniência para tomar café, Kate teve que tirar a cadeira de rodas do banco de trás e montá-la. Jack seguiu para o banheiro de portadores de deficiência e parou paralelo ao vaso alto do reservado, colocando-se na posição apropriada, abaixando a calça e se erguendo para mudar de assento. Urinou sentado, segurando as barras cromadas de segurança e tentando não pensar em todas as bundas que já tinham usado aquele vaso antes da dele. Quando retornou ao estacionamento, uma das rodas da cadeira passou por cima de um cocô de cachorro, e ele acabou sujando a mão direita ao manipulá-la. Quando voltaram para o carro tentou limpar a mão com um lenço que Kate lhe ofereceu, enquanto ela explicava que não estava prometendo nada. Foi um longo discurso. Ele teve a impressão que ela o tinha ensaiado enquanto dirigia para ir buscá-lo.

O apartamento de Kate consistia num quarto pequeno com vista para a água marrom do rio, com uma cama dobrável. Uma vez que ele estava com a coluna lesionada, dormiu na cama enquanto Kate preparou um colchão inflável para ela. Durante o dia ela foi para a academia onde trabalhava, enquanto ele ficou fazendo os exercícios de fisioterapia e lendo as revistas de ciclismo de Kate. Não tinha TV ali. Durante as tardes Kate treinava na bicicleta de passeio e só chegava em casa à noite. Jack cozinhou um macarrão para ela, tendo que se esticar da cadeira de rodas para alcançar a pia e o fogão.

Duas vezes por semana ela o levava até sua sessão de fisioterapia em Manchester, e todas as manhãs o ajudava apoiando a cabeça e o pescoço dele para que pudesse fazer seus exercícios abdominais, deitado no chão. Quando conseguiu levantar da cadeira de rodas e ficar em pé sem ajuda pela primeira vez, Kate estava lá para ver seu triunfo, e para segurar suas mãos e ajudá-lo a se sentar de novo quando a dor nas costas ficou forte demais.

Aquele período foi cheio de progressos repentinos seguidos de retrocessos. No segundo mês ele andou do apartamento até a loja da esquina e voltou, e depois ficou deitado na cama por dois dias e duas noites, com espasmos nas costas. Na segunda noite ela deitou ao lado dele, e, embora não o tivesse beijado, dormiu com o braço ao redor de seu corpo e o rosto encostado em seu pescoço. Na manhã seguinte, no entanto, nada foi dito e eles começaram o dia normalmente, cada um tomando o cuidado de desviar o olhar enquanto o outro se vestia.

Uma felicidade vinha crescendo entre ambos. Pareceu natural que, no primeiro dia em que foi capaz de percorrer tal distância, Jack tivesse caminhado até a academia onde Kate trabalhava. Também pareceu natural quando ela o beijou no carro, no caminho de volta para casa. Ambos dormiram na cama, deixando o colchão inflável recostado na parede. No primeiro dia pareceu dramático ou definitivo demais esvaziá-lo. No dia seguinte Kate ficou fora até tarde, e Jack ficou andando pela casa, de olho no colchão, mas uma decisão unilateral pareceu presunçosa demais. No terceiro dia, enquanto Jack estava dando uma volta no quarteirão, Kate chegou a tocar a válvula que esvaziava o colchão. Já era bom demais para ser verdade, o que estava acontecendo entre ela e Jack. Mas ficou com medo de dar azar. Ao fim da semana ambos já tinham parado de pensar no colchão. Além do mais, era um lugar útil para largar o kit de treino depois de sair do banho. Ele ficou apoiado na parede por um mês, esvaziando aos poucos, ficando mais fino enquanto o laço entre ambos se tornava mais forte, até que começou a pender tanto que parou de servir como apoio para roupas. Então Kate lidou com a situação de forma objetiva, as qualidades talismânicas do objeto já esquecidas. Ela o colocou no chão, abriu a passagem de ar e o enrolou para esvaziá-lo por completo. O cômodo que ela e Jack já compartilhavam com tanta naturalidade foi inundado pelo ar inseguro que ela tinha assoprado para dentro do colchão, na noite em que ele havia chegado.

A primeira ligação de Zoe para Jack foi depois de quatro meses, enquanto Kate estava nos Campeonatos Nacionais e ele tinha saído para uma das voltas lentas, compridas e dolorosas na bicicleta, que marcaram o início de sua reabilitação naquele esporte. Estava mantendo um bom ritmo, sem se esforçar demais. O telefone tocou na metade de uma subida no Duddon Valley, deixando-o feliz por ter uma desculpa para parar e ver quem era.

Jack hesitou quando viu o número de Zoe, mantendo o dedão parado no botão verde. O dia estava bonito, com uma brisa suave e algumas nuvens ao longe. O ar cheirava a ovelhas e grama úmida. Era um bom lugar. Estava feliz por montar na bicicleta e poder admirar a paisagem. Podia facilmente ter ignorado a chamada. Mas o que tinha rolado com Zoe parecia pertencer a um passado distante. Não havia a possibilidade de uma conversa fazer qualquer mal.

— Não acredito que você não está aqui nas competições nacionais — disse ela, quando Jack atendeu.

— Eu ainda estou me recuperando.

— Foi o que a Kate disse. Acabei de vencê-la na final. Sou a porra da campeã nacional! Ainda estou sem fôlego!

— O que você fez? Entortou os aros da bicicleta dela?

— Eu só passei direto por ela. Foi fácil. O treino dela tem sido transar com você em vez de pedalar.

— Golpe baixo.

— É verdade. Vocês estão ficando moles. Ela está arrastando você para baixo, para o nível dela.

— Você me ligou para se gabar?

— Eu liguei porque sinto sua falta.

Ela estava recuperando o fôlego, e sua voz adquiriu uma qualidade suave e urgente. Jack pôde ouvir os gritos vindos do velódromo lotado, do outro lado da linha. Sentiu uma descarga de adrenalina.

Tirou o telefone do ouvido por um instante e olhou para o vale a seu redor. Por entre as nuvens, raios dourados de luz do sol alcançavam as colinas mais baixas. Os corvos anunciavam sua presença nos carvalhos protegidos e o som das ovelhas vinha dos rebanhos ao redor.

— Kate e eu estamos muito bem — respondeu.

— Você já devia estar competindo. Ela não faz bem a você.

— O que não me fez bem, Zoe, foi quebrar minha coluna.

Ela riu.

— Isso é uma coisa tão certinha de se dizer. Até sua voz fica diferente. Você está sendo domesticado.

Foi Jack quem riu agora.

— Você está viajando. Eu amo a Kate, ok?

— Amor, amor, amor. Você usa essa palavra que nem lubrificante de corrente.

Jack não conseguiu mais fingir interesse pela conversa.

— Eu sei o que sinto.

— Mas Kate? Quero dizer, eu também gosto dela, e ela é bem bonita, mas tem esse hábito terrível de ficar em segundo. Você não percebeu mesmo isso?

Ele desligou, furioso, e encarou o dia arruinado. As montanhas continuavam lindas, a luz ainda era sutil e suave, mas de repente tudo aquilo pareceu longe demais da ação. Jack enfiou o telefone no bolso, subiu de novo na bicicleta e pedalou pelo restante do percurso com uma intensidade

agressiva. Seus pulmões queimaram e os músculos doeram, mas o sofrimento voltou a ser agradável. Ele se conectou novamente com o poder que tinha dentro de si, e a percepção de que tinha sido Zoe quem colocara sua cabeça de volta ao jogo só fez aumentar o veneno com o qual ele atacava aquela ladeira. Quando voltou ao apartamento de Kate estava exausto, mas tinha uma energia que não fora dissipada com a pedalada. Ficou pensando em Zoe durante o banho.

* * *

Treze anos depois, ela ainda conseguia mexer com sua cabeça só de olhar para ele. Jack abraçou Sophie e tentou se concentrar na filha enquanto Tom finalizava o aquecimento das garotas e preparava a corrida. Colocou Kate na parte interna da pista e Zoe na parte externa. Elas alinharam as rodas da frente na linha de partida. Entreolharam-se.

Tom apitou.

— Fique olhando — sussurrou Jack para a filha.

Começaram bem devagar. Ficaram de pé em cima dos pedais, se encarando, os olhos impenetráveis por trás dos visores espelhados. Trocaram olhares e esperaram. Kate tomou a liderança e Zoe se esforçou para alcançá-la. Com um equilíbrio excepcional, pequenos movimentos nos guidões e mudanças suaves de pressão nos pedais, elas manobram em busca de ínfimas vantagens na posição. Kate, na linha interna, conseguia ser direta. A linha de fora era mais sutil e mais comprida, mas Zoe podia pedalar na parte alta da pista, então qualquer ataque contaria com a gravidade como aliada. As ciclistas aumentaram a velocidade aos poucos. Kate estava na frente, ainda devagar, olhando para trás em busca de alguma resposta. Zoe se manteve atrás, posicionada para armar uma emboscada quando a atenção de Kate oscilasse por um piscar de olhos.

Jack sabia que isso não aconteceria. Ele mesmo quase não piscava. Não podia assistir a uma corrida melhor que essa. Elas faziam isso desde os dezenove anos e conheciam o estilo uma da outra. Conseguiram antecipar cada movimento com perfeição e nenhuma vantagem foi concedida. Agora Kate e Zoe reduziram a velocidade de novo e convergiram, encostando os ombros uma na outra. Diminuíram até pararem por completo e permaneceram imóveis, indispostas a correr o risco de fornecer a menor vantagem de posição corporal, sem arriscarem nem virar a cabeça para ver a oponente. Em vez disso, observaram o esboço de suas sombras nas tábuas de madeira da pista. Ficaram atentas, tentando perceber a menor alteração na respiração da adversária.

Com cada uma usando o corpo da outra para se equilibrar, naquele instante não pareciam rivais nem colegas de equipe, mas, na intimidade de sua dependência mútua, amantes.

— Elas pararam — disse Sophie.

Jack apertou seu braço.

— Não. Elas estão começando.

Quando aconteceu, foi incrivelmente rápido. Sem antecipar qualquer sinal, Kate empurrou o pedal e começou a correr. Zoe respondeu, suas pernas indo de zero à força total em um instante. Agora as ciclistas estavam tomando decisões instantâneas, escolhendo o percurso por instinto, por reação imediata e irrevogável ao que a oponente tinha feito. Uma pequena inclinação para a esquerda ou para a direita nunca poderia ser desfeita. Dentro de segundos o ar começou a chiar, sendo partido ao meio pela passagem delas. Na segunda volta, Zoe cobriu a distância e entrou no vácuo de Kate. A musculatura delas estava explodindo, no limite da força humana. Na terceira e

última volta Zoe foi para o lado de Kate na reta final, e deu para ver o contorno do crânio sob a pele quando ela abriu a boca para respirar. Atravessaram a linha de chegada, os pulmões estourando, impulsionando as bicicletas para a frente e trocando olhares para ver quem tinha conquistado os centímetros da vitória. Era sempre assim que terminava, fosse a audiência composta por três ou três bilhões de pessoas. Kate e Zoe não olhavam para a linha na pista, para as bandeiras dos países e nem para as faixas na multidão. Olhavam uma para a outra.

Diminuindo a velocidade, o som das rodas ecoou no espaço amplo do velódromo.

— Quem ganhou? — perguntou Sophie.

Jack olhou para Tom com a pergunta nos olhos.

Tom balançou a cabeça.

— Cara — disse —, foi perto demais para saber.

Vestiário, Centro Nacional de Ciclismo, Stuart Street, Manchester

Depois de treinar Kate se sentia bem e cansada. A corrida era sempre um campo de batalha, mas ela representou seu papel. Conseguiu pedalar pelo menos com tanta força quanto Zoe, e não tinha inventado qualquer jogo psicológico. E aquela parte no começo, com Sophie na cesta da bicicleta — aquilo foi divertido. Zoe não parecia mais a ameaça que já tinha sido.

Ela se apressou para entrar no chuveiro antes dos músculos esfriarem, vestiu-se sem pressa e sentou-se em frente ao espelho para pentear o cabelo.

Zoe já tinha se trocado. Pegou o pente da mão de Kate e ficou atrás dela, ajudando com os nós. Kate deixou, estremecendo com o jeito brutal de Zoe desfazer os nós.

— O seu cabelo está fodido — disse Zoe.

Kate bocejou.

— Meu cabelo pode ser arrumado.

Zoe entendeu a mensagem implícita.

— Você está dizendo que a minha vida não pode?

— Só estou dizendo que você devia ser mais discreta por um tempinho.

— Não é uma opção.

— Por quê...?

— Porque os jornais vão para a gráfica às nove. Eu só tenho três ou quatro horas para fazer alguma coisa, sabe? Minha agente disse que eu tenho que dar uma foto para eles hoje. Alguma coisa para as famílias simpatizarem comigo.

— O que você vai fazer? Transar com um Teletubby?

Zoe riu. O clima entre elas estava leve. Para Kate, conversas com Zoe costumavam parecer uma caminhada no gelo com balões de hélio para balancear o peso do corpo. Era necessário pousar com leveza na superfície. Esse era o tipo de leveza que compartilhavam agora. Não era incomum, pensou Kate. É assim que as amizades funcionam: essa crença de que é possível agarrar mais balões conforme a bagagem que você carrega se multiplica. Você segue em frente, claro.

— Então, o que você vai fazer? — perguntou Kate.

— Vou tatuar os anéis olímpicos. Aqui. Operação fotografia.

Zoe indicou o ponto passando o pente pelo antebraço que não estava machucado, e em seguida voltou a se concentrar no cabelo de Kate.

— Esta tarde?

— Por que não? Tem um lugar aqui na esquina. Quer vir e fazer uma tatuagem também?

— Zoe, fala sério. Sou eu.

— E daí? Seja você, só que com uma tatuagem.

— Esse devia ser o slogan deles.

— Eles não precisam de um slogan. Eles têm agulhas, tinta, homens calvos com rabos de cavalo e luvas de látex e... ah, é tão sexy, Catherine! Diga que você vai comigo!

Zoe abraçou a amiga em torno do pescoço e aproximou seu rosto do dela, olhando para o espelho e fazendo um beicinho.

Kate se desvencilhou.

— E essa reunião com o Tom?

Zoe se endireitou.

— Não dá tempo. A gente foge pela porta dos fundos. Afinal, o que o velho pode fazer? Correr atrás da gente?

Kate fez uma expressão cética.

— Falando sério. Com os jornais... não seria uma boa você sair um pouco do foco, Zoe? Quero dizer, é o que eu faria.

Kate sentiu o movimento do pente parar por um instante, e ergueu os olhos para ver a expressão explícita no rosto de Zoe, refletida no espelho. Seu semblante dizia: *É, mas isso é você, não é mesmo?*

A expressão sugeria que Kate não tinha coragem, imaginação ou carisma para pensar em algo além do ordinário. Ela viu Zoe tentando disfarçar, buscando assumir uma expressão menos acusatória, mas o recado fora transmitido.

Kate tentou não se importar. Não que não soubesse que, se comparada a Zoe, ela era menos misteriosa, menos atraente e menos interessante. Mas dá para se acostumar com esses fatos, e é fácil relacionar cada uma dessas qualidades com alguma outra, oposta e igualmente intensa. Por exemplo, ela era uma ótima mãe. Era mesmo. Era bastante paciente e prestativa com Jack e Zoe. Era bem inteligente. Tinha aprendido muito sobre doenças sanguíneas e nutrição do desenvolvimento. Ela reparava nos sentimentos das outras pessoas.

Tentou devolver um olhar para Zoe mostrando que não estava intimidada, mas sem entrar no espectro agressivo. Acabou ficando com uma expressão ligeiramente bovina. Meu Deus, às vezes era tão difícil saber como *ficar perto* de Zoe. Algo em sua amiga sempre fazia Kate se sentir uma boa pessoa e uma covarde, as duas coisas ao mesmo tempo. Quando pensava nos relacionamentos de Zoe às vezes sentia uma apreciação serena, e agradecia a Deus por *não* ser daquele jeito, mas por vezes ficava fascinada — não pelo fato de sua amiga ser tão insaciável, mas por perceber que ela mesma era capaz de se sentir grata com tão pouco. Já fazia tanto tempo que ela se sentia feliz só porque Jack era feliz com ela. Era esse o alcance de sua ambição.

Quando descobriu que Zoe tinha ligado para ele, assim que começaram o relacionamento, não se sentiu apenas ameaçada. Ela tinha certeza de que Jack não amava Zoe, e a prova foi que a relação deles não tinha passado de algumas ligações. Também sabia que Zoe não amava Jack, e que só estava atrás dele para tentar desestabilizá-la. O que a desanimava era perceber que Zoe considerava tudo isso parte da corrida. Isso aconteceu antes de se tornarem amigas — antes de compartilharem as experiências boas, que balanceavam a mágoa.

Estavam no começo da baixa estação esportiva. Os Campeonatos Nacionais tinham ficado para trás e Tom mandara ambas ficarem um mês sem treinar, para que seus corpos tivessem uma chance

de se recuperar do verão de treino e competições. Kate tentou descansar, mas era muito tedioso ficar enfiada no apartamento que ela e Jack estavam alugando, na zona leste de Manchester. Jack também tinha recebido ordens para descansar, e ele passava um bom tempo deitado no sofá com as pernas para cima e fones nos ouvidos, os olhos vidrados por causa da inatividade forçada, e a cabeça movendo no ritmo do indie rock escocês. Kate tentou esquecer as ligações de Zoe, mas toda vez que o telefone de Jack tocava — a mãe ligava o tempo todo para saber como ele estava e o técnico ligava para verificar se ele estava repousando—, ela logo imaginava que era Zoe, o que, pensou, devia ser exatamente o que ela queria. Ela ficou lendo romances com indiferença, sem se envolver nas tramas, às vezes parando na metade e jogando os livros na parede, enojada com os protagonistas que nunca conseguiam dar um jeito nas próprias vidas. Havia muito pouco nas vidas desses personagens que Tom não seria capaz de consertar, separando o problema em componentes solucionáveis, usando um pouco de psicologia ou até mesmo os mandando aguentar firme. Ela sentiu pena de Anna Karenina, Clarissa Dalloway e Holly Golightly, que não podiam pegar o telefone e ligar para um treinador e, ao mesmo tempo, ficava feliz por saber que ela nunca se veria tão enrolada nos nós da vida.

Um dia após o outro, nada acontecia. O céu estava cinzento e as ruas, enegrecidas pela chuva. O rádio, com uma trilha sonora de sinos natalinos, já estava fazendo ofertas para consolidar todas as suas dívidas de cartão de crédito num pagamento mensal que coubesse no bolso.

Kate passou horas sentada na frente da janela, remoendo pensamentos enquanto via os carros se arrastando sob o granizo de novembro. A baixa temporada parecia um pressentimento da morte. Não havia ação alguma na pista e a imprensa esportiva tinha perdido todo o interesse pelos atletas. A mudança era súbita e absoluta, como se um mecanismo qualquer tivesse sido desligado. Os jornalistas passavam o verão inteiro disputando fotos, fofocas e entrevistas com os ciclistas e depois desapareciam e deixavam-nos passar a primavera num tão completo esquecimento que só o próprio atleta sabia que continuava vivo. Então ele habitava a cidade como um fantasma, vagando sem propósito. Entre o treino, a competição e as entrevistas os atletas passavam o ano inteiro ocupados, e não tinham como fazer amigos que não eram atletas para depois terem companhia. Ao mesmo tempo, não dava vontade de ver os colegas de trabalho. Às vezes ocorriam encontros fora de temporada, mas eram experiências embaraçosas, cheias de ciclistas se sentindo constrangidos e trocando piadas internas sobre o esporte. Pareciam festas de escritório, só que com um bando de gente sóbria cercada de petiscos especialmente selecionados para ajudar na síntese de proteína.

Kate já estava subindo pelas paredes do apartamento. Certa tarde, depois de quinze dias descansando, ela desistiu. Vestiu uma roupa impermeável e levou a bicicleta de treino para correr. Seguiu para as ladeiras de Peak District e se sentiu melhor a cada pedalada. A chuva cobria seu rosto e ela abria a boca, curtindo o gosto da água sem tratamento. Atravessou Glossop e seguiu para Snake Pass, pegando a longa e íngreme subida, indo contra um vento forte, mas adorando a queimação nos músculos da perna. A pista molhada passou pelo terreno pantanoso e pelos pinheiros baixos — ela conhecia cada canto de cor. Era a única subida grande no treino semanal padrão de todos os ciclistas: saíam de Manchester seguindo para o leste, davam uma volta no topo do morro e voltavam para casa. Ela entrou no ritmo da subida, ficando de pé nos pedais nas partes íngremes, e sentando no selim quando o trecho ficava um pouco mais tranquilo.

Com o topo do percurso uns duzentos metros à sua frente, Kate viu uma bicicleta subindo pelo outro lado do morro. Ventava mais no topo, e a pessoa na outra bicicleta tomou uma surra do vento quando começou a descer, indo rápido demais na pista molhada, o casaco impermeável amarelo

recebendo todo o impacto das rajadas de vento, sem capacete, arregalando os olhos por causa da chuva.

— Zoe! — gritou Kate, quando a garota passou voando a seu lado.

Ela parou, ofegante, e viu Zoe diminuir até parar uns cinquenta metros mais para baixo. Zoe deu meia-volta e subiu o pequeno trecho, sorrindo.

Kate ficou meio arrependida de tê-la chamado. Talvez fosse estúpido tentar ser amigável. Ela não tinha perdoado Zoe. Mas a adrenalina da subida lhe dera um pouco de coragem, e talvez as duas semanas de isolamento tivessem contribuído para deixá-la feliz de ver quem quer que fosse.

Kate devolveu o sorriso de Zoe.

— O que você está fazendo aqui? — Zoe teve de gritar, para poder ser ouvida através do vento.

Kate ainda estava sem fôlego.

— Duas semanas. Sem fazer nada. Eu estava ficando doida. E você?

Zoe riu.

— Eu venho aqui todo dia. Não conte para o Tom. Sou um submarino nuclear. Se as turbinas pararem, eu derreto e levo toda a civilização comigo.

Kate sorriu de novo.

— Indo para casa?

Zoe assentiu.

— A menos que você queira companhia.

Kate fungou e secou o rosto com a parte de trás da luva. Olhou para o computador no guidão.

— Ainda vou fazer mais uns setenta, setenta e cinco — disse.

Zoe olhou para o céu, com o objetivo de cruzar essa informação com a força do vento e o peso das nuvens.

— Que tal um cafezinho quente? — perguntou.

Kate hesitou e riu.

— Assim eu fico sem escolha.

Pedalaram juntas e percorreram os seis quilômetros de descida até a Snake Pass Inn. Deixaram as bicicletas na frente do pub e sentaram ao lado da lareira acesa. No começo não conversaram. Deixaram os sapatos para secar, tiraram os casacos impermeáveis e curtiram o calor das chamas.

Zoe segurou o café com ambas as mãos para se aquecer e observou Kate por cima da xícara.

— O que foi? — perguntou Kate, depois de um tempo.

— Desculpe — disse Zoe. — Desculpe pelas ligações.

Kate lançou-lhe um olhar penetrante.

— Vai continuar com essa história?

Zoe baixou os olhos.

— Não. Acabou. Já superei.

— Então tudo bem.

Kate tirou as luvas e pendurou em cima do aro de bronze da lareira. Elas chiaram quando a água que ainda continham começou a ferver.

— Tem certeza? — perguntou Zoe. — Estou perdoada?

Kate sorriu, sentindo que também tirava um peso de si.

— Sim.

Zoe ergueu a xícara de café.

— Um brinde?

Kate sorriu, observando o cabelo bagunçado de Zoe e a expressão esperançosa em seu rosto. Pela primeira vez, pensou que talvez essa garota fosse legal.

— Não com café — respondeu. — Vamos tomar uma taça de vinho.

Zoe pareceu apavorada.

— Vinho?

Kate assentiu.

— Não conhece? Os franceses o preparam, com uva. Tem tinto e branco.

Zoe franziu o cenho, experimentando a palavra na boca.

— Vinho...

— Ah, deixa disso — insistiu Kate. — A gente está fora de temporada. Viva um pouco.

Kate foi até o bar antes da adrenalina do exercício ter uma chance de deserdá-la, e pediu duas taças de Pinot Grigio. Ela não bebia num pub desde o seu aniversário de dezesseis anos e ficou surpresa com o tamanho das taças que o barman lhe deu — havia quase meia garrafa de vinho em cada. Procurou o dinheiro no bolso de trás da calça e pagou com uma nota úmida de vinte libras. Ficou surpresa com o pouco de troco que recebeu de volta.

Voltando para a lareira entregou uma taça para Zoe e se sentou.

— Saúde — disse.

— Saúde.

Elas brindaram. Zoe sentiu o aroma do vinho, encarou o líquido com ceticismo e em seguida virou a taça. Cobriu a boca com as mãos, se contorcendo.

— Ah, Deus, credo.

Vasculhou o bolso do casaco impermeável atrás de uma dose energética de cafeína. Rasgou o sachê, sugou o gel, engoliu e fez uma careta.

— Meu Deus — comentou —, essas coisas têm um gosto melhor quando a gente está na bicicleta, não tem?

Kate riu.

— Num pub as pessoas costumam pedir aperitivos.

— As pessoas não costumam vir aqui depois de pedalar cento e vinte quilômetros naquele vento — respondeu Zoe. — Eu seria capaz de comer o pub inteiro.

Ela levantou e foi atrás de comida. Kate ficou observando o fogo, admirando sua luminosidade, sentindo o calor trazer seus dedos dos pés e das mãos de volta à vida, enquanto bebericava o vinho. Elas eram as duas únicas pessoas no pub, e lá fora a tempestade estava piorando. A água escorria pelas janelas e rajadas fortes de vento abafavam a música de Robbie Williams tocando na jukebox.

Zoe voltou do bar com uma bandeja de sanduíches e mais duas taças de vinho. Kate arregalou os olhos.

— O que foi? — perguntou Zoe. — Eu pedi com pão integral.

— A questão não é essa!

Zoe meneou a cabeça em direção à janela.

— É, mas quem quer sair daqui com esse tempo? Com toda essa água gelada vindo diretamente do céu. Eu nunca devia ter me mudado para o norte.

Kate fungou.

— A gente está no sul, querida. Você devia ver como é lá em Lakes. A chuva vem do Ártico.

— Eu sou de Surrey — respondeu Zoe, tomando um gole de vinho com o dedinho esticado. — A nossa chuva vem de garrafas de Evian.

Kate riu e terminou a primeira taça de vinho, para alcançar a companheira.

Zoe a observou.

— Não é uma corrida, você sabe.

Kate percebeu um toque de desafio nos olhos de Zoe e tomou a segunda taça de vinho de um só gole, sem parar para pensar no que fazia. Zoe fez o mesmo, e as duas colocaram as taças na mesa ao mesmo tempo.

— Lindo final — disse Zoe —, a multidão perde o controle.

— Acho que você ganhou — discordou Kate.

As duas ficaram observando o fogo.

— Como foi? — perguntou Zoe, depois de um tempo.

— Como foi o quê?

— Crescer em Lakes.

— Sei lá. Molhado.

— Tem algum irmão ou irmã?

Kate balançou a cabeça.

— Nem eu — disse Zoe. — Filha única. Você era feliz?

Kate pensou a respeito. Não era uma pergunta fácil, e ela ficou um pouco preocupada pelo fato de ter sido feita por Zoe.

— Por quê? — perguntou.

Zoe ergueu a mão.

— Desculpe. Eu falo demais.

— Não, tudo bem.

Kate sentiu o efeito inicial do vinho passar. Com o calor da lareira gerando um campo gravitacional em expansão e o vento do lado de fora uivando, começou a se arrepender de ter tomado aquela segunda taça. Devia estar pensando em voltar para casa, para Jack. Imaginou-o deitado no sofá. Imaginou a si mesma saindo na chuva, ficando ensopada até os ossos, e ele a aquecendo. Jack a pegaria no colo, a ajudaria a tirar as roupas de ciclista e... bem... era bom ter alguém esperando em casa.

Zoe estava comendo um sanduíche. Ela suspirou, largou o restante do lanche e gesticulou na direção do copo vazio.

— Melhor de três?

Kate sorriu.

— A gente devia voltar. Vai escurecer daqui a pouco.

— Podemos dividir um táxi. Colocamos as bicicletas no banco de trás.

Kate hesitou, pensando em Jack.

— Eu realmente tenho que ir.

O comentário acabou soando meio formal, e uma leve centelha de desespero nos olhos de Zoe fez Kate se arrepender de não ter dito aquilo de um jeito mais simpático.

— Claro — respondeu Zoe, logo em seguida —, eu estava brincando.

— Ah, entendi — disse Kate, baixando os olhos e dando uma risadinha tímida, tentando passar a impressão de que era ela quem estava constrangida.

Zoe começou a recolher as luvas e todo o equipamento.

— Você está indo para casa?

— Sim — respondeu Kate. — E você?

— Ah, vou para a casa do meu namorado.

— Legal — respondeu Kate, pensando no trajeto de volta para casa. — Fica na cidade?

— Não — disse Zoe, apontando para o sul. — Fica para lá.

Fora do pub, depois do tempo que passaram ao lado da lareira, o vento e a chuva pareciam ainda mais fortes. Zoe tomou o caminho da esquerda e Kate foi pela direita, e só depois de meia hora, enquanto descia as colinas e os primeiros faróis de Glossop começavam a ficar visíveis, deixando a chuva vermelha, foi que ela se deu conta de que não havia nada na direção que Zoe tinha indicado — num raio de setenta e cinco quilômetros não havia qualquer outra coisa que não fossem as montanhas isoladas e chuvosas de Peak District e a vista do sol cinzento se pondo. Ficou pensando se haveria mesmo um namorado ou se Zoe tinha voltado a treinar nesse tempo, pedalando pelo arco solitário do brilho cada vez mais fraco de álcool, em direção às garras da noite que se aproximava.

* * *

Quanto mais Kate gostava de Zoe, mais difícil era saber como ela a fazia se sentir. No vestiário, Kate desviou o olhar do rosto da amiga, que ainda penteava seu cabelo. Observou a própria imagem. Detestava esses espelhos com as luzes cruéis de halogênio: mostravam nada além da verdade. Seu rosto tinha envelhecido nos últimos meses, isso era incontestável. Kate mantivera a aparência dos vinte e poucos anos além da data prevista, e então a vida escolhera esse ano, de todos os anos possíveis, para cobrar o empréstimo. O espelho não admitia a possibilidade de outra época, em que ela tinha sido radiante, quando houve uma dificuldade real para Jack escolher entre ela e Zoe. Agora Kate parecia uma mãe e Zoe continuava parecendo uma modelo. Tentou não ficar ressentida. Ser mãe, afinal, fora uma escolha sua. Ninguém a tinha forçado.

E lá estava ela, com trinta e dois anos de idade e de aparência, e, a seu lado, Zoe, perguntando se Kate queria ir fazer uma tatuagem com ela. O tempo passava as garras pela nuca com os mesmos movimentos duros e insistentes do pente da amiga. Zoe a observou pelo espelho, à espera da resposta com o mesmo desespero quase perfeitamente escondido que ela tinha revelado ao lado da lareira, naquela noite chuvosa de treino, no dia em que se tornaram amigas. O silêncio se prolongou e a angústia do momento persistiu.

— É, que se foda, Zo — decidiu Kate, de repente. — Vou com você fazer a tatuagem.

Made in Manchester, Estúdio de Tatuagem, Newton Street, Manchester

Zoe ligou para a agente, que mandou um fotógrafo ao estúdio de tatuagem. Ele chegou de moto quarenta minutos depois. O fotógrafo era jovem e se achava muito charmoso. Zoe precisava de fotos boas, então sorriu como se concordasse com tudo. Kate também sorriu, e o homem tirou as fotos enquanto os tatuadores trabalhavam.

Zoe colocou um triplo X no antebraço, embaixo dos anéis olímpicos do tamanho de moedas de cinquenta *pence*.

Na cadeira ao lado, Kate estava tatuando os anéis num tamanho menor, mais ou menos como moedas de cinco *pence*, no lugar que Zoe sabia que ela escolheria: a parte alta da escápula, onde poderia esconder com uma camiseta.

Quando a sessão de fotos terminou, Zoe autografou a camisa do fotógrafo com um marcador de tecido. Ela passou o marcador para Kate assinar, mas ele já tinha dado meia-volta e estava indo embora. Zoe viu a mágoa no rosto da amiga, e sua ligeira recuperação. Sentiu-se mal por Kate. Sentiu algo entalado em seu peito, e ela deixou a sensação crescer por um instante. Saber que conseguia sentir algo por alguém era reconfortante para Zoe. Pelo menos ela não era alguém sem coração.

Logo depois Kate já parecia ter superado a situação. Pegou o telefone e ligou para Jack, dando risadinhas enquanto admitia o que estavam fazendo.

— A gente está no fim da rua! Fazendo *tatuagens*!

Ela sussurrou a palavra, alongando a penúltima sílaba, encantada com a própria coragem.

Às vezes Zoe ficava pensando se algum dia Kate iria crescer. Escutou a conversa da amiga no telefone. Havia uma hesitação em sua voz — quase uma timidez — quando contou a novidade sobre o pedacinho de tinta para o homem com quem estava casada havia oito anos. *Jack*, pelo amor de Deus. Como se ele tivesse qualquer direito de julgá-la.

Ela suspirou. A agulha continuava picando seu braço, machucando ao se aproximar do pulso, mas não chegava a doer tanto quanto uma corrida de bicicleta. Ela não sabia o que fazer pela amiga. Só porque foi ela quem tirou a confiança de Kate não significava que soubesse como restituí-la. Era mais fácil acreditar que Kate não sofria tanto com os eventos, que não estava ciente do quão injusto tudo tinha sido. Era mais fácil torcer para que Kate não estivesse tão cansada quanto começava a aparentar, ao lado de Zoe, nem reparasse em quanto o fardo de Sophie a estava deixando mais lenta.

Era uma merda imaginar tudo isso. Se Kate realmente conseguia compreender o que tinha acontecido com ela — o que ainda estava acontecendo—, o fato de ela *não* estar chorando quase fazia Zoe ter vontade de chorar.

E lá estava: uma coceira nos olhos. Zoe a ignorou e se ligou a outros pontos de referência: as dores, as emoções e a falta de fôlego que sentia quando se permitia pensar demais em Kate. Parecia que ela tinha mesmo um padrão constante — uma constelação de emoções desconexas que, quando vista em sua completude, parecia assumir a forma de alguém que se importava. Mas, por outro lado, dava para ligar as estrelas do jeito que a pessoa quisesse. Alguns viam a Ursa Maior, e outros viam apenas um arado.

Zoe ficou preocupada com a noção de que, em algum nível, ela podia ser uma boa pessoa.

Continuou escutando Kate falar com o marido quando a conversa ficou tensa.

— Qual é o problema? — perguntou Kate. — Ah, não seja assim, é só um pouco de diversão.

Zoe viu seu rosto desmoronar.

— Só vai levar uma hora, algo assim. Vocês podem esperar por uma hora, não podem? Ok, *meu Deus*. Diga para o Tom que a gente sente muito. A gente não devia ter saído assim.

Outro silêncio.

— É só a porra de uma tatuagem, Jack. São os anéis olímpicos. Eu não estou tatuando o rosto do Tony Blair na minha pele.

Zoe viu a confusão dominando a expressão de Kate e se perguntou o que Jack podia estar dizendo. Não era normal ele ser chato com uma coisa dessas. Zoe conhecia Jack, conhecia mesmo.

No outono de 2002 eles tinham vinte e dois anos de idade. Jack vencera algumas corridas importantes e Zoe vencera todas as competições das quais participara. Perseguições, provas de velocidade, contra o relógio. As outras garotas passaram aquela temporada disputando o segundo lugar. Zoe competia com tanta frequência que mal precisava treinar. O verão inteiro tinha sido assim, e ela ficou acostumada a ver Kate no segundo lugar do pódio, um pouco abaixo dela. Agora que eram amigas, era fácil transformar a situação numa brincadeira. *A próxima vez é sua*, Zoe sempre dizia, e elas riam juntas durante a cerimônia de entrega de medalhas. Foi só quando Zoe perdeu que ela descobriu que não tinha graça alguma. No outono, uma semana antes dos Campeonatos Nacionais em Cardiff, Kate ganhou dela numa corrida noturna no velódromo de Manchester, que foi transmitida em rede nacional no horário nobre. Zoe não aguentou a sensação. Tom precisou forçá-la a subir no pódio para receber a medalha de prata. Ela teve que ficar no segundo degrau e olhar para cima, para o sorriso radiante de Kate, naquele rosto delicado de elfo. Zoe passou o restante da semana com o pescoço dolorido.

Os Campeonatos Nacionais tinham sido bastante importantes naquele ano. O ciclismo estava começando a ganhar mais espaço e as multidões de torcedores só aumentavam. Todas as finais eram transmitidas ao vivo pela TV. Jack venceu a prova de corrida. Zoe e Kate estavam liderando e iriam competir entre si na corrida seguinte. Enquanto Kate via Jack subir ao pódio, Zoe procurou o telefone dele na sacola esportiva e enviou uma mensagem de texto para o celular dela mesma. Mais tarde, quando estavam vestindo os trajes esportivos ao lado da pista e se preparando para competir, fingiu que tinha acabado de receber a mensagem.

Ela ofegou, e tentou parecer perturbada.

— Ah...

Kate colocou uma mão em seu ombro.

— O que foi?

— Nada. Desculpe.

Ela pegou o capacete e os tênis e seguiu para a linha de partida, sem levar o telefone. Foi o suficiente. Na linha de partida, Kate estava devastada. A final foi uma melhor de três, e Zoe não precisou da terceira corrida. No segundo degrau do pódio, Kate não conseguia parar de chorar.

A sensação foi pior do que Zoe tinha imaginado. Ela ficou sentada a tarde inteira na cama do quarto de hotel que os três estavam dividindo, encarando a medalha de ouro do Campeonato Nacional, desejando poder devolvê-la.

No fim da tarde Jack bateu à porta. Ele estava tremendo. Não conseguia falar.

Os olhos de Zoe estavam vermelhos de tanto chorar.

— Ela ainda está aqui?

Jack balançou a cabeça.

— Foi para casa.

— Você não foi com ela?

— Ela não me deixou ir junto. Preciso que você ligue para ela e diga que foi você quem mandou a mensagem.

— Ela não acreditou em você?

Jack negou com a cabeça.

Zoe gesticulou, impotente.

— Então por que ela acreditaria em mim?

Jack a encarou por um bom tempo e Zoe viu o desespero dominar seu rosto quando ele se deu

conta de que ela tinha razão.

— Por que você é assim? — perguntou, finalmente.

Ela começou a chorar de novo e não conseguiu parar. Não pediu para ele confortá-la, e Jack tampouco se ofereceu.

Os dois saíram para uma caminhada pelo porto. Zoe disse que sentia muito, que isso não iria se repetir. Era um dia frio e cinzento. O cabelo dela, que naquela época já estava crescendo, esvoaçava com o vento forte. O som das gaivotas soava como anjos que perderam o emprego. O ar tinha gosto de sal. Zoe jogou na água a medalha do Campeonato Nacional. Não chegou a afundar, ficou presa numa corda de polipropileno flutuando por perto, pendurada pela faixa, com o ouro reluzindo logo abaixo da superfície cinza. Observaram-na por um bom tempo, mas a medalha não afundava.

Doze horas mais tarde, Zoe estava de volta a Manchester e quinze minutos depois de chegar já tinha começado a treinar para Atenas. Com menos de dois anos pela frente, o esforço ganhou nova intensidade. Cada metro que ela avançava com a bicicleta pela pista a deixava um metro mais perto da glória. O senso de destino fazia sua pele formigar, mas sua mente estava agitada e Zoe levou duas semanas para entender o porquê. Percebeu que não seria capaz de se concentrar por inteiro no treino até pedir desculpas e se acertar com Kate. Essa era uma sensação nova para ela, esse reconhecimento de que seu próprio bem-estar estava, de alguma forma, vinculado ao bem-estar de outra pessoa. Foi um empecilho inesperado. Conforme a sensação se intensificou, seu corpo foi sendo tomado por uma fraqueza cada vez maior, até o ponto em que ela mal conseguia erguer um halter do chão. Seu mal-estar aumentou e ela se ressentiu cada vez mais de Kate — quase começou a odiá-la, na verdade, por gostar tanto dela.

Certo dia, convidou Kate para almoçar, sem intenção de revelar qualquer detalhe sobre si mesma. Só tinha pensado em fazer algo legal e pedir desculpas, mas aí ela acabou falando sobre a morte de Adam, e chorando no meio do *The Lincoln* — caiu aos prantos mesmo, as lágrimas cobrindo todo o rosto — enquanto Kate a abraçava e o pianista tocava a música tema de *The Dukes of Hazard*, *affrettandq* e começou a tocar cada vez mais rápido quando percebeu que seu som não estava deixando-a animada.

Zoe e Kate treinaram juntas todos os dias depois desse ocorrido. Sua força voltou logo de cara. Ela ficou impressionada por ter sido perdoada pelo que fez em Cardiff. Conforme o inverno avançava, Kate às vezes perguntava se ela consideraria a possibilidade de procurar um psicólogo. Zoe respondia que sim, mais para demonstrar que se sentia mal pelo que fez do que por achar que pudesse ajudar. Comprometeu-se a ir uma vez por semana. Kate andava com ela até o consultório e a deixava na porta abrindo um sorriso e dando um apertão encorajador no seu braço. Zoe sentava numa cadeira enquanto o psicólogo fazia perguntas curtas e direcionadas, e em seguida se apoiava no encosto da própria cadeira, que tinha sido selecionada com cuidado para fazer com que seus olhos ficassem um pouco mais baixos que os dela.

O terapeuta transformou a sala num vácuo silencioso, que caberia a Zoe encher com lembranças. Como se fosse possível que coisas desse tipo pudessem capitular assim com tanta segurança. Como se já tivessem servido a seu propósito, como os propulsores usados de um foguete, e pudessem ser largadas sem alarde para caírem no mar. Não se admitia a possibilidade de que talvez as memórias de Zoe ainda não tivessem terminado de cumprir seu propósito, que ainda pudessem conter combustível não gasto, e que abandoná-las agora reduziria suas chances de escapar. Quanto mais ela falava sobre Adam, mais sentia o peso da atração da gravidade puxando-a.

Conversar a deixava fraca e vazia, ainda que o psicólogo insistisse que era bom para ela. No fim

de cada sessão ele juntava as pontas dos dedos, tocando o lábio inferior com os indicadores, enquanto oferecia uma síntese da sessão e, humildemente, perguntava se ela achava que seu sumário tinha mérito. Zoe se via concordando que tinha problemas para controlar a raiva e que sofria de uma inabilidade para aceitar derrotas que consistiam em uma parte inevitável e saudável da vida.

Mas aquilo só a deixou mais enfurecida, ter que se escutar admitindo que tinha problema em controlar a raiva. Admitir que não conseguia lidar com derrotas fez com que ela se sentisse derrotada. Depois de cada sessão Kate a encontrava na frente da clínica, e elas saíam para tomar um café. Nessas ocasiões Zoe fazia questão de rir e pedir doses extras de avelã, admitindo que de fato se sentia muito melhor.

Seu desempenho nos treinos ficou abalado. Quando se posicionava na linha de partida para correr com Kate, descobriu que não conseguia mais invocar aquela velha fúria interior que podia direcionar para os músculos. O lugar que antes era ocupado pela fúria tinha sido tomado por uma dor silenciosa, fria e cinzenta como o mar em novembro, e Zoe perdia a corrida antes mesmo de Tom soprar o apito. Quando via Kate ganhar distância a cada volta ela era tomada pelo medo de que talvez o psicólogo conseguisse curá-la.

Tom fazia com que competisse com Kate toda semana, e quando ela parou de vez de ganhar também parou de ir ao psicólogo. Disse para Kate que tinha feito bastante progresso, e a amiga ficou feliz por ela.

No treino seguinte, ganhou de Kate pela primeira vez em um mês. Passou umas duas semanas escutando os recados pacientes do psicólogo na caixa postal do celular, sugerindo que ela voltasse para a terapia. Depois de um tempo ele parou de telefonar.

As coisas ficaram mais sérias entre Kate e Jack. Zoe tentou se sentir feliz quando Kate lhe contou sobre seus planos — comprar uma casa juntos, e talvez começar a pensar em casar e ter filhos. Kate passou a convidá-la para visitar seu apartamento depois do treino, e ela acabou se acostumando a conversar com o casal enquanto tomavam chá. No começo tinha sido estranho, por causa de Jack, mas conforme ela foi se acostumando conseguiu se sentir cada vez mais à vontade perto dele, chegando ao ponto em que ela e Kate se revezavam ao repreendê-lo por causa de suas músicas. Finalmente, numa manhã em que os três estavam rindo em torno da mesa da cozinha, Jack recostado no assento, Kate mexendo o chá e Zoe imitando o sotaque de Tom, Zoe pensou: É isso. Minha vida finalmente começou, e esses são os meus amigos.

Então, no fim de março, Kate e Jack tiveram uma briga. Kate não comentou nada com Zoe. Ela só percebeu que as conversas durante o treino ficaram mais frias e que os convites pós-treino para a casa do casal sofreram uma interrupção repentina. Kate inventou desculpas, alegando que estava cansada ou que tinha outros compromissos, até chegar ao ponto em que elas mal se falavam fora do velódromo. No começo Zoe ficou preocupada, depois confusa, em seguida desolada. Seus recados na caixa postal dela não recebiam resposta. Kate foi sua primeira amiga — era sua única amiga — e perdê-la foi algo desorientador. Pela primeira vez na vida, Zoe achou difícil levantar da cama pela manhã. Ficava sentada na beira do colchão, a cabeça apoiada nas mãos, com uma sensação de vazio.

Quando finalmente encontrou Jack no velódromo perguntou o que estava acontecendo. Ele contou que tinha terminado com Kate. Os dois tiveram uma conversa que acabou tocando no assunto de Zoe, e Jack tinha cometido o erro — essa foi sua palavra, *erro* — de admitir como tinha se sentido por Zoe no começo. Houve uma briga — uma briga estúpida, pois era tudo coisa do passado. Não era estúpido? Tudo aquilo não era uma história triste que já tinha perdido a importância há muito tempo?

Zoe se viu concordando, sim, era uma história estúpida, sobre algo sem importância, e depois voltou para o apartamento e passou metade da noite sem conseguir dormir, pensando sobre o casal.

Uma semana depois Jack viajou sozinho para o campo de treinamento do Ciclismo Britânico em Gran Canária, um dia antes de Kate. Zoe já estava lá. Ela bateu na porta de Jack, tarde da noite. Eles disseram um para o outro que não tinha problema, mas tinha. Kate estava há mil quilômetros de distância, e por mais que tentassem se perder um no outro, mais a presença dela se intensificava no quarto. Zoe sentiu a primeira impressão de desconforto crescendo, até virar uma ferida imensa no coração. Deitada nua, ao lado de Jack, depois de passada a euforia das primeiras horas que compartilharam, olhou para seus olhos e viu que ele sentia o mesmo.

— Desculpe — disse Jack.

Ela balançou a cabeça.

— Tudo bem. Eu vou embora.

Jack a segurou.

— Você não precisa ir. Fique aqui e durma, ok?

Os dois então fingiram dormir, deitados de costas um para o outro, encarando as paredes do quarto até uma luz cinzenta começar a se infiltrar pelas persianas.

Zoe o deixou deitado na cama, juntou suas coisas em silêncio e andou na ponta dos pés para conceder a ambos a digna noção de que, se não fosse pelo fato de ele estar dormindo, alguém podia ter dito palavras de despedida perfeitas, leves e sábias, que consertariam todo aquele estrago. Era importante deixar espaço para a ideia que tais palavras existiam e podiam ser ditas, pelo simples movimento de puxá-las de um dos galhos mais baixos do amanhecer.

Ela caminhou do hotel até a praia, deixou as roupas nas dunas e mergulhou no Atlântico enquanto o sol se erguia sobre as ondas. Três pequenos pelicanos sobrevoaram a água, suas silhuetas contra a luz, planando silenciosamente. O horizonte estava cheio de vida e suave. Com os dedões mal alcançando a areia, Zoe observou o mar aberto e se lavou daquela noite. A água estava agradável e havia uma brisa sutil. Ela abriu mão do apoio para os pés e saiu nadando livremente.

Quando passou do ponto em que o fundo do mar se perdeu num azul-escuro, o frio sem fim a envolveu por inteiro. Zoe sentiu o peito apertar e perdeu o fôlego. A brisa suave formava pequenas ondas de água salgada, que batiam de leve em seu rosto. Ela teve que ficar de costas para o vento e flutuar de barriga para cima, recuperando o fôlego. Foi a primeira vez que olhou para trás. A maré fazia com que subisse e descesse, e quando descia ficava completamente só, cercada pela água, sem ver nada além do azul-claro. Quando subiu viu que a praia estava muito mais longe do que tinha imaginado. O hotel, Jack, o treinamento e a competição se tornaram um bloco de concreto baixo, coroando as dunas distantes. Zoe estava sozinha.

Algo grande e pesado roçou sua perna. Ela começou a chutar, e apavorada se preparou para lutar, mas o negócio flutuou até a superfície. Era um pedaço de um barco de madeira. Ficou boiando ao seu lado na superfície do mar, enegrecido pelo tempo e impregnado de água, com a parte de baixo coberta por uma crosta de cracas brancas. Quando Zoe deu uma braçada para se afastar, o objeto a seguiu, lânguido, sendo puxado pelos redemoinhos que seu corpo provocava na água. Ela se obrigou a ficar calma. Voltou a flutuar de barriga para cima, os membros esticados como uma estrela, encarando o domo azul-acinzentado do amanhecer. Ali, com o corpo branco frio suspenso no oceano e sua memória formigando por causa de Jack, ela sentiu o horror de não ter ninguém. A sensação era tão ampla, fria e selvagem quanto o próprio oceano.

No estúdio de tatuagem, Kate soltou o telefone no chão. O aparelho se espatifou, a bateria escorregou para um lado e a capa plástica quebrou no outro. O som interrompeu os pensamentos de Zoe e ela ergueu os olhos. Kate a estava encarando.

— O que foi? — perguntou.

As mãos de Kate tremiam.

— Tom está vindo para cá. Ele tem uma notícia para nos dar.

Renault Scénic Prata

Havia uma gaze cobrindo a escápula direita de sua mãe. Sophie podia ver um pedaço do material branco saindo de dentro da camiseta amarela, na altura do pescoço. Ela ficou encarando aquilo do banco de trás, enquanto seu pai dirigia de volta para casa. Tentou entender o que significava.

— Mãe — perguntou —, o que é isso nas suas costas?

— Não é nada, Sophie.

— Você se machucou?

— Não é *nada*, ok? — repetiu o pai.

Ele usou aquela voz que a deixava com vontade de se encolher toda, que nem acontece com um tatu-bola quando alguém toca nele com o dedo. Sophie ficou quieta.

Seus pais conversavam na voz sussurrada que os adultos usam quando não querem que as crianças ouçam. Os adultos pensam que o ouvido das crianças é pior que o deles, mas na verdade é melhor. Tratando-se da capacidade auditiva, a ordem decrescente é essa: Jedi, morcegos, corujas, raposas, cachorros, ratos e aí adultos.

— Em que você estava *pensando*? — perguntou o pai.

— Não seja um babaca. Você não acha que isso já é ruim o bastante?

— Só estou dizendo, caramba... o que passou pela sua cabeça?

— Eu *não sei*, ok? Será que eu sempre tenho que saber?

— O quê? Esta é a sua pergunta? Se envolve sua pele, que está permanentemente presa em você, não seria interessante ter *certeza*?

— É a *minha* pele — respondeu a mãe de Sophie, com um tom de voz triste.

Sophie sentiu o estômago afundar. Era câncer. Era isso que significava. Era câncer de pele nas costas da sua mãe. Por isso ela usava aquela gaze. Sophie sabia tudo sobre câncer, sua mãe tinha o de pele e fora fazer uma cirurgia. Por isso que desapareceu depois do treino, porque os adultos sempre tentam guardar segredo sobre câncer ou algo assim. Mas a ordem decrescente da capacidade de manter segredos era assim: Jedi, raposas, e aí adultos. Sua mãe tinha sido operada, e tinha dado errado, e agora tudo estava indo mal.

— Mas os *anéis olímpicos*... quero dizer, você não devia ter *chegado lá* antes?

— A gente achou que já estava lá, não achou? Estávamos em primeiro e segundo lugar. Não tinha ninguém nem perto de nos alcançar. E agora acontece *isso*. E, se não fosse ruim o bastante, ainda tenho a porra dessa... *coisa* no meu ombro.

Sophie observou pelo espelho retrovisor e viu as mãos da mãe apertando o cinto de segurança

com força. O pai olhou para a mãe e estendeu o braço para tocar seu joelho. Ela devolveu o olhar e sua tristeza diminuiu um pouco. Sophie se sentiu melhor de imediato. Era como se o joelho da mãe fosse seu botão de melhoras, e o pai tivesse acabado de apertá-lo.

— Eu sei — disse Jack. — Desculpe.

— Mãe? — perguntou Sophie.

Tinha perguntado tão baixinho que ela não ouvira. Tentou de novo, enchendo os pulmões com um sopro sibilante na respiração e forçando o som a passar pelo aperto em sua garganta.

— Mãe?

Kate se voltou para ela e passou a mão entre os bancos da frente, para tocá-la.

— Está tudo bem — afirmou ela. — Não é tão ruim quanto você pensa.

— Aposto que você tem razão, querida.

— Às vezes você vai se sentir bem mal, mas se fizer a químio direitinho vai melhorar. Vai mesmo.

Ela manteve o olhar firme, assentindo com a cabeça para que sua mãe visse o quanto estava certa disso. Kate ficou confusa.

— O quê? — perguntou.

— Isso nas suas costas — explicou Sophie —, o câncer.

A mãe a observou por um bom tempo, e havia uma expressão estranha em seus olhos que Sophie não entendeu. Engoliu em seco. Não devia ter dito câncer. Para ela já era um termo usual, mas as pessoas novas demoravam a se acostumar com ele. No hospital muitas não conseguiam dizer a palavra, principalmente os adultos. As mulheres diziam que tinham um *tumor*, o que tornava aquilo algo pequeno o suficiente para agarrar mas não pequeno demais para escapar entre os dedos. Os homens falavam que estavam lutando contra o *grande C*, que era melhor para eles, porque podiam imaginar uma coisa imensa em forma de C os atacando, que nem um caranguejo, e era mais fácil pensar em revidar do que se fosse um C menor e mais suave, como o de uma célula.

— Está tudo bem, mãe — repetiu Sophie. — O doutor Hewitt diz que você fica mais forte ao usar o nome de verdade.

Havia lágrimas nos olhos da mãe.

— Ah, querida, desculpe, desculpe mesmo. Isso não é câncer. É só uma tatuagem idiota.

O pai então parou o carro na beira da estrada e ambos desceram e entraram no banco de trás. Tiraram o cinto de Sophie e a abraçaram forte, e os três ficaram lá, abraçados, enquanto o sol se punha e o trânsito do início da tarde seguia, os faróis dos carros iluminando a chuva.

— O que quer que aconteça — disse o pai —, não é nada comparado com o orgulho que a gente tem de você.

— O quê? — perguntou Sophie. — Eu não fiz *nada*.

Por alguma razão, isso fez seus pais rirem. Por que eles sentiam orgulho dela, se tudo o que ela tinha feito era entender mal a coisa? Uma tatuagem era diferente de câncer de pele. Bem diferente.

Sophie suspirou, exasperada. Assim que sobrevivesse à leucemia, teria que sobreviver a esses pais.

Beetham Tower, Deansgate, 301, Manchester

Zoe entrou no apartamento, largou a chave no prato de estanho e colocou a sacola de plástico azul

sobre a mesa esmaltada da cozinha. Pegou a garrafa de vinho branco com tampa de plástico de dentro da sacola e a encarou. Não bebia nenhuma gota de álcool desde aquele treino na chuva com Kate, nas profundezas da baixa estação, há mais de uma década. Não tinha nada no apartamento feito especificamente para ser preenchido por vinho. Nem sabia quanto devia tomar.

Escolheu uma das pequenas e pesadas xícaras de cerâmica branca para tomar café e a encheu. Levou a xícara e a garrafa até as janelas altas e observou as luzes da cidade. Sentiu o aroma do vinho, fez uma careta e bebeu. Ficou dez minutos parada, avaliando o efeito. Dentro de um corpo treinado para saber a velocidade dos próprios batimentos cardíacos e processar as mensagens aferentes passando por cada feixe de nervos em capacidade máxima com uma clareza ártica, o vinho não produzia qualquer sensação agradável de calor, só um sentimento imediato de concussão e certo terror frente ao poder da química. Ela encheu a xícara de novo e a virou.

Meia garrafa depois, Zoe sentiu coragem suficiente para pensar no que a mudança das regras significava. Se quisesse a vaga na Olimpíada, teria que disputá-la com Kate. Focou nesse pensamento, revirando-o na cabeça. Era verdade que estava desesperada pela colocação. Sem isso perderia os patrocinadores, o apartamento e a razão para manter o coração e os pulmões funcionando. Mas para garantir a vaga teria que forçar seu corpo mais do que jamais chegara a fazer. No treino dessa manhã não houvera diferença alguma entre seu desempenho e o de Kate.

Tomou mais um gole de vinho e usou a xícara fria para resfriar a tatuagem olímpica no antebraço. Ao olhar para aqueles anéis, escutou o urro das multidões em Atenas e Pequim. Vasculhou seu coração, imaginando se teria capacidade de destruir Kate só para ouvir aquele som de novo. Fechou os olhos, apoiou a testa no vidro frio e deixou a mente vagar.

* * *

Nos meses que se seguiram a Gran Canária — a primavera e o começo do verão de 2003—, Zoe quase não competiu. Ela se poupou para o Campeonato Mundial de Ciclismo que ocorreria em Stuttgart, no fim de julho. Estava batendo recordes mundiais de tempo nos treinos. Deixou Jack e Kate em paz para reconstruírem seu relacionamento e jogou toda sua dor e energia nos pedais.

Pegou um voo antecipadamente para Stuttgart. Ficou num quarto do hotel que o Ciclismo Britânico tinha providenciado para todos os ciclistas ingleses. Era próximo ao velódromo, e durante todo o mês que antecedeu o evento ela treinou na pista em que iria competir. Lutou contra um vírus que sugou sua energia e concentração, mas a aposta nunca tinha sido tão alta e cada átomo em seu corpo estava focado. Mal reparou que estava na Alemanha. A língua era diferente, mas a pista era igual.

Kate e Jack chegaram juntos, uma semana antes do evento. Eram um casal feliz outra vez, mas o relacionamento ainda não era tão sólido a ponto de conseguirem se sentir à vontade perto de Zoe. Ela sorria com polidez para ambos quando se encontravam nas reuniões da equipe, ou no bufê de café da manhã.

Os Mundiais de 2003 foram maiores que todos os anteriores. Havia equipes de lugares tão longínquos quanto o Brasil e a China. Todas as corridas eram transmitidas ao vivo pela Eurosport. Zoe estava ficando doida de ansiedade e entusiasmo. Vomitou no quarto do hotel mais de uma vez. Mas estava calma. Sua preparação tinha sido impecável. Estava em todos os jornais: ela ia ganhar fácil. A mídia estava apaixonada por ela. Um filósofo conhecido escreveu um artigo no *The Guardian*

sobre sua ética profissional. O *News of the World* estampou fotos de seus seios cobertos por Lycra, e especulações sobre se ela usava ou não algo sob o traje esportivo. Havia assunto para todos.

Os Campeonatos Mundiais começaram com uma explosão de flashes de câmeras fotográficas. Em Stuttgart, no último dia de julho e nos primeiros dois dias de agosto de 2003, Jack ganhou o maior número de medalhas de ouro já conquistadas por um ciclista britânico nos Mundiais. Kate conseguiu duas medalhas de ouro e uma de bronze. Zoe não conseguiu nem se qualificar para as finais em três das provas em que pretendia competir. Perdeu para Kate na disputa pela medalha de bronze. Sentiu-se mal em todos os aquecimentos. Certo dia, ela chegou a vomitar na linha de partida. Tiveram que adiar a largada. Um homem limpou a pista, e depois enxugaram o local com secadores industriais. Zoe se colocou em frente à linha de partida de novo. O apito soou e uma fraqueza quente inundou seu corpo. As outras garotas dispararam à sua frente como se ela não estivesse nem pedalando. Pouco tempo depois apareceu na internet um vídeo dela ao lado da pista, chorando, confusa, batendo várias vezes em sua bicicleta de ponta, em fibra de carbono e com o valor estimado em nove mil libras.

Tom chamou um táxi e a levou direto da pista para uma clínica. Ficaram lá por duas horas. Os médicos fizeram testes. Zoe esperou. Fizeram mais testes. Ela continuou esperando, num quarto branco pequeno, com revistas alemãs de moda e um ar-condicionado barulhento. Um médico entrou, todo sorridente, e disse que ela estava grávida.

— Parece que você já está no fim do terceiro mês — declarou. — Parabéns!

Quando viu a expressão no rosto dela, o médico disse:

— Desculpe, essa não é a palavra certa? Meu inglês não é muito bom.

Zoe o fez repetir o teste. Ela não acreditou que fosse possível, não depois de ter treinado tão duro. Ele não era especialista em medicina esportiva, então ela explicou sobre suas mudanças fisiológicas. Sobre o que acontecia quando o corpo via que suas reservas de gordura estavam muito baixas. Como registrava as dores inconcebíveis que eram sentidas todos os dias. Como o corpo supunha que você estava morrendo e fazia os ajustes necessários no sistema reprodutivo. O médico escutou com educação enquanto ela explicava sobre as mudanças nos níveis hormonais, a queda de estrogênio e o aumento de testosterona. Disse que não menstruava há três anos e que não usava métodos anticoncepcionais desde 1999. O médico disse que talvez esse tivesse sido o problema. Os médicos eram bastante diretos na Alemanha.

Quando saiu do consultório, Tom a aguardava no saguão da clínica. Zoe deu um sorriso fraco e disse que era só um problema de estômago.

De volta ao quarto do hotel, vomitou de novo. Bebeu um pouco de água com gelo. Kate ainda estava no velódromo, recebendo atenção da imprensa. Zoe a viu pela Eurosport. Ela estava radiante.

Zoe desligou a TV e ficou encarando a parede por cerca de uma hora. Então acessou a internet, agendou uma consulta em uma clínica de aborto em Manchester e começou a esboçar uma revisão no programa de treinamento para Atenas.

Kate bateu na porta. Ela teve a decência de esconder as medalhas na mochila, mas não tinha como esconder sua vitória. O ouro resplandecia nela. Através da pele, pelos olhos. Brilhava no ar ao seu redor.

— Feliz agora? — perguntou Zoe.

— Não diga isso. Eu achei que talvez você precisasse de alguém para conversar.

— Eu tenho o Tom.

Kate fez uma pausa.

— Ótimo. Bom. Olha, eu vou deixá-la em paz, ok?

Zoe suspirou.

— Não vá embora. Foi legal você ter vindo.

Kate sentou-se na cama com ela.

— Então, qual é o problema? O que os médicos disseram?

Zoe deu uma risadinha derrotada.

— Um problema gástrico. Olha, quando a gente voltar para a Inglaterra, vamos... sei lá. Fazer alguma coisa. Tipo sair e ver um filme, algo do tipo.

— Não no nosso primeiro encontro. Não sei o que você ouviu sobre mim, mas não sou esse tipo de garota.

Zoe riu, mas de repente a risada se transformou em choro.

— Zoe? O que foi?

Ela fungou. Mordeu os nós dos dedos e sussurrou:

— Eu estou *grávida*, porra, Kate — seu rosto estava tão tenso que a última palavra foi quase inaudível.

— O quê?

— Eu estou grávida. Ninguém sabe.

— Ninguém?

Zoe negou com a cabeça.

— Ah. Uau. Quer dizer... ok.

— Tudo bem. Quer dizer, não é nada. Eu tenho que me livrar disso, né?

Kate piscou.

— Ah, *Deus*. É...

Zoe engoliu. Sua voz estava fraquejando.

— Eu sei. Mas eu preciso, não é mesmo? Quer dizer, eu vou para Atenas, vou competir. Não posso... sabe... *bebê*.

Kate ficou em silêncio.

— Kate?

Zoe viu a amiga franzindo o rosto, o que não fazia sentido. Levou um tempão para ela entender que Kate estava se esforçando para não chorar. Ela sentiu uma onda de raiva. O que Kate estava fazendo, chorando, quando era a vida dela que estava indo para o buraco?

— Qual é o seu problema? — perguntou. — Eu não tenho *escolha*, ok?

— Zoe, por favor...

— Nenhuma escolha. Então não tente me fazer sentir culpa.

Ela viu os olhos vermelhos de Kate a encarando.

— É de Jack? — perguntou ela, baixinho.

Zoe demorou alguns segundos para sentir o impacto. Não tinha pensado nisso, em quem era o pai da criança que ela carregava, só tinha pensado em deixar de carregá-la o mais cedo possível. Quando a pergunta veio, o choque foi tão intenso que ela não conseguiu fingir que essa não era uma possibilidade.

Kate a observou, triste.

— Eu sabia que tinha acontecido alguma coisa — disse, depois de um momento. — Ele estava tão quieto no treino...

Zoe levantou, saiu do quarto e foi dar uma longa caminhada pelas ruas de Stuttgart. Percebeu,

enquanto andava, que não havia outro jeito de fazer a conta. Ela não tinha transado com ninguém desde Jack, e fazia tempo demais que tinha feito sexo com outra pessoa. O que significava duas coisas: que o bebê era filho dele e que transar com ele tinha significado algo para ela, algo forte o suficiente para quebrar um padrão de seu corpo. Algo estava crescendo em suas emoções, e também em seu útero, e ela teria que encontrar forças para se livrar das duas coisas.

No avião de volta para Londres, Zoe estava devastada. Não tinha dormido. Cobriu a cabeça com um cobertor e abraçou os joelhos, sentada ao lado da janela, três fileiras atrás de Kate e Jack. Depois de meia hora de voo ela levantou e foi até o casal. Queria pedir desculpas. Mais do que isso, estava desesperada para conversar. Tom estava furioso com ela, e com Kate e Jack lhe dando as costas, não tinha ninguém com quem falar sobre a escolha agonizante que estava tentando fazer. Foi até a fileira deles. Sentindo sua presença, e imaginando que fosse alguém da tripulação, os dois viraram o rosto com o meio-sorriso de pessoas prestes a recusar polidamente uma oferta de café ou chá. Quando ela viu o choque dominar suas expressões, seguido pelo constrangimento de Jack e pela confusão infeliz de Kate, ela balbuciou “desculpe” e voltou depressa para seu lugar.

Havia fotógrafos esperando em Heathrow. Zoe passou pela alfândega imersa numa galáxia de flashes. Havia rolado dinheiro ali. Alguém na clínica vazou a notícia. Um repórter gritou seu nome. Ele era do maior jornal dominical da Inglaterra e estava gritando em meio à multidão.

— Zoe! Zoe! Você vai ficar com o bebê ou vai competir nas Olimpíadas?

Uma vez que a situação tinha sido colocada dessa forma, em público, não era mais uma escolha. Centenas de flashes iluminaram a expressão em seu rosto branco como giz.

Cozinha, Barrington Street, 203, Clayton, Região Leste de Manchester

Depois de comerem e colocarem Sophie na cama, Kate deixou os pratos na pia. No peitoril da janela, ao lado do recipiente de metal com os acessórios para lavar a louça, estava o troféu de prata que Jack tinha usado para contar as dezesseis pílulas de Sophie daquela manhã. Agora a taça estava vazia.

— São só as Olimpíadas — afirmou Kate. — Eu posso deixar para lá, sabe. Passar mais tempo com Sophie.

Ela viu um medo pálido e cauteloso passar pelos olhos de Jack.

— Pode parar com esse papo — disse ele—, você vai disputar a vaga com Zoe, vai vencer e vai competir em Londres. Vocês estavam emparelhadas no treino de hoje.

Kate olhou pela janela.

— Eu fico preocupada de competir com ela. Acho que ela está ficando mais instável. Acho que está perdendo o controle.

— A questão não é ela. Pense em como Sophie se sentiria se você desistisse. Pense em como você se sentiria.

— E você? Como você se sentiria?

— Se você desistisse?

— É.

Ela viu a tensão dominar o seu rosto.

— Eu também desistiria.

Ela assentiu. Achou que ele acreditava mesmo no que dizia, mas, que se a situação chegasse

nesse ponto, ele não faria isso.

Começou a lavar os pratos. Talvez fosse terminar assim, no fim das contas, aos trinta e dois anos. Não experimentando a derrota ou a glória na pista, mas aqui, com uma cesta de roupas sujas de treino e esses três pratos brancos com crostas de massa na pia, o detergente desfazendo a gordura persistente.

— Talvez eu precise de tempo para pensar.

— Ah, meu Deus! — exclamou Jack, apoiando a cabeça nas mãos. — Desde quando isso tem a ver com pensar?

E ele tinha razão — era terrível para Kate se ouvir dizendo essas coisas. Na parede atrás deles estavam os desenhos de Sophie, desde que era bebê até os oito anos. Os sóis sorridentes e as naves espaciais. As pegadas de sua filha em tinta amarela num pôster, compondo a forma das pétalas de um girassol. Kate se lembrou de quando pegou nos calcanhares magricelos da filha para carimbar os pés naquele pôster, compondo o desenho. Com o outro braço manteve a filha erguida — isso foi antes de ela conseguir ficar em pé sozinha. A pegada ficou ao lado do caule forte e das folhas largas que Kate tinha desenhado com giz verde em torno do pé da filha, enquanto Jack estava no voo para Atenas.

— Pense nisso — Jack estava dizendo. — O que você faria, se desistisse?

Ela fez um gesto de desdém com a mão. O movimento esticou a tatuagem, o que doeu.

— Dá para ganhar a vida de outras maneiras, não dá? Quer dizer, a menos que todas aquelas pessoas nos ônibus estejam fingindo, existem outros empregos.

Jack acariciou sua bochecha.

— Não depois de se ter ouvido a multidão.

Ela tirou a mão do marido do rosto, com gentileza. Para falar a verdade, os bramidos da multidão costumavam assustá-la. Sim, eles aumentavam a adrenalina, mas havia uma espécie de silêncio naquilo. A multidão ganhava trinta minutos de intervalo para comer. A multidão fumava em frente ao prédio do escritório, na chuva, e depois jogava as bitucas pela grade de metal do cinzeiro preso na parede, de acordo com o protocolo estabelecido por e-mail. A multidão era Jack, caso seu pai não o tivesse retirado de sua zona de conforto. A multidão era ela, caso seu próprio pai não a tivesse levado para uma corrida de bicicleta quando tinha seis anos. Era a distinção mais sutil, e o barulho da multidão anulava essa separação e a assombrava.

Kate estremeceu. Estava escuro lá fora, dentro de casa havia aqueles pratos na pia, a cesta de roupas sujas, o brilho alaranjado dos postes na rua, revelando as silhuetas das casas vizinhas. Das janelas dessas casas vinha aquele brilho confiante. A luz oscilante da TV. E, na pia, aquela camada de bolhas de sabão, cada vez mais fino.

Tom sempre alertou as garotas sobre isso: *Um dia, mais cedo do que imaginam, suas vidas como atletas vão terminar.*

Esse suave som das bolhas estourando na pia.

O desespero na voz de seu marido, enquanto ele dizia:

— Pense no que é bom para você, uma vez na vida. Você não deve mais nada a ninguém.

Ela se virou e o encarou.

— Mesmo assim, acho que eu prefiro cuidar de Sophie do que lutar contra Zoe.

— Não é uma questão de isso ou aquilo. Ah, Kate, isso é por causa da sua confiança? Eu *sei* que você pode ganhar de Zoe. A única coisa que a impede é o medo de perder.

Kate notou a força por trás de sua voz.

— Eu tenho medo de ganhar. Ganhar é tudo o que Zoe tem. Eu tenho medo do que ela pode fazer consigo mesma se a deixarmos sem nada. Tenho receio do que ela pode fazer *com a gente*.

Kate viu nos olhos do marido que ele também sentia isso; que até então ele mesmo tinha se esforçado para formular aquilo. Jack não pensava além do imediato, esse era o negócio dele. A pura simplicidade de Jack era a razão pela qual eles acabaram tendo uma vida tão complexa. Não era culpa dele que Kate fosse capaz de lidar com as complicações e ele não. As pessoas têm seus habitats naturais, afinal, demarcados não pela ecologia, mas pela idade. Ele era perfeitamente adaptado para os dezenove anos, ela era melhor para os trinta e dois.

Kate o beijou delicadamente na bochecha, e ambos tentaram lidar com o que ela finalmente tinha dito em voz alta. Buscaram formas de inserir mais palavras em volta da questão, para torná-la mais segura.

— Ela não pode mais nos machucar, Kate. Aquilo foi quase dez anos atrás. A gente é mais velho e mais esperto agora.

— Ela também.

— Mas o que ela pode realmente fazer, se a gente confiar um no outro e não deixar que ela se meta entre nós?

A pergunta ficou sem resposta.

Kate olhou pela janela, para os quintais escuros e as casas geminadas cada vez mais tomadas pela penumbra, que aumentava com a chuva súbita. Ela podia ter tido tantas outras vidas...

* * *

Quando tinha seis anos de idade, seu pai a levou para uma corrida de bicicleta pela primeira vez. Era algo que eles podiam fazer juntos, fora de casa. Ele tinha visto a corrida anunciada no jornal local — foi por acaso, podia muito bem ter sido um anúncio de judô.

A mãe discutira com o pai durante o café da manhã, naquele dia. Kate estava comendo ovos fritos. Ela não pensou muito na discussão. Sua mãe estava mal-humorada há semanas — o emprego novo a deixava infeliz. Ela vendia produtos de porta em porta, trabalhando para uma empresa que comercializava metro de tecido. Às vezes viajava e uma ou duas vezes por mês tinha que passar a noite fora.

No dia da corrida, durante o café da manhã, a mãe tinha puxado seu prato antes de ela terminar e o largado na pia. Tinha marcas escuras embaixo dos olhos. “A gente vai ficar fora até tarde, ok?”, seu pai avisara. “Vou levar Kate para comer no pub depois da corrida.” Ele sorriu e apertou a mão da menina. Ela estava pensando na comida que adorava, o pão preto grosso e a manteiga que vinha embrulhada num papel dourado. O queijo e o molho picante, as cebolas em conserva, estranhas e translúcidas, das quais dava para tirar as camadas, uma por uma. Seu pai tomaria uma cerveja, e ela, uma Coca Diet.

— Por que é sempre você que pode ser o divertido? — perguntou a mãe.

— Essa é boa — respondeu o pai.

Foi então que começaram a discutir. Kate tapou os ouvidos.

Algumas noites Kate sonhava que tinha encontrado dinheiro. Centenas de libras, que encontraria cavando o jardim, então correria para dentro de casa e daria o dinheiro para a mãe, para que ela não tivesse que trabalhar o tempo todo.

Seu pai a levou para a corrida no Rover 3500. O carro velho era lindo. Tinha cor de gema de ovo. Rangia e sacudia, mas era adorável, grande e sólido. Estar dentro daquele carro dava a impressão de ter entrado em outro mundo, totalmente seguro e inquebrável. Para deixá-la mais animada o pai de Kate disse que ela podia sentar na frente. Sua mãe estava dizendo algo. Ele fechou a porta do carro no meio da sua frase: “Que horas vocês estão planejando estar de...” Baque. E tudo ficou em silêncio, porque as portas eram muito grandes e pesadas. E o cheiro dos bancos de vinil. E do pai de Kate. Ele colocou o cinto na filha. Usava um pós-barba chamado Joop!, com um ponto de exclamação, como se a ideia fosse gritar o nome do produto. Às vezes, quando Kate estava sozinha, ela fazia isso. Sem saber muito bem por quê.

Joop!

O pai tirou o carro da garagem e Kate ficou olhando pelo vidro, vendo os lábios da mãe mexendo.

— O que ela está dizendo?

— Não sei.

— A gente não devia voltar e descobrir?

Ele suspirou, pegou a mão da filha e a apertou. Tinha ligado o rádio. O ônibus espacial *Challenger* havia explodido no dia anterior. Quebrara depois do lançamento. Eles ainda estavam falando disso — foi um choque enorme. Num instante estava lá, branco e intacto, como um dente de leite, uma forma branca reluzente no céu azul. Em seguida o céu se encheu com todos aqueles pedacinhos brancos. As cores se misturaram. Kate ficou triste, porque uma das astronautas era mãe de alguém. Eles tinham dito *O Challenger está ganhando velocidade* e aí tudo se desintegrou, segundo o rádio. Mas Kate não queria escutar. Ela cantarolou uma música, tapando os ouvidos.

No meio do volante do Rover havia um parafuso hexagonal grande, que mantinha a direção no lugar. Era um instrumento como qualquer outro — sempre lembrando que você estava a quarenta centímetros da morte. As pessoas morriam por causa desses parafusos. A polícia chegava no lugar dos acidentes e encontrava pais com ferimentos na forma exata de um hexágono, bem entre os olhos, mas sem qualquer expressão de surpresa. Eles sabiam do risco. Há anos o encaravam, lá no volante, bem debaixo de seus narizes.

Quando chegaram à corrida, o pai tirou a bicicleta de Kate do porta-malas. Ele segurou a mão da filha e carregou a bicicleta até a linha de partida. Tinha umas quarenta ou cinquenta crianças lá, e ela ficou assustada. Várias meninas eram maiores que ela. Algumas tinham bicicletas velozes, com guidões rebaixados e pneus finos. A dela só tinha adesivos do Scooby Doo. Ficou escondida nas pernas do pai até o início da corrida.

Era uma pista de grama, com o percurso marcado por estacas de madeira com um pedacinho fino de corda laranja passando entre elas. Kate era muito mais rápida que quase todas as outras. Ela estava tão à frente que achou que tinha feito algo errado. Ficou esperando alguém gritar com ela. Só uma garota conseguiu alcançá-la. Ambas pedalaram lado a lado por um tempo, e Kate olhou para a colega e sorriu, mas a menina não retribuiu o sorriso. Kate podia pedalar mais rápido, se quisesse, mas achou que seria maldade deixar a garota sozinha, então ficou ao seu lado. Quando voltaram para a linha de partida, depois de terminarem a primeira volta, seu pai estava sorridente. Ele ergueu os dois polegares. O pai da outra garota também estava lá. “Vai, VAI! Você consegue ganhar dela!”, gritava ele. A outra garota tentou pedalar mais rápido. Seu rosto estava ficando vermelho. Kate diminuiu um pouco a velocidade, para deixar a colega fazer o mesmo. Elas passaram de novo pela linha de partida. O pai de Kate comemorou. O pai da outra garota gritou: “VAI! Você é mais rápida

que isso!” Ele estava bravo. Kate ficou assustada pela outra garota. Na última volta, diminuiu ainda mais, mas ela estava ficando cansada. Bateu com o guidão em uma das estacas e caiu, rolando pela grama.

Kate parou a própria bicicleta e desceu. Com os dedos gelados, sentindo o cheiro da grama molhada, ergueu a bicicleta da colega do chão. “Rápido”, disse. Estava nervosa por causa do pai da menina. A rival a encarou. Ela era muito pequena. Tinha lama no rosto e na parte da frente da roupa. Estava começando a chorar. “Não chore”, suspirou Kate. Ela segurou a bicicleta e a garota subiu. Ela saiu pedalando, e todas as outras competidoras passaram Kate enquanto ela ainda subia na própria bicicleta. Ela terminou em último. Chorando.

— Aquilo foi injusto para cacete — disse o pai de Kate. Ela soluçava. Concordou, tinha sido muito injusto, mas o que queria dizer era que injusto era a menina ter medo do próprio pai. Ela não conseguiria explicar: por que o fato de ela ter uma vida fácil a deixava triste? Por que ela tinha medo de toda a felicidade que sentia?

Kate foi embora com o pai. As marchas do carro rangiam. Ele estava dirigindo mais rápido que o habitual. Os dedos segurando o volante estavam brancos.

— Você tem uma natureza gentil, Kate. As pessoas vão tentar tirar vantagem disso.

No rádio, estavam falando sobre os objetos que tinham recuperado da *Challenger*. Milhares de pedacinhos tinham caído no mar, cada um numa velocidade diferente. Havia documentos da missão flutuando nas ondas. As partes mais pesadas tinham afundado. Algumas nunca seriam recuperadas.

— Aquela menina não devia ter saído pedalando — continuou seu pai.

— Ela estava com medo. Eu queria que ela vencesse — respondeu Kate.

Seu pai ficou em silêncio por um bom tempo.

— Kate, eu estou mais orgulhoso de você do que se tivesse ganhado.

Ele passou rápido demais por uma rotatória. Os pneus cantaram. Kate fechou os olhos e respirou fundo, sentindo o cheiro do Joop!.

— Eu sinto muito por você ter tido que ouvir tudo aquilo, no café da manhã — disse seu pai.

Ele tinha falado baixinho. O carro fazia bastante barulho. O parafuso no volante reluzia.

— É só porque a mamãe está cansada — respondeu a menina.

— Estamos todos cansados, Kate.

Ela segurou no cinto de segurança com as duas mãos.

Passaram direto pelo pub.

— E o nosso almoço no pub? — perguntou Kate.

— Vamos ver se sua mãe quer vir conosco — a voz dele estava tensa.

Eles voltaram para casa e o pai de Kate deu uma freada brusca. Kate teve que se apoiar no porta-luvas para não ser jogada para a frente. Havia outro carro na frente da casa. Um carro preto, lustroso e novo.

— De quem é? — perguntou Kate.

— É do chefe da sua mãe — respondeu o pai. Estava falando muito baixo. — Espere aqui enquanto eu entro.

Ele deixou Kate esperando no Rover. Tudo bem. Nada de mal podia acontecer enquanto ela estivesse lá. Seu pai tinha deixado o rádio ligado. Muitos gritos começaram a vir da casa. Ela aumentou o volume do rádio. Tinham encontrado centenas de pedaços de papel. Eram folhas dos manuais de voo que boiavam nas ondas. Algumas estavam bastante destruídas. As partes pesadas tinham afundado — as capas dos manuais de voo, as partes de metal. As instruções estavam

flutuando no mar. Instruções sobre como voar para fora do planeta. Como alcançar a velocidade necessária. O pai de Kate saiu da casa com o chefe de sua mãe. Eles estavam brigando. Kate ficou com medo. Ela se abaixou no banco. Olhou com cuidado por cima do painel do carro. A mãe estava vendo os dois se baterem, parada na porta da frente, de roupão. Viu Kate observá-la e desviou o olhar.

Depois dos gritos, a mãe dela saiu com o chefe e o pai levou Kate para o pub. Ela pediu o almoço que queria e ele comeu torta com batatas. Tomou uma cerveja. Ela pediu uma Coca Diet, com gelo e uma fatia de limão. Não conversaram. Os cubos de gelo na Coca tinham a forma de dedais. Se Kate usasse o canudo para mantê-los de cabeça para baixo, se enchiam de bolhas. O pai suspirou quando a viu fazendo isso. Ela se apoiou no peito dele.

— Joop! — sussurrou.

— O quê? — perguntou seu pai.

— Nada.

Kate sorriu para ele. Os cubos de gelo flutuavam e batiam uns nos outros. Algumas das palavras nunca afundaram e certas coisas pesadas nunca foram recuperadas.

O pai sorriu.

— Antes de ir embora, sua mãe me pediu para dizer que ama você.

Ela sabia que era mentira.

— Pai?

— Sim?

— Eu estou mais orgulhosa de você do que se tivesse ganhado.

* * *

Vinte e seis anos depois, passando os pratos para Jack secar, ela deu o mesmo sorriso discreto que tinha dado para seu pai naquele dia.

— O que foi? — perguntou Jack.

— Talvez a gente esteja sendo meio paranoico. Talvez Zoe não queira ganhar de mim mais do que eu quero ganhar dela. Não se isso significar que a outra não pode ir para as Olimpíadas. Eu realmente acredito que ela tenha mudado.

Jack tocou seu braço.

— Bem, uma de vocês tem que ganhar.

Ela inclinou a cabeça.

— Você já se arrependeu, alguma vez, de ter me escolhido em vez dela?

Ele não hesitou.

— Você sabe que não.

Ela roçou o pé no piso de madeira manchado da cozinha.

— Porque esse é o único ponto em que eu realmente quero ganhar dela.

Jack a observou por um instante e sorriu.

— De que você está rindo?

— A gente devia vender ingressos, então. Se essa é a disputa, a gente devia colocar umas arquibancadas na casa, cobrar cinquenta libras por cabeça. Dava para ficar rico.

Café Turco, Ashton New Road, Manchester

Tom foi para um lugar que tinha todos os jornais e se enfiou em uma mesa de canto. Era o único cliente, pois ainda estava muito cedo. O lugar tinha um ambiente mais propício para o fim da tarde, com narguilés nas prateleiras e paredes pintadas de roxo-escuro. Por detrás do bar de alumínio o garçom o observou com a curiosidade educada reservada para velhos que se tornaram deslocados em relação à época em que vivem.

Tom o ignorou e abriu um jornal. Por um instante não conseguiu olhar para a página. Aguardou, massageando os joelhos, vendo o sol matinal passar pelas tiras de plástico vermelhas, brancas e azuis penduradas no corredor. Seu café chegou em uma xícara transparente. Estava bem forte. Ele deu uma olhada pelo canto do olho para o jornal.

Tudo nos jornais fazia Tom sentir-se cansado e derrotado. Os colunistas eram moscas voando de encontro a uma janela, querendo se libertar. Os editoriais escolhiam suas manchetes como esquiadores de nível intermediário optando pela segurança das pistas verdes e azuis, e a despeito disso concluíam com floreios retóricos e os gestos de triunfo de um campeão das pistas profissionais que atravessasse a linha de chegada em primeiro lugar. Ele se perguntou por que as pessoas nunca se cansavam daquela besteira. Odiava o fato de ter deixado a vida de suas atletas ser tomada por aquilo.

Cada palavra do texto era uma incursão por um território que ele devia ter protegido. Se fosse forte, teria dito para Zoe: Faça o que achar melhor, e quem se importa com o que os jornais disserem sobre você? Se tivesse a integridade que também faltava naqueles jornais, teria feito suas ciclistas escolherem, no primeiro dia, se queriam ser rostos da mídia, com patrocinadores, ou atletas com foco exclusivo nos resultados. Olhar para aqueles jornais, naquele momento, era como olhar para si mesmo. Ele permitiu que suas garotas competissem por espaço nos jornais em vez de competirem somente nas pistas — essa fora sua falha.

Tom se obrigou a olhar.

Afinal a matéria a respeito da tatuagem podia ter sido pior, mas ainda assim não era grande coisa. Eles dedicaram bastante espaço para Kate na segunda página, e usaram Zoe de contraponto. Kate estava nos fundos, aparentando timidez e animação com a nova tatuagem. Relacionando a foto com a notícia acerca da mudança nas regras olímpicas, o jornal retratou a situação como uma aposta, como se Zoe e Kate tivessem ficado sabendo que só uma poderia participar da competição antes de fazerem as tatuagens. A CORAJOSA KATE COLOCA SUA PELE EM JOGO, anunciava a manchete. Embaixo da foto havia uma legenda: *Esse é o espírito: Kate Argall, considerada uma oponente mais fraca que Zoe Castle, faz uma tatuagem ao lado da polêmica rival, após a determinação de que apenas UMA delas poderia disputar o ouro em Londres.* Também colocaram uma foto de Sophie, careca por baixo do boné de Guerra nas estrelas, sorrindo para a câmera. A legenda: *Sophie: Eu ficaria tão feliz se mamãe ganhasse o ouro...*

Tom contemplou a matéria por algum tempo. Suas atletas estavam em um momento crítico — isso era inegável. Ele tinha imaginado que daria para os três aguentarem uma última Olimpíada antes de decidirem o que fazer. Mas agora teria que voltar a pensar como técnico e encarar as probabilidades. Quanto mais a situação se prolongasse, mais desequilibrada ficaria Zoe e menos motivada ficaria Kate. Não daria para tolerar essa tensão entre ambas, e, como técnico delas, era sua função descobrir uma forma de resolver a questão o mais rápido possível.

Se ao menos ele tivesse conseguido resolver as coisas entre elas depois de Stuttgart... Muito do que aconteceu a seguir talvez tivesse sido amenizado. No entanto, não houvera qualquer reconciliação por meses. Jack se tornara taciturno, descontando o mau humor na pista. E embora Kate tivesse conseguido se entender com ele, não estava pronta para perdoar Zoe, e, em todo caso, Zoe não se considerava a única culpada na história toda. Ela se sentia ressentida e aprisionada pela gravidez, enquanto Kate sofria mais a cada dia que a barriga de Zoe crescia. E Tom não fez nada — como técnico ou como amigo — para convencer as duas a voltarem a se falar. Certo dia o estrago criado pelo silêncio fora suficiente para induzir um confronto. Ele não podia repetir a falha.

Tomou o último gole do café e pediu outro. O rádio do estabelecimento estava ligado, sintonizado na Gold FM. De acordo com o DJ, aquela rádio era a número um, e tocava sucessos clássicos dos anos 1960, 1970 e 1980. Os alto-falantes reproduziram a voz de Phil Collins cantando “In the Air Tonight”.

O garçom chegou com mais um café.

Tom sorriu.

— Traz lembranças, não é?

O garçom lançou um olhar vazio.

— O que traz lembranças?

— Phil Collins.

— Quem é Phil Collins?

Tom apontou para os alto-falantes.

— Ele.

— Ah, sim — disse o garçom. — Muito boa música. Legal mesmo.

Ele assentiu com um entusiasmo forçado e retirou a xícara vazia.

Tom endireitou a dentadura e uma leve tristeza o dominou, como neve em um churrasco dominical. Fora da pista, os jovens tinham começado a ser condescendentes com ele. Quando o tratavam como uma relíquia ele pensava que passaria o futuro em quartos onde seria encorajado a sentar em poltronas reclináveis de vinil ao lado de outros membros de sua geração. Já podia se ver insistindo que certa vez competira nas Olimpíadas, enquanto os cuidadores uniformizados concordavam polidamente. *Eu perdi por um décimo de segundo*, Tom diria. *Um maldito décimo*.

Isso é ótimo, Thomas. Agora, tome sua sopa, ou você não vai ficar em forma para as próximas Olimpíadas, não é mesmo?

Quando pensava em asilos, sempre imaginava uma trilha sonora de Vera Lynn e os grandes hits da época de guerra. Eventualmente percebeu que, quando fosse a sua vez de ser um paciente geriátrico, a música nostálgica seria MC Hammer, Sade e Phil Collins. Imaginou-se em meio a um grupo de meia dúzia de octogenários com agasalhos de moletom praticando aeróbica leve, sentados, ao som de “Vogue” da Madonna, e compreendeu na mesma hora que teria que se matar no mês em que se aposentasse. Gastaria mais ou menos uma semana para deixar a papelada em ordem e pensaria em um jeito sensato de fazer aquilo. Era provável que fosse envolver pílulas — nada muito dramático. Deixaria um bilhete breve e tomaria o cuidado de se matar de um jeito que desse o mínimo de trabalho possível para os outros limparem.

Preocupou-se um pouco com para quem o bilhete deveria ser escrito. Um e-mail para a polícia parecia autopiedade demais — e seria um exagero fingir que não havia mais ninguém que precisasse saber. Por outro lado, um bilhete de suicídio seria uma maneira escrota de retomar contato com sua família. Seria melhor que Matthew não ouvisse mais falar dele. Isso também era inevitável. Tom

queria que seu filho fosse bem-sucedido onde ele falhou, então tinha exagerado no rigor de seu treinamento. Um dia o moleque surtou e bateu nele com um cadeado de bicicleta. E esse foi o triste fim de seus dentes da frente. Uma semana depois a esposa o deixou, e Matthew foi com ela. Foi assim que terminou.

De vez em quando Tom pensava nisso — tinha um vislumbre do rosto do filho, que nem naquele momento — mas aí parava de pensar no assunto, para se proteger do sofrimento. Não tinha problema, na verdade. A cada ano a dor diminuía um pouco.

Na lanchonete vazia, Tom escutou Phil Collins e tentou analisar a letra da música da forma que faria se o artista fosse uma de suas atletas. Algo estava no ar naquela noite. Phil podia sentir algo vindo, e era grande. O cara passou a vida toda esperando por esse momento, então o que quer que fosse, não era o tipo de coisa que aparecia a cada meia hora.

Os acordes perturbadores, os ecos da bateria, essa insistência de que uma catástrofe era iminente. Tom franziu a testa ao pensar em como faria para aconselhar Phil. Ali sentado, ajustou a dentadura com a língua e mexeu o café no sentido anti-horário, devagar. Acabou chegando à conclusão profissional: Phil Collins era só um merda que nunca dizia o que era aquele negócio — esse algo que só ele detectava vindo, como um sistema de alerta precoce contra ataques aéreos, só que careca e equipado com baquetas e uma unidade de reverberação.

Era assim que a mente de Tom reagia quando pensava no filho. Sempre deslizava pela superfície da dor, seguia em frente e parava no primeiro tópico inofensivo que aparecesse.

Olhou para a foto de Zoe no jornal. Sabia que havia dor em seu passado, tão profunda quanto a dele próprio. Não havia outra forma de explicar o comportamento dela, ou a forte ligação que sentia pela garota. Não era amor — ele era velho demais para isso—,mas uma espécie de afeição insuportável. Não era nem que ela o fizesse desejar ser trinta anos mais jovem — a vida por si mesma já lhe provocava essa sensação.

Tom soltou um rosnado. Era frustrante. Quando tudo o que você sabe se limita a batimentos cardíacos e limiar de lactato, a impressão é que a vida lhe proporciona essas emoções imensas, mas nenhum instrumento adequado para lidar com elas. A música de Phil Collins continha significado da mesma forma que um espelho de bolso contém a lua, mas esses artifícios insuficientes eram tudo o que ele tinha: as músicas pop velhas em lanchonetes vazias, as medalhas de ouro que suas atletas tinham conquistado, as pequenas redenções compensadas por uma história idiossincrática que desqualificava décadas inteiras mas contava todos os segundos em décimas partes.

O tempo nunca se comportava quando Tom estava por perto. Parecia um disco riscado, ora repetindo uma frase interminável, ora pulando versos inteiros e fazendo com que as coisas acontecessem tarde ou cedo demais.

* * *

Ele ainda conseguia sentir a pressão violenta das mãos de Zoe sobre as suas, na sala de parto. Foi culpa dele a gestação não ter sido completa. Ter sido incapaz de persuadir Zoe a parar de treinar era algo que ainda o assombrava. Tudo o que conseguira fazer fora diminuir um pouco o seu ritmo. Ela lidou com a gravidez da mesma forma com que lidaria com uma lesão — mantendo a mesma intensidade no treino e tentando acomodar as restrições temporárias à sua performance. Mesmo quando já estava na vigésima sexta semana, Tom não conseguiu fazê-la pensar no bebê como algo

que de fato iria acontecer. Conversou com ela sobre isso no velódromo, certo dia. Teve que entrar na frente dela na pista para conseguir fazer Zoe parar, e segurar o guidão de sua bicicleta enquanto ela tentava se desvencilhar dele.

— Por favor — pedia.

— Por favor o quê?

— Por favor, pare. Você vai machucar o bebê.

Zoe estava arfando, suando em bicas.

— Não seja tão melodramático. Eu não estou forçando. Só preciso manter minha condição física boa, e assim que isso tiver saído poderei voltar e me preparar para Atenas.

— A não ser pelo fato de que, assim que tiver *saído*, Zoe, isso será um bebê, e você vai ser a porra da mãe dele.

Ela assentiu e esperou, como se fosse algo que ele precisasse explicar melhor.

— E então? — perguntou Tom. — Você vai dizer que o pai vai cuidar dele? Eu tenho a impressão de que ele não está envolvido.

Ela jogou a cabeça para trás e riu.

— Você ficou com essa impressão?

Tom ergueu a mão.

— Olhe, não é da minha conta quem é o pai, mas você devia pelo menos considerar pedir a ajuda dele. Bebês dão muito trabalho. É algo inclemente. Precisam ser alimentados, cuidados e de alguém que troque suas fraldas, o tempo todo, dia e noite.

— Eu farei essas coisas. A gente calcula quanto tempo leva e eu encaixo no programa.

— Não é uma lista de tarefas que eu possa encaixar no seu horário de treino.

— Então o que é?

— É uma vida. Você devia se importar.

Ela olhou através dele, para a pista.

— Claro que me importo.

— Então saia da bicicleta, Zoe. Você tem vinte e três anos. Quando estiver pronta poderá voltar. Mas agora você tem que sair da bicicleta.

Zoe o encarou.

— Jack é o pai, Tom. Eu saio da bicicleta quando ele sair.

Ele ficou tão surpreso que soltou o guidão, e ela estava tão furiosa que pisou com força nos pedais e alcançou uma velocidade muito além de qualquer limite de segurança. Cada vez que passava por ele, Tom implorava para que diminuísse o ritmo, mas Zoe pedalava mais e mais forte. Até que por fim ele se jogou na cadeira e ficou observando o treino.

Depois de vinte voltas, Zoe diminuiu a velocidade até parar, guardou a bicicleta e usou uma das bicicletas estacionárias no centro do velódromo para esfriar o corpo aos poucos. Tom levou uma toalha seca e uma bebida isotônica em temperatura ambiente para ela.

— Tudo bem? — perguntou ele.

Seu rosto estava pálido, e havia círculos escuros sob seus olhos.

— Desculpe — disse ela.

— Não se preocupe. Eu sou apenas um velho cretino que nunca entendeu nada direito. Acho que você pode fazer melhor do que eu fiz, é só isso.

Cobriu os ombros de Zoe com a toalha, apertou-os e usou uma parte da toalha para secar o suor do rosto dela. Ela parou de pedalar. Fechou os olhos e inclinou a cabeça, apoiando-se no peito de

Tom. Ele não sabia o que fazer com as mãos, então as deixou soltas, inúteis, ao lado do corpo. Os dois ficaram naquela posição por algum tempo, enquanto o mecanismo da bicicleta estacionária produziu um som lamentoso no velódromo, ao desacelerar.

— Estou tão cansada, Tom... — sussurrou ela.

— Você vai se sentir melhor.

— Vou? Você se sente?

Ele pensou na questão, e por ser o treinador dela, disse que sim.

Zoe sorriu.

— Mentiroso.

Quando aconteceu, foi muito repentino. Ela desceu da bicicleta, deu dois passos em direção ao vestiário e desabou com um grito. Tom correu até ela e Zoe agarrou suas mãos. Quando ele se deu conta do que estava acontecendo, suas pernas quase cederam. Mas de alguma forma conseguiu se recompor o suficiente para lembrar de fazê-la tirar o traje de competição e vestir as roupas comuns. O que quer que acontecesse, sabia que seria mais fácil para Zoe se ela não recebesse tanta atenção. Ele entrou com ela na ambulância, e Zoe segurou suas mãos de novo, os olhos se revirando. O paramédico pegou a prancheta e perguntou para Tom informações sobre a paciente, e ele deu o nome de solteira da própria mãe.

Zoe ainda estava apertando as mãos dele, quarenta minutos depois, quando os paramédicos a levaram de cadeira de rodas para a sala de parto. Eles trocaram as roupas dela por uma bata de hospital e Tom desviou o olhar. Os médicos deram injeções para interromper as contrações, mas não funcionou. Uma hora depois a médica informou que o parto aconteceria de qualquer jeito.

— Você é o pai? — perguntou.

Tom balançou a cabeça.

— Sou só um amigo. Vou esperar lá fora, ok?

Zoe apertou suas mãos com mais força.

— Não me deixe sozinha. Por favor.

— Eu vou estar ali fora.

Ela o encarou, suplicante.

— Por favor.

Tom fechou os olhos e demorou um pouco para abri-los novamente.

— Tudo bem.

A médica avaliou Zoe com o olhar.

— Só para confirmar, você está de acordo com a presença deste cavalheiro durante o parto?

O rosto de Zoe se franziu com a dor da contração. Quando passou, ela olhou para a médica.

— Eu não tenho mais ninguém.

— Isso é um sim?

— Sim.

Eles lhe deram petidina e colocaram um pouco de gás relaxante na máscara de oxigênio. Depois disso as contrações pareceram provocar menos incômodo. Tom segurou a mão de Zoe e se ajoelhou, para sussurrar algo encorajador em seu ouvido. Trinta e cinco anos atrás não o deixaram ficar na sala de parto, mas disse a Zoe o mesmo que disse a sua esposa antes de a levarem para longe dele na cadeira de rodas. Repetiu a mesma coisa que havia dito para todos os seus atletas, durante décadas:

Breathe.

Os opiáceos e o gás deixaram Zoe grogue. Ela apertou a mão de Tom e resmungou.

— Tudo bem — disse ele —, está tudo bem.

Tom sabia que isso é o que se diz quando as coisas não estão bem.

Zoe virou a cabeça para encará-lo, os olhos frenéticos.

— Tom, quando me deixarem sair daqui, vamos voltar direto para a pista e terminar o treino, ok?

— Só respire, está bem? Vai ter bastante tempo para tudo isso.

Ela balançou a cabeça e se contorceu de dor.

— Eu preciso voltar.

Seu rosto pingava de suor, e ela apertava a mão de Tom com tanta força que suas unhas fizeram-no sangrar. A médica pediu para ela empurrar.

Tom se forçou a manter os olhos no rosto de Zoe, e ela fechou os próprios olhos com força. Os médicos tiraram algo, mas nenhum dos dois percebeu, e ninguém explicou nada para eles.

Quinze minutos depois veio a placenta, e ambos pensaram que era o bebê.

— Está saindo — gemeu Zoe. — Meu Deus, está saindo.

Tom sentiu um arco de tensão se erguendo pelo corpo dela, e quando passou ele ouviu o som pesado e flácido de algo saindo do corpo de Zoe. Olhou, pensando que veria um recém-nascido. Em vez disso viu uma massa de sangue coagulado do tamanho de um bife nas mãos da médica. Estava coberta por um revestimento translúcido e gelatinoso, e presa ao cordão umbilical. Ele se obrigou a olhar de novo, seguindo o cordão até o lugar onde o umbigo deveria estar e se esforçando para encontrar sentido naquilo. Encarou a placenta por muito tempo, pensando ser parte da barriga, e passou os olhos pelas extremidades, nos lugares onde os pequenos pés e braços e o rostinho indignado deveriam estar. Sem encontrá-los, sentiu um pânico crescente e a vergonha agonizante. Algo tinha dado terrível e obscenamente errado. Havia um odor metálico de sangue e a médica estava afobada e taciturna. Tinha a atenção voltada para o que estava acontecendo do outro lado da sala de parto, onde médicos e enfermeiras estavam amontoados ao redor de algo que Tom não conseguia enxergar.

Zoe estava virada de costas, exausta.

— Ele está bem? — sussurrou.

Tom apertou sua mão e tentou não vomitar.

— Claro — respondeu —, está tudo bem.

Um enfermeiro esticou a mão coberta por uma luva de látex e segurou o que tinha saído de Zoe. Tom viu a mão erguendo a massa complacente, colocando-a numa grande bacia de aço, cobrindo a coisa com um pano verde e depois deixando, sem cerimônia, na prateleira do meio do carrinho de aço ao lado da cama. Claro, pensou Tom. Essas pessoas veem isso regularmente. É natural que não fiquem emotivas.

Então é isso aí, pensou. A coisa não era viável.

Ele não conseguiu afastar a imagem daquela terrível massa disforme. Só estava grato por não terem feito Zoe ver aquilo.

Ajoelhou-se ao lado dela.

— Olhe, querida — disse —, tenho que ser honesto com você. Ele era lindo, mas nasceu morto.

Zoe olhou para ele e Tom viu o alívio em seus olhos.

Alguns minutos depois os médicos trouxeram aquilo com o que estavam trabalhando. Estava numa caixa transparente de acrílico, cercada por monitores e perfurada por cabos. Dentro havia um pequeno bebê prematuro, bem menor do que a coisa terrível que o enfermeiro tinha colocado na

bacia e levado embora. O recém-nascido estava quase todo envolto por sistemas de ventilação, tubos de alimentação, equipamentos de proteção para a cabeça e lonas de plástico. Tom se perguntou por que estariam mostrando o bebê de outra mulher para Zoe. Talvez fosse alguma coisa psicológica. Talvez houvesse pesquisas comprovando que alguém que tivesse acabado de dar à luz a um negócio monstruoso precisasse ver um bebê normal imediatamente.

— O que é isso? — perguntou ele.

A médica o ignorou e sorriu para Zoe.

— É sua filha, mamãe.

Zoe a dispensou da forma mais educada possível, enquanto o enfermeiro passava lenços umedecidos entre suas coxas. Explicou para os médicos, com calma e clareza, que estava tudo bem — era gentileza deles, mas ela não precisava ver o filho de outra mulher. Disse que não era o fim do mundo que um filho nascesse morto.

Tom viu as reações de incredulidade dos médicos.

— Só faltam mais nove meses até Atenas — explicou Zoe. — Preciso voltar para o treino.

Os médicos sussurraram entre si e levaram o bebê às pressas de volta para a UTI neonatal.

Mesmo depois de Tom compreender o que havia acontecido e explicar tudo para Zoe, ela não pareceu sentir qualquer ligação com a coisa na incubadora. Os médicos disseram que o bebê já estava respirando quase sem ajuda de equipamentos. Eles estavam satisfeitos — com vinte e seis semanas, era a melhor das notícias. Prepararam uma cama para Zoe ao lado da incubadora e a ensinaram como deveria encaixar as mãos pelas entradas na lateral. A ideia era que ela tocasse o bebê. No entanto, Zoe adormeceu, dominada pela fadiga.

Tom telefonou para Jack e Kate. Eles vieram correndo e ficaram ao lado da cama, de mãos dadas. Olharam para o bebê na caixa de acrílico. Kate suspirou e Jack a abraçou com força.

— Ela é linda — disse Kate.

— É — concordou Jack.

— Tem a sua carinha.

Jack não disse nada. Só ficou olhando para a filha, com lágrimas escorrendo pelas bochechas.

Kate se voltou para Tom.

— Ela contou para você que Jack é o pai?

Ele assentiu.

Kate olhou para as mãos de Jack, segurando as suas.

— O que você acha?

Tom deu de ombros.

— Eu não acho nada. Só estou aqui para ajudar.

Todos olharam para Zoe dormindo, deitada de lado com os joelhos dobrados. Seu cabelo preto estava grudado no rosto pelo suor. Havia manchas de sangue no lençol, que todos tentaram ignorar.

Kate acariciou o rosto de Zoe. Ela não se mexeu.

Kate se ajoelhou ao lado da cama.

— Veja o que aconteceu, Jack — sussurrou ela.

— Eu sinto muito...

Kate não respondeu.

— Ela parece tão fraca. Zoe? Zoe? Meu Deus, ela vai ficar bem?

— Vai, sim. Os médicos disseram que vai ficar fora do ar por algum tempo, mas você conhece Zoe. Vai começar a derrubar as paredes se não a deixarem voltar para casa em um ou dois dias.

Tom tentou dar um toque de leveza, mas não fez Kate sorrir.

— Eu devia ter conversado com ela. Faz meses que a gente não se fala. Eu não posso acreditar que deixei que ela lidasse sozinha com... tudo isso.

Tom colocou a mão em seu ombro.

— Não seja tão dura consigo mesma. Nenhum de nós soube como agir.

Kate não tirou os olhos de Zoe.

— Eu vou compensar. Ela é minha amiga. E olha para ela... todo esse *sangue*... e ela não tinha *ninguém*.

Tom assentiu.

— Mas olhe para o bebê, que tal? Vai dizer que ela não é linda? Nada disso merece tristeza.

Todos contemplaram em silêncio enquanto os batimentos do bebê eram registrados na unidade de monitoramento ligada à incubadora.

Kate se levantou e olhou para Jack.

— O que você vai fazer?

— Eu não sei.

— Você quer ficar aqui com Zoe e... a sua filha? Quer que eu vá embora?

Ele negou com a cabeça.

Kate o abraçou, encostando seu rosto no dele.

— Eu devia... — sussurrou. — Achei que poderia lidar com isso, mas estou sobrando aqui. Eu devia ir embora.

Ela o encarou com uma expressão de desespero, pegou suas coisas e saiu apressada do quarto. Parou na porta, e Jack fez menção de levantar, mas o desespero voltou aos olhos de Kate e ela se foi.

Jack se levantou, olhou para Tom e assentiu, triste.

— Ah, cara — disse Tom.

Eles deram um abraço breve. Jack voltou para o lado da incubadora. Colocou as duas mãos em cima da caixa e olhou para o rosto da filha.

— Café? — perguntou Tom, depois de um tempo.

— Valeu.

Tom ficou fora por uns vinte minutos. Achou uma máquina, comprou uma barra de chocolate e comeu, sem pressa, dando um tempo para Jack organizar os pensamentos. Comprou dois cafés em outra máquina e segurou um em cada mão enquanto voltava para o quarto. Quando chegou, Zoe ainda dormia e Jack estava com as mãos dentro da incubadora. Acariciava a bochecha do bebê cuidadosamente, com a ponta do dedo.

— Você acha que ela vai ficar bem? — perguntou.

Tom colocou o café de Jack na mesa de cabeceira, ao lado da cama de Zoe.

— Eu não sei. Os médicos disseram que tem vinte e seis semanas. Nem sei o quão cedo isso é.

Jack assentiu devagar, ainda olhando para a filha.

— Você acha que eu sou um merda, certo?

— Você está falando comigo, ou com o bebê?

— Com você.

Tom deu um gole no café.

— Eu não acho que você seja um merda. Você fodeu com tudo, só isso. Esse é nosso principal papel como pais.

Jack deu uma risada triste.

— Eu consegui fazer isso mais cedo que a maioria.

— Bem, eu sempre disse que você era extremamente rápido.

Jack encarou a caixa de acrílico.

— Acha que ela está bem lá dentro?

— Provavelmente está olhando pelo vidro e se perguntando o mesmo sobre você. Parece bem confortável.

— Está com fome?

— Não. Comi um Twix no corredor.

Jack não respondeu e Tom percebeu que ele estava falando com o bebê.

— Jack — disse —, você tem visto Zoe com frequência?

Jack balançou a cabeça.

— Eu transei com ela uma única vez. Depois de Kate me dar um pé na bunda. Foi duro.

— Acha que consegue viver com Zoe? Criar a criança?

Jack se virou para observar Zoe, ainda dormindo.

— Vou ajudar a cuidar da garota — respondeu, depois de um tempo.

— Nada de família feliz, então?

Jack o encarou.

— Eu não a amo. Ela também não me ama. Acho que a gente teve que dormir juntos para entender isso.

Tom desviou o olhar.

— O que foi? — perguntou Jack.

— Cara, qual é o problema com as pessoas da sua idade? Vocês têm respostas psicológicas para tudo. Olhe para a Zoe. Olhe para ela. Ela está frágil para cacete e a única coisa que faz qualquer espécie de sentido para ela é ir para Atenas. E agora tem uma filha e você conseguiu se livrar disso. Se estivéssemos na minha época eu levaria você até um beco escuro e o encheria de porrada até você assumir as suas malditas responsabilidades.

Jack encarou Tom.

— Você não é o pai dela — disse, em voz baixa.

Tom o encarou de volta, com o sangue fervendo. Estava tão furioso que podia ter batido nele. Aos poucos, os batimentos em seu peito diminuíram, ele baixou os olhos e encolheu os ombros.

— É verdade — disse.

Jack deu um passo para trás, e passou as mãos pelo cabelo.

— Eu me importo com Zoe, mas o que eu devia fazer? Não sei lidar com ela, emocionalmente. Acho que conseguiria cuidar de um bebê, mas não sei como cuidar dela, e não quero. Não a amo. Eu amo Kate.

Tom olhou para Zoe. Enquanto dormia, a dureza desaparecia de seu rosto. Tinha colocado as mãos embaixo da bochecha, e suas narinas mexiam suavemente com a respiração. Ela parecia muito jovem.

— Acho que eu posso cuidar dela, mas não acho que ela possa cuidar do bebê — disse Tom.

Ambos ficaram sem dizer nada por um bom tempo, iluminados pelas lâmpadas da UTI.

Na lanchonete, Tom terminou de tomar o café. Um pedaço de grão entrou em sua boca e ele o esmagou entre os molares, degustando o sabor amargo. Phil Collins continuava cantando sobre algo que estava no ar, algo que estava vindo esta noite.

Tom tinha certeza de que, se Phil se desse o trabalho de expressar o problema de um jeito um pouco mais direto, ele poderia ajudá-lo a separar a questão em suas partes componentes e resolver a coisa toda. Era assim que funcionava no treinamento. Se o atleta fosse honesto em relação ao desafio, sempre havia uma forma de destrinchar o problema.

Zoe não queria o bebê, Jack não queria Zoe. Quando Tom organizou a coisa dessa forma, a solução pareceu bem clara. Ele deu uma semana de folga para os três, um tempo para pensarem em tudo aquilo, e ficou no hospital com o bebê. Em uma semana, Zoe tinha retomado o treino com um programa leve, enquanto Tom ajudava as enfermeiras a trocar as fraldas pequenininhas do bebê e os cilindros do tubo de alimentação. Ele dormia na cama que haviam deixado ali para Zoe e comia o que encontrava pelas máquinas nos corredores. As enfermeiras o chamavam de vovô, e ele achou que seria mais fácil não corrigi-las. Ligava todos os dias para Zoe e pedia que ela fosse fazer uma visita, e de vez em quando ela ia. Sentavam-se lado a lado e observavam as mãozinhas do bebê, espantando moscas invisíveis na incubadora.

— Você não quer segurá-la? — perguntou Tom.

— Não consigo sentir nada por ela.

— Não consegue, ou não se permite?

Zoe não tirava os olhos do bebê.

— Se ela não ficar comigo, vai ter uma vida melhor.

— Mas tem certeza de que quer que Jack fique com ela? Como você sabe que não vai mudar de ideia, daqui a alguns meses?

Ela ergueu os joelhos para apoiar o queixo e continuou encarando o bebê.

— A questão não é como eu me sinto. Mas como eu sou. Não vou ser boa para ela, Tom.

Alguns dias depois, numa das visitas de Zoe, Tom disse:

— Pelo menos dê um nome para a menina.

— Sophie — respondeu ela sem hesitar.

— Ah. Você andou pensando nela.

— Eu penso nela o tempo todo. Não consigo pensar em outra coisa.

— Por que você não disse nada?

Zoe fechou os olhos.

— Não sabia se podia dar um nome para ela. Não sabia se tinha o direito.

Tom a abraçou.

— Dê tudo o que puder para ela. É tudo o que podemos fazer.

As enfermeiras escreveram *Sophie* na pulseira do bebê e na prancheta na parede. Um otimismo silencioso dominou a UTI neonatal, agora que a menina estava ligada ao mundo por algo além dos tubos de alimentação e respiração. A equipe médica pareceu se mover com mais leveza e adquiriu um tom mais suave. Tom gostou do nome. Havia algo suave e esperançoso nele, algo adequado para uma criança cujo direito à vida ainda era provisório.

Quando Jack foi ao hospital, Kate estava junto. Tomaram o lugar de Tom, revezando-se entre quem ficava com Sophie e quem treinava. Tom viu Jack se encantar pela filha e Kate também se apaixonou pelo bebê. Ele observou os dois por um mês, com a mesma atenção cuidadosa quanto ao posicionamento e à linguagem corporal que tinha ao observar seus atletas na pista. Então, quando

teve certeza de que aquilo ia funcionar, ajudou o casal a resolver as questões legais. Jack tinha a custódia, Zoe tinha o direito de visita e os jornais ganharam uma história bem diferente. Teriam destruído Zoe caso descobrissem que ela tinha abandonado a filha, então Tom mandou sua agente dizer que o bebê dela tinha nascido morto. Foi a única história em circulação nos principais jornais durante toda a baixa temporada. Por algum tempo a chamaram de CORAJOSA ZOE ou TRÁGICA ZOE e divulgaram fotos dela saindo do treino, de óculos escuros.

Três meses depois, Sophie estava forte o suficiente para sair do hospital com Jack e Kate. Eles esperaram mais um mês, e então anunciaram pela imprensa esportiva britânica que Kate tivera uma filha e não correria naquela temporada, mas ainda pretendia entrar em forma para Atenas. Ela não deu uma única entrevista, mas Tom sussurrou no ouvido de um ou dois repórteres que isso se devia a seu respeito pela perda de Zoe. Jack fez uma participação de três minutos na BBC e deu uma entrevista leve e brincalhona sobre a paternidade para o *The Times*, que foi publicada com uma foto dele vestido no traje de ciclismo enquanto segurava Sophie com delicadeza, e elaborada a partir de alguns comentários vagos que ele tinha feito por telefone para os editores do jornal. Uma vez que tudo tinha se passado no inverno, e Kate não era vista em público desde os Mundiais, ninguém questionou. Era só mais uma atleta promissora que colocara a família em primeiro lugar e Jack era só outro cara bonito considerado simpático por conta de uma piada que fez a respeito do cocô que vai para todos os lados, na hora de trocar as fraldas.

Tom administrou o engodo. Ele separou todos os problemas em partes e os resolveu. E, nos anos que seguiram, sempre que Zoe tinha surtos, ele fazia o melhor que podia para resolvê-los também.

A voz de Phil Collins desvaneceu. Tom empurrou a xícara de café para longe de si e olhou para a foto de Zoe e Kate no jornal. Os jornais intensificavam a discussão a cada dia que passava. Ele sabia que não aguentariam três meses assim, até que os qualificadores olímpicos determinassem qual das garotas disputaria em Londres. Mais cedo ou mais tarde algo iria ceder. Zoe tomaria alguma atitude estúpida, Kate sucumbiria à pressão, ou algum imbecil descobriria a verdade sobre Sophie. Esse problema tinha duas partes componentes: uma era a mídia, seguindo de perto o histórico de rivalidade entre Zoe e Kate, e a outra eram os três meses que precisariam enfrentar.

Ele colocou uma nota de cinco libras embaixo da xícara, levantou e tomou sua decisão. Não podia mudar a mídia, mas havia uma maneira de encurtar o tempo. Acenou para o garçom, saiu da lanchonete e ligou para suas garotas, uma depois da outra.

Beetham Tower, Deansgate, 301, Manchester

Ainda era cedo quando Zoe desligou o telefone, deixou o aparelho no balcão da cozinha e foi para perto da janela. Era uma manhã bonita, luminosa, com algumas nuvens ociosas no horizonte. Ela viu as sombras das nuvens lá embaixo, no nível da rua. Os espaços entre elas eram estranhamente parecidos. Lá de cima dava para perceber padrões nas sombras que pareciam aleatórias para quem vivia no térreo. As nuvens se organizavam no céu com o mesmo instinto de espaço individual que as pessoas têm quando estão no meio da multidão: por maior que seja o número, nunca ocorrem colisões. Não havia qualquer desleixo na forma pela qual suas sombras corriam pelos telhados da cidade.

Ela encostou uma das mãos no vidro, para se equilibrar, e ergueu os calcanhares, um por vez,

para alongar os quadríceps. Tom tinha ligado para perguntar se ela toparia competir com Kate na manhã seguinte, e aceitar a determinação do resultado. Seria melhor, ele havia explicado, resolver logo isso, do que terem que passar três meses enlouquecendo enquanto esperavam pelos qualificadores formais. Ela concordou sem pensar, como sempre fazia com Tom.

Lá embaixo, no centro da cidade, na Princess Street e por toda a Portland Street, Zoe viu os outdoors com seu rosto. Se perdesse para Kate no dia seguinte não haveria outra campanha. Seu rosto seria coberto por novos anúncios. Com a economia do jeito que andava, talvez alguns outdoors negligenciados perdurassem num canto ou outro dos subúrbios. O verde seria a última cor a desbotar. A cor da sua pele iria primeiro, seguida pelas bordas prateadas dos cubos de gelo, no copo que Zoe segurava na foto. Eventualmente restariam apenas seus olhos, com os traços do batom verde e a franja do cabelo verde, que tinham sido coloridos no computador. Ela andaria pelas ruas cinzentas e veria o espaço vazio dos anúncios removidos.

Zoe estremeceu e tratou de afastar a imagem da mente. Não podia imaginar aquilo acontecendo. A única maneira de acenar um adeus ao esporte seria do topo do pódio, em Londres. Tom devia achar que ela ganharia de Kate, caso contrário não teria pedido para disputarem uma corrida. Sabia que ela não fora feita para sobreviver a uma prova prolongada.

A única coisa que a mantinha viva era vencer, e sem vitórias havia apenas escuridão e desespero. Não conseguia lembrar de um tempo em que a vida não tivesse sido assim. Ela nascera numa ambulância em alta velocidade após um parto extremamente rápido e o primeiro som que tinha escutado foram as sirenes. O que se poderia fazer, tendo nascido sob uma luz azul piscante, em vez de sob um signo? O único jeito era se manter à frente do próprio destino. Só podia contar calorias, fazer trezentas abdominais todas as manhãs e transformar seu corpo em seu lar.

Aos dez meses ela já engatinhava mais rápido que os outros bebês. Quando havia biscoitos e chocalhos em jogo, era ela quem os alcançava primeiro. Aos onze meses dava passinhos enquanto os outros cambaleavam. Suas fotos antigas retratavam um borrão num vestidinho. Aos dois anos Zoe corria com os cotovelos para fora, para não permitir que outra criança a ultrapassasse.

Sua mãe arranjava bicicletas de segunda mão para ela pedalar até completar dez anos. Na manhã de seu aniversário, Zoe correu para o andar de baixo da casa e encontrou sua primeira bicicleta novinha em folha. Estava embrulhada em um papel celofane amarelo e outro vermelho, com estrelas. Um só não era suficiente. A bicicleta era rosa e tinha os pneus brancos, com enfeites prateados nas pontas do guidão e uma cestinha para colocar a boneca. Zoe não amava tanto aquela boneca, não a ponto de carregá-la para todos os lados, então tirou a cestinha para a bicicleta ficar mais leve. Ela desatarraxou os parafusos com a ponta do descascador de legumes e em seguida os puxou com os dedos. Tirou os enfeites do guidão com a tesoura grande da mãe. Ela sabia que os meninos pedalavam mais rápido, e pensou que talvez o diferencial fosse os enfeites. Deixou tudo no chão da cozinha, sem arrumar a bagunça, sabendo que depois iria levar uma bronca. Mas se o depois realmente importasse, devia começar a aparecer mais cedo. Zoe chamou seu irmão, Adam, que estava dormindo no andar de cima, e disse que estava na hora de pedalar.

Adam tinha sete anos e meio e era muito menor que ela. Ele ficava na ponta dos pés quando a mãe traçava a altura dos dois no batente da porta, mas a marca dele ainda ficava uma cabeça inteira abaixo da marca de Zoe. Tinham a mesma cor de cabelo, um preto azulado lustroso. Havia um banquinho de três pernas na cozinha onde sentavam para a mãe cortar seus cabelos, enquanto balançavam as pernas e escutavam o *Chart Show*, na BBC Radio 1. *Debbie Gibson and the Fine Young Cannibals*. Não importava se você fosse o filho ou a filha, o corte de cabelo que a mãe fazia era o

mesmo que Luke Skywalker usava no primeiro filme da série *Guerra nas estrelas*, aquele em que ele viajava pela galáxia mas não encontrava ninguém que o levasse para um canto e dissesse: “Olha, Luke, ou deixa crescer ou corta direito, mas assim não dá, queremos ver suas bochechas.” Zoe queria ser um menino e ela ficava chateada porque Luke era tão ruim em ser menino. Mas ainda assim sua mãe não deixava seu cabelo curto, e ela teve que se contentar com o corte Skywalker. Antes Luke que Leia.

Zoe dividia uma cama com o irmão num pequeno quarto no sótão, e quando a mãe subia as escadas pela manhã para acordá-los, costumava encontrá-los dormindo abraçados, com os olhos inchados por causa do sono, ou então bem acordados, discutindo os detalhes de algum sonho que tinham compartilhado. Os dois usavam roupas parecidas, mas a mãe de Zoe prendia seu cabelo com grampos, que de vez em quando ela conseguia persuadir Adam a usar em troca de ela assumir a culpa pelo xixi na cama. Além do cabelo, Adam tinha os mesmos olhos verde-esmeralda e a mesma habilidade em deixar o cômodo antes que a outra pessoa terminasse de falar. Eles aprenderam a viver rápido e a acelerar mais ainda para fugir dos problemas que isso causava. Então foi natural que Zoe chamasse seu irmão quando chegou a hora de testar sua bicicleta nova, descendo uma montanha próxima, a Black Hill. O enfeite do guidão ainda estava no chão da cozinha, ao lado de algumas mechas do cabelo escuro de Zoe. A mãe tinha cortado o cabelo dela na véspera, por causa de seu aniversário. Zoe devia varrer o chão, mas não havia tempo. Tarefas assim, para crianças de dez anos, levavam cerca de dois séculos para serem feitas.

Eles viviam numa pequena casa de campo e tinham um terreno próprio, no fim de uma vereda comprida. O pai de Zoe deixara a família quando ela tinha quatro anos, então sua mãe cuidava de tudo. Além de Zoe e Adam havia quatro dúzias de galinhas e nove ovelhas. As ovelhas tinham quatro chifres e olhos demoníacos — pareciam Lúcifer com um casaco de lã. Não tinham muito o que fazer, além de observar as ovelhas, e poucos carros passavam por ali, então os dois andavam de bicicleta por todos os cantos. Black Hill era a montanha favorita deles. Tinha setenta metros de altura, a maior distância que um ser humano é capaz de escalar sem precisar de oxigênio suplementar. Do topo dela dava para ver a curvatura da Terra, desde que a pessoa ficasse de cabeça para baixo e inclinasse o pescoço no ângulo certo.

Fazia calor no dia do aniversário de Zoe. Era a parte mais interessante do verão, a época em que dava para ver as plantas crescendo — pelo menos essa era a impressão que se tinha com a visão periférica, pois o crescimento era interrompido quando tentavam olhar direto para elas. O trigo ainda estava verde e fresco, cercado pela vegetação crescente. Zoe e Adam pedalarão pelas veredas, cantando “Back to Life”, de Soul II Soul, e de vez em quando tiravam as mãos dos guidões para bater palmas marcando o ritmo. Moscas surgiam do nada para atormentá-los, em seguida sumiam fazendo aquele barulho irritante. Quando chegaram ao sopé de Black Hill descenderam das bicicletas e as empurraram. A subida era íngreme demais.

Dividiram uma garrafa de água, daquelas de alumínio que os ciclistas profissionais usavam antigamente. Tinha amassados e arranhões, e só vestígios da tinta original. Adam bebia da garrafa dela o tempo todo, fazendo barulho, para chamar a atenção de Zoe e para que ela percebesse como aquilo o fazia parecer um profissional. Também fazia com que ele tivesse que parar e fazer xixi. Zoe fechou os olhos, fingindo que o som era da sua própria urina, espantando insetos e penetrando na terra. Ela supunha que os garotos nem deviam pensar muito nos benefícios disso. Independente do quão ruins as coisas ficassem, sempre dava para afugentar as formigas e os besouros que tentavam alcançar seus pés.

Pararam no topo da Black Hill para recuperar o fôlego. Prenderam os capacetes de corrida. Era 1989, e ainda não tinham inventado os equipamentos de segurança. Mas Greg LeMond acabara de vencer o Tour de France com um capacete aerodinâmico futurístico — tinha aparecido nos jornais—,então ela e o irmão fizeram capacetes aerodinâmicos com arames, cola e folhas de jornal. No caso, do *Daily Telegraph*, que a mãe deles lia. Por baixo da cola no capacete de Zoe dava para ver um bom pedaço da foto do estudante na Praça da Paz Celestial, parado em frente aos tanques. O homem dos tanques era famoso por ser lento. Quatro tanques indo para cima dele, cada nervo de seu corpo berrando para que ele corresse, e, de alguma forma, ele se manteve firme. Era o único tipo de corrida que dava para ganhar sem ter que se mexer.

Adam e Zoe se alinharam ao lado do carvalho que sempre usavam como linha de partida e viraram as bicicletas na direção do declive. A pista tinha dois metros de largura, e era cercada de faias. Era um dia bonito, luminoso. Ela ficou do lado esquerdo e mandou Adam ficar no direito. Era mais velha, então podia mandar nele. Escolhera o lado esquerdo porque a pista tinha uma curva para a esquerda que se mantinha até o fim da montanha, de forma que o lado dela seria então o mais curto. Zoe tinha um trajeto menor e uma bicicleta nova, com as rodas alinhadas. Adam não teria a menor chance. Ele sorriu para Zoe. Nunca conseguia entender por que sempre perdia as corridas para a irmã. Ou talvez conseguisse, mas não ligasse muito. Adam se importava menos que ela.

Os capacetes estavam presos por um fio. Dava para ver um pedaço de uma manchete na frente do capacete de Adam. Dizia ALEGRIA COM. Ele sorriu, iluminado pelo sol daquele belo dia, com buracos entre os dentes que tinham caído mas que já começavam a crescer, cercado pelo cheiro das plantas e pela alegria com. “Com o quê?”, Zoe se perguntou. Contaram até cinco e ficaram em pé em cima dos pedais. Zoe começou a ganhar uns centímetros de vantagem em relação ao irmão. Em pouco tempo já pedalavam como doidos. Ela podia escutar a respiração ofegante de Adam, bem como suas risadinhas. Quanto mais ele se esforçava, mais rápido Zoe pedalava.

Alcançaram uma velocidade tão alta que seus olhos começaram a lacrimejar. Zoe não conseguia ver muita coisa, mas não havia muito para ver — bastava saber onde estavam os limites da pista, marcados pela vegetação alta. O ar passava pelos seus ouvidos como um rugido e ela estava gritando de empolgação, assim como Adam. A partir de certa velocidade a bicicleta começa a criar vida, e a vibração dos guidões e do selim induzem um transe de concentração. O ciclista percebe tudo. Cada borboleta que foge dos arbustos à frente, amedrontada pelo barulho. Cada pedrinha que passa por baixo da roda, erguida do chão pelo pneu antes de atingir o aço da estrutura da bicicleta. O tempo adquire uma qualidade incerta. Tudo ganha uma rapidez estranha e uma lentidão inesperada.

Ela berrou. Adam ecoou seu grito, lá de trás. Um carro passou rápido pela curva à frente, negro e inaudível por causa do barulho do vento, e terrivelmente próximo. Ela viu o rosto da mulher que estava no volante. Viu sua boca tomando a forma de O. Usava um batom rosa neon artificial. Zoe pedalava pelo canto esquerdo e o carro estava quase encostado no canto oposto, e ela passou pelo pequeno espaço entre o carro e seu lado da pista. Ficou surpresa. *Não tem muitas mulheres de batom por esses lados*, pensou. Então ouviu a batida, um barulho muito mais alto que o fim do mundo, e continuou pedalando.

Sabia que aquilo não se tornaria verdade até que olhasse para trás. Tinha certeza de que se conseguisse pedalar mais rápido que a notícia, ela nunca a alcançaria. Foi nesse momento que Zoe começou a se separar do fluxo natural do tempo. Ela e o tempo se tornaram óleo e vinagre, agitados dentro de um recipiente e deixados em repouso para se arranjar: começaram a se separar, água de um lado e mágica do outro. Zoe pedalou sem parar por quarenta quilômetros, e quando a polícia

finalmente a encontrou já estava anoitecendo, e ela estava na estrada, exausta, a bicicleta oscilando de um lado para outro do asfalto, em meio aos carros que se desviavam bruscamente e buzonavam sem parar. Zoe estava delirante. Perguntou ao policial se estava enrascada por ter cortado o enfeite das pontas do guidão e largado tudo no chão da cozinha. Eles a colocaram no banco de trás da viatura, tiraram seu capacete de papel machê e o depuseram no assento a seu lado. Levaram-na para o hospital e lhe administraram alguns líquidos, e, em seguida, a notícia.

A mãe de Zoe chegou ao hospital na tarde seguinte e a levou para casa, em silêncio. O enfeite e as mechas de cabelo cortado ainda estavam no chão da cozinha. Ela foi para a cama sem dizer uma palavra, e não saiu do quarto por dez dias, até ser capaz de atender o telefone e consentir para que tirassem Adam do necrotério e o levassem à igreja, para ser cremado.

Flores e cartas chegavam na casa. Zoe não estava tão certa de que a coisa tinha mesmo acabado, como todo mundo insistia que tinha. Ela subia até o cume de Black Hill várias vezes por dia, e descia pedalando com toda a força. Fez um acordo em sua mente: se conseguisse pedalar mais rápido do que nunca — mais rápido do que o próprio tempo—,olharia em volta e encontraria Adam lá de novo, pedalando a seu lado. Tinha certeza de que podia trazê-lo de volta. Já tinha feito tantos acordos desse tipo durante a infância, afinal, e cerca de metade deles tinha funcionado. Certa vez, na véspera de natal, ela dormiu dentro de seu saco de dormir, no chão, deixando a cama para Jesus descansar. Quando acordou foi conferir se o travesseiro tinha sido usado. Não tinha. Mas teve outra vez em que ela passou de bicicleta por uma raposa morta no meio da estrada, que não tinha marca alguma no corpo, ainda estava quente e cujos olhos brilhavam como um fogo negro. Ela fez um acordo consigo mesma que, se carregasse o bicho até o pé de um videiro e colocasse nozes perto de sua cabeça, para que ele pudesse comer quando acordasse, então o animal voltaria à vida. E quando voltou à árvore, no dia seguinte, a raposa não estava mais lá, e isso era a prova de que tinha funcionado.

Se ela era capaz de roubar uma raposa do tempo, também tentaria roubar seu irmão. Desceu a montanha várias vezes, cada vez mais rápido, e sempre que olhava para trás e Adam não estava lá pensava: da próxima vez eu vou mais rápido. Nunca vou perder uma corrida.

Zoe não se lembrava de nenhum momento específico em que tivesse parado de acreditar que vencer traria Adam de volta. Ela não saberia dizer quando foi que parou de olhar para trás durante as corridas, para ver se ele estava lá. Fora apenas um amadurecimento gradual, e o tempo, que, com seu olho autocontemplativo, construiu um monumento para si mesmo formado de memórias, e o ergueu do plano das experiências até bloquear a visão do passado.

Barrington Street, 203, Clayton, Região Leste de Manchester

Enquanto Kate ainda falava ao telefone com Tom, Sophie apareceu nas escadas, segurando com força no corrimão e com os olhos semifechados, para se proteger da luz.

— Tom — interrompeu Kate —, preciso desligar.

— Ok. Você aceita?

— Aceito.

— Pode ter um tempinho a mais se quiser. Uma ou duas semanas, se precisar se preparar psicologicamente.

Kate fechou os olhos por um instante, pensando no assunto.

— Não — respondeu —, posso correr amanhã.
— Posso ajudar de algum jeito? Quer conversar sobre algo?
— Não — disse Kate —, só deixe minha bicicleta pronta.
— Boa garota — respondeu Tom. — Marcamos então amanhã ao meio-dia, ok? Chegue às onze para se aquecer.

— Tudo bem.

Kate colocou o telefone no bolso e abraçou Sophie.

— Você está bem?

Sophie estava com o rosto inchado de sono. Saiu do abraço e olhou para Kate, como se estivesse tentando encaixá-la no perfil de taxonomia de alguma espécie.

— Desculpe — disse, com a voz fraca —, mas que planeta é este?

— É hora do café da manhã na Terra — respondeu Kate. — Cereal ou banana amassada?

— Cereal. Você é do Império ou dos Rebeldes?

— Rebeldes. Suco ou chocolate quente?

— Suco. Cadê o papai?

— Treinando.

Sophie gemeu e sentou-se na mesa da cozinha, com a cabeça apoiada nas mãos.

— Você está se sentindo bem, querida?

— Estou.

— Mesmo?

Sophie ergueu os joelhos para baixo do queixo e olhou pela janela da cozinha, sem dizer nada.

Kate sentiu um aperto no peito. Abraçou a filha com força, notando sua leveza. Parecia que a cada dia havia menos dela. Fechou os olhos e sentiu o cheiro da menina.

* * *

Ela tinha se apaixonado por Sophie já na sua primeira semana de vida, no hospital. Ficou totalmente absorvida — adorou a menina desde que a viu na incubadora. Parecia óbvio para ela que ninguém tão pequeno devesse ter que sobreviver sozinho. Nas semanas seguintes, quando sentava ao lado dela no hospital, seu coração acelerava cada vez que aquele corpinho pequenino movia um braço ou abria um olho. Sentia que Sophie era dela. Assumiu seus cuidados com naturalidade, como colocar os braços dentro da incubadora para ajustar os tubos, ou limpá-la com delicadeza, usando um pano úmido aquecido.

Foi ela quem passou mais tempo cuidando de Sophie. Jack cumpria seus turnos com alegria, mas Kate achava difícil deixar Sophie sozinha quando precisava ir treinar. Sempre sentia que podia fazer algo mais. Quanto mais tempo passava com Sophie, mais entrava em sintonia com os ritmos sutis do sono e da alimentação da menina, e cada vez mais aprendia a usar esses ritmos para ajudá-la a ficar mais saudável.

Quando levaram Sophie para casa reforçaram seu compromisso de dividir por igual os cuidados necessários, mas toda vez que Kate via as tentativas desajeitadas de Jack de cuidar da filha encontrava uma nova razão para ficar em casa e ajudar. Ela conseguia cumprir cada etapa dessa nova rotina, com exceção de pegar sua mala de treino e se separar da filha por cinco horas.

Acabou que Jack treinou muito mais do que ela. Um mês antes das Olimpíadas de Atenas ele

conquistou seu lugar na delegação, e Kate acabou perdendo nas provas de qualificação. Ela absorveu o impacto na forma de um choque embotado, que escondeu em meio à rotina de cuidados com Sophie. Foi então que veio a outra metade da decepção, quando o pediatra disse que o sistema imunológico de Sophie ainda estava muito frágil para que ela pudesse viajar. Era algo muito normal com bebês prematuros — nada que o tempo não tivesse boas chances de curar, de acordo com o médico — mas nesse meio-tempo Kate teria que assistir às Olimpíadas pela TV.

Ela fez um acordo com Jack, quando as passagens chegaram e a realidade de sua exclusão do evento começou a machucar de verdade. Depois de Atenas eles realmente revezariam os cuidados com Sophie, e ambos participariam da disputa em Pequim. Esse foi o pacto.

Por fim não participar do evento acabou não sendo tão ruim quanto Kate imaginara. Ela e Jack sempre tinham planejado ter filhos um dia, quando suas carreiras como ciclistas tivessem terminado. Se ela pudesse pensar na ideia como um acidente cotidiano — como esquecer de tomar a pílula — era mais fácil. Repetia para si mesma que Sophie não era diferente de uma em três crianças: não foi planejada, mas também não veio ao mundo sem ser desejada. Ficava feliz com as conquistas de Zoe, e no dia seguinte não sentiu nada além de pura alegria quando viu Jack ganhar sua própria medalha de ouro. Então, quando ele a pediu em casamento, de cima do lugar mais alto do pódio, ela gritou “SIM!” bem alto na sala de estar, há três mil quilômetros de distância, sozinha com Sophie, na frente da TV. Vinte minutos depois apareceu uma dúzia de fotógrafos na entrada da sua casa, e uma equipe de filmagem a deixou falar com Jack ao vivo, com a gravação televisionada.

— Sim — repetiu ela, dessa vez mais baixo. — Sim, eu aceito.

Sophie sorria em seus braços, e aquela foi a foto que saiu em todos os jornais no dia seguinte. Alguém inseriu na foto uma bandeira britânica em volta dela e da filha.

Depois de Atenas, Jack recebeu uma proposta de patrocínio. A Nike foi muito generosa. Eles podiam ter se mudado para um lugar mais espaçoso, em uma vizinhança legal nos subúrbios ao sul, mas decidiram continuar naquela rua comum próxima ao velódromo. Queriam continuar no mundo real. Colocaram um trator de brinquedo no quintal dos fundos, além de uma caixa de areia e um pequeno trampolim. Celebraram o primeiro aniversário de Sophie em março de 2005, não na data de seu nascimento, mas no aniversário do dia em que a tinham levado do hospital para casa. O pai de Jack ficou bêbado, tirou a máscara de oxigênio da qual dependia para sobreviver na época, e falou para Kate, sem fôlego: “Pra ser honesto, agora que cê é da família, é melhor deixar essa besteira com as bicicletas de lado. O único motivo para as mulheres correrem de bicicleta é pra saírem nos jornais com as bundas nas calças apertadas, e a gente não quer a mãe da nossa neta aparecendo assim.”

Ela riu e ficou feliz por Robert tê-la chamado de mãe de Sophie, mas no dia seguinte pedalou duzentos e dez quilômetros. Deixou Sophie com Jack e saiu antes do sol nascer com sua bicicleta de treino. Pegou à direita no fim da Barrington Street, pedalou cento e cinco quilômetros até Colwyn Bay, onde comprou um saco de batatas fritas, o qual comeu enquanto observava o mar da Irlanda. Era a única pessoa à beira-mar, sob a garoa. Então pedalou de volta para casa, sem parar para descansar. Tomou um banho, fez um chá para Sophie e se despediu dos pais de Jack, que estavam voltando para Edimburgo. Em seguida ligou para Tom para dizer que estava pronta para voltar a treinar.

Tom e Dave os ajudaram a dividir os períodos de treino em quatro blocos de quatro horas. Das seis às dez da manhã, das dez às duas da tarde, das duas às seis e das seis até as dez da noite. Cada um deles cumpria dois blocos de treino e dois de cuidados com a criança. Em seguida dormiam por oito horas, acordavam, e faziam tudo de novo, todos os dias, por três meses, sem qualquer discussão.

Quando o pai de Jack faleceu, a rotina de treino foi interrompida por uma semana. Ele e a esposa ficaram de mãos dadas em frente ao túmulo, embaixo de um guarda-chuva, e viram o caixão ser baixado. Havia um arranjo com cravos brancos que formavam a palavra “PAI”. Os coveiros tiraram o arranjo da tampa do caixão e o deixaram na grama artificial, onde ficou tomando chuva. Kate se perguntou se a ideia era que levassem aquilo de volta para casa em Manchester. A guirlanda não tinha um anagrama útil, nenhum uso óbvio para tempos de paz. Será que era para ser desmontado, os cravos removidos um por um e colocados num vaso? Ou o arranjo devia ser mantido intacto, no beiral da janela da cozinha, até que tempo suficiente tivesse passado para que pudesse ser jogado fora? Quando o pai de Kate morreu, ela não tinha pensado em escrever nada com flores, e agora ficou pensando se isso queria dizer que o amava demais, ou não o suficiente.

Apertou a mão de Jack.

— Como você está?

— Não sei. Pergunte depois de Pequim.

— Isso é daqui a três anos.

Ele fungou.

— Três anos e dois meses. Vamos falar sobre isso quando nós dois tivermos medalhas de ouro penduradas no pescoço.

Eles intensificaram o ritmo do treinamento até o ímpeto ganhar vida própria. A geladeira ficou entulhada de bebidas energéticas para reposição de líquidos e Tupperwares com comida de criança. A rotina era interminável. O piso do chuveiro nunca ficava seco. Cuidar de Sophie, treinar, tomar banho, cuidar de Sophie, treinar, tomar banho. Dormir. Repetir. Domingo era o dia de descanso. Lavavam as roupas do treino. Colocavam molho de macarrão para congelar no freezer, em saquinhos com etiquetas indicando os dias da semana.

O regresso de Kate ao esporte se deu nos Campeonatos Nacionais no outono de 2005. A logística foi mais difícil que o treino. Ela e Jack tinham que lidar com aquecimentos, hidratação, nutrição, finais, cerimônias de entrega de medalhas e Sophie. A equipe do Ciclismo Britânico foi incrível. Uma das garotas ficou com Sophie no último dia, quando a intensidade da competição atingiu o auge. Ela passeou pela área técnica do velódromo com Sophie no colo, e Kate riu e disse aos jornais que sua filha era a única criança da Inglaterra que tinha uma *personal trainer*. Beijou Jack. Estava perfeitamente feliz.

Venceu na perseguição individual, na prova de quinhentos metros e na corrida. Ganhou de Zoe em todas as finais. Jack também ganhou todos os eventos de que participou, mas foi Kate que apareceu na primeira página dos jornais no dia seguinte. A VOLTA DE OURO DE KATE foi a manchete, acompanhada por uma foto dela no pódio segurando flores num braço e Sophie no outro. Sophie piscou por causa dos flashes das câmeras, como um morcego sonolento. Queria ficar com as medalhas de ouro de Kate. Colocou todas no pescoço. Riu, e as câmeras adoraram a garota, e Kate se tornou uma mãe modelo. Eles pagaram a hipoteca da casa e colocaram a mãe de Jack num bangalô bacana e bem-construído, na comunidade em que ela fez questão de continuar vivendo.

Conforme Sophie foi crescendo, Tom ajustou os períodos de treino de Kate de acordo com os horários do berçário de Sophie. A primeira palavra que ela falou foi “tchau”.

Sua fala demorou para se desenvolver, mas não se preocuparam muito com isso. Ela era feliz e linda. Sua segunda palavra foi mãeino, que significava “mamãe está no treino”. Ela dormia na cama dos pais, entre os dois. Kate adorava quando os três estavam na cama, embaixo do edredom quente, com os olhos fechados de Sophie se mexendo. Ela não tinha amamentado a filha, mas sentia que

podia alimentá-la com sono. Durante o dia ajudava a filha a arrumar os bichos de pelúcia. Sophie dava broncas neles, imitando Tom. “Ara nando mais!”, dizia ela, o que significava “Cara, você está treinando demais”.

Em 2006, Kate e Jack venceram os Campeonatos Mundiais de lavada. Em 2007, em seu terceiro aniversário, Sophie ainda não tinha alcançado a altura esperada. Kate anotava suas medidas na tabela de peso e altura. Sophie estava se afastando das médias. Kate ficou preocupada, mas Jack disse: “Sabe qual é o problema? É que essa garota é metade britânica.” Até o fim do ano eles ainda tratavam aquilo como brincadeira. Era fácil — estavam ganhando.

Manchester era ótimo, e Jack e Kate concordaram que ficariam por lá. Os coleguinhas da creche apareciam para brincar e Kate fazia seus alongamentos enquanto a meninada tropeçava para todo lado. Sophie gostava de brincar com os meninos — ela brincava de luta, brigava e chutava, e costumava ganhar. Kate e Jack teriam gostado de abrir mão dos resfriados e da tosse que as outras crianças traziam, mas era legal ter aquele fluxo de pequenos visitantes. Sophie era a única pessoa da família com uma vida social.

Quando assoprou as velas do bolo em seu quarto aniversário, Sophie estava com o mesmo peso que no ano anterior. Tinha ganhado altura, mas dava para ver cada uma de suas costelas. Mas, por outro lado, também dava para ver as costelas de Kate, e ela era um modelo de mãe. Jack a tranquilizava. Eles concordaram que a média de altura e peso incluía muitas crianças que comiam porcaria demais. O que as fazia perigosamente gordas, mas não fazia de Sophie uma criança magra demais.

Em todo caso, mal havia tempo para discutir a questão. Tinham cinco minutos para trocar a filha de mãos entre os períodos de treino, além de uma conversa rápida no fim de cada dia, nas vezes em que conseguiam manter os olhos abertos. Toda manhã o alarme tocava às seis e Sophie pulava em cima dos pais, já vestindo calça jeans, camiseta e boné. Ela fazia cócegas até que os dois não conseguissem mais fingir que estavam dormindo. “Mãe! Pai! Hora de ficarem mais RÁPIDOS!”, gritava.

Tom intensificou mais ainda o treino de Kate na reta final para Pequim. Ela estava ganhando de Zoe em duas de cada três vezes que competiam. Acontecia de vencer pela distância de uma roda, ou então por poucos milímetros. Estava operando numa intensidade perigosa. Podia ter adoecido. Tom administrava o ritmo de cada treino, bem como seus hemogramas, para garantir que ela estivesse no limite máximo do saudável. Fisioterapeutas iam para sua casa tentar aliviar as dores. Uma nutricionista planejava suas refeições. O Ciclismo Britânico pagou para alguém cuidar da arrumação e limpeza de sua casa. Nenhum atleta britânico teve o mesmo nível de monitoramento e apoio que Kate e Jack receberam na preparação final para Pequim. Kate se esforçou ao máximo. Ela começou a ganhar de Zoe em três de cada quatro vezes que competiam. Foi até o limite do humanamente possível, e aí, quando todo o trabalho duro tinha sido feito, voou até a China só para cumprir a formalidade de receber as medalhas. Zoe foi um mês antes, esperando conquistar a prata na corrida e na perseguição individual mas torcendo para que uma semana a mais de treino na umidade de Pequim pudesse lhe dar uma vantagem. Kate e Jack foram o mais tarde possível, uma vez que seria difícil ajustar seu planejamento familiar a um ambiente novo. Terminaram o treino com chave de ouro numa corrida final sobre-humana em Manchester, e então seguiram para Pequim para repouso e recuperação antes da corrida.

O voo durou onze horas. Os comissários de bordo trataram a família Argall como celebridades. Sophie estava resfriada, então Kate e Jack ficaram com os rostos virados para o outro lado,

respirando devagar, como se isso impedisse os germes de alcançarem seus pulmões. Sophie ficou sentada no meio dos dois, assistindo a desenhos animados. Kate olhou para Jack, por cima da filha. Esse era o maior tempo que ela passava acordada ao lado do marido em meses, e se deu conta de que ele estava mais bonito do que quando tinham se conhecido. Estava mais forte, tendo alcançado a mínima massa muscular necessária para servir a seu propósito. Também estava quieto e calmo, vestido num moletom azul-celeste com capuz. Seu cabelo começava a ficar grisalho nas têmporas. Ele sorriu. Kate estremeceu. Ela estendeu o braço e segurou a mão dele.

Quando as aeromoças trouxeram a refeição, Kate e Jack recusaram a comida. Tinham sua própria programação alimentar, e Sophie também não estava com fome. Quando ela dormiu com a cabeça apoiada na mesa retrátil, Kate notou um hematoma em sua nuca. Era grande, roxo-escuro e chamativo. Perguntou para Jack o que tinha acontecido, mas ele não sabia. Era típico — ele nunca reparava nesse tipo de coisa.

Havia telas na parte de trás dos bancos, com uma pequena imagem do avião atravessando o mapa. Lá estavam eles. Kate se inclinou para dar um beijo em Jack, onze mil quilômetros acima da Ásia Central. Sophie tinha feito um desenho antes de dormir, com os lápis de cera que ganhara da aeromoça. Kate puxou o desenho debaixo da cabeça da filha, porque estava começando a babar em cima do papel. Usou a parte de trás dos dedos, para evitar os germes. Era um desenho bonito. Mostrava um filhote de coruja no galho mais alto de uma árvore, aninhado entre a coruja mãe e a coruja pai. A coruja pai era azul, a mãe era rosa, e o filhote tinha um sabre de luz. Kate mal olhou para a imagem. Estava visualizando o velódromo de Pequim. Tom tinha lhe mostrado alguns vídeos do interior e passado esse exercício para a viagem de avião: visualizar a vitória. Imaginar cada detalhe, cada centímetro da pista.

Sophie dormiu a viagem toda, o que deixou Kate surpresa. Tinha trazido jogos, brinquedos e livros, e se esses recursos falhassem ia subornar a garota com jujubas para convencê-la a ficar quietinha. Tinha seis pacotes na mala. Mas Sophie só dormiu. Quando aterrissaram, Kate teve que acordá-la. Ela acordou confusa e irritada, como um animal pequeno no veterinário se recuperando da anestesia. Tinha um novo hematoma na testa, por causa do lápis de cera em cima do qual tinha apoiado a cabeça. Mas Kate não prestou atenção no hematoma; ela estava visualizando a vitória.

Não conseguia acreditar que finalmente estavam na China. Pequim a fazia sentir-se chegando em Marte. O hematoma novo de Sophie não diminuiu, mesmo depois de passarem pela alfândega e de enfrentarem toda a burocracia de entrada no país, mas Kate pensou que era só uma equimose. Sophie adormeceu novamente em seus braços, e ela segurou a filha tomando cuidado para que sua respiração fosse para o outro lado. Uma pessoa não passa vinte anos treinando só para pegar uma gripe bem antes do grande evento.

Havia um carro esperando por eles, que os levou para o outro lado da cidade. Sophie dormiu no colo de Kate. Eles chegaram no hotel em que a equipe britânica de ciclismo estava hospedada, e Jack tirou Sophie do carro. Seus dedos deixaram hematomas nos braços da filha. Kate e Jack finalmente começaram a reparar.

As duas semanas em Pequim passaram como um borrão. Sophie entrava e saía do hospital. Foi complicado. Os médicos pensaram que era uma infecção pulmonar. Depois acharam que ela tinha um problema nos rins. Apareceu uma febre. O Comitê Olímpico Internacional providenciou uma intérprete, que tinha aprendido o vocabulário apropriado para vinte e oito modalidades esportivas diferentes mas não conhecia os termos médicos, então foi difícil para Kate avaliar a gravidade da situação. Os médicos falavam frases que duravam para sempre, e depois a intérprete tocava no braço

de Kate com a mão, fazia uma expressão triste, e suas traduções eram sempre breves. *Os médicos dizem que sua filha está muito doente.* Os médicos observavam a intérprete enquanto ela traduzia. Kate não conseguia traduzir suas expressões.

Ela e Jack revezaram os treinos no velódromo olímpico e as idas ao hospital com Sophie. Quando não estavam treinando, ficavam com a filha no quarto de hotel. Kate mal dormiu. Ela acordava e ia direto para o treino. Ou então acordava e chorava. Quando saía da cama sentia-se fraca demais para pedalar, mas ia até o velódromo e via Zoe ficar cada vez mais forte.

Fizeram mais exames. A intérprete os acompanhou até o hospital de novo. Sentaram numa sala pequena e aguardaram o médico. A sala não tinha janelas. Tinha uma mesa redonda com verniz branco e marcas de café. Um vaso de plástico branco, com flores pálidas. Lâmpadas fortes de halogênio, e uma pintura numa moldura de plástico retratando um cavalo branco trotando. O carpete era cinza, assim como as cadeiras dobráveis de plástico. Ficaram sentados por cerca de meia hora, e a intérprete traduziu o silêncio deles de maneira impecável. Sophie dormiu no colo de Kate, vestindo os pijamas pretos de *Guerra nas estrelas*. Ouviam passos vindo pelo corredor. Cada vez que os passos se aproximavam mais, todos se voltavam para a porta. E cada vez que os passos seguiam adiante, voltavam a olhar para o chão. O ar-condicionado era barulhento. Havia uma quarta cadeira na sala, vazia, para quando o médico chegasse.

As paredes pareciam se deformar e mudar de lugar. Os ponteiros do relógio davam a impressão de avançar num impulso forte, e aí passar longos períodos em marcha lenta. O quarto se desvencilhou do tempo. A intérprete torcia as mãos.

Quando a porta se abriu, Kate teve um sobressalto.

O médico desabotoou o jaleco branco. Sentou-se na cadeira e apoiou uma das mãos no joelho. Conferiu as anotações e ergueu os olhos. Falou com eles por um bom tempo. Então ficou quieto e olhou para a intérprete. Ela tinha trazido um dicionário, que folheou por um tempo antes de se voltar para Kate.

— Sua filha tem leucemia — afirmou.

— Ela tem o quê?

A intérprete conferiu a tradução de novo, marcando a palavra com o dedo e mostrando para Kate. “Leu-cee-mii-ia”, repetiu. “Você tem a má sorte de uma em dez mil pessoas. Precisa começar um tratamento agressivo imediatamente.”

* * *

Quase quatro anos depois, na mesa da cozinha, Kate começou a contar as pílulas do dia de Sophie na taça de prata. Já era capaz de sentir a adrenalina aguçando seus gestos e dispersando seus pensamentos, na antecipação da corrida contra Zoe no dia seguinte. Contou as dezesseis pílulas como se fossem velhas amigas, sabendo que quando todas tivessem sido tomadas restaria apenas uma noite insone antes da corrida que talvez fosse a sua última.

Centro Nacional de Ciclismo, Stuart Street, Manchester

Durante a tarde, Tom pegou as bicicletas de suas ciclistas e instalou-as nos apoios no centro do

velódromo. Meia dúzia de ciclistas de uma turma jovem treinavam na pista, e as instruções do treinador ecoavam pela construção que, de resto, estava vazia. Tom manteve certa distância do movimento enquanto se concentrava nas preparações.

Girou as rodas das bicicletas, verificando a perfeição do alinhamento. Conferiu se o mecânico tinha instalado os apetrechos certos em cada uma. Olhou os pneus para garantir que estavam novos, e verificou a pressão do ar. Tudo isso era trabalho do mecânico, a ser feito na manhã seguinte, mas Tom não queria deixar para descobrir na última hora que alguma peça essencial estava com defeito.

Ao terminar suas verificações, parou por um instante entre as bicicletas, cada uma das mãos apoiada em um guidão. Da forma em que as máquinas estavam dispostas, dava para sentir certa energia de suas donas. A bicicleta de Zoe era maior, com a estrutura cinco centímetros mais alta e três centímetros mais comprida. Tinha uma engrenagem maior e ela usava suas pernas compridas como alavancas para fazer o pedal girar em um ciclo poderoso. A máquina de Kate era mais compacta, com uma marcha mais leve, e ela girava os pedais até suas pernas parecerem manchas no ar, compensando sua relativa falta de força com um ritmo fenomenal. A bicicleta de Kate era de um branco básico, com uma pequena imagem do rosto de Sophie sorridente pintada na parte de cima da estrutura, por baixo do verniz. As pontas do guidão eram envoltas por uma faixa rosa elástica, que aquecia um pouco as mãos. A bicicleta de Zoe não era pintada, de forma a deixar a disposição funcional da fibra de carbono escura visível sob o verniz fosco. As pontas de seu guidão eram cobertas por uma borracha preta. Em ambos os lados da parte central da estrutura, visível para todos os seus oponentes aguardando na linha de partida, havia a palavra INVICTA em grandes letras douradas, numa fonte de estilo clássico. Enquanto a bicicleta de Kate tinha sido projetada para fazê-la se sentir em casa, a de Zoe fora calculada para intimidar.

Havia certa intimidade no ato de tocar aquelas máquinas cujas estruturas combinavam com cada atleta tão bem quanto seus próprios ossos. Aquelas estruturas que tinham carregado suas ciclistas, as duas mulheres com quem Tom mais se importava, a intensidades de dor equivalentes, e eventualmente maiores, que o ponto de ruptura emocional. Tom agarrou os guidões e se inquietou com a sensação de saber que depois do dia seguinte uma dessas bicicletas nunca mais seria usada. À uma da tarde ele estaria levando uma das máquinas de volta para a sala de equipamentos do Ciclismo Britânico, enquanto a perdedora da corrida levaria a outra para casa, como souvenir, onde ficaria decorando o corredor por alguns meses, até que a dor e o choque tivessem diminuído o suficiente para que a bicicleta pudesse ser leiloadada, ou então doada para uma instituição de caridade.

Quando se permitiu visualizar o resultado e seu ato ao levar a bicicleta da vencedora de volta para a sala onde os sonhos eram cuidadosamente guardados, soube que seria melhor se Zoe vencesse. Não que esse fosse seu desejo — Tom nunca se permitiria confundir a proximidade que sentia em relação a ela com o desejo de vê-la superar sua oponente. No entanto, alargando suas considerações para além dos simples resultados na pista e entrando no quesito bem-estar de suas atletas, parecia razoável que seria melhor se Zoe ganhasse de Kate no dia seguinte. Kate ainda teria razões para continuar vivendo, caso perdesse.

Mas aquilo era uma merda. Se alguém merecia ir para as Olimpíadas era Kate. Em Pequim, quando a leucemia de Sophie foi diagnosticada pela primeira vez, faltavam seis dias para os eventos de ciclismo. Ele falou com Jack e Kate uma hora depois de receberem a notícia do médico, em um momento em que eles ainda não sabiam se Sophie ia morrer. O próprio Tom recebeu uma explicação detalhada dos médicos e, uma vez que a filha não era dele, foi capaz de deixar suas emoções de lado o suficiente para fazer mais algumas perguntas. Ficou sabendo mais do que Jack e

Kate.

Teve que se esforçar para percorrer o caminho pelo hotel lotado de repórteres. De alguma forma, a mídia tinha descoberto que havia uma história. A cerimônia de abertura estava em andamento, e como Jack e Kate não estavam lá, os jornalistas tinham feito perguntas para quem quer que se desse o trabalho de respondê-las. As duas maiores esperanças de medalhas da Inglaterra, e alguma espécie de emergência médica. Era tudo o que sabiam, e Tom não daria qualquer informação a mais. Abriu espaço pela matilha no saguão do hotel, ignorou as perguntas e conseguiu convencer o gerente a levá-lo para o quarto. Subiram pelo elevador de serviço.

Quando o gerente abriu a porta para deixá-lo entrar, Kate e Jack estavam ajoelhados ao lado da cama de Sophie. Ela tinha os olhos inertes por detrás das pálpebras. O telefone de Kate tocava sem parar, assim como o de Jack. A TV do quarto estava ligada sem som, mostrando a cerimônia de abertura. Havia fogos de artifício, estrelas prateadas cadentes cobrindo o teto do estádio. Todas as equipes estavam envoltas nas bandeiras de seus países, sorrindo e acenando conforme seguiam pela pista.

Ele fez ambos sentarem na ponta da cama e pegou seus celulares. Os dois ficaram parados, como crianças, olhando para Tom, em pé à sua frente.

— Ok — começou ele—, andei conversando com os médicos, então deixem eu explicar isso direito para vocês.

Apontou para Sophie.

— Primeiro fato: noventa e nove em cem crianças na condição dela se recuperam, então essa situação é muito positiva. Segundo fato: vocês não querem se envolver demais com os protocolos de tratamento nesse país, porque nenhum de nós vai entender que droga estará acontecendo e vocês não vão conseguir tomar as decisões certas para ela. Portanto, terceiro fato: um de vocês precisa voltar para a Inglaterra com ela pela manhã. Foi isso que eu descobri falando com os médicos daqui, e também recebi conselhos de um clínico em Manchester que está pronto para iniciar o tratamento de Sophie.

Kate não conseguiu olhar para ele. Inclinou-se para a frente e afundou o rosto no pescoço de Sophie.

— A menos que vocês pensem em outro jeito de resolver isso. Podemos mandar alguém levar Sophie de volta para a Inglaterra, mas vocês não vão deixá-la voltar para casa com um estranho, não é? Não para começar a quimioterapia. Se eu achasse que tem alguma maneira de fazer vocês dois ganharem medalhas nesses jogos, é o que eu estaria fazendo. Mas um de vocês competindo é o melhor que podemos conseguir nessa situação.

Jack colocou um braço em torno da esposa.

— Nós dois vamos voltar com ela — afirmou.

Kate apertou seu joelho.

— É. Vamos juntos.

Tom se ajoelhou no chão. Olhou para um e depois para o outro.

— Não.

Silêncio.

— Eu não culpo vocês por não estarem com a cabeça no lugar, mas trata-se de possibilidades de sucesso. Vocês podem fazer Sophie melhorar. E podem ganhar o ouro. Se um de vocês ficar, podem conseguir as duas coisas, agindo como uma família. É assim que precisam enxergar a situação.

— Não, Tommy, não — disse Jack.

— Dave vai lhe dizer a mesma coisa, Jack. Ligue para ele, se quiser.

— Você falou com ele?

— Claro que sim. A gente sabe que um de vocês precisa ganhar agora, para o bem dos três. Ninguém pode treinar tão duro quanto vocês treinaram e sair sem nada.

Kate olhou para Jack. Ambos acariciavam o rosto e o cabelo de Sophie, como se pudessem curá-la com as mãos.

— Ele tem razão? — Kate perguntou para o marido.

Jack continuou olhando para a frente e grunhiu, e o som deu a impressão de uma explosão sendo contida num espaço limitado.

— E desculpem-me — continuou Tom—,mas vocês também precisam considerar a questão financeira. Pelo menos um de vocês precisa deixar o patrocinador feliz. Os próximos dois anos vão ser difíceis, e a última coisa que vocês precisam é perder a fonte de renda.

Kate se voltou para Tom, que a observou fazendo força para respirar.

— Ok — disse, após um tempo. — Quem fica e quem vai para casa?

— Essa é a questão, não é? Acho que vocês dois precisam escolher.

Jack grunhiu de novo e o som era tão desesperado que Tom notou que suas próprias mãos começaram a se contorcer. Pensou se Kate estava conseguindo lidar melhor com a situação por ser mais forte que o marido, ou se era mais fácil para ela porque não era sua filha biológica que estava na cama — morrendo, até onde sabiam. Talvez houvesse um nível mais profundo de dor, quando se tratasse de sangue do próprio sangue. Quando contara para Zoe, ela certamente recebeu a notícia como um soco no estômago. Só estava na cerimônia de abertura agora porque Tom a tinha forçado a comparecer. Eles não podiam dar uma chance para a mídia conseguir relacioná-la a Sophie.

Kate olhou para Tom.

— O que você decidiria, se a questão fosse só os resultados?

— Com base apenas na performance?

— Sim.

Tom baixou a cabeça. Passou um bom tempo massageando a nuca.

— Você sabe que eu detesto isso, não é?

— Sei.

Olhou nos olhos de Kate.

— Jack é uma aposta garantida para o ouro, e você está na melhor forma física de sua vida. Se estivéssemos considerando os resultados, eu faria Zoe levar Sophie para casa.

Ele observou o rosto de Kate atentamente, vendo o choque dominar sua expressão. Ela se aproximou de Sophie e a envolveu com os braços, de maneira instintiva.

— Não — sussurrou.

Tom pegou um pouco mais pesado.

— Então vamos mandar Jack para casa com Sophie, e deixar você correr. É a sua vez.

Ela balançou a cabeça, acariciando o cabelo de Sophie.

— Não posso deixá-la — disse.

Kate engoliu em seco. Sabia que era o fim.

Jack colocou a mão em seu ombro.

— Mas é a sua vez — disse.

Ela olhou para Sophie, passou os dedos pela bochecha pálida e arrumou a gola do vestido da filha, que estava um pouco virada.

— Não posso deixá-la — repetiu.

Tom se levantou e deu um passo para trás, dando um pouco de espaço para a família.

— Então, sinto muito, Kate. É melhor fazer as malas.

— Tudo bem.

Ele sabia que Kate estava se concentrando para não chorar. Os próximos dias seriam dedicados a quebrar as horas dos dias em metas conquistáveis: não chorar, não gritar, não desmaiar. Se ela pudesse atingir essa performance num nível olímpico, talvez conseguisse sobreviver àquela semana.

Jack enfiou o rosto nas mãos. Agora que a decisão tinha sido tomada, ninguém sabia o que dizer.

A TV do quarto mostrava o repórter esportivo da BBC, muito sério. Estava no saguão do hotel, falando com a câmera. Cortaram a transmissão para mostrar a gravação de Jack ganhando o ouro em Atenas, de Kate na porta de casa aceitando o pedido de casamento ao vivo, com Sophie nos braços e a bandeira da Inglaterra ao redor das duas. Voltaram a transmitir a imagem do repórter, que tinha uma das mãos no fone de ouvido e segurava o microfone com a outra. *Tudo o que sabemos até o momento é que a situação parece muito, muito grave.*

Sophie acordou chorando.

— Estou me sentindo *mal* — disse.

Jack aninhou sua cabeça. Sussurrou em seu ouvido:

— Vai ficar tudo bem, minha garotona corajosa. Você só está cansada. Você vai para casa com a mamãe, descansar bastante.

Isso coloca a situação toda numa perspectiva sólida, dizia o repórter. É fácil esquecermos que, por baixo de todo o glamour e brilho das Olimpíadas, aquelas são famílias reais, famílias de verdade, como a sua ou a minha.

Tom observou Kate olhando para Sophie, e naquele momento Sophie ergueu os olhos e levantou os braços naquele gesto que as crianças pequenas fazem quando querem colo. A confiança em seu rosto era simples: ela estava se sentindo péssima e sabia que Kate podia ajudar. Não sabia que isso era diferente dos joelhos ralados e dos pesadelos dos quais Kate tinha passado os últimos anos a confortando.

Kate a pegou no colo, e Sophie se agarrou a ela e deitou a cabeça em seu ombro. Ficaram imóveis por um bom tempo. Então Sophie estendeu um braço para Jack, que a segurou e a embalou, sussurrando em seu ouvido.

Kate foi até a janela e olhou para baixo, para a rua, onde uma multidão de câmeras já estava se formando.

Tom estava a seu lado.

— Eu sei melhor do que qualquer um tudo o que você passou para chegar nessa Olimpíada, e sei o que vai custar ir embora. Em algumas horas você vai entrar num avião com a sua filha, e fazer isso vai doer mais que um parto. E sabe de uma coisa? É assim que você vai saber que é a mãe dela.

Kate se inclinou, apoiando-se de leve nele.

— Obrigada — sussurrou. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Você consegue fazer isso — disse Tom. — Você consegue fazer sua filha melhorar. Os médicos me falaram que vai ser uma trajetória difícil, dolorosa e lenta, mas que ela vai ficar boa de novo.

— Eu sei que consigo encarar uma trajetória difícil — disse ela. — Sei que consigo lidar com a dor. Mas você vai ter que me ajudar com a parte de ser lenta.

Barrington Street, 203, Clayton, Região Leste de Manchester

Enquanto o sol se punha por trás dos telhados das outras casas, Jack preparou a banheira para Sophie e a ajudou a se despir. Ela ficou apática e ausente durante o banho. Sentou-se com a coluna reta e uma esponja nas mãos, que torcia com desânimo, enquanto o pai inventava uma história. Ele colocou Luke Skywalker e Han Solo para pilotarem a *Millennium Falcon* por um perigoso cinturão de asteroides. Fez os efeitos sonoros da ação, e os dois heróis enfrentaram chances minúsculas de sobrevivência para derrotarem uma frota de naves TIE que atacavam. Quando terminou a história, que não provocou qualquer reação em Sophie, ele fez com que Han e Luke, exultantes com o triunfo, dessem um beijo apaixonado no compartimento de carga da *Falcon*. Foram pegos em flagrante por Chewbacca, cuja resposta enfurecida revelou que ele tinha visões conservadoras acerca do amor humano, típicas de sua espécie, mas um tanto inadequadas para um Wookiee tão viajado.

Jack esperou pela reação de Sophie, mas ela só ficou encarando as torneiras, com os olhos vidrados e vazios.

— Você está ouvindo, garotona?

Estalou os dedos.

— Ei! Terra para Sophie Argall. Responda, Sophie!

Ela virou a cabeça devagar na direção dele e apertou os olhos. Tinha a expressão de uma bióloga que achava — mas não tinha certeza — que talvez tivesse detectado o contorno de uma criatura muito bem camuflada em meio à folhagem.

— O que foi? — perguntou.

— Tudo bem, querida?

Ela fechou os olhos.

— Só quero voltar para a cama, por favor.

Sua voz saiu num sussurro só um pouco mais alto que o som do exaustor do banheiro.

Jack a tirou da banheira, secou-a com a toalha e ajudou Sophie a vestir o pijama. Depois colocou-a no colo para escovar seus dentes.

— Vai ficar tudo bem, querida — disse ele —, você vai ficar bem.

— É — respondeu Sophie.

Jack lhe deu um beijo na testa. Sua pele estava quente, mas talvez fosse só o banho.

— Acha que está com febre?

Ela deu de ombros.

Jack achou o termômetro digital e mediu a temperatura da filha pela orelha. A pequena tela mostrou 38,6 graus.

— Vou dar um remédio para você — disse —, mas não quero que você conte para sua mãe, ok?

— Por quê?

— Porque ela tem uma corrida importante amanhã. A gente não quer deixá-la preocupada com uma simples febre, quer?

Sophie deu de ombros de novo.

— Eu estou bem — afirmou, mas tomou as duas colheradas de paracetamol líquido que Jack lhe deu.

Ele colocou a filha na cama e ela deitou sem fazer som algum. Parecia mais quente que antes. Jack sabia que devia dizer algo para Kate, mas ao mesmo tempo sabia que o certo seria não dizer

nada. Ficou sentado no topo da escadaria por um bom tempo, pensando no assunto, antes de descer.

Kate estava sentada na mesa da cozinha com os olhos fechados e as mãos agarrando a beira da mesa, inclinada para o lado esquerdo na cadeira.

— Chá? — perguntou ele, baixinho.

Ela franziu a testa, os olhos ainda fechados.

— Shh. Estou visualizando.

Ele tocou seu ombro.

— Visualiza um copo de chá?

Kate apoiou a cabeça em seu braço.

— Ok, tudo bem.

Ele se ocupou com a chaleira e o bule.

Quando voltou para a mesa, ela perguntou como estava Sophie.

Jack colocou o bule na mesa.

— Ótima. A gente inventou uma história e ela adorou.

Kate encheu uma xícara e assoprou o líquido quente.

— Eu o treinei para usar um bule, Jack Argall. De todas as minhas conquistas, esse vai ser o meu legado.

Ele estudou a expressão da esposa.

— Você está bem?

— Animada. Acho que consigo ganhar dela.

— Também acho. Só não faça o que eu fiz em Pequim.

Ela sorriu e segurou a mão de Jack.

— Agora é diferente. Sophie está melhorando.

— É — afirmou ele, alegre.

Olhou para as mãos dos dois, entrelaçadas sobre a mesa.

* * *

Na primeira corrida em Pequim, Jack tinha se posicionado na linha de partida ao lado de um dos ciclistas franceses — nem sabia o nome do sujeito. Apertou sua mão antes da corrida e testou seu francês, em nome das relações internacionais. *Bonjour, amigô*, havia dito. O francês sorriu, mas parecia apavorado. Jack sentiu pena dele, tendo que competir contra Jack Argall bem na primeira corrida.

Aquele velódromo em Pequim era espantoso. Estava lotado. Vinte mil homens, mulheres e crianças ocupando as arquibancadas, e metade deles tirando fotos. Quando o relógio começou a contagem regressiva, os flashes de câmera aumentaram cada vez mais, até que os pontos individuais de luz fossem substituídos por uma grande teia luminosa, piscando e pulsando sobre a superfície da multidão como luzes passando pela pele de uma criatura das profundezas. E o rugido da multidão era colossal. Deixou Jack com medo. Ele estava com fones de ouvido por dentro do capacete, e um iPod enfiado na manga do traje esportivo. Escutava a Drambuie Kirkliston Pipe Band tocar “Battle of Killiecrankie” no volume máximo. Era um som que dava medo no diabo, mas não era suficiente para se sobrepor ao barulho da multidão. Toda a superfície da pista tremia. Ele sentiu a energia transmitida pela multidão no selim da própria bicicleta, passando direto pela fibra de carbono em direção ao seu traseiro. Seus pulmões vibravam junto. Os dentes zuniam como se estivessem

captando uma frequência de rádio. A atmosfera atravessava os nervos como uma faca, livrando-os de sua carcaça e os descartando como cordões velhos.

Ao longo da pista havia câmeras de TV por todo lado. Tinha uma câmera presa por uma tirolesa que pairou a trinta centímetros do rosto de Jack, como uma imensa vespa preta. Mostrou seu rosto no telão de vinte metros de altura que havia no velódromo. Seu capacete tinha um visor azul-metálico, que ia até o nariz, então claro que fez a expressão do personagem Juiz Dredd para a multidão. E eles amaram, aplaudiram e bateram os pés, até a construção inteira chacoalhar.

Jack olhou para a equipe britânica de apoio na área técnica. Seu treinador estava gesticulando para que ele se acalmasse, focasse na contagem e parasse de brincar com a multidão. O que levou Jack a erguer os braços bem alto e começar a bater palmas no ritmo da música que estava escutando. A multidão rugiu ainda mais alto. Bateram as mãos no mesmo ritmo. O barulho era inacreditável. Vinte mil almas de todas as nações da Terra batendo palmas no ritmo de “Battle of Killiecrankie”. Foi possível esquecer, só por um instante, que Sophie estava a oito mil quilômetros de distância, numa pequena sala, iniciando o tratamento de quimioterapia.

Enquanto brincava com a multidão, Jack sorriu. Ele ficou se vendo bater palmas no telão. Começaram a passar a imagem em câmera lenta. Os músculos inchavam tanto a cada batida de mãos que parecia haver um alienígena embaixo da sua pele, debatendo-se para sair. *Meu Deus*, pensou ele, *eu sou mesmo absurdamente forte*. A câmera deu um close em seu rosto de novo e, sem pensar, ele gritou: *Isso é por você! Melhore logo, Sophie!*

Olhou de novo para a equipe britânica. Ao lado do seu treinador estava o mecânico. Duas horas antes de Jack aparecer esse sujeito já estava lá, desmontando sua bicicleta, limpando, lubrificando e montando tudo de novo, com uma tabela de referência para ajustar tudo de acordo com suas preferências a uma precisão milimétrica. O homem tinha apertado cada parafuso até a pressão ideal, com uma chave de torque digital. Em seguida examinara os pneus de Jack, centímetro por centímetro com uma lente de aumento, procurando pelo menor indício de dano. Se encontrasse qualquer coisa, o substituiria e recomençaria o processo. Uma hora antes de Jack deixar o hotel, seu treinador tinha aparecido no velódromo, verificado o trabalho do mecânico e visto se havia suficientes toalhas limpas ao lado da pista, e dado uma olhada na bicicleta estacionária que servia para esfriar o corpo gradualmente, após a corrida. Ao lado do treinador e do mecânico estava o treinador-assistente. Meia hora antes de Jack chegar, o assistente aparecera no velódromo com uma bolsa térmica contendo bebidas energéticas isotônicas para serem consumidas durante o aquecimento, e bebidas com alto nível de proteína para a recuperação após o exercício. As bebidas eram entregues na mesma temperatura do corpo, para reduzir ao mínimo o estresse fisiológico no sistema do atleta. Ao lado do treinador-assistente estava o fisioterapeuta da equipe. Ele monitorou os alongamentos de preaquecimento de Jack e preparou a sala de massagem para depois do banho, quando a corrida tivesse terminado. Ao lado do fisioterapeuta estava o médico britânico, de plantão para socorrer Jack em até quinze segundos caso ele batesse, desmaiasse ou tivesse algum tipo de convulsão induzida pela combinação da adrenalina, dos vinte mil seres humanos aplaudindo em seu ritmo e da música de gaita de fole que comemorava a vitória das forças de James VII da Escócia sobre Guilherme de Orange, da Inglaterra. Jack não sabia muito bem qual seria o termo médico adequado para um problema decorrente de fatores como esses.

Ele olhou para a multidão, para todo o aparato projetado para fazê-lo vencer, e uma sensação de vazio brotou em seu estômago. Não conseguiu desviar o foco do pensamento em Kate e Sophie, ambas envolvidas numa competição muito mais difícil que a dele. As gaitas de fole deixaram de ser

tão estimulantes. O barulho da multidão começou a entrar em conflito com a música. Jack tentou manter a cabeça no lugar, mas um arrepio se fortalecia dentro dele.

Foi então que duas coisas aconteceram. Primeiro o francês saiu pedalando. Em seguida, o treinador de Jack começou a fazer gestos frenéticos com a mão, apontando para o francês que já estava ganhando distância na pista. *Bem, é isso que a falta de experiência faz com uma pessoa... o pobre coitado ficou tão nervoso que largou antes do apito*, pensou Jack. Mas seu treinador continuou gesticulando e gritando, e o francês já estava vinte metros à sua frente, olhando para trás. *Esse cara vai ver o que aconteceu e vai ter que voltar para a linha de partida, o que vai ser bem embaraçoso para um homem acostumado à música popular de Johnny Hallyday e Jean-Michel Jarre*, pensou Jack. Mas o sujeito não deu a volta. Em vez disso, ele se inclinou para a frente e aumentou a velocidade. Então Jack desligou o iPod para ter uma noção melhor do que estava acontecendo. Foi então que reparou no silêncio perturbador que tomou conta da multidão. Na quietude súbita, seu treinador gritava: *Vá! Vá! Vá!*

Merda, pensou. *Eu consegui perder a largada*. Mas sabia que com o nível de esforço que era capaz de exercer ainda poderia alcançar aquele ciclista francês. Estava calmo. Ergueu-se do selim e pedalou com força. O francês já estava cinquenta metros à frente, e tinha aberto mão de todas as táticas: vira uma chance e saiu pedalando com tudo. Jack se concentrou. Usou toda a sua força na perseguição, e no final da primeira volta a distância já tinha sido reduzida a trinta metros. Sentiu o rosto se contorcendo de dor, mas estava funcionando. Quando atravessou a linha, completando a primeira volta, seu treinador ergueu os dois dedos em aprovação.

Aumentou ainda mais o vigor das pedaladas, forçando aquela última fração de energia que seu corpo ainda podia alcançar. Estava quase lá. A estrutura da bicicleta flexionava a cada pedalada. Era a bicicleta mais rígida já construída, e não conseguia aguentar a força que Jack estava exercendo. Ao fim da segunda volta, o francês tinha só dez metros de vantagem. O coração de Jack já estava a cento e noventa e cinco batimentos por minuto, e a energia gerada passou dos mil watts. Os jornalistas fazendo a cobertura da corrida no local designado para a imprensa poderiam ter ativado um aquecedor elétrico médio com a energia que ele estava produzindo, e ainda sobraria o suficiente para alimentar seus laptops. É isso que vão escrever sobre mim, imaginou Jack, *incrível, incrível, incrível*.

E aí ele pensou: *Sophie*.

Uma imagem se formou em sua mente. Viu a si mesmo sozinho num quarto, segurando a mão da filha enquanto ela jazia inerte. Era difícil discernir se estava viva ou morta. A imagem mental prendeu seu fôlego e quebrou o ritmo. Ele deu uma guinada, e por um instante parou de se aproximar do ciclista francês.

Tentou retomar o ritmo. *Pedale, pedale, pedale. Respire, respire, respire*.

Mas a imagem voltou, dessa vez mais clara. Ele segurando a mão de Sophie e o rosto da filha sem expressão.

O treinador começou a fazer mais gestos frenéticos. *Mais ritmo, mais ritmo*, gritava. Ao fim da terceira volta, Jack estava a vinte metros de distância. Ele se esforçou ao máximo e o treinador gritou: *É isso aí, Jack, continue!*

A imagem surgiu de novo.

Ele não conseguiu mais afastá-la. Toda a força se esvaiu de seu corpo, como se alguém tivesse aberto ralos embaixo de seus pés. O francês venceu por quarenta e cinco metros. Jack estava passando da última curva e entrando na reta final quando o viu atravessar a linha de chegada, com os braços para cima.

A multidão fazia muito pouco barulho. O velódromo foi tomado por uma estranha quietude. A

umidade era excessiva. Jack suava demais. Ele diminuiu a velocidade por duas voltas até parar, e se apoiou no corrimão ao longo da pista. Estava completamente sem fôlego, exausto demais até para sair da bicicleta. O médico correu em sua direção, com a maleta de primeiros socorros. O treinador o acompanhou e colocou o braço ao redor dos ombros de Jack.

— Que porra foi essa que acabou de acontecer, Jack? Você está bem? Que porra foi essa?

Seu corpo inteiro queimava de dor. Era agonizante — ele percebeu que estava gemendo. O médico perguntou se ele sabia o nome do primeiro-ministro. Encostou um estetoscópio em seu peito. Dave ficou perguntando se ele estava bem. Jack se sentou no meio da pista, o corpo inteiro tremendo, e deixou o fisioterapeuta abaixar sua temperatura corporal com uma esponja, como fazem com cavalos de corrida.

A mente de Jack ficou oscilando entre o que acontecia ao redor e aquela sala terrível onde tinha se visto segurando a mão inerte de Sophie. Ficou tão confuso e assustado que estava a ponto de começar a gritar. É assim que um touro se sente numa tourada, quando já está sangrando até a morte. Jack queria destruir algo. Queria morrer bem ali, em cima da pista. Queria que o mundo ardesse em chamas, que todas as pessoas se fossem e que a natureza recomeçasse tudo sem ele.

A câmera pendurada na tirolesa se aproximou e deu um zoom em seu rosto, e ele se levantou e começou a gritar na direção da câmera, tentando acertar um golpe no aparelho. Olhou direto para a lente, para mostrar que não estava derrotado. Estava tentando intimidar dois bilhões de seres humanos com o olhar. Dave o puxou pelo ombro.

— Deixe para lá, Cassius Clay, vamos sair daqui.

— Mas a próxima corrida...

Seu treinador balançou a cabeça.

— A gente não tem chance, meu velho. Você está pirado.

E esse foi o fim das Olimpíadas de Pequim. Ao andarem em direção ao vestiário, as pernas de Jack cederam e ele começou a chorar.

Havia um homem com uma filmadora à frente deles, andando para trás, capturando cada momento. Jack ergueu os olhos e o viu, e disse a única coisa em que conseguiu pensar:

— Desculpe, Sophie. Desculpe.

* * *

Agora, na tranquilidade da cozinha, ele deu um abraço apertado em Kate.

— Mantenha a cabeça na corrida de amanhã — falou. — Não tem com o que se preocupar. Sophie está melhorando, e você está na sua melhor forma física. Tudo o que tem que fazer é pedalar.

Kate o beijou na ponta do nariz.

— O esporte é tão mais simples que a vida, não é? — perguntou ela.

— Por isso é muito mais popular.

Quinta-feira, 5 de abril de 2012

Beetham Tower, Deansgate, 301, Manchester
6h35 da manhã

O dia da corrida amanheceu frio e sem nuvens. Pela primeira vez desde que se mudara para aquela torre, Zoe se aqueceu no espaço aberto da cobertura, duzentos metros acima do trânsito, iluminada pela luz direta do sol nascente com a trilha sonora de *Blade Runner* nos fones de ouvido. Às vezes a vida não era tão ruim. Era impossível não se sentir melhor com aquela vista.

Ela tinha uma bicicleta estacionária no telhado, encostada no gradil oeste. Tirou a capa protetora do equipamento e começou a pedalar, fazendo o aquecimento enquanto o sol despontava. Sua frequência cardíaca subiu de forma constante, e quando atingiu os cento e trinta batimentos por minuto Zoe foi tomada por uma felicidade simples e vibrante, provocada pela luminosidade linda, pelo imenso potencial de seus músculos e pelos indícios do verão que se aproximava, como a brisa fria passando pelo seu corpo. Aos cento e cinquenta batimentos por minuto sentiu que seria capaz de tirar os pés dos pedais, subir pelo gradil e sair voando. Parecia que ela não pesava o suficiente para se machucar.

A sensação a deixou apavorada. Ela diminuiu a resistência da bicicleta, continuou pedalando para dissipar o ácido láctico das pernas e parou. Então começou a chorar convulsivamente, o que a pegou de surpresa.

Passou algum tempo se acalmando antes de sair da bicicleta e do telhado, descendo pela escadaria de mármore frio da torre. Voltou para seu apartamento.

Na sala de estar, viu a si mesma na TV. Sua imagem tinha aparecido nos noticiários por toda a manhã. Uma psicóloga com uma saia verde-limão e um colar dourado concordava com o apresentador em que seria melhor se Kate fosse para as Olimpíadas.

— Muitos de nossos telespectadores devem estar se perguntando se é aceitável uma pessoa representar a Grã-Bretanha quando ela tem aparecido tanto pelas razões erradas — disse o apresentador.

— Esse é precisamente o ponto — concordou a psicóloga. — As garotas são inspiradas por esses jogos... *Minhas filhas* são inspiradas por esses jogos. E elas acabam encontrando em alguém como Zoe um exemplo de uma mulher bem-sucedida.

Zoe tirou o som da TV e sentiu que estava quase perdendo o controle.

Depois de um café e trezentos gramas de arroz integral cozido no vapor com frutas secas, Zoe entrou no banho e ficou pensando em como teria sido se tivesse escolhido outra vida. Imaginou ser a mãe de Sophie — alimentá-la com cuidado, carregá-la para todo canto, tão frágil, e ficar dando todas aquelas pílulas para ela tomar, na ordem certa —, fazendo tudo o que via Kate fazer.

A tatuagem ardeu um pouco em seu braço, a pele esfolada da batida ardeu no outro, e Zoe tentou manter ambos os pontos feridos fora do jato do chuveiro. Ela não conseguia se lavar, só ficar girando o corpo, em vão. Tentou colocar a cabeça no lugar. Seria necessário, para ganhar de Kate.

Era frustrante que sua mente estivesse fazendo isso com ela, logo nesse dia. Às vezes dias inteiros se passavam sem que ela pensasse em Sophie. Então, de repente, como tinha acontecido mais cedo, na bicicleta, ela desatava a chorar por alguns minutos. Quase todas as noites Zoe sonhava que tinha perdido algo sem nome, e estava numa busca frenética para recuperar aquilo. No começo

achou que o que buscava nos sonhos era o ouro, mas depois de conquistá-lo em Atenas, e novamente em Pequim, os sonhos continuaram. E, às vezes, ela tinha sonhos em que se via correndo, sendo perseguida por algo horrível, que a alcançaria se diminuísse a velocidade. Mas, por outro lado, todo mundo tem sonhos desse tipo.

Zoe saiu do banho, enrolou uma toalha no corpo e foi ver TV na sala enquanto secava o cabelo. Agora estavam exibindo a notícia da véspera, mostrando a foto dela e de Kate no estúdio de tatuagem. Zoe ficou olhando para a foto de Sophie. Ela ainda achava impossível relacionar a criança que Sophie se tornara com aquela coisinha na incubadora que todo mundo insistia ser dela. Quando via Sophie — como aconteceu no dia anterior, no velódromo, sorrindo na cestinha da bicicleta pesada—, ela achava a garota doida como qualquer criança, e abatida como qualquer doente, mas, ainda assim, aquilo não parecia afetá-la. Zoe sentia mais por Kate — sabia que a amiga tinha sofrido, estava sofrendo, e isso a sensibilizava.

Mas, olhando outra vez para a foto de Sophie, não dava para negar que a menina tinha certa semelhança com ela. Havia muito mais de Jack em seus traços, mas quando Zoe se forçava a olhar com atenção conseguia ver um tênue fantasma de seu próprio rosto no de Sophie. Isso a perturbava, essa evidência de si mesma surgindo em meio aos traços do homem que tinha deixado para trás. E ela o *tinha* deixado para trás. Essa era a única coisa que tinha feito da qual podia se orgulhar.

Foi até a pia da cozinha e deixou um pouco de água fria escorrer sobre a pele quente e avermelhada sob a tatuagem.

Como teria sido sua vida, se não tivesse aberto mão de Sophie? Será que Jack teria deixado Kate por ela? Será que os três estariam juntos?

Zoe se permitiu imaginar como seria ter Jack em sua cama, respirando suavemente, em vez do imenso vazio do vento soprando e dos leves movimentos que a torre fazia por causa das rajadas. Uma velha angústia a dominou, e ela cravou as unhas na pele em carne viva sob a tatuagem, forçando um grito de dor.

Na TV, uma psicóloga estava explicando que uma pessoa chamada Zoe Castle tinha todas as características típicas de alguém em estado de negação. Ela contou os comportamentos reveladores em seus dedos com anéis de diamantes, cujas unhas tinham sido pintadas de vermelho-escuro: a promiscuidade, a necessidade insaciável pela vitória, a ausência de manifestações de arrependimento.

Cortaram a cena e voltaram a mostrar a foto do jornal. Havia uma frase embaixo da imagem: *Sophie: Eu ficaria tão feliz se a mamãe ganhasse o ouro.*

Zoe tentou se lembrar de como tinha se sentido quando deixou Sophie para trás, naquele hospital. Sua memória daqueles dias era vaga. Havia apenas a confusão mental, o torpor dos analgésicos e a certeza das lágrimas que viriam se continuasse tentando vasculhar a memória.

Pela primeira vez, passou pela cabeça de Zoe que talvez Kate não fosse uma pessoa que carregava um fardo que não era destinado a ela, mas alguém que chegara quando Zoe estava em seu momento mais vulnerável e tomara algo dela.

Ela mordeu o lábio e tentou pensar com clareza. E se Tom também estivesse envolvido naquilo? E se, durante todos aqueles anos, Kate tivesse sido sua favorita? E se todas as suas ações tivessem sido calculadas para manipular Zoe e permitir que Kate conseguisse tudo o que queria? E se não fosse vantagem para ela ter que competir com Kate hoje, e aquilo tudo fosse só mais um truque de Tom?

Zoe se obrigou a interromper a linha de raciocínio. Não estava com a cabeça no lugar, sabia disso. Tom era um homem bom, que se importava com ela. Ela também se importava com ele.

Na TV, a psicóloga ainda contava seus comportamentos nos dedos. Passou pela paranoia, pensamentos delirantes e auto-obsessão compulsiva. Essa Zoe Castle tinha tantos transtornos que a psicóloga teve que começar a usar os dedos da outra mão.

Zoe fechou os olhos, tentando bloquear tudo menos a visualização serena da corrida que teria contra Kate em menos de quatro horas. O que aconteceu, no entanto, foi a imagem do rosto de Sophie aparecendo em sua mente. Algo que ela vinha combatendo há anos se agitou dentro dela. Começou como uma pequena aflição, parecida com a emoção crescente que a tinha deixado confusa mais cedo. Zoe alternou o peso entre os pés e fechou as mãos em punhos com tanta força que as unhas perfuraram suas palmas e a aflição aumentou, transformando-se em dor, e depois numa ferida, e então na agonia furiosa que ela não conseguia mais conter.

Sophie era filha dela e Zoe tinha permitido que a levassem. Sempre que o pensamento aparecia ela o empurrava de volta, para as profundezas gélidas onde a luz raramente chegava, mas ela sempre soube que isso tinha que ser parte do que a fazia se sentir daquela forma, do que tinha feito com que ela passasse todos esses anos correndo de um campeonato para o outro, dormindo com homens diferentes. Seria essa a razão pela qual nada chegava perto de tocar aquele lugar bruto e inconsolável dentro de si?

Sua vida era uma pista infinita pela qual pedalava, com curvas bruscas e inclinadas que nunca a deixavam mudar ou diminuir o ritmo. Só faziam com que ela retornasse a si mesma, o tempo todo, sem descanso.

Ela tinha pensado ter feito a coisa certa. Tinha acreditado ser o melhor, uma vez que não sentia nada pela criança, entregá-la para alguém que sentia. Mas, agora, Zoe não conseguia parar de pensar que, ao desistir de Sophie, tinha desistido da vida. Ela deixou a mágoa a invadir, e gritou.

Mais tarde, quando as lágrimas cessaram, ela se sentiu fria, calma e com os pensamentos mais claros. Voltou para o telhado. O sol ainda estava forte, mas a brisa era refrescante, e nuvens escuras vinham das colinas. Quando encostava no gradil e focava bem os olhos, Zoe conseguia discernir a rua onde os Argall viviam — o telhado sob o qual eles deviam estar tomando café da manhã, nesse mesmo momento.

Ela sentiu a agonia de novo, um sentimento entre o amor e o desespero. Tinha uma necessidade frenética dentro de si. Precisava ver Sophie. Zoe se esforçou para clarear a mente e focar na corrida, mas, pela primeira vez na vida, não sabia se queria vencer.

Eu ficaria tão feliz se a mamãe ganhasse o ouro.

Ela balançou a cabeça com violência, tentando forçar o pensamento a ir embora. Cuspiu sobre o gradil, e viu a saliva descendo numa espiral até se perder nos tons claros da alvenaria branca.

Mal conseguia lembrar como tinha chegado tão alto, mas viu que havia um longo caminho para baixo.

**Lua do bosque de Endor, Território Outer Rim, Setor Moddell,
43.300 anos-luz do Centro Galáctico, coordenadas H-16
7h45**

Sophie viu o verdadeiro rosto de Vader pela primeira vez. Ele estava no chão, morrendo. Quando o espírito se foi, ela o segurou nos braços por um bom tempo. Embora ele tenha tido uma vida má, no fim foi um bom pai. Sophie levou seu corpo até uma clareira na lua do bosque de Endor, e

construiu uma pira funerária para cremá-lo. Conforme as chamas se intensificavam, o sonho começou a desvanecer.

Em algum outro lugar, seus pais conversavam.

— Você está pronta para correr? — perguntou o pai.

— Acho que sim — respondeu Kate.

Sophie tentou abrir os olhos, mas ainda estava muito sonolenta. Abriu um pouco as pálpebras e a luz tinha cor de fumaça. O som da conversa dos pais estava ecoando de um jeito estranho, e seu peito doía.

— Eu amo você — ouviu a mãe dizendo.

— Eu também amo você — respondeu o pai.

Sophie sorriu.

— Ela está acordando? — perguntou Kate.

A luz ganhou novas cores. Primeiro ficou vermelha, depois verde, então amarela. As colorações penetravam sua pálpebra. Parecia que o dia estava encontrando suas cores uma por vez, embaixo do sofá, na gaveta de talheres, onde quer que as tivesse deixado. A cabeça de Sophie doía muito. Ela queria beber água, um suco ou algo assim, com um canudinho. Só tomar água gelada ou um pouco de suco. Estava com tanta sede que podia ficar bebendo por um milhão de anos.

— Hoje a Zoe apareceu na TV a manhã toda. Ficaram comparando nós duas.

— É. Eu vi.

— Tom tinha razão de acabar logo com isso. E se eles procurarem tanto e acabarem descobrindo alguma coisa?

— Shh, ela está se mexendo — disse Jack.

Sophie sentiu a mão do pai tocar sua testa, e se esforçou para abrir os olhos e sentar. Parecia que o seu corpo estava sendo remontado, como o C-3PO quando era consertado depois de ter sido danificado. Mas os cabos estavam indo para os lugares errados. Ela tentou mover as pernas, mas elas não mexiam. As últimas manhãs tinham sido assim. A cada dia era mais difícil acordar.

A luz entrou com mais força pelas suas pálpebras.

Às vezes, antes de acordar, era difícil deixar de ser uma Jedi. A lua do bosque de Endor era linda. As estrelas do setor Moddell eram radiantes. Todo dia dava mais vontade de continuar lá. Seria tão fácil!

Ela devia se concentrar, era o que tinha que fazer. Precisava lembrar de quem precisava dela na Terra. Então ficou repetindo a mesma frase na cabeça: Eu sou Sophie Argall, tenho oito anos, minha mãe e meu pai são campeões. Eu sou Sophie Argall, sou a humana usando uma calça rosa de pijama e uma camiseta de *Guerra nas estrelas*, e mamãe e papai precisam de mim.

Sentiu uma mão acariciando sua bochecha.

— O que a gente vai fazer? Você não acha melhor eu esquecer as Olimpíadas?

— Não. Por quê?

— Para cuidar de Sophie. Passar mais tempo com ela.

— A gente já falou sobre isso. Mantenha seu foco na corrida. Você consegue ganhar de Zoe.

— Eu sei.

— Então ganhe, e aí se prepare para as Olimpíadas. A gente se preocupa com o restante depois.

— E se não tiver um depois?

— Não diga isso.

— Mas e se não tiver?

— Pare, por favor.

— E se eu conseguir chegar até as Olimpíadas e Sophie... sabe... não? E eu passarei o resto da minha vida sentada aqui com uma medalha de ouro com a sensação de que podia ter feito mais por ela. Sabe? Você consegue se imaginar colocando essa medalha no pescoço?

— É exatamente esse tipo de pensamento que você precisa afastar. Sophie vai ficar bem.

Sophie sentiu a mão do pai em sua testa de novo.

— Olhe — disse ele—, não tem por que nós dois ficarmos esperando que ela acorde. Por que você não sai para pedalar um pouco, clareia a cabeça e chega cedo no velódromo, que nem Zoe?

Kate ficou um tempo em silêncio e Sophie a escutou beijando o pai.

— Obrigada.

— O prazer é meu. Agora dê o fora daqui e ganhe a corrida. Ligue quando a tiver destruído, ok?

— Jack...

— Pare. Sem drama. Você é a melhor. Agora vá.

— Amo você, Jack.

— Enquanto eu sou só um ator pago para interpretar um homem que a ama.

— Odeio você.

— Não me importo.

Sophie ouviu a mãe sair do quarto, em seguida ouviu outra vez a voz do pai, suave, perto de seu ouvido.

— Você está bem, pequena? Meu Deus, você está muito quente... queimando.

Sophie abriu um pouco os olhos e teve que fechá-los com força logo em seguida, porque a luz era a luz mais forte de todo o universo. Às vezes seus pais diziam para ela não olhar diretamente para o sol. Bem, essa luz era mais forte que a luz do sol. Se você morasse no sol, esse seria o tipo de luz que seus pais ficariam dizendo para você não olhar. Era forte assim.

— Sophie? Você está me ouvindo? — perguntou o pai.

Sophie sabia que tinha que acordar de vez agora, antes que ele começasse a se preocupar. Jack tomou fôlego para falar de novo, e ela usou toda a Força nos músculos para sentar direito na cama, por mais que doesse. Sua cabeça latejou, ela abriu os olhos mas a luz era forte demais... e acabou vomitando. De repente, nessa luz mais forte que o sol, o pai dela ficou quieto, o quarto ficou silencioso, e não havia qualquer barulho além das batidas fortes e duras do coração de Sophie em suas costelas.

Barrington Street, 203, Clayton, Região Leste de Manchester

7h55 da manhã

— Eu estou bem — disse Sophie. — Estou ótima.

Jack limpou o vômito e deu um banho nela. Esquentou uma toalha no aquecedor para enxugá-la.

— Você vai vomitar de novo? — perguntou.

Ela negou com a cabeça.

— Tem certeza?

— Sim.

Ele ajudou Sophie a se vestir.

— Café da manhã?

— Ainda não.

— DVD?

Sophie deu de ombros.

— Quer jogar?

— Ok.

Jack encontrou o iPad da menina e a observou passando o dedo pela tela, letárgica. Deu um pouco mais de paracetamol líquido na colher, que Sophie tomou sem desviar os olhos da tela. Tirou o boné de *Guerra nas estrelas* da cabecinha careca da filha, que o ignorou completamente, concentrada no jogo.

Ficou aliviado por vê-la se distrair com alguma coisa. Desceu as escadas para pegar o café da manhã dos dois e contar as pílulas do dia, na taça de prata. Preparou uma tigela do cereal preferido de Sophie para a menina e uma de granola para ele, enquanto ouvia The Exploited no som da cozinha. Subiu as escadas assobiando a melodia, e quando chegou no quarto de Sophie encontrou-a caída no chão, a bochecha pressionando a tecla G na tela do iPad.

Jack a agarrou, ergueu a filha e olhou em seu rosto. No início Sophie não reagiu, mas então seus olhos abriram e ela olhou para o pai.

— *O que foi?* — perguntou.

— Sophie, você está bem?

— *Sim!*

Sophie afastou o pai com a mão. Seu rosto estava vermelho, e havia um pouco de baba pendurada no canto da boca. Ela não reparou.

— Sophie, você desmaiou?

Sophie balançou a cabeça, furiosa.

— Eu estava só *descansando*.

— Você caiu em cima da tela.

Ela se agitou para afastar as mãos de Jack.

— Eu. Estava. DESCANSANDO!

Jack hesitou. Talvez estivesse preocupado demais. Olhando para Sophie, agora — vendo a força de sua indignação—, ela não parecia muito mal. Era difícil saber o que abstrair e no que focar. Quando saiu, Sophie estava concentrada no jogo. Quando voltou, menos de dez minutos depois, ela estava totalmente inconsciente. Será que ele devia marcar uma consulta com o pediatra, levá-la para o pronto-socorro, chamar uma ambulância? Era necessário, de alguma maneira, assumir responsabilidade pelos problemas que podiam ser considerados controláveis, agora que não havia mais como controlar os problemas.

Jack engoliu em seco.

— Tenho certeza de que não é nada, mas acho que talvez seja uma boa a gente passar no hospital e de repente pedir para darem uma olhada em você.

Renault Scénic Prata

8h45

Jack colocou a filha no carro e seguiu para o hospital, dirigindo mais rápido do que seria prudente.

— Pai! — gritou Sophie.

— O que foi?

— Ande mais devagar!

— Desculpe.

Ele diminuiu, mas voltou a aumentar a velocidade aos poucos. Ouviu Sophie se remexendo no assento traseiro e suspirou.

— O que foi? Você precisa fazer xixi?

A pobre garota estava estressada porque ele estava estressado. Os nervos de Jack estavam em colapso. Provavelmente tinha reagido de maneira exagerada à temperatura alta. Esse tipo de coisa acontecia sempre, mas ele entrou em pânico. Tinha apressado Kate para sair de casa sem prestar atenção suficiente nela, sabe-se lá o que Deus ia fazer com o moral da mulher, e agora estava a caminho do hospital, onde o pediatra daria um sorriso reconfortante, o chamaria de “pai” e mandaria os dois de volta para casa com instruções de dar paracetamol para Sophie a cada quatro horas, até que a febre diminuísse.

Diminuiu a velocidade, pensando se não seria uma boa desistir do hospital e voltar para casa.

— Sophie — disse, calmo—, se você não precisa fazer xixi, pode por favor parar de chutar o meu banco?

Ela não parou. Jack decidiu ignorá-la por um tempo. Ficou atento ao primeiro retorno de volta para casa.

— Quer ouvir um pouco de música? — perguntou.

Sophie respondeu aumentando a frequência dos chutes. Ele sentiu uma irritação crescer.

— Não vou fazer esse jogo hoje, Sophie. Vou entender isso como um “sim”, então.

Colocou De Rosa cantando “New Lanark” e apoiou a cabeça no encosto, relaxando ao som das guitarras. Tentou segurar no volante com um pouco menos de força. Precisava se acalmar.

Respirou fundo.

— Desculpe ter interrompido o seu jogo. Você ainda está se sentindo mal?

Não houve resposta do banco de trás. Os chutes continuaram, um pouco mais fracos, mas ainda irritantes.

— Não precisa ficar emburrada.

Jack suspirou, e ligou os limpadores de para-brisa. Tinha começado a chover. A chuva fria de abril trazia um cheiro de mudança. Aquilo o incomodou, por alguma razão obscura.

A chuva ficou mais forte. Jack colocou os limpadores em velocidade máxima e aumentou o ar quente para que os vidros não embaçassem. Viu um retorno se aproximando à esquerda. Ligou a seta, mas hesitou e desligou o aviso. O hospital ficava poucos minutos à frente. Não seria o fim do mundo levar Sophie para um check-up rápido. Depois eles poderiam dividir um chocolate quente, da máquina no saguão do hospital. Sessenta *pence*, código A3 — ele conhecia as opções de cor.

— Sophie — disse—, se você parar de chutar o meu banco, após a consulta no hospital podemos tomar alguma coisa gostosa, o que acha? E depois iremos para a loja de brinquedos e eu posso comprar uma estatueta nova do *Guerra nas estrelas*. Qualquer uma que você escolher. Que tal?

Não houve resposta.

— Sophie?

Nada.

Jack ajustou o espelho retrovisor para vê-la.

A cabeça de Sophie estava pendendo, inerte. Tinha os olhos virados e os braços torcidos.

Ele parou no encostamento, tirou o cinto de segurança num movimento rápido e se jogou no banco de trás. As pernas de Sophie davam chutes involuntários. Jack soltou a filha do assento especial e a deitou. Sophie continuou se contorcendo. Ele segurou seus braços e tentou interromper as convulsões, mas havia uma força terrível dentro dela.

Jack sentiu o sangue esvair-se de sua cabeça. Não conseguia pensar em nada. Soltou uma das mãos, pegou o telefone no bolso e fez a ligação de emergência. A voz perguntou de que serviço precisava, e ele não soube responder. A voz era fria e profissional. *Polícia, bombeiros ou ambulância?*, perguntou. Dentro do carro, De Rosa desvendava o melancólico tecido prateado de um sonho. Dentro de si, tudo o que Jack conseguia ouvir era um grito alto e fino. A voz no telefone perguntou qual era a natureza da emergência e Jack finalmente conseguiu gritar que precisava de uma ambulância, mas a natureza real da emergência era que ele e Kate tinham mentido para si mesmos sobre o que estava acontecendo. A natureza da emergência é que tinham puxado uma cortina entre a degeneração de sua filha e seus sonhos de ouro, e não havia qualquer espécie de veículo com qualquer tipo de equipe especializada dentro, ou sirene, que pudessem despachar para resolver essa situação.

Centro Nacional de Ciclismo, Stuart Street, Manchester

9h00

Tom deixou o velódromo reservado por quatro horas, a partir das dez da manhã. Às nove verificou de novo as bicicletas das duas, enquanto os atletas juniores treinavam na pista. Na cozinha ao lado de seu escritório, no complexo de salas embaixo da pista, preparou uma boa quantidade de bebidas isotônicas, separou-as em garrafas e acomodou-as em um *cooler*. Pegou mais garrafas e preparou as bebidas de recuperação das garotas. Zoe preferia uma mistura de proteína em pó liofilizada, que vinha em uma embalagem preta e dourada cheia de promessas nutricionais extravagantes. O cheiro daquilo revirava o estômago de Tom, mas o líquido era perfeitamente otimizado com minerais e os aminoácidos essenciais. Kate preferia leite desnatado batido no liquidificador com frutas e mel. Tom comprava leite e frutas frescas uma vez por semana e guardava no refrigerador de seu escritório, na prateleira acima das amostras de sangue e de urina.

Colocou as bebidas das garotas nas garrafas, que também foram para o *cooler*. Eram vinte para as dez, e as mãos de Tom tremiam de ansiedade. Levou o *cooler* para o lado da pista, e observou os juniores se preparando para irem embora. Todos tinham menos de dezesseis anos e ainda achavam que tinham muita sorte por estarem ali.

Às dez horas ele chamou a equipe da sala de manutenção para varrer a pista e passar a máquina por todo o circuito, limpando cada resquício de suor, lubrificante e graxa. Ligou para a sala de controle e pediu que colocassem a iluminação no máximo, o mesmo ajuste que usavam para competições noturnas. Pediu para inicializarem a câmera Lynx, que fazia fotos da linha de partida e de chegada. Às dez e meia o fisioterapeuta chegou e preparou duas bicicletas estacionárias de acordo com as dimensões de Kate e de Zoe, em pontas opostas da área de aquecimento.

Com tudo pronto, Tom sentou-se num banco ao lado da pista de onde podia ver a entrada principal. Imaginou que Zoe seria a primeira a chegar.

Kate chegou às dez para as onze, desceu as escadas e largou a mochila ao lado da pista, fazendo um barulho que ecoou no espaço vazio. Beijou Tom nas duas bochechas.

— Eu não preciso perguntar se você está pronta.

— Eu me sinto ótima. Foi uma boa ideia.

— Dormiu bem?

Ela sorriu.

— Posso dormir quando isso tiver terminado. Zoe está se trocando?

— Ela ainda não chegou.

Kate piscou, surpresa.

— Ok.

— É, eu sei. Acha que ela descobriu um novo jeito de confundir sua cabeça?

Kate riu.

— Pare com isso. A gente já superou essa fase.

Tom estendeu a mão.

— Ainda assim, é melhor deixar seu celular comigo.

Kate suspirou enquanto lhe entregava o aparelho.

— Não precisa, mesmo.

Tom enfiou o telefone no bolso.

— Regras da competição. Vamos deixar vocês duas separadas até a corrida começar. Administraremos isso como qualquer grande evento. Sem contato entre vocês. Sem jogos psicológicos. Vou fazê-las usarem o vestiário uma depois da outra, e então vou isolar as duas e vocês vão se aquecer em lados opostos do espaço.

— Ok.

Tom segurou o cotovelo dela.

— Só dessa vez, vamos limitar a competição ao que acontece na pista, pode ser?

Mandou Kate para o vestiário e se sentou de novo, para continuar esperando. Ela saiu do vestiário às onze e Tom falou para ela ir se aquecer com o fisioterapeuta, na bicicleta estacionária. Às onze e dez ligou para Zoe, mas caiu na caixa postal.

— Zoe — disse —, você já devia estar aqui.

Dez minutos depois, três funcionários bem-vestidos do Ciclismo Britânico chegaram para testemunhar a corrida. Uma chuva forte caía do lado de fora, e eles entraram no velódromo sacudindo os guarda-chuvas e reclamando por terem sido chamados. Tom explicou as regras da corrida: melhor de três, a vencedora continuaria sujeita ao novo procedimento de seleção olímpica, e a perdedora anunciaria formalmente que não estava disponível para a seleção. Sem qualquer jornalista, amigo ou familiar presentes, nada de coletivas de imprensa, nenhum equipamento de filmagem além das câmeras da linha de partida e de chegada. Deu uma cópia da documentação para cada um dos funcionários e os quatro assinaram. Tom explicou como as corridas seriam organizadas, com um funcionário agindo como juiz da partida e os outros dois segurando a bicicleta das atletas antes do apito. Em seguida os três se portariam como árbitros da corrida, e Tom não tomaria parte no processo.

Colocou os funcionários em seus lugares e organizou um lanche com café e biscoitos para eles. Às onze e meia, ainda nada de Zoe. Para se acalmar, Tom verificou novamente as duas bicicletas. Limpou manchas invisíveis de sujeira da pista. Testou o equipamento de fotos, atravessando a pé a linha de partida e pedindo para o pessoal na sala de controle ver se a imagem estava sendo capturada e exibida nas telas.

Ligou para Zoe e caiu na caixa postal de novo. Deixou uma mensagem que ele se esforçou para

soar neutra. Caminhou até a área da recepção e olhou para o lado de fora. O céu estava cinza-escuro, o tempo não dava sinais de melhoria e, ainda, nada de Zoe.

Kate já estava totalmente aquecida e Tom foi até a esteira onde o fisioterapeuta a ajudava com alguns alongamentos leves.

— Tudo bem? — perguntou, despreocupado. — As pernas ainda tão presas no corpo?

Ela ergueu os olhos para enxergá-lo.

— Alguma notícia?

Tom negou com a cabeça.

— E se ela não aparecer?

Ele olhou para o relógio.

— Ela ainda tem vinte minutos. Você conhece Zoe. Está fazendo um jogo. Deve estar escondida na esquina, se aquecendo.

Mesmo enquanto dizia essas palavras, Tom tinha consciência da chuva pesada martelando a claraboia que cobria o velódromo. Kate ergueu os olhos para o teto, protegendo-se da luz forte com a mão.

— É, mas e se ela não aparecer?

Tom suspirou.

— Os funcionários estão aqui. Os papéis estão assinados. Se ela não entrar por aquelas portas até o meio-dia, você vai para as Olimpíadas e ela não. Ela está ciente das regras de hoje. Vocês concordaram com os termos.

Kate balançou a cabeça.

— Se tiver acontecido alguma coisa, eu não a sujeitaria aos termos.

Tom meneou a cabeça na direção dos funcionários.

— Aquelas pessoas sujeitariam. Infelizmente, noventa por cento de uma corrida trata-se de chegar na merda da linha de partida. Você devia entender isso melhor que qualquer pessoa no mundo.

Ele observou o rosto de Kate enquanto ela digería a informação.

— Deixe-me ligar para ela, ok?

— Não. Está vendo? É assim que ela entra na sua cabeça. Ela vai chegar. Você só precisa manter o foco na sua própria corrida.

Kate fechou os olhos, e respirou fundo.

— Tudo bem.

Faltando dez minutos para o meio-dia, Tom subiu as escadas até a recepção e ficou olhando para a rua pelas portas da frente. Sentia um peso no peito, estava enjoado e nervoso. Por que Zoe tinha que ser assim? Por que ela não podia só usar o talento que tinha na pista, sem despedaçar todo mundo ao redor antes?

Lá fora a chuva diminuía. O sol de abril iluminou o asfalto úmido. Carros passavam por cima das poças, lançando jatos de água nas calçadas.

Zoe apareceu atravessando as poças em sua bicicleta de treino, que largou na curva antes de passar correndo pelas portas do velódromo às oito para o meio-dia. Estava ensopada, o cabelo molhado e a mochila pingava na recepção.

Parou a dois metros de Tom e ficou olhando para ele, ofegante. Um pouco de vapor começou a sair da calça jeans molhada e do moletom preto com capuz.

A raiva de Tom se dissolveu e ele se apressou para diminuir a distância entre ambos.

— Droga, o que foi que aconteceu?

Ela baixou os olhos e fungou.

— Eu quase caí.

— Da bicicleta?

Zoe deu de ombros.

— Da minha torre.

Ele não soube como reagir. Depois de uma longa pausa, disse:

— Pelo menos você está aquecida.

— Diga o que eu preciso fazer.

Ele olhou para o relógio.

— Você consegue se trocar em quatro minutos?

— Sim.

— Então vá. Sua bicicleta está pronta. Vejo você na linha de partida. A gente fala sobre isso depois, ok? Eu e você. Vamos sair para tomar um café. Mas agora só quero que você entre naquele seu estado mental de competição. Não existe mais nada, certo? Não olhe para Kate, no caminho. Não olhe para os funcionários. Só troque de roupa, ande até a linha de partida e mantenha os olhos em mim. Eu vou cuidar de você, Zoe.

— Ok — sua voz a traiu e deixou transparecer uma leve insegurança.

Tom estendeu a mão.

— Telefone.

Ela pegou o celular do bolso da calça e entregou, obediente.

Tom colocou o aparelho no próprio bolso.

— Por que você ainda está aqui?

Ela correu para descer as escadas. Tom foi atrás. Mesmo quando estava angustiada, havia certa graça no jeito de Zoe se mover. Enquanto Tom seguiu mancando, os joelhos destruídos rangendo, Zoe fluía com facilidade, como se fosse um raio de luz. Seu movimento continha um senso inconsciente de direito, como se o tempo e o espaço encolhessem a barriga para deixá-la passar, como fazem os leões de chácara de uma boate ao deixar uma celebridade entrar.

— Merda — sussurrou Tom, em voz baixa. Foi só nesse momento que percebeu o quanto queria que Zoe vencesse.

Um telefone vibrou em seu bolso. Era o de Kate, e o nome de Jack apareceu na tela.

Ele atendeu.

— Olá — disse —, sou eu. Estou recebendo as ligações de Kate até que a corrida acabe.

Jack não respondeu.

— Jack — repetiu, falando mais alto. — Sou eu, Tom.

Quando a voz de Jack veio, soava estranha.

— Estou com um problema aqui. Uma merda de um problema. Eu estou no pronto-socorro e eles levaram Sophie e preciso falar com Kate...

— Certo. Ok. Devagar.

Tom estava chegando na pista. Virou as costas para Kate, a área de aquecimento e os funcionários, colocando a mão em concha ao redor do telefone.

— O que você está fazendo no pronto-socorro? Kate não me falou nada.

— Ela não sabe. Sophie teve uma febre e eu a estava levando para fazer um check-up e de repente piorou. Piorou muito. Eu não sei o que está acontecendo, então você pode, por favor, dizer

à Kate que Sophie precisa dela aqui? Ou, melhor, posso falar com ela, por favor?

Tom hesitou.

— Você sabe o que será decidido aqui, certo?

— Sim, eu sei, Tom, mas isso é... merda, quero dizer, isso é...

— É, é, ok, já entendi.

Tom olhou para a área de aquecimento. Kate estava pulando de pé em pé, ligada por conta da adrenalina, esperando Zoe sair do vestiário. Já estava com o capacete e não dava para ver seus olhos.

Ele respirou fundo, para se acalmar.

— Escute. É uma escolha sua. Estamos a cinco minutos da corrida. Vou ser honesto e lhe dizer que Kate parece ter boas chances de ganhar. Você precisa dela aí, ou precisa que ela faça o que tem que fazer por aqui? É a sua família. Você decide o que é melhor.

Houve um breve silêncio do outro lado da linha.

— Você quer dizer que acha melhor não contar para ela? — perguntou Jack.

— Quero dizer que acho melhor contar para ela depois da corrida. Se ela ganhar em duas voltas e não tomar banho depois, chega aí em quarenta minutos. E no meio-tempo você vai estar com Sophie e pode segurar a onda. Kate está aqui e essa é a corrida mais importante da vida dela, é isso que eu quero dizer.

— É, mas e se alguma coisa... sabe... *acontecer*, e eu não tiver contado para ela?

— É, mas e se tudo ficar bem, e você contar isso para ela agora? Seria a terceira Olimpíada que ela perderia. Sou o treinador dela, Jack. Eu estou contando, mesmo que você não esteja.

— Isso não é justo, Tom.

Tom suspirou.

— Eu sei. Nós dois estamos estressados. Olha, é como eu falei, a escolha é sua.

— Posso falar com ela? — perguntou Jack.

Tom olhou para a área de aquecimento. Zoe já estava lá, com o traje de competição, colocando as luvas. Eles trocaram um olhar. Ela olhou para ele desesperada.

— Ok — respondeu Tom, baixinho —, vou passar o telefone.

Ele gesticulou para Zoe ir para o lado oposto da área de aquecimento e levou o telefone até Kate. Tom sentiu que passar o aparelho para sua atleta era um ato de traição.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ela.

Tom manteve a expressão neutra.

— É Jack.

— O que foi?

Ele deu de ombros.

— Jack.

Ela pegou o telefone com a mão enluvada.

— Jack? Está tudo bem?

Tom viu o próprio rosto refletido no visor do capacete. Kate atendeu insegura, mas depois de um tempo abriu um sorriso.

— Ah, Jack...

Continuou com o telefone no ouvido, e Tom viu seu rosto corar por baixo do visor, e o sorriso se expandindo.

— Eu vou — disse Kate. — Obrigada. É. Eu sei que consigo.

Tom a observou ganhar forças ao ouvir a voz do marido, pressionando cada vez mais o telefone

na bochecha.

— Também amo você — disse Kate, e ele viu duas lágrimas pequenas escorrerem pela sua bochecha até alcançar o queixo.

Quando encerrou a ligação, se virou para o treinador.

— Obrigada, Tom.

— Pelo quê?

— Por deixar que ele me desejasse boa sorte.

Unidade Pediátrica de Tratamento Intensivo, Hospital Geral North Manchester

11h58

Jack pôs o telefone de volta no bolso e desabou numa cadeira. Seu cérebro fervilhava. Não sabia se Sophie estava dormindo ou inconsciente, e as enfermeiras se encontravam ocupadas demais para falar com ele. Sua filha estava em silêncio, mas o corpo dela ainda respondia através das máquinas de monitoramento, que bipavam e faziam suas marcações. Jack viu os sinais vitais na tela. De acordo com os instrumentos da Siemens, o coração de Sophie batia oitenta e oito vezes por minuto. Ela estava respirando, sem ajuda de aparelhos, vinte e duas vezes por minuto. Jack notou que estava batendo o pé no chão no ritmo dos monitores. Seu corpo começou a agir de uma maneira estranha, como se estivesse tentando forçar Sophie a sobreviver.

Quase tinha contado tudo para Kate. Era insuportável assumir essa responsabilidade sozinho.

Vendo Sophie deitada, sua respiração condensando dentro da máscara de oxigênio translúcida, os pensamentos de Jack tomaram uma direção terrível. A noção de que talvez Sophie morresse sempre estivera lá, desde quando fora diagnosticada pela primeira vez, mas de alguma forma a coisa sempre pareceu um ponto distante no mapa, uma Costa do Marfim, um lugar que não era ostensivamente amedrontador porque o próprio medo mantinha as pessoas afastadas. Era o tipo de lugar aonde pessoas mais corajosas iam. Ou, ao menos, o tipo de lugar que lhe daria bastante tempo para você arrumar as malas antes de ir. E ainda assim lá estava ele, de repente, na roupa de ginástica, com as chaves de casa, do carro, o celular e cinco libras e alguns *pence* no bolso, vendo Sophie num estado que podia muito bem estar próximo da beira da morte. Era essa a natureza do tempo: uma escadaria larga e elegante em espiral descendente, com os últimos doze degraus inesperadamente apodrecidos.

Ele precisava de Kate. Precisava segurar a mão dela. Se essa fosse a queda final, e eles não caíssem juntos, acabariam por cair em lugares diferentes.

Tentou se manter ocupado. Colocou os fones de ouvido e pôs “The Proclaimers” para tocar. Escolheu a música “500 miles”, a favorita de Sophie. Quando chegou no refrão, pegou um dos fones e colocou no ouvido dela. O ritmo da canção entrava e saía de sintonia com os batimentos cardíacos de Sophie. Sua expressão não se alterou.

Ele se inclinou para sussurrar que Kate estava vindo, que Sophie precisava lutar e resistir.

Estavam deixando Jack segurar a mão de Sophie agora, e por um tempo isso tinha parecido um bom sinal — uma indicação de que ela estava fora de perigo. Agora ele começava a pensar que as enfermeiras talvez estivessem passando uma mensagem que ele relutava em compreender.

No começo o fizeram esperar do lado de fora, gesticulando para Sophie através do vidro de segurança na porta. Sophie não sabia o que estava acontecendo e Jack fez o que pôde, mas era difícil

dizer com gestos: *Você está bem, você está ótima, todos esses médicos e enfermeiras afobados a seu redor estão exagerando, mas seria rude contrariá-los agora, depois de se esforçarem tanto.* Era uma noção difícil de transmitir, do outro lado do vidro grosso. Tinha que calcular a refração.

Sophie havia sorrido antes de adormecer. Aquele sorriso, emoldurado pelo vidro, estava vivo na cabeça de Jack agora. Os médicos e as enfermeiras tinham aparecido e ido embora, e foi impossível pescar um indivíduo em meio àquela maré de jalecos verdes e perguntar: *Minha filha está morrendo, ou só dormindo?* E, por fim, mesmo naquela situação extrema havia a vergonha. Ele estava envergonhado porque sua filha tinha ficado tão doente sem ele perceber.

Agora Sophie não parecia estar melhorando nem piorando. Os dados emitidos pelas máquinas que monitoravam seu corpo variavam pouco. Jack estava com medo de quebrar o feitiço, de atrair mais a atenção do tempo para a situação de Sophie. Ficou imóvel, sentado ao lado da filha. Naquele quarto, com os monitores ligados, o tempo era um diamante lapidado pela respiração de Sophie e polido por seus batimentos cardíacos. Enquanto esses sons persistissem, continuaria cristalino.

Centro Nacional de Ciclismo, Stuart Street, Manchester

11h59

Kate tomou o cuidado de não olhar para Zoe quando elas se emparelharam na linha de partida. Zoe ficou com a faixa interna pelo sorteio, então estava à esquerda de Kate. Ela não se permitiu pensar no drama da chegada de Zoe, ou no que poderia haver de errado. Manteve o foco na voz de Jack, dizendo que a amava pelo telefone. Deixou as palavras ecoarem em sua cabeça até serem o único som no velódromo, até calarem todas as suas frustrações. Manteve o olhar fixo à sua frente, ajustou a pegada no guidão e fez sua mente se calar.

— Falta um minuto — disse o juiz de partida.

Seus sentidos estavam bem aguçados. Virou a roda para a esquerda e para a direita, testando a adesão do pneu de borracha no verniz da pista. O movimento gerou uma fricção no traje esportivo que irritou a pele no local da recente tatuagem no ombro, o que fez Kate sentir um lampejo de raiva. Ela tencionou e relaxou os grupos musculares, transformando a raiva em potencial. Estava percebendo os detalhes mais ínfimos: a malha ultrafina na parte de trás das luvas, o leve toque de sândalo no perfume da mulher de blazer que segurava sua bicicleta pela parte de trás do selim.

Quando o juiz de partida iniciou a contagem regressiva dos últimos dez segundos, olhou para Zoe pela primeira vez. Ela estava concentrada à frente. Kate sentiu a expansão nos pulmões e a tensão nos músculos de Zoe, como se fossem seus próprios. Nos últimos segundos antes do início, deixou seu corpo entrar em sincronia com o ritmo do corpo da rival.

Quando o juiz de arranque soprou o apito, Zoe saiu numa pedalada tranquila e Kate seguiu dois metros atrás, pronta para cobrir a distância com rapidez caso Zoe acelerasse. Mas ela manteve a velocidade reduzida, virando a cabeça para trás, procurando por qualquer contração que sugerisse que Kate estivesse prestes a acelerar. Quando passaram pela primeira curva, ambas se mantiveram na parte baixa da pista, e no percurso reto Zoe foi para a direita, alcançando a parte alta. Kate a seguiu e elas se mantiveram alinhadas, acelerando para manter a adesão durante a segunda curva, em seguida sustentando a velocidade na reta final. Quando cruzaram a linha ao final da primeira volta estavam aumentando o ritmo gradualmente, e Kate continuava colada em Zoe.

Na metade da segunda volta ainda estavam na parte alta da pista, com Kate à frente esperando

qualquer sinal que indicasse que Zoe estava prestes a correr. Quando alcançaram o topo da curva que precedia a reta final, Zoe virou a cabeça e se preparou para mergulhar na parte mais baixa da pista. Kate reagiu no mesmo instante para segui-la, e já estava totalmente comprometida com o movimento quando viu que fora um truque. Zoe manteve a altura e, quando Kate desceu até a linha preta com os músculos urrando, passando à força máxima de um instante a outro, Zoe a seguiu e colocou em Kate assim que o sinal soou indicando a volta final.

Kate compreendeu as consequências no mesmo instante. Agora que tinha perdido a vantagem, a única coisa a fazer era pedalar muito forte até a linha final. Não havia mais espaço para táticas — ambas estavam na parte baixa da pista, alcançando a velocidade máxima pela reta mais curta, e Zoe estava bem atrás, protegida de boa parte do vento. Se ela não conseguisse pedalar com uma força extraordinária, Zoe simplesmente a continuaria seguindo até os últimos cem metros então sairia de sua cola, ultrapassaria Kate e venceria.

Agora que não havia mais em que pensar, Kate se acalmou. Forçou o corpo até o limite absoluto de força e pensou em Sophie para superar as mensagens de agonia explodindo em suas pernas e pulmões. Ao entrarem na última curva, o esforço estava fazendo faíscas detonarem nas retinas de Kate. Ela saiu da curva e entrou na reta final, sentindo a mudança no fluxo de ar e ouvindo o rugido das rodas conforme Zoe saía de trás dela e chegava a seu lado. Pedalaram cerca de vinte metros lado a lado. Kate dedicou cada átomo de seu ser, e aos poucos, centímetro por centímetro, o ataque de Zoe começou a fraquejar. Ela ficou um centímetro atrás de Kate. Depois à distância de uma roda. Com uma centelha fria e silenciosa de espanto no coração, Kate se deu conta de que ia ganhar. Cruzou a linha de chegada uma bicicleta inteira à frente de Zoe, e começou a reduzir o ritmo, tirando pressão dos pedais e deixando a bicicleta carregá-la por duas voltas enquanto a velocidade diminuía aos poucos. Ao desacelerar, olhou para o lado e viu Zoe, derrotada, pedalando com os ombros caídos e a cabeça baixa.

Zoe olhou para ela, ofegante.

— A próxima vez é minha — disse.

Kate balançou a cabeça, exausta demais para falar, mas, dentro dela, uma pequena e receosa esperança começava a se formar.

Unidade de Tratamento Intensivo Pediátrico, Hospital Geral North Manchester

12h05

Sophie acordou com um gemido e o coração de Jack deu um pulso. Sua voz estava abafada pela máscara e ele teve que se inclinar para escutar direito.

— Pai?

— Sim?

— Posso dizer uma coisa?

— Claro.

— Não tem muita diferença quando você morre, só uma linha brilhante fica em volta de você.

— Eu sei, querida. Eu vi os filmes.

— Mas não são só filmes. A Força existe.

Jack olhou nos olhos da filha e viu que ela estava com medo. Engoliu em seco.

— É, querida. Existe sim.

Devagar, Sophie abriu um sorriso.

— De verdade? — sua voz parecia um pouco mecânica.

— De verdade.

Ela fechou os olhos.

— Eu nunca me senti assim.

— Sentiu sim. Você já passou por situações bem piores.

— Como você sabe?

— Meu trabalho é lembrá-la.

— E como você sabe que está lembrando certo?

— Eu sei. Quando você for adulta, vai entender. Tudo é muito mais claro para nós.

— Pai... eu vou morrer?

— Não, não vai.

— Você me contaria se eu fosse?

— Sim.

— Diria mesmo?

Jack encontrou forças para não hesitar.

— Sim — repetiu. — Eu lhe contaria.

Eles ficaram em silêncio. O ar cheirava a urina e alvejante. Trocaram olhares, cada um tentando ver se havia dúvida no olhar do outro.

Foi um alívio quando Sophie fechou os olhos de novo, uma folga no esforço extenuante de projetar confiança. Só depois que Jack percebeu o que fechar os olhos podia significar para Sophie, naquele momento. Sua mente demorou para se ajustar à situação. Ainda estava reagindo a coisas comuns, de acordo com seus contextos cotidianos. Via os olhos da filha se fechando e pensava, *descanso*. Não pensava *descanso eterno*.

Alguns minutos depois os olhos de Sophie se abriram outra vez. Ela olhou em volta, confusa.

— Por que a mamãe não está aqui?

Jack apertou sua mão.

— Ela está, querida. Ela ficou aqui o tempo todo enquanto você dormia. Só saiu do quarto por alguns minutinhos.

Sophie pareceu aliviada. Afundou a cabeça de volta nos travesseiros.

— Pai, é tão quieto aqui.

— É.

Uma pausa demorada.

— Por que não tem mais médicos?

— Por que você quer mais médicos?

— Para eles fazerem mais coisas. Fazerem eu melhorar.

— Eles estão fazendo você melhorar. Descobriram que você tinha uma infecção. E receitaram antibióticos.

— E se eles não estiverem aqui porque não tem mais nada que possam fazer?

— Eles estão fazendo o que precisa ser feito. Agora o melhor a fazer é esperar e descansar.

— Então por que a gente está aqui, e não em casa?

— É só uma precaução.

— Como você sabe?

— Os médicos me disseram.

— Os médicos diriam para você se eu estivesse morrendo?

— Sim, diriam.

— Como você sabe?

— Eu já lhe disse! Adultos sabem das coisas. É como se tivéssemos óculos especiais e conseguíssemos ver tudo em 3D.

Sophie abriu a boca para questionar, mas Jack viu um brevíssimo lampejo de astúcia nos olhos da filha. A impressão passou e seu rosto voltou a parecer o de uma criança.

— Quando eu vou ganhar os óculos especiais, pai?

— Quando você fizer vinte e um anos, Soph.

— Ainda falta uma eternidade.

— Pois é.

Ela esperou a máquina que contava seus batimentos marcar seis bipes e seu sorriso diminuiu.

— Eu acho que os médicos não contam tudo para você.

— Por que eles não me contariam tudo?

— Porque talvez você chore.

Ela observou o rosto do pai, procurando uma reação, e Jack se esforçou para não demonstrar nenhuma. Em vez disso a abraçou.

— Não tem razão alguma para chorar. Você vai ficar bem.

Depois de um tempo ela voltou a dormir, e Jack se assustou quando Kate ligou. O toque confrontou o ritmo dos batimentos cardíacos e da respiração de Sophie. Destruiu o cristal de tempo que tinha se formado ao redor do quarto. Os fragmentos se dispersaram, substituídos por esse novo tipo de tempo, que chegava na forma de toques antiquados, como o som de um telefone antigo codificado no software do celular de Jack.

Prestes a atender, ele fechou os olhos e escutou a dissonância. Coração, pulmões, telefone. O aparelho continuou tocando, parecendo aumentar o volume e o conflito até que Jack não pudesse fazer nada além de sair do quarto e atender à chamada, fora do alcance dos ouvidos das máquinas de monitoramento.

— Jack? — falou Kate.

Sua voz pareceu linda no silêncio repentino.

— Oi — respondeu ele. — Como está indo?

Ele conseguiu ouvir a exaltação mesmo com o sinal terrível no meio do hospital.

— Eu venci a primeira corrida — disse ela. — Estou mais forte que ela hoje. Acho que consigo ganhar.

— Eu sabia que você ia conseguir.

— Eu também sabia. A gente vai disputar outra em cinco minutos. Se eu ganhar a próxima, acabou. Tenho que ir agora, ok? Eu não devia estar com o celular, mas Tom esqueceu de pegá-lo de volta. E não me ligue porque vai tocar na minha mochila.

Jack sorriu. Sentiu uma leveza no peito quando seu corpo reagiu à voz dela, estupidamente, como se não houvesse mais nada acontecendo. O tempo cristalizado no quarto de Sophie estava perdido, mas aqui havia outro tipo de tempo, que brilhava em ambos, irradiando do calor em suas vozes. Podiam viver ali, só por um instante, e serem felizes. É nesses momentos que uma pessoa vive, afinal, nesses pequenos recortes do tempo. Dá para fazê-los durarem para sempre, ou pelo menos até que alguém lhe diga a verdade.

Olhou pelo vidro. Sophie parecia estar em paz. O monitor de batimentos ainda indicava oitenta

e oito por minuto. O de respiração também continuava igual: vinte e dois. Quem se atreveria a dizer que ela não podia muito bem abrir os olhos de novo, a qualquer momento, sorrir, e tudo ficaria bem?

Ele se forçou a conter o impulso de dizer a verdade, de pedir para a esposa vir, e depressa.

— Boa sorte — disse. — Vá em frente e ganhe.

Quando Kate desligou, ele voltou para o quarto e se sentou ao lado da cama de Sophie. Fechou os olhos e imaginou Kate, sem qualquer preocupação na mente além de sua próxima competição. Sorriu, pois tinha dado algo ainda mais raro que o ouro para a esposa: uma hora além do alcance do tempo.

Centro Nacional de Ciclismo, Stuart Street, Manchester

12h29

Zoe se posicionou no lado alto da pista e observou Kate se preparando para começar a segunda corrida, à sua esquerda. Ela conhecia de cor os rituais de Kate antes de uma disputa: a verificação repetitiva do ajuste no pescoço do traje esportivo, o movimento dos calcanhares para confirmar o encaixe perfeito dos calçados no pedal, os lábios se movendo em silêncio, recitando algum mantra para se acalmar e esvaziar a mente. Zoe a viu baixar a cabeça e encarar a imagem de Sophie, na armação da bicicleta. Viu o sorriso involuntário de Kate. Procurou alguma fraqueza — qualquer assimetria na forma que ela sentava na bicicleta que indicasse inflamação num determinado grupo muscular, ou qualquer alteração no comportamento habitual anterior às corridas que indicasse alguma preocupação. Não havia nada. A única coisa que notou foi uma confiança incomum na maneira de Kate sentar; uma fluidez na linha da coluna que seguia até os ombros e passava a impressão honesta de força.

Zoe fungou e colocou as mãos com luvas no guidão. A confiança de Kate não a incomodava. Se é que tinha algum efeito, era causar uma pontada de arrependimento ao ver Kate decepcionada quando perdesse. Zoe tinha que ganhar — ela ia ganhar—,mas isso não significava que seria agradável para ela encerrar a carreira de Kate. Era só uma questão de probabilidade. Zoe pensou nas vantagens que tinha sobre a adversária. Agora que estava no velódromo, seus pensamentos ficaram mais claros. Na primeira corrida, ela não tinha conseguido se aquecer direito e suas táticas foram desleixadas. Mas agora estava concentrada. Além da confiança, sabia que devia estar menos cansada que Kate. Na primeira corrida, Kate usara toda sua força, enquanto Zoe tinha se mantido no vácuo e enfrentado menos resistência do vento, aumentando o esforço apenas nos últimos metros. Mesmo tendo perdido a primeira corrida, sabia que era a mais preparada para a próxima volta.

O juiz de partida verificou se o apito estava firme na correia ao redor do pescoço. Transferiu o peso para as pontas dos pés. Zoe sabia que a contagem regressiva dos dez segundos começaria em instantes. Por impulso, soltou a correia do queixo e puxou o capacete para trás, de forma a deixar os olhos visíveis por baixo do visor reflexivo.

— *Dez* — começou o juiz.

Quando Kate virou o rosto e olhou para ela, encontrou Zoe a encarando de volta. Notou a surpresa de Kate ao ver seus olhos expostos. Kate voltou a olhar para a frente, e ela prendeu o capacete, reparando na tensão que tinha surgido nos ombros da rival.

— *Três*.

Zoe flexionou as coxas, depois as panturrilhas. Balançou as pernas para relaxar os músculos, então se levantou nos pedais.

— *Dois* — disse o juiz. — *Um*.

O tempo se acumulou como água numa represa enquanto ele erguia o apito até os lábios, e voltou a fluir ao ser liberado pelo sopra.

Zoe deixou Kate assumir a liderança e se posicionou atrás dela. Durante a primeira volta se focou em perturbá-la, saindo de sua linha de visão sempre que ela virava a cabeça. Usando o próprio corpo de Kate para que ela não pudesse vê-la, Zoe a manteve preocupada com a possibilidade de ela acelerar e passar por seu ponto cego. O resultado foi que Kate, no começo da segunda volta, ficou bem encostada na parte de baixo da pista, fechando o espaço interno para que Zoe não conseguisse passar por ali. Zoe subiu um pouco na pista e aos poucos foi aumentando a velocidade, se aproximando de Kate.

Ela estava sorrindo. Adorava isso. Deixou Kate só com duas opções táticas, e ambas eram péssimas. Kate podia ignorar sua aproximação, mas eventualmente seria tarde demais e Zoe poderia usar a gravidade para descer na pista e cortá-la. Ou, se Kate tentasse subir um pouco na pista, para se proteger dessa manobra, acabaria deixando o espaço interno aberto, então Zoe poderia descer e passar por ali.

Kate virou a cabeça, nervosa, e Zoe viu a insegurança da rival aumentar. Mais cedo ou mais tarde ela teria que sair da armadilha que Zoe preparara, seguindo na única direção possível: para a frente, aumentando a força e começando a correr. O problema era que ela tinha levado os músculos das pernas à exaustão na primeira corrida, então quanto antes começasse a corrida, mais vantagem daria para Zoe.

Ao fim da segunda volta, Zoe aumentou a pressão, acelerando subitamente e subindo para a parte mais alta, bem no meio de uma curva. Kate não conseguiu anular a manobra por muito pouco. Em vez disso, ao perceber que Zoe estava uma vantagem muito grande na altura, mergulhou para a parte mais baixa e pedalou com toda a força. Com a gravidade a seu favor, Zoe desceu e assumiu a posição atrás de Kate, protegida do vento. Kate pedalou freneticamente, tentando ganhar distância. Quando soou o sino indicando a volta final, Kate ainda liderava, mas estava na velocidade máxima, e Zoe sabia que conseguiria ultrapassá-la. Pôde ver, pela postura da rival, que Kate também sabia. Zoe relaxou, conservando a energia nas duas últimas curvas enquanto Kate começava a perder velocidade, e então saiu da posição encoberta na reta final para vencer a corrida por uma roda de vantagem.

Ficou bem na frente de Kate quando as duas iniciaram as voltas nas quais reduziriam a velocidade, garantindo que a rival visse apenas sua roda de trás. Manteve a postura firme, sem deixar a cabeça pender pela falta de fôlego. Fingiu que não estava fazendo qualquer esforço até que ambas pararam, e saiu da bicicleta num pulo, como se não tivesse feito nada mais cansativo que dar uma volta pelo shopping.

Depois, esfriando o corpo na bicicleta estacionária, olhou para Kate no lado oposto da zona de isolamento, colocada por Tom entre as duas. Kate estava olhando para ela. Ela baixou os olhos e Zoe desviou o olhar, e a natureza da situação ficou bem clara, apesar do vácuo formado entre ambas. As táticas de Zoe tinham dominado as duas primeiras corridas, e agora, mesmo que cada uma tivesse uma vitória, Kate iria para a corrida final exausta.

Zoe sabia que devia se sentir triunfante. Em vez disso suas pernas ganharam um peso súbito, como se uma mão invisível tivesse aumentado a resistência da bicicleta estacionária.

Os antibióticos intravenosos deveriam salvar Sophie, pelo menos fora isso que o doutor Hewitt dissera. Jack queria acreditar. Ela continuava pálida, caindo no sono e acordando. Jack segurava sua mão e apertava um pouco de vez em quando, como um submarino emitindo ondas pelo sonar, verificando se havia qualquer pressão em resposta.

— Tudo bem? — sussurrou.

— Tudo bem — respondeu Sophie. Sua voz ainda estava fraca por trás da máscara de oxigênio.

— Mesmo?

— Sim. Eu pareço o Vader com essa máscara.

Ela apertou sua mão de volta, e Jack se sentiu melhor.

O doutor Hewitt puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama, de frente para os dois.

— Eu tenho boas e más notícias para você, Sophie. Pode escutar com atenção por um minuto?

Sophie assentiu, provocando um pequeno movimento no travesseiro verde, que tinha o nome do hospital impresso em tinta roxa na borda.

— Bem, a boa notícia é que a gente examinou seu sangue e os resultados foram muito, muito bons. Estou muito feliz, e você também deve ficar. Sei que pode parecer estranho para você, se sentindo mal assim, mas sua contagem de células ruins está bastante reduzida, e, se eu tivesse que apostar, apostaria que a química está funcionando.

— Então por que eu estou assim? — sussurrou Sophie.

— A questão imediata é que a química está deixando o seu corpo muito fraco. Tem uma infecção no seu cateter de Hickman, e é isso que tem feito você se sentir mal. O ideal seria que a gente tivesse descoberto isso antes.

Jack gemeu.

— Sinto muito, Sophie.

— Não se sinta culpado. Muitas vezes os sintomas são indistinguíveis do cansaço generalizado. Esse é o problema. A infecção pode ficar no cateter por um longo tempo, e de repente piorar, sem qualquer razão aparente. Vamos retirar o cateter e limpar bem. Como você está com ele já faz um tempo, muito tecido se formou ao redor do ponto de inserção, então a gente vai ter que sedar você por alguns minutos enquanto puxa o cateter para fora. Tudo bem, Sophie?

Sophie hesitou, os olhos arregalados demonstrando preocupação.

— Não é nada de mais — tranquilizou o doutor Hewitt. — Primeiro limpamos a sua pele com um produto especial que mata qualquer germe que possa estar escondido por aí. Depois fazemos umas incisões curtas, com uma faquinha bem pequena. Você vai estar sedada, o que significa que vai passar o tempo todo sonhando.

Sophie encarou o médico.

— Com o que eu vou sonhar?

O doutor Hewitt olhou para Jack.

— *Guerra nas estrelas* — respondeu Jack, sem hesitar. — Eu prometo.

Ela engoliu em seco.

— Ok.

— Vamos retirar o cateter de Hickman bem devagar, e quando tiver saído da veia vamos passar

um pouco de antibiótico, para tratar o local da infecção. Aí você vai precisar de uns dois pontos, e a gente coloca um curativo em cima.

A mão de Sophie tremia. Jack desejou que o doutor Hewitt parasse de falar. Apertou a mão da filha de novo, e Sophie olhou para ele, encarando-o por alguns segundos sem qualquer expressão, e então, de repente, deu o mais aberto e mais perfeito dos sorrisos. Jack sorriu de volta, feliz. Não havia escolha, era uma resposta física. A sensação era estranha, ter sua coragem devolvida pela própria filha.

— Depois do cateter ser retirado, vamos levá-la para a radiologia e a enfermeira vai tirar um raio X do seu peito, para garantir que não sobrou nada. Aí você volta para cá e a gente acorda você.

Sophie sorriu de novo para o pai, e Jack fez uma careta. Ela riu. O momento se manteve. A luz de abril que entrava pelas janelas pareceu a luz mais clara que Jack já tinha visto. Os ritmos das máquinas de monitoramento eram melhores que qualquer música em seu iPod. Os diferentes barulhos das máquinas, o som fraco dos batimentos em seu ouvido. *Bip, bip, bip. Tum, tum, tum. And AH would walk five HUNDRED miles.* Sophie rindo. Ele rindo junto.

O doutor Hewitt tinha dito que a química estava funcionando. Só agora Jack percebeu que fora isso que ele tinha dito.

— Sophie, depois do procedimento, você vai se sentir mal. Seu peito vai ficar um pouco dolorido, talvez você fique com dor de cabeça e se sinta cansada, ou tenha um pouco de enjoo. Talvez você chegue a vomitar, mas isso é perfeitamente normal, e você não deve ficar preocupada. Só quer dizer que os antibióticos estão trabalhando bem.

Sophie olhou para o pai e revirou os olhos.

— Blergh! — sussurrou. — Vomitar!

Isso foi demais. Os dois perderam o controle e riram até ficarem com os rostos vermelhos. O doutor Hewitt falou mais alto, em um esforço para ser ouvido.

— Desculpe, Jack. Desculpe, Sophie. Vocês estão ouvindo?

Tarde demais. Estavam tendo uma crise de riso.

O doutor Hewitt sorriu e balançou a cabeça.

— Vocês dois são demais, sabiam disso?

— Desculpe — disse Jack —, é que tem sido difícil.

Ele olhou para Sophie e percebeu que nunca se sentira tão cansado nem tão feliz. As máquinas apitavam. A luz da tarde entrava pela janela. A luz tinha surgido no centro do sol, milhares de anos antes de Sophie ficar doente. E alcançou aquele ponto bem no instante em que ela começou a melhorar. Parecia que era a primeira luz que Jack via na vida.

Depois de algum tempo, o médico perguntou:

— Tudo bem, então, Sophie. Vamos lá?

Sophie deu de ombros.

— Tanto faz, Trevor.

Jack seguiu o doutor Hewitt enquanto dois enfermeiros empurraram a cama de Sophie pelos corredores.

O médico se inclinou na direção de Jack.

— Existem alguns riscos envolvidos no procedimento — sussurrou. — Ela deve ficar bem, mas está mais fraca do que o ideal. Só quero deixá-lo ciente.

O estômago de Jack se revirou.

— O que isso quer dizer? Os riscos são grandes?

— Claro que vamos fazer tudo o que pudermos para reduzir as chances de algo dar errado. Vamos usar a menor dose de anestesia e uma equipe de emergência estará preparada caso algo aconteça.

Jack assentiu. Ficou torcendo as mãos enquanto caminhavam pelos longos corredores, sob os auspícios dos olhos supersticiosos de amigos e parentes das pessoas internadas. Jack sabia como estavam se sentindo. Uma criança assim — careca, frágil, com uma máscara de oxigênio — deixava os corredores silenciosos e atraía olhares. Sophie fazia as pessoas se esquecerem das hipotecas para pagar, das obrigações difíceis, das discussões importantes sendo adiadas. Depois que Sophie tivesse passado, todos se reuniriam, em grupos de dois ou três, e admitiriam para desconhecidos que aquele momento tinha sido marcante. *Isso nos faz pensar, não é? Coloca tudo em outra perspectiva.* Diriam coisas desse tipo.

Na sala de cirurgia uma enfermeira sorridente entregou um par de luvas cirúrgicas à Jack. As luvas tinham o desenho de um dinossauro. A mulher ajudou a erguer Sophie da cama e colocá-la na cadeira de rodas e indicou o pequeno cubículo com uma cortina de nylon onde Sophie deveria se trocar.

— Posso me trocar sozinha — disse ela, quando seu pai tentou ajudar.

Sentada na cadeira de rodas, tirou a camiseta de *Guerra nas estrelas*. Vestiu o avental cirúrgico, e Jack o amarrou. Ele tentou não pensar no momento em que tirariam o avental para expor o peito nu da filha, com o cateter de Hickman saindo de dentro de seu corpo.

Havia um adesivo na parede do cubículo. Alguém tinha tentado removê-lo, mas só conseguiram arrancar as pontas. Era uma imagem de um Homem-Aranha azul e vermelho lutando com um Homem-Aranha preto. Sophie encarou o desenho, hipnotizada.

— Pai, eu vou ficar bem?

Jack se ajoelhou na frente da filha.

— Claro que vai. Olhe para mim. É claro que você vai ficar bem.

— Mesmo?

Ele sorriu.

— Prometo que você vai ficar bem.

Foi isso que ele disse.

Deixaram Jack segurar a mão de Sophie enquanto aplicavam a anestesia. O anestesista apertou a seringa até o fim e pediu para ela contar até dez.

Ela ergueu os olhos, encarando-o com um olhar desafiador.

— Vou contar até cem — afirmou.

Jack acariciou seu rosto.

— Comece com um, Sophie.

— Um... — disse, e caiu num sono profundo.

**Territórios Outer Rim, Setor Sluis, 50.250 anos-luz do Centro Galáctico, coordenadas M-19, região coloquialmente conhecida como Sistema Dagobah
12h55**

Uma Nave X-Wing perseguia um caça TIE pela escuridão infinita do espaço.

Com a disputa empatada e suas garotas se emparelhando na linha de partida para a decisão, Tom subiu as escadas e sentou-se naquele lugar da arquibancada onde havia comido uvas com Zoe, treze anos antes. Naquela posição seria mais fácil resistir à tentação de ajudá-la, de acenar com a cabeça daquele jeito e fazer o movimento circular com as mãos, indicando que Zoe devia largar com toda a força. Se ela esquecesse as técnicas, colocasse toda a sua energia logo no começo e conseguisse uma liderança sobre Kate, ele sabia que assim a vitória seria certa. As pernas de Kate estavam detonadas. Mas Tom conhecia Zoe. Sabia que ela continuaria pensando em novas táticas. Na última corrida ela tinha usado a cabeça, conservando a energia e resistindo à tentação de buscar uma vitória fácil contra Kate. Ela mantivera a cabeça fria e ganhara por uma margem pequena, poupando seus esforços ao máximo. Ganhou com elegância. Do jeito que Tom via a coisa, seria perigoso para Zoe tentar ganhar com estratégia de novo. Pegar pesado desde o apito inicial seria feio e brutal, mas garantiria a vitória. Tom queria dizer isso para ela, mas esse é o problema de ser o treinador: você tem que se conter bem quando mais quer se manifestar.

Observou Kate na linha de partida, conferindo várias vezes o ajuste dos pedais. Tentou enxergar por sua perspectiva. Provavelmente estava pensando em formas de diminuir o ritmo da corrida, e, visto que dessa vez Zoe começaria na posição menos elevada, não seria fácil. Se pudesse sussurrar nos ouvidos de Kate, a aconselharia a dar tudo de si assim que ouvisse o apito. Dessa forma, caso Zoe também decidisse usar toda a força, Kate não a deixaria ganhar distância, e poderia entrar logo atrás da rival, mas, se Zoe decidisse começar devagar, Kate poderia entrar na sua frente, diminuir o ritmo, e usar sua liderança para ditar a velocidade da corrida.

Ele praguejou, mas não conteve um sorriso. Depois de quarenta anos de treinamento de alto nível o melhor conselho tático que seria capaz de oferecer a suas ciclistas era pedalar o mais rápido que pudessem.

Mas era terrível ver suas garotas se alinhando, sabendo que uma delas sairia magoada dali. Em menos de um minuto o juiz de partida se apresentaria, e, três minutos depois disso, suas vidas mudariam por completo. Havia uma distância íntima que Kate e Zoe tinham mantido entre si por mais de uma década, ora chamando de amizade, ora de rivalidade, mas sempre a menos que uma bicicleta de distância. A corrida final seria a faca que cortaria essa ligação, e faria com que cada uma seguisse em frente com a própria vida.

Se Tom fosse honesto consigo mesmo, admitiria que a razão que o fizera subir até aquele lugar na arquibancada não era o medo de ceder à tentação de ajudar Zoe a ganhar. Era o fato de ele estar achando cada vez mais difícil resistir ao impulso de descer até a linha de partida e implorar a ambas que não levassem aquilo adiante. Vocês têm trinta e dois anos, queria dizer, então por que não desistem sem que se destruam antes? Mais cedo ou mais tarde as duas vão ter que descer das alturas olímpicas e aprender a caminhar pelos vales da humanidade, incógnitas, com o que ainda restar de suas forças.

Ele se odiava por ter desempenhado o papel de adiantar esse confronto final. Fizera isso para protegê-las da mídia, mas agora preferia ter agido de outra forma. Ergueu as mãos, impotente, tentando imaginar um sinal que levasse ambas a se olharem na pista e compreenderem isso. Talvez um movimento giratório, mas no sentido anti-horário, que transmitisse a mensagem: *Por favor, quando*

ouvirem o apito, esqueçam tudo o que eu ensinei.

Conforme o juiz começou a contagem regressiva de dez segundos, e a tensão da linha de partida se manifestou no corpo de suas atletas, Tom baixou os braços, devagar. Ele era o melhor treinador que conhecia. Não havia mais nada em sua vida, seu foco era perfeito e absoluto. Sabia tudo sobre como tornar os seres humanos mais rápidos, mas não tinha ideia de como pará-los.

Afundou no assento quando o apito soou. Não ficou nem um pouco surpreso quando viu que Kate e Zoe fizeram exatamente o que lhes teria aconselhado, partindo com força máxima nos pedais. Uma vez que Kate havia antecipado seu começo rápido, Zoe não conseguiu ganhar distância, e quando passaram a primeira curva Kate já estava bem colada nela. Com o ritmo forte que estabeleceram no início da corrida, Zoe estava fazendo todo o esforço, e a cada metro que percorriam acrescentava um pouco mais da energia que tinha reservado no decorrer das duas primeiras corridas. Ela virou a bicicleta, alternando entre a parte alta e a parte baixa da pista, tentando expor Kate à resistência do vento. Kate reagiu bem, acertando todas as curvas que Zoe fazia no guidão.

Quando chegaram na segunda volta, o coração de Tom estava a mil. Suas ciclistas iam a toda velocidade, ajustando a direção e o ritmo, a roda da frente de Kate a menos de vinte centímetros da roda de trás de Zoe, que tentava ganhar distância a todo custo. Outra volta dessas e as pernas de Zoe iam ceder, deixando Kate livre para escolher o momento de sair da traseira e ultrapassar a rival. Se Zoe não conseguisse se afastar de Kate bem rápido, logo teria que diminuir a velocidade da corrida até que não fosse mais vantajoso para Kate continuar atrás dela.

Tom viu o perigo antes de acontecer. Ele levantou de novo e tapou a boca com as mãos. Viu Zoe sinalizando, com os ombros relaxados e a cabeça levemente erguida, que estava prestes a diminuir a velocidade. Ou Kate não viu os sinais ou pensou que Zoe estivesse blefando, porque ela não fez ajuste algum. Chegando à velocidade máxima, na parte alta da pista, sua roda da frente tocou na roda de trás de Zoe. A bicicleta de Zoe estremeceu e começou a trepidar, mas ela conseguiu manter a máquina sob controle. Kate teve menos sorte. Seu guidão virou e ela foi jogada para a frente, com os pés ainda presos nos pedais. Derrapou pelas tábuas suaves de lado, ainda presa na bicicleta, até parar na parte baixa da pista, gritando de choque e aflição. Tudo terminou em menos de um segundo.

Tom observou Zoe diminuir a velocidade e olhar para trás, para a oponente caída. Kate já tinha se levantado e estava parada ao lado da bicicleta, impotente, olhando para Zoe. Ela já estava quase parando a própria bicicleta, a cabeça virada para trás. Tom se sentiu enojado. Uma coisa era vencer por um golpe de sorte — a vida era assim, no mundo da corrida — mas ela não precisava se gabar. Podia simplesmente pedalar tranquila até a linha de chegada.

Enquanto ele observava, Kate ergueu um braço devagar e levantou o polegar. Os olhos de Tom se encheram de lágrimas. Todos os sonhos dela se foram com uma batida — o pior jeito de se perder uma corrida — e lá estava Kate, cinco segundos depois, aceitando a situação e dizendo para Zoe que estava bem. Quando seu coração começou a desacelerar, Tom suspirou. Era justamente por isso que Kate ficaria bem, independente da vida pós-ciclismo que a aguardasse, enquanto a vitória só serviria para adiar a desintegração de Zoe.

Ele começou a caminhada dolorosa escada abaixo, para consolar Kate e parabenizar Zoe.

— Vá em frente!

O grito de Zoe ecoou pelo velódromo. Tom ergueu os olhos.

— Suba na bicicleta! — gritou ela de novo.

Tom viu a confusão de Kate.

— Como?

— Ainda falta uma volta, sua preguiçosa! Pode descansar quando isso acabar!

Kate hesitou. Já tinha tirado as luvas e largado-as ao lado da pista.

— Você está falando sério? — gritou em resposta.

Zoe riu.

— Sim. E você?

Tom parou nos degraus, imóvel. Zoe estava mesmo esperando por Kate? Ele não conseguia acreditar. Quase desejou que Kate não estivesse girando as rodas da bicicleta para ver se não havia nada torto, subindo de volta na estrutura e prendendo um pé no pedal. Não queria ver Zoe saindo a toda velocidade antes de Kate ter uma chance de alcançá-la, nem testemunhar o desespero substituindo a esperança hesitante na linguagem corporal de Kate, quando percebesse que era apenas um truque cruel.

Não era. Quando Kate prendeu o segundo pé e ganhou velocidade na bicicleta, Zoe ainda estava esperando, pedalando o mais devagar que podia para não cair. No momento em que as duas emparelharam, estavam entrando na reta final que levaria à última volta. Tom viu elas trocarem um olhar. Passaram um bom tempo se olhando, e depois se voltaram novamente para a frente. Aceleraram sem qualquer sinal ou palavra, lado a lado, e passaram juntas pela linha. O sino da terceira volta soou, e ambas ficaram em pé nos pedais para começar a correr.

Agora não havia táticas, só a última disparada até a linha de chegada. Kate entrou na parte interna da pista e Zoe pedalou a seu lado, ambas com a cabeça baixa, balançando as bicicletas de um lado para o outro enquanto atingiam uma velocidade impossível. Elas abriram a boca, ofegantes, e por baixo do visor dava para ver a agonia do esforço marcada nas linhas de suas mandíbulas. Quando atravessaram a primeira curva da última volta, Kate estava alguns centímetros à frente, mas Zoe ganhou velocidade na reta e fez a última curva com meia bicicleta na frente da rival. A parte interna da pista ajudou Kate a se recuperar, e elas entraram emparelhadas na reta final. Atravessaram os últimos cinquenta metros num borrão de velocidade, nenhuma conseguindo vantagem sobre a outra, e quando deram o impulso final para cruzar a linha de chegada olharam para o lado, tentando ver quem tinha ganhado.

Quarto de Recuperação Pós-Operatório, Hospital Geral North Manchester

13h15

Foi uma cirurgia muito rápida — três cortes de bisturi e uma retirada ágil do cateter de Hickman. As enfermeiras entraram para buscar Sophie antes mesmo de Jack perceber que os cirurgiões haviam terminado.

Agora o silêncio estava deixando Jack inquieto. As enfermeiras tinham saído — deixaram-no sozinho com Sophie. As máquinas de monitoramento tinham sido deixadas em modo silencioso. Ele fez a pergunta com os olhos, mas a respiração de Sophie era tão superficial que o movimento de seu peito não forneceu qualquer resposta. As subidas e descidas do tórax de Sophie, provocadas pela respiração, eram a única coisa que importava para Jack, e sem isso ele se sentia num quarto fora do alcance do tempo. Segurou a mão da filha. Pela abertura de vidro na porta podia ver pessoas andando pelo corredor, cumprindo seus turnos de acordo com os horários para visitas.

— Sophie? — sussurrou.

Acariciou seu rosto. Estava relaxado demais. Isso o preocupou mais do que qualquer outra coisa. Parecia ser de Sophie, mas a anestesia tinha apagado até mesmo o eco de expressão presente em seu rosto durante o sono. Eram os traços de sua filha, reproduzidos com fidelidade nos aspectos superficiais, mas desvinculados do espírito. *Muito realista*, foi a expressão que veio à cabeça de Jack. Ele tentou esquecer o pensamento, mas era impossível.

A umidade do ar era mantida sob controle, assim como a temperatura de dezenove graus. O ar era reciclado pelos dutos de aço com saídas largas e cheirava a tragédias alheias. Jack fechou os olhos e rezou.

Por favor não a leve, disse.

Aguardou. Não recebeu resposta alguma das preces. A mão de Sophie ainda estava inerte, seu rosto totalmente desprovido de expressão.

Se você deixar Sophie viver, vou dedicar a minha vida a ela daqui para a frente. Vou pendurar minha bicicleta, e a vida dela vai ser meu único ouro.

Esse foi o pacto que Jack tentou fazer com o universo. Ele tinha trinta e dois anos. Percebeu que a sensação que teve, segurando a mão de Sophie, durante aquele momento, naquele pequeno quarto, tinha estado com ele desde o começo. Era a sensação que tinha permeado todas as suas conversas, que o tinha corroído por dentro enquanto esperava, de cueca, o alfaiate tirar suas medidas para as Olimpíadas de Atenas. Era a sensação que o tinha dominado, cada vez mais clara, para o olho de sua mente, enquanto ele segurara a mão de Sophie naquele hotel em Pequim.

Jack sempre estivera naquele quarto.

Abriu os olhos, com esperança de ver algum movimento. Mas Sophie continuava inerte.

Centro Nacional de Ciclismo, Stuart Street, Manchester

13h17

Tom e os juízes subiram até a sala de controle, para verem a foto da linha de chegada. Os juízes se amontoaram em volta do monitor enquanto o técnico baixava o arquivo com a foto. Tom não estava preparado para olhar. Ele se sentou no lado oposto da pequena sala, olhando para a pista pelas janelas de vidro de segurança que iam do chão ao teto. As luzes do velódromo tinham sido desligadas e Zoe e Kate estavam de braços dados na escuridão, andando pela pista sem sapatos e sem meias, deixando o corpo se recuperar do esforço. Enquanto Tom observava, ambas ergueram os olhos para a sala de controle. Acenou, mas elas não podiam vê-lo. Do lado de fora, o vidro era reflexivo.

Ele ligou para Jack e caiu na caixa postal. Estava prestes a deixar uma mensagem quando o técnico avisou que a imagem estava pronta. Tom levantou, deu cinco passos até a tela e se obrigou a olhar.

A câmera era capaz de tirar dez mil fotos por segundo, gerando uma imagem da linha de chegada composta por dez mil linhas verticais, que o software organizava lado a lado, da esquerda para a direita, em ordem sequencial. Tom se concentrou na tela. Precisava lembrar que o que estava vendo era o oposto de uma foto normal, que captura um momento suspenso no tempo. Era uma imagem criada para uso de profissionais de segundo fracionado. Mostrava o tempo congelado no espaço, e fazia distorções nos corpos das atletas que ele conhecia tão bem. A qualidade dos

movimentos era bem traduzida do espaço para o tempo, de forma que os rostos e braços eram uma reprodução fiel da realidade enquanto as pernas, que na hora da foto estavam pedalando com grande velocidade, ficavam muito finas quando passavam pela parte superior da volta do pedal, onde giravam com mais velocidade, e mais grossas quando passavam pela parte inferior. As rodas das bicicletas formavam círculos, mas os aros criavam parábolas estranhas que iam do centro até as bordas.

Ver suas garotas espalhadas assim pela tela deixou Tom meio inquieto. Ele tinha perdido uma medalha em 1968 dessa forma. Na época usavam filme normal, exposto de forma contínua enquanto era arrastado por uma fenda vertical fina. A antiga máquina carimbava linhas na imagem a intervalos de um décimo de segundo. Fora assim que ele perdera: por um décimo de segundo. Era o melhor que podiam fazer, na época, e qualquer desfecho que não pudesse ser decidido pela imagem era declarado empate. Naqueles dias ainda restava uma fração de segundo dedicada à noção de que aquilo que Deus uniu, nenhum homem deve separar.

Tom olhou para o rosto de Zoe, que apresentava uma expressão de perfeita paz ao passar pela linha de chegada, e sentiu orgulho dela. Sentiu que, independentemente do que acontecesse, ela tinha vencido a corrida mais importante de sua vida. Era um sintoma dessa era decadente o fato dos três juízes estarem pedindo para o técnico traçar uma linha vermelha vertical pela parte dianteira da roda da frente de Kate, pedindo para que ele aumentasse o zoom, e apontando, cheios de entusiasmo, para um indício quase invisível de luz entre a linha vermelha e a extremidade dianteira da roda da frente de Zoe.

— Merda — praguejou Tom.

O líder da equipe de juízes se voltou para ele.

— Algum problema?

Tom abriu a boca para falar, mas pensou melhor e só balançou a cabeça negativamente. Seria inútil explicar que durante a maior parte de sua vida não houvera tecnologia alguma no mundo que pudesse ter separado as duas nessa corrida. Seria impossível expressar seu ultraje por eles terem atomizado o segundo ao ponto de fazerem com que Zoe perdesse por um milésimo dele.

— Nenhum problema — respondeu.

— Sinto muito — disse o juiz principal. — Quer que eu informe às atletas?

Tom negou com a cabeça de novo.

— Não. Eu faço isso.

Ele levou um bom tempo para descer as escadas até a pista, seus joelhos protestando a cada passo. Zoe e Kate estavam ao pé das escadas, esperando ele se aproximar. Tom se esforçou para manter a expressão neutra, e quando alcançou as duas pegou a mão de Kate com sua mão direita e a mão de Zoe com a esquerda.

— Kate venceu — disse. — Por um milésimo de segundo.

Continuou segurando as mãos das duas com firmeza por um tempo, antes de soltar. As atletas ficaram uma de frente para a outra, paradas, em silêncio, enquanto a informação iniciava sua lenta metamorfose até a compreensão.

— Vocês podem ver a foto, se quiserem — ofereceu Tom.

Zoe não desviou os olhos de Kate.

— Não. Tudo bem. Parabéns.

Os olhos de Kate se encheram de lágrimas. Ela balançou a cabeça e cobriu a boca com as mãos.

— Vamos correr de novo.

Zoe deu de ombros, distante.

Kate se voltou para Tom.

— A gente pode correr de novo? Pela última vez.

— Você sabe que não.

— Desculpe, Zoe — disse ela. — Sinto muito, mesmo.

Zoe não reagiu. Isso preocupou Tom, vê-la parada assim, as mãos soltas ao lado do corpo, os olhos sem foco.

Tocou o braço dela.

— Venha — disse, gentil. — Vamos conversar.

Zoe se afastou do toque levantando o ombro.

— Não temos nada para conversar, não é? É por isso que pintam uma linha de chegada na pista, para você saber quando acabou.

Tom suspirou e baixou a cabeça. Tinha que encontrar forças para agir como o treinador dela, para lhe dar as instruções, minuto a minuto, de que ela precisaria para superar a próxima hora, e os dias de merda que viriam a seguir.

— Vá tomar um banho. Vista-se e venha ao meu escritório. Ok?

Zoe fungou e olhou para a tatuagem dos anéis olímpicos no antebraço, ainda vermelha e inchada.

— Ok — respondeu, finalmente. Pôs-se de frente para Kate e inclinou um pouco a cabeça.

— Vou sentir sua falta — disse.

Kate segurou suas mãos.

— Zoe...

Elas deram um abraço forte, quase doloroso, até Zoe se separar e começar a caminhada até o vestiário. Tom observou-a se afastar por um momento, antes de puxar uma cadeira e chamar Kate para sentar a seu lado.

— Como você está se sentindo?

Ela olhou para o chão.

— Péssima.

— Justo. Você é uma boa garota, Kate, mas ela não deixou você ganhar. Ela só a deixou competir.

— Eu não devia ter subido de volta na bicicleta. Não devia tê-la deixado me fazer continuar.

— Então por que você levantou?

A expressão de Kate murchou, e sua voz saiu num sussurro fino e esquisito.

— Porque eu me esforcei tanto, Tom. Eu queria ganhar. Eu queria ir para as Olimpíadas.

— E agora você vai. Se não quebrar três pernas, ou alguém com qualquer chance de derrotar você surgir do nada nos próximos três meses, você vai para Londres. Pense nisso por um momento, ok?

Kate apoiou a cabeça nas mãos.

— Estou tentando. Mas quando chegar lá eu só vou conseguir pensar: *Zoe que devia estar aqui, não eu.*

Tom passou o braço ao redor dela.

— Zoe vai estar onde deve estar. Se ela não a tivesse deixado subir de novo na bicicleta depois daquela batida teria perdido muito mais que a corrida, e acho que ela sabe disso.

— Ainda me sinto péssima.

Ele apertou o ombro de Kate.

— Você vai conseguir lidar com isso, Kate. Já estava na hora da sua vez chegar.

Eles ficaram em silêncio por um momento, observando a equipe de manutenção arrumar a pista.

Tom respirou fundo e exalou devagar.

— Kate? — chamou, com cuidado.

Ela olhou para Tom com atenção, percebendo a mudança no tom.

— Sim?

— Você deveria ligar para Jack — Ele viu os olhos de Kate se arregalarem e ergueu as mãos. — Tenho certeza de que não é nada grave, mas ele teve que levar Sophie para o hospital.

Kate ficou de pé num pulo, e a cadeira dobrou com um baque. Suas narinas tremiam.

— O quê? Quando foi isso?

A verdade era que tinha sido em outra vida, noventa minutos atrás, quando o que ia acontecer na pista ainda parecia vital. Ele tentou olhar nos olhos de Kate, mas só conseguiu erguer a visão até encarar os pés da atleta.

— Desculpe — disse ele. — Eu acho que você devia ir para o hospital.

Ela ficou em silêncio por um segundo, processando a informação, e Tom observou enquanto ela saía correndo pela área de aquecimento em direção às escadas que levavam à entrada principal.

Tom ficou de pé, dobrando o assento em silêncio, e começou a longa caminhada até seu escritório.

Acesso ao núcleo do reator principal, Estação Imperial de Batalha, mais conhecida como Estrela da Morte

13h55

— Eu sou o seu pai — falou Vader.

— Não! — gritou Sophie.

Ela acordou soluçando, confusa. Seu pai segurava uma de suas mãos, e sua mãe, a outra. Havia lágrimas nos olhos da mãe. Ela estava vestindo o traje de corrida e um casaco impermeável por cima do top.

— Está tudo bem, querida — disse a mãe de Sophie. — Vai ficar tudo bem.

Sophie sentiu um ponto queimando perto do coração e colocou a mão no local familiar onde o cateter de Hickman saía de seu peito. Não estava mais lá. Em seu lugar havia uma ferida aberta que doía muito quando era tocada.

— Fui atingida! — disse. Sua voz estava abafada, uma máscara obstruía a boca. Ela se debateu e tentou sentar, mas o pai a empurrou de volta para os travesseiros.

— Você não foi atingida, querida. É a anestesia. Você vai se sentir um pouco confusa por um tempinho.

Sophie piscou. Ela olhou em volta. Havia um bando de instrumentos com cabos que vinham em direção a seu corpo. Seguiu os cabos até o ponto em que entravam sob um lençol, que a cobria. Levantou-o e viu o próprio corpo, vestido numa bata com o desenho de um dinossauro azul alegre.

Algo estava errado. A mão grande e forte do pai apertava a sua com força, e estava doendo. A mão da mãe estava quente demais — suor escorria pelo seu braço. E o cateter de Hickman não estava lá. Isso não era normal. Não era aqui que ela deveria estar. Era um sonho, Sophie percebeu.

Fechou os olhos e se esforçou para acordar. Havia uma batalha em andamento na lua do bosque de Endor e precisavam dela lá. Não era hora de dormir.

— Sophie — falou seu pai. — Fique com a gente, ok?

Ela abriu os olhos de novo, irritada.

— Você nem é real — disse.

Seu pai sorriu.

— Essa é minha garota.

Ela se debateu, sem forças, e tentou arrancar o que cobria sua boca. A mão da mãe se fechou em volta do seu pulso, impedindo sua tentativa.

— Isso está me sufocando!

— Querida, essa é a sua máscara de oxigênio. Está ajudando você a respirar.

Sophie tentou reagir, mas logo caiu de volta nos travesseiros. Ficou um tempo deitada, recuperando o fôlego, e depois abriu bem os olhos.

— Eu estou atrasada para a escola? — perguntou.

Os pais se entreolharam e abriram um sorriso.

— *O que foi?* — perguntou Sophie, irritada.

Sua mãe se inclinou para a frente e beijou sua testa.

— Você está um pouco atrasada para a escola, Sophie. Uns dois meses atrasada. Mas tenho certeza de que vai recuperar o tempo perdido bem rápido. Cruze os dedos, mas o médico acha que talvez você esteja melhorando.

Sophie fez uma careta.

— Eu não vou fazer aula de reforço com o Barney — declarou.

Os pais riram, o que era muito irritante, porque eles pareciam estar achando tudo o que saía de sua boca hilário.

Ela ficou tão irritada que usou a Força neles, e só devia usar a Força numa batalha, nunca com membros da própria família, mas ela estava tão enfurecida que não conseguiu se conter. Ergueu a mão direita, que estava com todas as veias inchadas por causa dos cateteres presos ao pulso, e apontou o dedão e o dedo indicador para a mãe e o pai. Diminuiu o espaço entre os dedos e franziu o cenho do jeito especial que fazia com que a Força fluísse de sua mão.

Seus pais arregalaram os olhos de medo. Sophie assentiu, satisfeita — não estavam mais tão arrogantes, agora que a situação se invertera. Primeiro o pai e depois a mãe colocaram as mãos na garganta e fizeram barulho de quem está engasgando, lutando para respirar.

Quando decidiu que tinha passado a mensagem, Sophie os liberou. Os dois se jogaram nas cadeiras, ofegantes, e quando recuperaram o fôlego seguraram as mãos dela enquanto as máquinas de monitoramento mostravam seus batimentos voltando ao normal.

— Quer boas notícias? — perguntou sua mãe. — Parece que vou para as Olimpíadas.

Sua mãe a observava, esperando uma reação. Sophie tentou prestar atenção, e, por parecer ser algo importante para ela, fez um esforço. Pensou um pouco nas palavras, tentando captar o significado delas, mas estava exausta. As palavras não faziam sentido. Sophie só conseguia pensar nos dez dedos cor-de-rosa que saíam das pontas dos lençóis. No chão azul reluzente de linóleo, o qual dava vontade de andar de patins. No cheiro leve e limpo do hospital, parecido com sabonete. Era lindo e Sophie ficou feliz. Mas de repente tudo ficou intenso demais, e a escuridão voltou e a engoliu, arrastando-a de volta para o sono.

Tom esperou por Zoe em seu escritório embaixo da pista. Ela estava levando tempo demais no chuveiro, mas ele não a culpou. Zoe tinha duas décadas de ciclismo para enxaguar.

Conseguiu falar com Jack e ficou sabendo que Sophie estava no pós-operatório, muito fraca. Tentou tirar isso da cabeça por enquanto, para aliviar a parte da mente dedicada a resolver problemas e se concentrar nas necessidades de sua atleta.

— Minha atleta — disse, em voz alta, sentindo a sonoridade da frase no espaço morto do pequeno cômodo.

A menos que ela quisesse continuar praticando o esporte num nível mais mundano — e Tom não conseguia mais imaginá-la participando dos Campeonatos Nacionais, nem dos Northwest Seniors—, talvez agora Zoe não fosse mais a atleta de ninguém. O que podia ser dito a uma mulher como Zoe, agora que não havia ninguém sendo pago para dizê-lo? Como seu técnico, Tom sempre soube o que dizer. Tinha sido fácil ajudá-la quando o que importava eram questões como a cadência das pedaladas, ou quantos gramas de proteína deveriam ser consumidos na semana anterior à corrida. Agora que o jogo era a vida real, de repente ficou fácil para Zoe perder. Ela seria impotente num mundo onde a vitória dificilmente era completa e a derrota costumava ser negociável.

Não sabia o que dizer. Não podia protegê-la como tinha feito quando ela tinha dezenove anos. Havia levado Zoe para seu apartamento na semana que passou no hospital, depois da batida de Jack. Tinha cozinhado para ela, conversado com ela sobre ciclismo e, quando Zoe decidiu que não poderia ficar com Jack, a hospedara por mais uma semana e a ajudara a manter a cabeça no lugar. Tomou conta dela da melhor maneira que pôde, e desde então um laço havia se formado entre ambos.

Era difícil pensar em como podia ajudá-la agora. Queria sugerir que Zoe podia ficar com ele de novo, mas tinha medo de perguntar. Talvez a garota imaginasse que ele estava apaixonado, que era um homem velho e solitário, horrorizado com a perspectiva de passar o resto da vida indo para o trabalho, dia após dia, sem poder encontrá-la. E claro que tinha razão — as mulheres sempre têm razão—,mas talvez paixão não fosse a palavra certa. Uma pessoa abandona o direito de se apaixonar por uma mulher de trinta e dois anos no instante em que resolve fazer algo tão imprudente quanto nascer em 1946. Não, não era paixão. Era só que, sem ela, os dias incessantes seriam leões-marinhos no zoológico, subindo no pódio e batendo as barbatanas moles em busca de aplausos, que Tom teria que treinar para produzir. Era um truque que a maior parte das pessoas era capaz de fazer. Talvez com um pouco de prática e uma ocasional taça de vinho tinto, ele também conseguisse.

Zoe entrou no escritório, pálida de tristeza, mais encolhida do que ele jamais a vira.

Como não sabia o que dizer, falou:

— Chá?

Ela assentiu e sentou-se enquanto ele preparava duas xícaras.

— Estou orgulhoso — disse ele. — O que você fez na pista hoje foi a melhor coisa que já vi um atleta fazer.

— Agora eu preferia não ter feito.

— Bem, você é humana. Quero dizer, imagino que seja.

Zoe forçou um sorriso débil e eles tomaram o chá.

Ela o encarou sobre a beira da xícara.

— O que eu vou fazer, Tom?

Ele pegou um bloco de anotações e uma caneta na mesa.

— Vamos fazer uma lista, ok? Primeiro temos que falar com o Ciclismo Britânico e elaborar uma trajetória profissional para você no esporte, encontrar uma posição inicial, colocar as coisas em andamento. Depois seria uma boa montar um comunicado para a imprensa. Antes disso seria interessante que você conversasse com sua agente e com os patrocinadores. A partir daí vamos ter que...

— Pare — interrompeu Zoe, baixinho. Ela apoiou a cabeça nas mãos. — Eu não quero dizer o que vou fazer hoje. Estou perguntando o que vou fazer com o resto da minha vida.

Tom piscou.

— *Vida* é algo extenso, não é? Vamos dividi-la em segmentos menores. Achar um nível de granularidade que dê para manipular... Podemos, por exemplo, pensar em um mês por vez, ou uma semana, e tratar cada um desses módulos como uma unidade de treinamento...

Ele estava entrando no ritmo, usando as mãos para esculpir unidades complacentes de tempo em meio ao ar abafado do escritório. Parou de falar quando percebeu o olhar dela.

— Eu acabei de perder por um milésimo de segundo — disse Zoe. — Não venha me falar de semanas e meses.

Tom colocou o bloco e a caneta não utilizados de volta na mesa.

Ela o encarou, os joelhos balançando, agitados, e a expressão concentrada.

— Você tinha um filho, não tinha?

Ele assentiu.

— Ainda tenho, em algum lugar. Matthew. Não o vejo há... não sei, vinte anos.

— E nesse tempo todo, você nunca falou dele.

— Bem, *eu* nunca fui o centro da questão, não é?

Ele sorriu, mas Zoe não.

— Você já sonhou que está na rua e perde uma criança, e o sonho continua, e continua, e você procura cada vez mais desesperado, e só consegue encontrar os sapatinhos da criança?

O sorriso desapareceu aos poucos do rosto de Tom. Ele encarou Zoe, sem dizer nada.

— A porra dos *sapatos* da criança, Tom. Às vezes eles estão cheios de sangue, até a borda. Tão cheios que se você andar até eles e encostar em um dos lados, mesmo com todo o cuidado, o sangue transborda e pinga nos seus dedos. Nunca?

— Ah, Zoe — falou —, quando é que você vai me contar o que aconteceu com você?

Ela o ignorou.

— Eu tenho esse sonho quase todos os dias. Nas outras noites, sonho que tem alguma coisa me perseguindo. É por isso que tenho tanto medo de ficar sozinha. Você nunca fica com medo?

Ele baixou os olhos, e encarou as próprias mãos.

— Você acaba se acostumando.

Zoe bufou.

— Eu não me acostumei. A única coisa que me ajudava era pedalar. Era o único momento em que eu conseguia pensar em outra coisa.

— Ok — disse Tom. — Então vamos resolver isso. Vamos prestar atenção no que desencadeia os pesadelos e trabalhar em algumas estratégias de enfrentamento.

Ela deu uma risada curta e perturbadora.

— O que desencadeia os pesadelos é estar viva. Acha que eu devia resolver isso?

— Nem brinque com uma coisa dessas.

Zoe desviou o olhar.

— Acho que eu tenho feito menos esforço para continuar viva. Eu corro riscos desnecessários. Pedalo na frente dos carros. Olho do topo do meu prédio para baixo e me inclino para frente, e...

— E o quê?

Os olhos de Zoe reluziram enquanto ela o encarava, o rosto marcado pela tensão.

— Você pode me ajudar a recuperar minha filha? Pode me ajudar a conseguir Sophie?

Tom bebeu um gole do chá e colocou a xícara na mesa com cuidado.

— Esse não é o tipo de pergunta que você possa fazer para o seu técnico.

Ela segurou a mão dele, acariciando o pulso com as pontas dos dedos.

— Eu não estou lhe perguntando como técnico, Tom.

Ele lutou contra o arrepio de prazer que percorreu os nervos aferentes do braço, alcançou a espinha dorsal e evoluiu, ao se propagar pela matriz mais sofisticada do sistema nervoso central, assumindo a forma de uma dor aguda, indistinguível do desejo.

Hesitou e puxou o braço devagar.

— Como seu amigo, digo que sua cabeça ficará fora do lugar até você superar isso. É natural que se sinta como uma merda pisoteada agora. Por alguns dias, vai parecer que é o fim do mundo.

Ela estendeu o braço e com ambas as mãos segurou a dele de novo, estudando-a como se fosse um mapa, capaz de oferecer uma forma de navegar pela conversa.

— Eu confio em você desde que tenho dezenove anos — disse, afinal. — Nunca questionei o que você disse. Quando você sugeriu que Sophie fosse para casa com Jack e Kate...

Ele soltou o braço de novo e colocou a mão dela de volta na mesa.

— Eu nunca lhe disse o que fazer. Você sentiu que não estava em condições de cuidar de Sophie, e todos nós a respeitamos por deixá-la aos cuidados de alguém que estava.

Ela ergueu os olhos.

— Bem, agora eu estou em condições de cuidar dela, não é verdade?

Tom tentou sorrir.

— Espere alguns dias, ok? Descanse um pouco, ponha a cabeça no lugar, e aí a gente conversa sobre Sophie. Ela está doente, Zoe. Não é o momento ideal para ela, nem para você.

— Então quando vai ser o momento ideal?

— Eu não sei. Talvez quando você não estiver mais pedalando na frente do trânsito.

Zoe agarrou a beirada da mesa.

— Você podia dizer que me deu um conselho ruim, não podia? Dizer que eu estava perdida e não sabia o que estava fazendo, e que nunca devia ter permitido que eu desse a minha filha.

— Dizer para quem?

— Para os juízes.

Ele suspirou.

— Você não quer envolver os juízes, Zoe. Se for aos tribunais, a mídia vai junto. Você sabe o que a mídia vai dizer, se tudo isso for revelado?

Ela olhou para Tom e deu de ombros.

Ele se forçou a continuar encarando Zoe.

— Eles vão dizer que Kate Argall desistiu das Olimpíadas pela filha, enquanto Zoe Castle

desistiu da filha pelas Olimpíadas.

Zoe se retraiu.

— Isso não é justo.

Tom deu de ombros, triste.

— Não, mas não deixa de ser verdade.

— Eu achei que era justo eu ter que seguir em frente com a gravidez, porque *você* disse que eles nunca me deixariam em paz se eu abortasse para poder competir. Depois eu achei que era justo ter que ficar quieta sobre ser a mãe de Sophie, porque *você* disse que a imprensa me destruiria caso descobrissem — Zoe falou mais alto, com um tom acusatório.

— Não venha dizer que não era justo.

— É, mas eu *mesma* estou me destruindo. Isso é pior que qualquer coisa que os jornais possam fazer comigo.

Ele tentou manter a respiração estável.

— Você estava de acordo com isso enquanto estava ganhando. Você ganhou medalhas de ouro, subiu naquele pódio e levantou a porcaria dos seus braços para acenar para a multidão.

— Meus braços, Tom? Vamos ver os meus braços.

Ela puxou uma das mangas do casaco com força e mostrou o machucado do acidente, que estava manchando a gaze.

— Esse é uma história real — afirmou. — Se você for rápido demais, vai bater e vai sentir dor para cacete.

Depois puxou a outra manga e mostrou a tatuagem olímpica, pálida e inflamada.

— Esse é uma mentira. *O mais rápido, o mais alto, o mais forte*. Só deixa a pessoa cada vez mais solitária. Todo mundo que me vê em cima do pódio pensa que está vendo algo glorioso, mas só estão vendo um minuto reluzente durante o qual eu me ergo acima da confusão que fiz para chegar até lá. Pense em qualquer campeão que você já conheceu. Pense em mim e em Jack. A gente tem algo errado na cabeça. A gente passa a vida inteira se colocando em primeiro lugar. Agora olhe para Kate, sempre chegando em segundo. Os santos são todos perdedores, Tom. Mas não se ganham medalhas com isso — Zoe balançou o braço machucado—, é para isso que dão medalhas — ela aproximou o braço tatuado do rosto dele, com agressividade, fazendo com que Tom recuasse.

— Você não está enxergando direito.

— Eu consigo enxergar com os meus olhos fechados, Tom, porque dói. Dói para cacete.

Ele suspirou e afundou na cadeira.

— Você queria ganhar. Meu trabalho era ajudá-la a conseguir isso.

Zoe balançou a cabeça, furiosa, com manchas vermelhas de raiva surgindo em seu rosto e pescoço:

— Sinto como se meu coração tivesse sido arrancado. Sinto que se começasse a gritar não pararia nunca. Se você quisesse mesmo me ajudar, teria me avisado oito anos atrás como eu ia me sentir hoje.

Tom a encarou, incrédulo.

— Por favor. Eu não podia mudar você. Ninguém podia.

Zoe deu um sorriso selvagem, quase um rosnado.

— Então seu trabalho era só vender ingressos para o show de aberrações, que nem todo mundo.

— Isso não é justo. Eu me preocupo com você. Sempre me importei. — Ele percebeu que estava ficando vermelho.

— Se você se importa comigo, então me deixe acabar com todas as mentiras. Agora é a minha vez.

Ele a observou, atento.

— O que você quer dizer?

— Eu quero contar a verdade para Sophie. Quero fazer isso hoje.

Tom ergueu as mãos, num gesto de súplica:

— Ela está no hospital, Zoe.

Assim que falou, ele se arrependeu. Zoe tencionou os músculos e se virou na cadeira, preparando-se para levantar e sair.

Ele agarrou o punho dela.

— Por favor, não vá lá agora. Espere só mais um pouco. Eu já vi isso acontecer com atletas no fim de uma longa trajetória. Hoje você vai se sentir pior do que em qualquer outro momento da sua vida, mas, acredite em mim, você tem um futuro.

Zoe se livrou do aperto dele.

— Não sem a minha filha. Estou falando sério, Tom.

Ele olhou bem nos olhos dela e acreditou.

— Eu vou contar a verdade para Sophie — disse ela. — Vou até o hospital para contar agora.

Ambos se levantaram e Tom tentou se colocar no caminho dela, mas seus joelhos queimaram de dor e ele ficou sem forças. Afundou de novo na cadeira.

— Eu não posso impedi-la — falou.

Depois de Zoe já ter saído do pequeno escritório abafado, disse:

— Eu nunca pude.

Encarou as próprias mãos por um instante, então pegou o telefone para avisar Jack e Kate.

Hospital Geral North Manchester

15h30

Zoe chegou na recepção do hospital e assinou sua entrada como parente. Disseram onde Sophie estava, e ela seguiu os avisos até a UTI pediátrica. Andou pelas faixas compridas de linóleo dos corredores, sentindo a fraqueza nas pernas por causa da corrida recente. Na derrota não havia qualquer dose de endorfina que balanceasse as dores. Ela teve que parar para descansar no encontro de dois corredores, apoiando o peso na parede por um minuto até as dores agudas nos calcanhares diminuírem um pouco. A equipe do hospital circulava, caminhando com a eficiência sem drama de corpos que raramente são levados à beira de seus limites operacionais. A dor nos calcanhares fez com que Zoe pensasse em Tom. Era assim que tinha começado, para ele — a artrite, os problemas nas articulações? Será que começou a acontecer no mesmo instante em que ele deixou a vida de atleta? O corpo humano é assim — consegue se manter funcionando até que receba permissão para desmoronar. As pessoas saem andando de prédios em chamas com as duas pernas quebradas, caindo no chão só quando já estão a uma distância segura do fogo. Cônjuges morrem dias depois do outro falecer, e chamam isso de coração partido.

Faíscas douradas flutuavam na vista de Zoe e o chão parecia distante e desigual. Ela não tinha comido nada desde antes da corrida — tinha ficado muito desconcertada para lembrar da bebida de recuperação — e agora seu nível de glicose estava baixo demais. Ignorou a dor nos calcanhares e se

forçou a continuar, seguindo as instruções da recepcionista.

Kate estava sentada no corredor em frente à entrada da unidade de repouso, em uma das duas cadeiras de vinil ao lado das portas vaivém. Do lado oposto das cadeiras havia um aquário com peixes vermelhos nadando calmamente, mordiscando a fina lâmina de alga na parte de dentro do vidro. Um anúncio patrocinado pelo governo recomendava a ingestão diária de legumes, além de ensinar a melhor forma de espirrar.

Kate levantou os olhos quando ouviu o som dos tênis de Zoe no linóleo. Ela não pareceu surpresa em vê-la. Seu rosto estava inexpressivo, marcado pela fadiga. Ainda vestia a roupa de competição e o casaco impermeável por cima.

— Oi — disse, calma.

Zoe fez uma careta.

— Tom disse que eu estava vindo, não é? Eu vou entrar, ok?

Ela colocou a mão na porta.

Kate não olhou para ela.

— Sente-se, Zoe.

Havia algo em sua voz que fez com que Zoe hesitasse.

— Você não pode me impedir — disse ela.

— Eu sei — respondeu Kate. — Então sente.

Zoe fungou.

— Tudo bem — concordou. — Um minuto, e depois eu entro. — Ela se sentou na outra cadeira, e a virou de lado para ficar de frente para Kate.

— Sophie está muito fraca — explicou Kate.

Zoe sentiu o pouco que restava de suas forças indo embora. As luzes douradas passando na frente dos seus olhos se multiplicaram, até ela mal conseguir enxergar. A cadeira parecia estar caindo embaixo dela, o chão ficou escorregadio e Zoe teve que segurar nos braços da cadeira para não cair.

— Ela vai ficar bem?

Viu Kate apertar os lábios, tentando controlar a emoção.

— A gente acha que sim.

Zoe ficou aliviada.

— Graças a Deus.

A boca de Kate se contorceu por um instante e depois se acomodou numa linha pálida e cansada.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Eu me sinto como se tivesse levado uma surra.

Kate assentiu.

— Tom disse que você estava chateada. Disse que você estava pretendendo contar a verdade para Sophie.

Zoe olhou para ela. Era difícil ver Kate como a vencedora, mesmo agora. Desde que tinham dezenove anos, Zoe tinha desenvolvido o hábito de tentar enxergar as fraquezas na postura de Kate, os sinais de hesitação em seu rosto, as inseguranças em seu discurso. Ela soubera usar cada vantagem que Kate lhe concedera, mesmo se arrependendo depois de cada ocasião. Agora não haveria mais um depois. Era difícil se ajustar ao fato de que Kate tinha ganhado — ganhado tudo. Lá estava ela, sentada numa cadeira idêntica à de Zoe, e, ainda assim, saber que ela iria para as Olimpíadas transformava a cadeira dela em um trono. Zoe tinha passado tantos anos envolvida na reverência

pelos jogos que era impossível deixar de sentir sua influência. Todo o poder que tinha investido nas Olimpíadas de Londres agora pertencia a Kate.

O que tornava tudo pior era o fato de Zoe não ter sido derrotada, não de verdade — ela tinha dado uma segunda chance para Kate na corrida de hoje porque parecia a coisa certa a fazer por Sophie, que queria tanto ver a mãe vencer. Sua *mãe*. Enquanto olhava para a pálida rival sentada à sua frente, Zoe ficou chocada ao se dar conta de que Kate nunca a tinha derrotado de verdade em nada. Zoe tinha desistido de Jack, tinha entregado Sophie e cedido o lugar nas Olimpíadas. A única coisa que Kate fez foi ficar por perto, atendo-se pateticamente ao segundo lugar, para estar ao lado de Zoe quando ela perdesse todas essas coisas preciosas. Enquanto Zoe tinha batalhado com fantasmas, Kate tinha limpado sua bagunça como uma dócil dona de casa.

Os olhos de Zoe se estreitaram e ela sentiu uma pequena força retornar ao corpo.

— É — falou —, eu quero contar a verdade para Sophie.

Ela viu os olhos de Kate se enchendo de lágrimas ao absorver as palavras. No tanque do outro lado do corredor os peixes aprisionados se ocupavam com a fina camada verde de limo, balançando as caudas e levantando pequenos grãos de cascalho que caíam em silêncio de volta no chão do aquário.

— Tudo bem — disse Kate, afinal. — Você tem o direito de contar para Sophie, se é isso que precisa fazer. Mas...

Ela se levantou, foi até a cadeira de Zoe e se ajoelhou, pegando sua mão.

— Você é a minha melhor amiga, Zoe. Eu sei o quão difícil isso é para você e acredito que vá fazer a coisa certa por Sophie. Mas você pode esperar? Pode esperar até que Sophie esteja mais forte, e daí nós contamos para ela, juntas?

Zoe olhou para ela e sentiu uma força esmagadora em seu peito. Era assim que eles sempre a atingiam — Kate, Tom e Jack. Falavam de maneira tão doce que ela sentia uma ânsia surgindo das profundezas de si mesma, de algo soterrado que Zoe queria desesperadamente acreditar que podia ser ela mesma. Ela se rendia, só por um segundo, e logo que se dava conta eles lhe tinham roubado mais alguma coisa.

Uma fúria quente surgiu dentro dela.

— Eu não estou falando só de contar para Sophie. Eu quero que a gente faça algo a respeito.

— O quê?

— Eu quero ser a mãe de Sophie, Kate. Quero noites sem pesadelos. Quero tudo o que você tirou de mim.

Kate balançou a cabeça lentamente.

— Ah, meu Deus, Zo, eu não *tirei* Sophie de você. Eu a acolhi porque você... não podia.

Zoe balançou a cabeça, furiosa.

— Vocês *me* enganaram. Todos vocês.

Ela viu a boca de Kate se contorcer num lamento inaudível, quando percebeu que Zoe estava falando sério.

— Por favor — pediu Kate. — Por favor.

— Por favor o quê?

— Você não pode.

— Eu posso. Se você não fizer o que é certo, então iremos resolver nos tribunais. Eu estava péssima, Kate. Não sabia o que estava fazendo.

— Por favor. Você não está pensando em como isso vai ser para Sophie — Kate desabou de

novo no braço da cadeira. — Eu não consigo suportar isso, não consigo suportar.

Zoe olhou para ela, fria.

— Então você devia ter deixado alguma coisa para mim. Você devia ter ficado no chão quando bateu, hoje.

Kate olhou para ela, através das lágrimas.

— É disso que estamos falando? Porque você pode ficar com isso. Pode ficar com o meu lugar em Londres. Eu ligo para o Ciclismo Britânico agora mesmo. Digo que trapaceei, que sabotei sua bicicleta, digo o que você quiser, Zoe, só deixe Sophie fora disso, por favor.

Zoe se levantou e deu a volta por Kate.

— Não. Eu não vou deixar você me enganar de novo. Vou entrar lá agora mesmo e dizer a verdade para Sophie.

Kate agarrou o braço dela.

— *Por favor.* Eu lhe dou qualquer coisa.

Zoe tentou se desvencilhar, mas Kate agarrou seu braço com violência, aumentando o peso nos calcanhares de Zoe até ela ter que engolir um grito.

— Solte-me!

— Por favor, Zoe. Se você tem que fazer isso, pelo menos não faça agora, ok? Eu dou o meu lugar em Londres para você, se deixar Sophie em paz por um mês. Só a deixe ficar mais forte, ok? Se você a ama, mesmo que só um pouquinho, pegue o meu lugar nas Olimpíadas... pegue o que você precisar... mas dê algumas semanas para ela melhorar. Aí você pode fazer o que tiver que fazer. Só por favor... por favor... não faça isso com Sophie agora.

Zoe puxou o braço com força e se livrou do aperto de Kate. Ela tapou os ouvidos com as mãos para ignorar as súplicas.

— Eu não estou mais ouvindo. Sempre tem uma razão para você acabar feliz, e só dessa vez eu não quero ouvir a porra da razão.

Zoe saiu do alcance de Kate e jogou o corpo para trás, passando pelas portas de vaivém e entrando na unidade de repouso. Ela passou rapidamente pelo posto das enfermeiras, ignorando a dor nos calcanhares e a moça de uniforme que perguntava se podia ajudar. Escutou as portas abrindo de novo quando Kate entrou atrás dela. Seguiu com pressa pelo corredor central da unidade, olhando para a esquerda e para a direita pelas janelas estreitas de vidro na porta de cada quarto. A quarta janela pela qual passou dava no quarto de Sophie — ela viu Jack sentado ao lado da cama e abriu a porta com um empurrão.

Jack olhou para ela, mas Zoe desconsiderou a presença dele. Seu olhar caiu direto sobre Sophie, pálida e imóvel, com a boca e o nariz cobertos por uma máscara de oxigênio verde translúcida. Ela parou.

Não esperava por isso — encontrar Sophie inconsciente. Ela se apegara à imagem de Sophie que vira dois dias atrás, rindo na cesta da bicicleta pesada enquanto Kate a levava para uma volta pelo velódromo. Zoe a tinha imaginado abatida — doente, talvez, mas sentada na cama e sorrindo, cheia de coragem. Tinha até pensado em algumas das coisas que poderia dizer para introduzir o assunto: *Sophie, lembra como a gente se divertiu na pista, aquele dia? O que você acha da gente se divertir daquele jeito sempre?*

O silêncio perfeito e a imobilidade total deteram-a.

O rosto inexpressivo e rígido de Sophie era um eco perfeito da face que jazia nas profundezas do silêncio da memória de Zoe. Ela cobriu a boca com as mãos e engasgou. Um medo crescente

sugou todo o calor de seu sangue e ela congelou, encarando o rosto de Sophie, lutando com a vinda da imagem de outro rosto pálido que vira pela última vez quando era uma criança de dez anos.

— Meu Deus... — sussurrou.

Zoe perdeu o equilíbrio e teve que segurar na barra de proteção da cama de Sophie para não cair.

Jack estava segurando sua mão e Kate tinha os braços envolvendo seus ombros, mas ela não sentiu nada. Perguntaram se ela estava bem, mas Zoe só conseguia ouvir o silêncio frio do quarto. O cheiro forte de desinfetante que dominava o lugar aguçou sua memória, que já vinha emergindo com força total. O leito de hospital com as rodinhas emborrachadas a sustentavam, e os lençóis verdes a obscureciam, e quando ela caiu de joelhos seus olhos ficaram da altura que Zoe tinha aos dez anos, e se viu andando com uma assistente social pelos corredores vazios e fazendo ecos no porão de um hospital.

* * *

Tinham dado pílulas para ela se acalmar, mas o único efeito que tiveram foi de produzir um lamento agudo em seus ouvidos e uma confusão oscilante e vertiginosa na cabeça. Adam tinha caído da bicicleta — isso era tudo o que ela lembrava. Adam tinha caído da bicicleta, e ela precisava encontrá-lo e levá-lo para casa. Tinha que fazer isso sozinha, porque a mãe não conseguia. Algo acontecera com o coração ou com a cabeça de sua mãe e agora ela não conseguia mais sair da cama, não conseguia mais parar de chorar nem de berrar.

Após o acidente a polícia levou quarenta e oito horas para encontrar Zoe, delirante, pedalando perigosamente pela via de mão dupla. Suas pernas ainda doíam muito, e caminhar machucava.

— Falta muito? — perguntou ela. — Adam está em que quarto?

A assistente social acariciou seu cabelo.

— O corpo de Adam, querida. É aquela porta, no fim do corredor.

As palavras se embromavam na cabeça de Zoe. A assistente social apontava uma porta de metal amassada e sem tinta ao fim do corredor. Zoe correu naquela direção. Empurrou a porta, mas estava trancada.

Quando a assistente social a alcançou, ficou de ajoelhou e disse:

— Está tudo bem, querida. Só preciso ter certeza que você está bem para fazer isso. Vai ser muito difícil para você ver Adam do jeito que ele está. Infelizmente você vai ficar muito triste, mas nós achamos que a longo prazo talvez você fique mais triste, e mais chateada, se não acabar não vendo o corpo.

Zoe não estava escutando. Agora que tinham chegado até Adam, não podia suportar aquela assistente social forçando-a a esperar. Empurrou a porta, persistente, até a mulher destrancá-la.

Lá dentro fazia muito frio. Não havia janelas, apenas uma fileira de tubos de luz no teto. O chão era de azulejos, e havia algo parecido com uma pia e alguns armários de cozinha de um lado. No centro da sala, Adam dormia sob lençóis verdes compridos, em uma cama alta de ferro. Sua cabeça estava voltada para Zoe, e ela viu o cabelo preto dele em cima do travesseiro.

Zoe sorriu, aliviada.

— Adam!

O barulho do acidente tinha sido tão alto, era bom vê-lo deitado, tranquilo. Zoe tinha ficado

com medo de encontrá-lo machucado, ou gritando de dor, ou sem qualquer motivo aparente, que nem a mãe deles. Em cima dos armários de cozinha, ao longo de um dos cômodos, havia um par de luvas vermelhas de borracha e mais nada. Ela não entendeu por que não tinha comida naquela cozinha, ou por que o irmão estava dormindo lá dentro. Talvez ele estivesse tão confuso quanto ela.

Adam tinha coberto a cabeça com o lençol verde, para dormir sem ser incomodado pela luz. Ela foi até o lado da cama e puxou o lençol, mas ele não se mexeu nem um pouco. Continuou deitado, dormindo. Estava pálido, mas definitivamente era Adam. E tão calmo. Ela sorriu e o beijou na bochecha, e seu sorriso se contraiu, porque a pele dele estava muito fria. Zoe se afastou e olhou para ele, e reparou que ele estava muito pálido. Tocou o irmão.

Ele estava muito frio.

— Adam, acorde!

Ele não abriu os olhos de imediato, então Zoe sacudiu o ombro dele. Mas o irmão não se mexeu do jeito que devia mexer. Em vez disso, seu corpo inteiro balançou de um lado para o outro. Ela balançou o ombro dele e viu seus pés seguindo o movimento, debaixo dos lençóis, na outra extremidade da cama.

— Adam? — sussurrou ela.

Um medo terrível a dominou, e ela soltou o ombro de Adam para não transformar o medo em verdade, e saiu correndo da sala. Ela era rápida, mesmo com as pernas doendo, e levou um bom tempo até que a assistente social a alcançasse. Ergueram Zoe do chão e a contiveram, mas ela lutou para escapar.

Depois de algum tempo ficou cansada demais para lutar e se deixou ser carregada até uma sala pequena com uma mesa baixa, carpete e cadeiras estofadas que davam coceira. Escutou com atenção o que a assistente social falou. As palavras vieram com mais clareza dessa vez, mas, como era impossível que fossem verdade, ela entrou em uma espécie de sonho longo e terrível por mais de vinte anos, e ficou tentando acordar várias vezes conforme o tempo passava. Atenas não a acordou. Pequim não a acordou. Finalmente, aos trinta e dois anos de idade, ela acordou, ajoelhada ao lado daquela cama de hospital ao ver o rosto de Sophie em outro travesseiro verde, pálido e totalmente inerte.

Os ombros de Zoe estremeceram, e Jack e Kate se ajoelharam, um de cada lado dela, e disseram que tudo ia ficar bem.

Pegaram uma cadeira para Zoe sentar, e os três passaram a tarde inteira ao lado da cama de Sophie. Lentamente, enquanto via os movimentos tênues do peito de Sophie subindo e descendo, Zoe sentiu a dor da derrota se amenizando. Viu o jeito natural e inconsciente de Kate cuidar da menina — puxando os lençóis quando ela parecia estar com calor, ajustando o elástico da máscara de oxigênio quando escorregava. Aos poucos, Zoe foi se lembrando de algo que tinha esquecido depois da derrota amarga: isso que Kate estava fazendo não era algo que ela própria pudesse fazer. Não era apenas difícil, ficava sempre a uma roda de distância do possível. Cuidar de uma criança muito doente era como participar das Olimpíadas da maternidade. Se Sophie tivesse dependido dela, durante os longos anos de sua doença, Zoe sabia que não teria dado conta.

A dor não desapareceu com a aceitação, mas aos poucos ficou mais fácil de conter. Cada momento trazia pequenas consolações e a ponta que a feria ficava cada vez menos afiada. Sophie estava viva — isso era o mais importante. E Zoe tinha Tom e Kate, então não estava completamente sozinha.

Os três passaram a tarde inteira sentados em silêncio ao redor da cama de Sophie, sem tirar os

olhos de seu rosto, num esforço para fazerem-na melhorar só com a força de vontade.

Finalmente, quando o sol vermelho estava se pondo atrás das nuvens cinzas, visíveis pela janela, Sophie abriu os olhos.

Ela ficou em silêncio por uns minutos, olhando em volta, curiosa com a presença de Zoe, Kate e Jack. Kate pegou um copo d'água e tirou a máscara dela para ajudá-la a beber, e Zoe observou os olhos calmos de Sophie enquanto ela olhava para o rosto de Kate e sorria.

— Mãe? — chamou, com a voz quebradiça. — Por que a Zoe está aqui?

Zoe sentiu Jack e Kate a observando.

Ela se inclinou para frente e segurou a mãozinha quente de Sophie em ambas as suas:

— Eu só queria dizer... — falou ela. Vacilou, sentindo as lágrimas chegando.

— Dizer o quê? — perguntou Sophie.

— Algo que eu nunca disse antes para você. Algo que eu devia ter lhe contado anos atrás.

Sophie piscou.

— O quê?

Jack e Kate se remexeram nas cadeiras. Jack estava prestes a dizer algo, mas Kate o interrompeu colocando uma mão em seu braço.

Zoe apertou a mão de Sophie e sorriu para ela.

— Eu só queria lhe contar quem são seus pais. Você é uma garota muito sortuda, Sophie. Tem um pai que se importa tanto com você que mal consegue pedalar em linha reta enquanto pensa em você, mesmo na corrida mais importante da vida dele. E não tem muitos homens assim no mundo. Espero que você saiba disso. E você tem uma mãe, Sophie...

Ela engoliu e tentou continuar:

— Você tem uma mãe que a ama tanto que estava preparada para abrir mão daquilo que era mais importante no mundo para ela, só porque era a coisa certa a fazer por você.

Zoe piscou várias vezes, tentando conter as lágrimas.

Sophie a encarou, intrigada.

— É — respondeu —, eu sei.

Quando as lágrimas vieram, Zoe sentiu um braço envolvê-la e deixou a cabeça cair no ombro de Kate.

— Desculpe, de verdade — disse ela. — É que eu estou tão cansada...

Kate acariciou seu cabelo.

— Shh — sussurrou. — Está tudo bem. Nós duas estamos cansadas... a gente passou tempo demais competindo.

**Duas semanas depois, pub The Townley, Albert Street,
Bradford, Manchester**

Tom voltou do bar com um uísque escocês duplo para si mesmo e uma água com gás para Zoe. Ela estava sentada na mesa do canto, em um banco que ficava numa reentrância da parede, olhando para ele com o queixo apoiado nos joelhos.

— O que foi? — perguntou ele. — Um velho não pode tomar um drinque depois de um dia como esse?

Ela forçou um sorriso breve, o que melhorou um pouco o humor dele. Tom estava satisfeito com a forma como ela estava conseguindo lidar com as coisas. Ainda não era ideal como o sol, mas era uma vela num porão. Ele aceitaria qualquer tipo de progresso depois da escuridão absoluta que dominou aquelas horas após a última corrida de Zoe.

Ela apontou para o drinque em sua mão.

— Mas Tom... uísque?

— Confie em mim, se tivesse alguma coisa mais forte, eu teria pedido.

Ela tentou sorrir de novo.

Tom não a tinha deixado sozinha em momento algum das últimas duas semanas. Durante o dia ele a mantinha ocupada com as tarefas simples de liquidar o acordo de patrocínio e organizar sua mudança. À noite, em seu pequeno apartamento, ele dava uma olhada no quarto de Zoe a cada meia hora. Dormia em turnos breves de vinte minutos, interrompidos pelo alarme de seu relógio de pulso. Ainda assim, na idade dele, conseguir com que a vida o perdoasse era mais importante que um pouco de sono.

Naquela manhã ele tinha alugado um carro branco pequeno, com os adesivos da locadora nas portas e alimentado por algo que seria conveniente chamar de motor. Buscou Zoe e dirigiu em direção ao sul, até a igreja decadente em Hampshire com o cemitério malcuidado que ela nunca tinha visitado. Os dois levaram meia hora para encontrar a lápide do irmão dela. Era de mármore preto polido, e tinha o formato de um ursinho de pelúcia. O desenho tinha sido esculpido na pedra com uma precisão sobre-humana, por uma ferramenta computadorizada de algum fabricante especializado que produzia lotes de dez ou mais, de acordo com algoritmos estatísticos referentes à frequência com que ocorriam mortes infantis dentro da área determinada pelo distribuidor. Um tempo depois, talvez mais à frente na cadeia de suprimentos, as linhas ao redor dos olhos e sorrisos dos ursinhos de pelúcia tinham sido feitas com uma tinta dourada patenteada, resistente ao tempo, que tinha a propriedade de se aderir a pedras metamórficas, permanecendo lá mais ou menos para sempre.

Tom odiou aquela pedra. A sensação de desilusão com um mundo que tinha produzido um artefato desses e o esfregava na cara de uma jovem com quem ele se importava era quase insuportável. Ele descontou no excesso de junças e espinheiros que haviam crescido por ali, arrancando a vegetação com tanta violência que suas mãos ficaram arranhadas e ensanguentadas. A lápide, quando exposta por inteiro, revelou-se reta e desgastada, em meio a um campo de cruzeiros que pendiam enferrujadas.

Zoe não disse uma palavra, só ficou encarando em silêncio aquele terrível monumento feito para uma criança, preso no meio das pedras mais suaves dos falecidos que haviam atingido a maioridade. Então, ajoelhando-se, ela pegou a primeira medalha olímpica de ouro que tinha ganhado — a

medalha da corrida de Atenas, com a fita azul desbotada, e a pendurou ao redor do pescoço do urso. Do bolso do casaco, Zoe tirou a garrafa de alumínio amassada que ela e Adam tinham compartilhado. Colocou a garrafa com cuidado na lápide, juntando algumas lascas de mármore branco para mantê-la equilibrada em cima da base irregular. *Você venceu* — sussurrou ela. — *E deve estar com muita sede.*

Na caminhada de volta para o carro eles se apoiaram um no outro. Os joelhos de Tom estavam acabados, os calcanhares de Zoe também não andavam muito bons, e os corações de ambos estavam em tal estado que, se fosse qualquer outro músculo, ele teria recomendado que fossem postos em repouso pelo restante da temporada.

Ficaram sentados no carro em silêncio por alguns minutos, antes de ele ligar o motor.

— Eu devia ter vindo aqui vinte anos atrás — disse Zoe. — Eu devia ter lidado com tudo isso na minha cabeça. É isso que uma pessoa normal teria feito, não é?

Ele pensou na questão por um momento e suspirou.

— Acho melhor não começar a pensar no que devíamos ter feito.

Zoe olhou na direção do cemitério.

— É sempre assim, quando alguém deixa o esporte?

— Assim como?

— Não sei. Parece que é um pouco como morrer. Ou nascer.

Tom refletiu, batucando os dedos no volante.

— Não — respondeu, afinal. — Quero dizer, quando se aposentaram, os outros ciclistas com quem trabalhei já sabiam mais ou menos o que queriam fazer a partir dali. Talvez seja por isso que tenham vencido muito menos vezes que você. Você nunca chegou a pensar no depois, não é mesmo? Isso lhe deu uma vantagem absurda na pista.

— Isso foi injusto com os outros, ou comigo?

Ele sorriu.

— Querida, justiça é uma outra coisa.

Zoe riu, e eles seguiram de volta para o norte num silêncio tranquilo. Chegaram em Manchester à noite e devolveram o carro. Em seguida foram para o apartamento dela, no quadragésimo sexto andar, e empacotaram os últimos pertences de Zoe numa mala de mão da Equipe Britânica enquanto do outro lado das janelas altas da torre a lua subia pelo céu da cidade. Por último puseram a chave do apartamento dentro de um envelope branco, que deixaram na caixa de correio dos advogados encarregados pela venda.

Ficaram parados na calçada em frente à torre, sem saber o que dizer.

— Eu tomaria um drinque — disse Tom.

Zoe deu de ombros.

— Acho que posso ir junto e vê-lo beber.

Agora Tom estava sentado de frente para ela, apoiando o copo na mesa. O pub estava praticamente vazio. Os carpetes tinham uma estampa vermelho-sangue, que era uma camuflagem adequada para boa parte das ocasionais manchas e sujeiras, e cheiravam um pouco a umidade. Ninguém tinha posto dinheiro na jukebox, então a máquina escolhia músicas aleatoriamente. Naquele momento estava tocando “God Only Knows”, dos Beach Boys.

— Como você está se sentindo? — perguntou Tom.

— Bem.

— O que acha do tempo aqui embaixo, onde vivem os mortais?

Zoe levantou o dedo médio.

O barman com rosto de criança tocou um sino de bronze suspenso no toldo do bar, lembrando a todos do horário.

— Últimos pedidos — alertou.

Tom olhou para o relógio e franziu a testa.

— Tem certeza de que não quer nada mais forte, Zo?

Ela balançou a cabeça e Tom se inclinou para tocar seu braço.

— Se você quiser a gente pode visitar Kate e Sophie amanhã.

— Em breve iremos. Mas ainda não. Eu preciso de um tempo para deixar que as coisas se encaixem.

Ele a observou com atenção.

— Você se arrepende de não ter contado para Sophie?

Zoe fungou e negou com a cabeça.

— Não. Eu fico contente. Kate *é* a mãe dela. Kate passou por maus bocados por ela, e eu só... fiquei de longe.

Tom apertou seu braço.

— Você fez o melhor que pôde. Sempre fez. Eu não gostaria tanto de você se isso não fosse verdade.

— Mas Tom, eu a amo. É possível amar uma criança mesmo sem poder ser a mãe dela, não é?

Ele sorriu.

— Acredito que sim.

Os olhos verdes de Zoe estavam congelados, distantes. Ela ainda tinha um longo caminho a percorrer. Em breve, dali a cerca de uma semana, começaria a dar ouvidos às indiretas de Tom. Ainda não estava muito receptiva quanto à ideia de que ainda pudesse haver alguma forma realmente boa de passar os dias. Ele comentou sobre propostas para ser modelo, de talvez seguir a carreira de comentarista, de uma série de vidas desse tipo, que Tom sabia que a deixariam infeliz. Mesmo assim, não desistiria. Exigia muita paciência trazer cometas de volta para a velocidade da vida.

— Não importa — afirmou ele. — Vai ficar tudo bem.

O barman estava colocando as cadeiras sobre as mesas e passando um daqueles sprays para polir móveis que conseguem causar a impressão simultânea de frescor e letalidade. A TV no canto mostrava a guerra no Afeganistão. A jukebox trocou para Ella Fitzgerald, cantando “Dream a Little Dream of Me”.

— Você é uma pessoa muito boa — disse Zoe, por fim.

— Se os seus calcanhares piorarem, querida, é melhor começar a ser uma pessoa legal também.

Ela abriu um sorriso largo, que o deixou animado de uma forma que não ficava há semanas.

Lentamente, sua boca voltou a formar uma linha suave e séria.

— Você é bom para mim — disse, em voz baixa.

— Você é a história da porra da minha vida — falou ele. — Por que eu não seria bom para você?

O barman deu duas batidas no sino, e disse:

— Está na hora, senhores, por favor.

Três anos depois, domingo, 5 de abril de 2015

Centro Nacional de Ciclismo, Stuart Street, Manchester

Jack e Kate observavam Sophie treinar sozinha na pista, sentados no alto da arquibancada. Não falaram nada, só ficaram escutando o barulho das rodas nas tábuas e os bipes do contador de voltas. Eles gostavam de esperar lá em cima, fora do campo de visão de Sophie, deixando-a treinar em paz. Gostavam de ouvir os gritos de entusiasmo de Zoe, ao treinar a filha deles.

Às vezes, quando Sophie subia na parte alta da pista e descia até a linha, seus pais sentiam as próprias mãos agarrando guidões fantasmas, e os músculos em suas pernas ansiando pelo movimento. Os batimentos cardíacos aceleravam e eles eram jogados para dentro da pista com a filha, passando a toda pelas curvas, levando a biomecânica até o limite perfeito, onde tudo tinha sinergia e a mente se acalmava.

Quando ficavam empolgados assim, Jack e Kate precisavam fechar os olhos e respirar mais devagar, para lembrarem que seu tempo já tinha passado. Persistia apenas na imobilidade eterna do ouro que Jack ganhara em Atenas, enterrado junto com seu pai, e na emoção diária provocada pelo ouro que Kate conquistara em Londres, que oscilava de um lado para o outro em seu lugar de direito — pendurada no cordão que acendia a luz da lâmpada do banheiro, debaixo das escadas de sua casa.

Depois de todos aqueles anos de velocidade, o maior desafio de todos era conseguirem ficar parados, ali na parte à sombra da arquibancada. Era isso que tinham aprendido, depois de todas aquelas corridas: as voltas mais difíceis são aquelas que você dá depois que a multidão foi embora.

— Ela está em boa forma, não é? — comentou Jack, depois de um tempo.

Kate observou Sophie sorrindo, enquanto iniciava outra curva.

— É, ela parece bem rápida.

Kate estava prestes a lembrá-lo de que não era bom criar expectativas muito altas, mas em vez disso ficou quieta. Quem era ela para falar de probabilidades? Sophie tinha se recuperado da leucemia. Ela tinha disparado o raio de destruição da Estrela da Morte direto nas constelações infinitas do espaço e acertado bem no alvo. Tinha conquistado probabilidades desse tipo.

O casal observou a filha. Mechas escuras saíam de sob o capacete. Quando ela tirava o capacete, gostava de usar o cabelo repartido ao meio, e tinha tendência a recorrer a acessórios como cintos e pistolas de raios. Desconhecidos que vissem a família Argall agora tinham mais chance de diagnosticar um desastre de moda do que um desastre médico.

Sophie tinha ganhado massa tão rápido quanto eles. Com a remissão da leucemia veio a suspensão de algumas das alergias e intolerâncias. Com ela livre da quimioterapia e eles sem as dietas de treino, a família começou a experimentar novos eventos culinários, tais como o segundo café da manhã e as comilanças à meia-noite. As bochechas de Sophie deixaram de ser tão magras. Jack já estava usando calças três números maiores. Comeram até alcançarem a normalidade, ou o tipo de normalidade que pode ser alcançado por qualquer família com uma filha pedalando no velódromo nacional, num uniforme de lycra personalizado da Princesa Leia, sob supervisão de uma vencedora de quatro medalhas olímpicas às sete da manhã de um domingo, enquanto suas colegas de escola dormiam após festas de pijamas.

Jack apertou o joelho de Kate.

— Os Campeonatos Nacionais Juvenis são nesse verão. Acha que a gente devia deixá-la competir?

Kate pensou.

— O que a Zoe diz?

— Ela disse que Sophie ia ganhar das outras garotas tão feio que elas iam precisar de acompanhamento psicológico.

Kate riu.

— Ela não muda.

Jack sentiu a ansiedade pesar no peito.

— Mas eu não sei. É seguro para Sophie abusar tanto do corpo?

— Ela diz que se sente ótima.

— Mas era isso que ela dizia quanto estava quase morrendo. Quero dizer, como a gente pode saber em que acreditar?

Kate passou o braço pela cintura de Jack e acomodou a cabeça em seu ombro.

— Vamos ver a verdade na pista — respondeu, calma.

Ambos olharam para a pista. Lá embaixo, em meio a ataques de risos e enxurradas de palavrões, Zoe preparava a filha deles para o ritmo das corridas. Com o passar dos anos, as memórias de Jack e Kate das multidões gritando seus nomes começaram a se perder. À distância, bem acima de todos, passando pela claraboia do teto abobadado do velódromo, a valente luz de abril parecia ouro.

nota do autor

Ciclismo é um esporte difícil. O treino é brutal e implacável, e as corridas são desesperadoras e perigosas. Enquanto fazia pesquisas para esse livro, eu passei algum tempo em uma bicicleta, vendo até onde meu corpo era capaz de ir e tentando registrar as sensações. Sou um ciclista disposto mas medíocre, e cada pedalada aumenta minha admiração pelos campeões. Há barreiras de dor física e emocional que eles são capazes de superar, e eu não. São pessoas extremamente corajosas, e acho importante retratar algumas de suas conquistas reais aqui.

Nesta história, Zoe Castle ganhou o ouro nos Jogos Olímpicos de Atenas nas categorias de corrida e perseguição individual, enquanto Jack Argall conquistou o ouro na categoria de corrida. Na realidade, o ouro na categoria feminina de corrida foi conquistado por Lori-Ann Muenzer, do Canadá; o ouro na categoria feminina de perseguição individual foi para Sarah Ulmer, da Nova Zelândia; e o ouro na categoria masculina de corrida foi para Ryan Bayley, da Austrália.

Nesta história, nos Jogos de Pequim, Zoe Castle ganhou o ouro nas categorias de corrida e perseguição individual. Na realidade, foi Rebecca Romero, da Grã-Bretanha, que conquistou o ouro na categoria feminina de perseguição individual, enquanto Victoria Pendleton, também da Grã-Bretanha, recebeu o ouro na categoria feminina de corrida.

Que suas vitórias sejam lembradas, e seus nomes celebrados para sempre.

No momento em que escrevo esse texto ainda falta um ano para os Jogos Olímpicos de Londres de 2012. Boa sorte a todos os atletas.

Cuidar de crianças doentes é a Olimpíada da paternidade. Enquanto fazia pesquisas para esse romance pude acompanhar o Dr. Philip Ancliff, consultor de hematologia no Great Ormond Street Hospital, para onde crianças do mundo inteiro gravemente doentes são levadas. Estive presente em quartos de hospital onde o Dr. Ancliff, homem brilhante e de enorme compaixão, comunicou diagnósticos bastante sérios aos pais de algumas crianças muito adoecidas.

Nada poderia ter me preparado para o impacto emocional de testemunhar as reações dos pais em momentos como estes. E nada me deu tanta esperança e antecipação como a maneira pela qual esses pais, juntos ao time incrível do Great Ormond Street, assumiram os cuidados de suas crianças adoentadas. Tanto os pais como as equipes pareciam se erguer a um focado estado de graça, no qual todas as preocupações mundanas eram abandonadas até que restasse apenas o amor. Como pesquisador, senti-me cercado por anjos.

Às vezes me encontro deprimido ou desencorajado pelos comportamentos de instituições e indivíduos neste mundo, incluindo os meus próprios, e lutei com frequência para encontrar algo que eu fosse capaz de admirar sem temer desilusões ou decepções. Encontrei isso no Great Ormond Street Hospital. A instituição incorpora não apenas um espírito puro de missão e altruísmo por parte da equipe, mas também o progresso espantoso feito por médicos e cientistas. Há apenas quatro décadas, um diagnóstico de leucemia infantil era uma sentença de morte para nove em cada dez casos. Hoje, com os avanços nas pesquisas médicas, as probabilidades foram invertidas, e nove em cada dez crianças entram em remissão.

É claro que ainda há muito trabalho para ser feito. Se você tiver tempo, peço que por favor visite o site do Great Ormond Street Hospital Charity, onde pode aprender mais sobre crianças com as mesmas condições de Sophie, bem como sobre as coisas extraordinárias que agora podem ser feitas por elas. Caso se sinta tentado a doar, acredito que estará efetuando uma das conversões mais

eficientes de dinheiro em amor disponíveis em qualquer lugar de nosso planeta.

www.gosh.org

Obrigado.

Chris Cleave

Londres

2011

agradecimentos

Este livro envolveu seis rascunhos e Jennifer Joel leu cada um deles. Suas críticas perspicazes e apoio constante significaram mais do que posso expressar. Obrigado, Jenn.

Peter Strauss é um homem brilhante que sempre me apoiou, e eu não teria chegado a lugar algum sem sua sabedoria e sua força.

Suzie Dooré é uma editora corajosa e inigualável, que me resgatou do esquecimento e continua me resgatando a cada página.

Minha gratidão e admiração a todos na Sceptre and Hodder & Stoughton, em especial Carolyn Mays, Carole Welch, Jamie Hodder-Williams e James Spackman.

Alasdair Oliver é o diretor artístico dos meus livros. Considero seu trabalho maravilhoso. Se você escolheu este livro porque parecia bonito, fico em dívida para com ele.

Agradeço também a Simon Appleby, Tina Arnold, Leena Balme, Nikki Barrow, Auriol Bishop, Amber Burlinson, Maite Cuadros, Stephen Edwards, Harrier Ferguson, Ben Gutcher, Katie Haines, Lucy Hale, Kerry Hood, Jonathan Karp, Jessica Killingley, Sarah Knight, Laurence Laluyaux, Eleni Lawrence, Job Lisman, Bea Long, Zoë Nelson, Gunn Reinertsen Næs, Jorge Oakim, Marina Penalva, Jane Rose, David Rosenthal, Louise Sherwin-Stark, Eleanor Simpson, Mathilde Sommeregger, Henrikki Tomgren, Francine Toon e Synnøve Helene Tresselt.

Agradeço a meus amigos ciclistas por me ajudarem a ganhar velocidade: Matt Rowley, Matt Hinds, Jake Morris, Neil McFarland, Ian Laurie, Jonny Moore e Alex Cleave.

Um agradecimento especial para Danielle Ryan pelo apoio incrível que deu à minha família.

E agradeço, como sempre, a minha família e meus amigos.

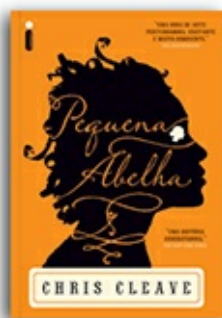
Sobre o autor

© Niall McDiarmid



CHRIS CLEAVE nasceu em 1973, em Londres. Estudou psicologia em Oxford e foi colunista do jornal *The Guardian*. *Pequena Abelha*, seu segundo livro, também publicado pela Intrínseca, foi finalista do Prêmio Costa em 2008 como Melhor Obra de Ficção e indicado para o Prêmio Commonwealth Writers como Melhor Livro de 2009. Seu primeiro livro, *Incendiary*, recebeu o Prêmio Somerset Maugham, o Prêmio First Fiction do United States Book-of-the-Month Club e o Prêmio Especial do Júri do Prix des Lecteurs francês, e teve versão cinematográfica protagonizada por Ewan McGregor e Michelle Williams. O autor mora em Londres com a esposa francesa e os três filhos.

Conheça outros livros do autor



Pequena
Abelha

Table of Contents

Capa	2
Folha de rosto	4
Créditos	5
Mídias sociais	6
Dedicatória	7
Terça-feira, 24 de agosto de 2004	8
Oito anos depois, segunda-feira, 2 de abril de 2012	16
Terça-feira, 3 de abril de 2012	55
Quarta-feira, 4 de abril de 2012	137
Quinta-feira, 5 de abril de 2012	167
Duas semanas depois, pub The Townley, Albert Street, Bradford, Manchester	208
Três anos depois, domingo, 5 de abril de 2015	211
Nota do autor	213
Agradecimentos	215
Sobre o autor	216
Conheça outros livros do autor	217